

O PAÍS DE OUTUBRO

Ray Bradbury



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Ray Bradbury
O PAÍS DE OUTUBRO

Tradução de
José Eduardo Ribeiro Moretzsohn

Copyright © 1955 by Ray Bradbury
Título original: *The October Country*

Revisão: Ana Maria Caldeira e Souza

Impresso no Brasil
1981

Das abas do livro:

O PAÍS DE OUTUBRO

Iniciando sua coleção *Mestres do Horror e da Fantasia* com *O País de Outubro*, de Ray Bradbury, a Francisco Alves está certa de que o faz com um livro, por todos os títulos, extraordinário e de um escritor que é considerado "o melhor fantasista americano vivo".

Em *O País de Outubro* reuniu Ray Bradbury dezenove histórias escolhidas (e em parte reescritas) dentre as que havia publicado anteriormente, algumas delas já consagradas como verdadeiras obras-primas do gênero, reproduzidas em revistas e antologias dentro e fora dos Estados Unidos.

Contos como "O Anão", "O Pequeno Assassino", "O Lago", "O Vento" são páginas inesquecíveis e pertencem ao que de melhor se escreveu na ficção moderna. Ray Bradbury, sem nunca se repetir ou se copiar a si mesmo, sabe mesclar o horror e o fantástico, o mistério e o imprevisto, a ternura e o sonho, a morte e a vida dentro de uma linguagem profundamente poética, que capta com delicadeza e maestria o frêmito humano.

O País de Outubro vai revelar aos leitores, que tão bem receberam *Os frutos Dourados do Sol* e *As Crônicas Marcianas*, novas e fascinantes facetas desse mestre do conto moderno.

RAY BRADBURY é, segundo o crítico Orvill Prescott, de *The New York Times*, "o rei sem coroa dos escritores de ficção científica, um autor cuja prodigiosa imaginação, prosa carregada de poesia e madura compreensão da natureza humana lhe trouxeram uma reputação internacional".

Para Gilbert Highet, do *Harper's*, ele é o maior fantasista americano vivo".

Nascido em Waukegan, Illinois, a 22 de agosto de 1921, Raymond Douglas Bradbury começou ditando sua própria revista, *Futura Fantasia*, que durou apenas quatro números. Em 1942 foi "descoberto" pela revista *Weird Tales*, onde publicou vinte e cinco histórias, que viriam a constituir seu primeiro livro, *Dark Carnival*—por sua vez o núcleo de seu famoso, e tantas vezes reeditado, *O País de Outubro*.

Embora seja um dos nomes mais prestigiosos da ficção científica, Ray Bradbury se tem destacado sobretudo na área da fantasia e narrativa poética. Além de *O País de Outubro*, serão publicados pela Francisco Alves *Dandelion Wine*, *The Machineries of Joy* e *A Medicine for Melancholy*. Na Coleção *Mundos da Ficção Científica*, desta editora, já apareceram *As Crônicas Marcianas* (em 2ª edição) e *Os Frutos Dourados do Sol*. Há outros livros seus em língua portuguesa.

Vários de seus contos têm sido adaptados para o teatro e a televisão. Foram filmados *Fahrenheit 451* e *As Crônicas Marcianas* (este para TV). Em 1956 escreveu o roteiro do filme *Moby Dick*, dirigido por John Huston. Organizou a antologia *The Circus of Dr. Lao*, cuja novela-título, *As Sete Faces do Dr. Lao*, de Charles G. Finney, também pode ser lida na Coleção *Mundos da Ficção Científica*.

*A quem mais
senão August Derleth.*

Sumário

[O Anão](#)
[O Próximo da Fila](#)
[A Ficha de Pôquer Sempre Atenta de H. Matisse](#)
[O Esqueleto](#)
[A Jarra](#)
[O Lago](#)
[O Emissário](#)
[Possuída Pelo Fogo](#)
[O Pequeno Assassino](#)
[A Multidão](#)
[A Caixinha de Surpresa](#)
[A Segadeira](#)
[Tio Einar](#)
[O Vento](#)
[O Homem do Segundo Andar](#)
[Havia Uma Velha Senhora](#)
[A Cisterna](#)
[Festa de Família](#)
[A Morte Maravilhosa de Dudley Stone](#)

O País de Outubro

... o país onde o ano está sempre chegando ao fim. O país onde as colinas são nevoeiros e os rios são neblinas; onde os meios-dias passam rápidos, as sombras e os crepúsculos se alongam, e as meias-noites permanecem. O país constituído, de um modo geral, de porões, subporões, carvoeiras, sótãos e despensas que não fazem frente para o sol. O país cujas pessoas são pessoas de outono, que pensam tão somente pensamentos de outono. Cujas pessoas, ao passarem à noite nos caminhos vazios, emitem ruídos de chuva...

O Anão

Aimée, quieta, observava o céu.

Hoje é uma noite quente, parada, de verão. Vazio o cais de concreto, as luzes vivas, vermelhas, brancas, amarelas, qual insetos sobrevoando o vazio de madeira. De pé, ao longo do passeio, os olhares fixos sem nada enxergar; sem conversar, os encarregados das barracas parecem bonecos de cera, derretendo.

Dois fregueses por ali passaram, há uma hora. Agora, os dois solitários, na montanha russa, soltam gritos assassinos quando despenca o carrinho noite adentro tão esplendorosa; em volta, um vazio atrás do outro.

Devagar, Aimée passou pela corrente, umas poucas argolas de madeira, gastas, grudavam-lhe nas mãos úmidas. Atrás de um balcão de ingressos voltado para o LABIRINTO DOS ESPELHOS, parou. Viu-se grosseira, equivocadamente representada nos três espelhos ondulados, do lado de fora do Labirinto. Do lado de lá, diluídas no corredor, mil réplicas cansadas de si própria, imagens calorosas em meio a tanta frieza visível.

Entrou na bilheteria e ficou a contemplar, por bom tempo, o pescoço magro de Ralph Banghart. Entre dentes compridos, desiguais, amarelos, Ralph mordeu o cigarro apagado e abriu, em cima do guichê, uma cartada puída de paciência.

Quando a montanha russa rilhou e, novamente, despencou em terrível avalanche, Aimée recebeu sinal para falar.

— Que tipo de gente anda em montanha russa?

Ralph Banghart rodopiou o cigarro na boca por uns bons trinta segundos.

— As pessoas querem morrer. Essa montanha russa é a melhor coisa que existe para se morrer.

Sentado, ficou a ouvir os sons surdos dos disparos dos rifles do tiro ao alvo.

— Todo esse negócio de parque de diversões é coisa de maluco. Por exemplo, o anão. Você já viu o anão? Toda noite, paga sua moeda de dez *cents*, entra logo no Labirinto dos Espelhos, vai até lá no fundo, até o Salão da Luísa Violão. Você devia ver esse nanico. Meu Deus!

— Claro. — Aimée se lembra. — Sempre imaginei como é que deve ser a gente ser anão. Sempre tenho pena dele, quando o vejo.

— Eu poderia tocá-lo como se ele fosse um acordeão.

— Não fale assim.

— Por Deus! - com a mão livre, Ralph alisou a coxa de Aimée. - Que mania de se ligar em sujeitos que você nem conhece!

Ralph sacode a cabeça, ri entredentes.

— Quer dizer que ele tem um segredinho, hem? Só que ele não sabe que eu sei qual é. Seja bem-vindo, rapaz.

— A noite está tão quente!

Aimée esfregava, nervosa, nos dedos úmidos, os argolões de madeira.

— Não mude de assunto. Ele virá hoje, chova ou faça sol.

Aimée apoiou-se em outra posição. Ralph segurou-a pelo cotovelo.

— Ei, você não está zangada, está? Você quer ver o anão, não quer? Pssiu...

Ralph virou-se.

— Ele está chegando!

Apenas a mão do Anão, cabeluda, escura, apareceu entrando na janelinha do guichê, com uma moeda de prata, de dez *cents*. Alguém invisível pediu "Um!", em voz alta, infantil.

Involuntariamente, Aimée debruçou-se.

O Anão lançou-lhe um olhar, evidenciando apenas um homem de olhos escuros, cabelos escuros, feio, recém-saído de um lagar de vinho, comprimido e socado cada vez mais fundo, fole por fole, agonia por agonia, até reduzir-se a uma massa descorada, ultrajada, o rosto intumescido, disforme, aquele rosto, você sabe, que vai escancarar os olhos e acordar às duas, às três, chapados na cama, só o corpo a dormir.

Ralph rasgou um bilhete amarelo ao meio.

—Um!

O Anão, como quem teme a aproximação de uma tempestade, puxou as lapelas do casaco negro, apertou-as contra a garganta e foi-se, gíngando suavemente. Um instante depois, dez mil anões perdidos, errantes, colearam entre os planos dos espelhos, qual tesouros escuros, frenéticos, e desapareceram.

— Rápido!

Ralph espremeu Aimée ao longo de uma passagem escura, por trás dos espelhos. Ela o sentiu alisá-la por todo o túnel, até chegarem a uma espia estreita do tapume.

— Que rico! — Ralph riu sarcástico. — Vamos, olhe. Aimée hesitou, depois levou o rosto à espia.

— Está vendo? - Ralph falou baixinho.

Aimée sentiu o coração bater. Um minuto se passou.

Lá estava o Anão, no meio do compartimento azul. Os olhos cerrados. Não estava pronto para abri-los. Agora, agora sim, abriu as pálpebras e olhou para o enorme espelho instalado diante dele. E o que viu no espelho fê-lo sorrir. Piscou, fez pirueta, ficou de lado, acenou, curvou-se em reverência, e dançou dança toska.

E o espelho repetiu todo movimento, com braços alongados, delgados, com um corpo alto, alto, com um piscar imenso, uma enorme repetição da dança, encerrando com uma reverência gigantesca!

— A mesma coisa, toda noite - sussurrou Ralph ao pé do ouvido de Aimée. — Que rico, não?

Aimée voltou o rosto para Ralph, e lançou-lhe um olhar firme, de traços imóveis, por longo tempo, e não disse nada. Em seguida, como quem não consegue conter-se, girou a cabeça, lenta, mui lentamente para trás, e olhou novamente pela abertura. Prendeu a respiração. Sentiu os olhos começarem a lacrimejar.

Ralph cutucou-a, e sussurrou:

— Ei, o que é que o sujeitinho está fazendo *agora*?

Meia hora depois, sem se olharem, tomavam café na bilheteria, quando o Anão deixou os espelhos. Ele tirou o chapéu, e vinha se aproximando do guichê quando, ao ver Aimée, afastou-se depressa.

— Ele queria alguma coisa — disse Aimée.

— Claro. — Ralph amassou o cigarro, friamente.

— E eu sei bem o que é. Só que ele ainda não teve peito de pedir. Numa noite ele falou, com essa voz esganiçada dele: Aposto que esses espelhos são muito caros, não são? Eu me fiz de bobo. Disse: Claro que são. Ele me olhou, meio assim, na expectativa, e como eu não dissesse mais nada, foi embora, mas, na noite seguinte, disse: Aposto que esses espelhos devem custar uns cinquenta a cem dólares. Devem mesmo, eu disse, e comecei meu jogo da paciência.

— Ralph...

Ralph olhou para Aimée:

— Por que você está me olhando assim?

— Ralph, por que você não vende um espelho para ele, um dos que estão sobrando?

— Escuta, Aimée, por acaso eu já dei palpite na sua barraca de argolas?

— Quanto custa um espelho destes?

— De segunda mão, consigo por trinta e cinco dólares.

— Por que você não diz a ele onde ele pode comprar um?

— Você não é nada inteligente, Aimée.

Ralph pousou a mão no joelho de Aimée. Aimée afastou o joelho.

— Você acha mesmo que ele vai comprar um espelho, se eu disser? Não vai mesmo. E sabe por quê? Porque ele tem consciência de si próprio. Porque, se ele descobrir que eu sei que ele está namorando aquele espelho do Salão da Luísa Violão, ele nunca mais vai voltar aqui. Ele age como se entrasse no Labirinto para se perder, como uma pessoa qualquer. Ele sempre finge que não liga muito para aquele Salão. Sempre espera o negócio ficar ruim, sempre vem tarde da noite, para poder ficar sozinho no Salão. O que ele faz para se divertir nas noites em que o negócio está bom, só Deus sabe. Não senhora, ele não ousaria comprar um espelho, seja qual for o lugar. Ele não tem amigos, e, mesmo que os tivesse, jamais pediria a eles que lhe comprassem uma coisa assim. Orgulho, por Deus, orgulho. E ele só comentou o assunto comigo porque eu talvez seja o único

sujeito que ele conheça. Além disso, preste atenção nele, ele não tem dinheiro para comprar um espelho desses. Talvez esteja economizando, mas, onde, no mundo de hoje, um anão vai arrumar trabalho? Dez *cents* a dúzia? Vender bolinhas por aí? Em porta de circo?

— Estou me sentindo terrível. Triste. Sentada, Aimée olhava a calçada vazia.

— Onde ele mora?

— Num pardieiro, lá para baixo, na orla da praia. No afluentes do Ganges. Por quê?

— Estou perdidamente apaixonada por ele, já que você quer saber. Ralph rosnou, girou o charuto na boca.

— Você e suas piadas engraçadinhas.

Noite morna, manhã quente, noite esplendorosa. O mar era um tecido escaldante de brocado e vidro.

Aimée caminhava pelas ruelas internas, trancadas, do parque de diversões, já sobre o mar, à sombra, debaixo do braço umas seis revistas amareladas pelo sol. Abriu uma porta descascada e gritou adentro da cálida escuridão.

— Ralph!

O trajeto, escolhera o corredor escuro por trás dos espelhos; os saltos martelaram no chão de madeira.

— Ralph!

Alguém se mexe, pachorrento, na cama de lona.

— Aimée?

Ralph sentou-se e atarraxou a lâmpada no bocal da penteadeira; meio entortado meio cego, olhou para Aimée.

— Ei, você está parecendo o gato que engoliu o canário.

— Ralph, eu fui procurar o pigmeu.

— Anão, querida Aimée, anão. Pigmeu é coisa das células, a gente já nasce assim. Anão é coisa das glândulas...

— Ralph, descobri uma coisa maravilhosa nele!

— Por Deus!...

Ralph conversou com as próprias mãos, esticadas à frente como a testemunhar a própria incredulidade.

—... Essa mulher! Ninguém dá dois *cents* por um sujeitinho feio e pequeno...

Aimée estendeu as revistas, os olhos brilhavam.

— Ralph, ele é um escritor! Pense nisso!

— Está muito quente para pensar.

Ralph recostou-se e pôs-se a observar Aimée com um leve sorriso.

— Acabei de passar pelo "Afluentes do Ganges". Estive com o gerente, Sr. Greeley. Ele disse que a máquina de escrever trabalha a noite toda no quarto do Sr. Big.

— E esse o nome dele? Ralph urrou, de tanto rir.

— Escreve contos policiais baratos, o suficiente para viver. Achei uma história dele no sebo, e, Ralph, adivinhe só!

— Eu estou cansado, Aimée.

— Esse homenzinho tem a alma do tamanho do mundo; está tudo na cabeça dele.

— Por que, então, ele não escreve para as grandes revistas? Responde, vai.

— Talvez porque tenha medo. Talvez ele não saiba que pode consegui-lo. Isso acontece. As pessoas não acreditam em si próprias. Mas, se ao menos tentasse, aposto que conseguiria vender suas histórias em qualquer canto do mundo.

— Então, por que não ficou rico?

— Talvez porque as idéias fluam devagar nesse estado de depressão? Quem não estaria deprimido? Ele é tão pequeno. Deve ser difícil pensar em qualquer coisa que não no próprio fato de ser tão pequeno e morar num apartamento de quinta categoria, de um cômodo só.

— Merda! — bufou Ralph. — Você parece a avó da Florence Nightingale falando.

Aimée ergueu a revista.

— Vou ler um pedaço do policial dele. Tem tudo, armas, mal-encarados, só que é contado por um anão. Aposto que os editores nem sabem que o autor sabia o que estava escrevendo. Por favor, Ralph, não fique aí sentado dessa maneira. Ouça.

E começou a ler em voz alta.

"Sou anão, e assassino. As duas coisas são inseparáveis. Uma é a causa da outra".

"O homem que assassinei costumava parar-me na rua, eu tinha vinte e um anos, e levantar-me nos braços, beijar minha fronte, cantarolar alto para mim, cantar *Rock-a-bye-Baby*, arrastar-me até os mercados de carnes, jogar-me nas balanças e gritar: Cuidado, não vá pesar o dedão também, garotão!"

"Vê como nossas vidas caminham para o crime? Este idiota, este perseguidor de minha carne, de minha alma!

"Quanto à minha infância: meus pais eram pessoas baixas, não propriamente anãs, não propriamente. A herança de meu pai nos manteve numa casinha de bonecas, uma coisa surpreendente, semelhante a um bolo de casamento confeitado de branco — quatinhos, cadeirinhas, quadros-miniaturas, camafeus, âmbares com insetos grudados no interior, tudo minúsculo, minúsculo, minúsculo! Muito distante o mundo dos Gigantes, uma atoarda maléfica para lá do muro do jardim. Coitada da mamãe, do papai! Queriam apenas o melhor para mim. Man tiveram-me, como um vaso de porcelana, pequeno e entesourado, para eles, em nosso universo de formigas, nossos quartos de colméias, nossa biblioteca microscópica, nosso mundo onde as portas eram feitas

para besouros e as janelas para mariposas. Somente agora percebo a estupenda dimensão da psicose de meus pais! Talvez sonhassem em viver para sempre, e em poder me conservar num vidro, qual uma borboleta. Mas, primeiro, morreu o pai, e um incêndio lambeu nossa casinha, o ninho da vespa, todo espelho de selo postal e todo armário de saleiro lá dentro. Mamãe também se foi! E eu, sozinho, presenciando a queda das cinzas, jogado num mundo de Monstros e Titãs, no meio de um desmoronamento da realidade, arremessado, pisoteado e esmagado contra o pé da colina!

"Levei um ano para me ajustar. Emprego em números secundários, inimaginável. Parecia não existir lugar para mim no mundo. E então, um mês atrás, o Perseguidor entrou na minha vida, enfiou um boné na minha cabeça insuspeita e bradou para os amigos: Quero que vocês conheçam essa mulherzinha!

Aimée parou de ler. Ao estender a revista a Ralph, tinha os olhos inquietos, a revista trêmula.

— Acabe de ler você mesmo. O resto é um assassinato. Mas é uma boa história. Você não percebe? Aquele homenzinho... aquele homenzinho!

Ralph jogou a revista de lado e, pachorrento, acendeu um cigarro

— Prefiro *bangue-bangue*.

— Ralph, você tem que ler. Ele precisa de alguém que lhe diga que ele é bom, para mantê-lo escrevendo.

Ralph olhou para Aimée, a cabeça derreada.

— E adivinha quem vai fazer isso? Ora, ora, somos a mão direita do Salvador, não somos?

— Não quero escutar.

— Use a cabeça, porra! Se você o invadir, ele vai pensar que você está com pena dele. Vai gritar com você, vai te expulsar do quarto dele.

Aimée sentou-se, pensou a respeito, e revolveu o problema para considerar todos os ângulos.

— Não sei. Talvez você tenha razão. Mas não é só pena, Ralph, embora ele possa achar que seja. Tenho que agir com muita cautela.

Ralph sacudiu a cabeça de Aimée, para frente, para trás, beliscando-a levemente com os dedos.

— Merda! Merda! Deixe-o em paz, é tudo o que eu peço. Você só vai arrumar problema para o seu lindo bolsinho. Por Deus, Aimée, nunca vi você se ligar tanto assim em alguém. Escuta, você e eu, vamos curtir uma nossa, um dia desses, vamos almoçar, botar um pouco de gasolina no tanque e descer pelo litoral até onde conseguirmos ir; depois, nadar, jantar, assistir a um bom espetáculo numa cidadezinha — ao diabo com o parque de diversões. O que você acha? Um dia super-gradável, sem preocupações. Andei economizando uns dolarezinhos.

— E porque eu sei que ele é diferente — disse Aimée, o olhar difuso na escuridão. — É porque ele é algo que nós jamais poderemos ser — você, eu e todo o resto aqui do cais. E tão engraçado, tão engraçado. A vida fez com que ele só servisse para espetáculos de diversões, e lá está ele na cidade. E nós, do jeito que a vida nos fez, não precisaríamos trabalhar em parque de diversões. Mas aqui estamos nós, bem aqui no cais do litoral. Algumas vezes parecem quilômetros daqui até a praia. Como é possível, Ralph, que nós tenhamos os corpos e ele tenha o cérebro e consiga pensar coisas que nós não conseguiríamos nem de perto imaginar?

— Você nem escutou o que eu falei, não foi?

Aimée ainda estava sentada, e Ralph, diante dela, ainda de pé, a voz distante. Os olhos de Aimée, semicerrados, as mãos, sobre as pernas, se esfregavam. Enfim, Ralph falou:

— Não estou gostando nada desse seu olhar de esperteza.

Devagar, Aimée abriu a bolsa, retirou um pequeno maço de notas e começou a contar.

— Trinta e cinco, quarenta dólares. Pronto. Vou telefonar a Billie Fine e mandar entregar um desses espelhos que alongam para o Sr. Bigelow, no "Afluentes do Ganges". Ora, se vou!

— O quê?

— Pense como vai ser maravilhoso para ele, Ralph, ter um espelho no próprio quarto, à hora que ele quiser. Posso usar seu telefone?

— Claro, *seja* burra.

Ralph virou-se rapidamente e saiu túnel adentro. A porta bateu.

Aimée esperou, e, instantes depois, levou as mãos ao fone e começou a discar, numa lentidão dorida. Entre um número e outro, fazia uma pausa, prendia a respiração, cerrava os olhos, pensava em como deveria ser sentir-se tão pequeno no mundo e, então, um belo dia, alguém lhe manda um espelho especial. Um espelho que ficará em seu próprio quarto, onde você poderá se esconder com um reflexo enorme de si próprio, brilhando, brilhando, e escrever histórias e mais histórias, tendo que ir à rua apenas o necessário. Como será, então você sozinho, com toda essa ilusão maravilhosa contida numa simples peça de seu quarto. Você ficaria feliz, ou triste, isso o ajudaria a escrever, ou iria magoá-lo? Aimée balançou a cabeça, para frente, para trás. Pelo menos, dessa maneira, ninguém iria olhá-lo de cima para baixo. Noite após noite, talvez em segredo, levantando-se às três horas de uma fria manhã, você pudesse piscar e dançar, sorrir e acenar para você mesmo, ali tão alto, tão alto, tão alongado e alto naquele espelho tão esplendoroso.

No telefone, a voz disse:

— Billie Fine's. Aimée exultou:

— *Oh, Billie!*

A noite desceu sobre o cais. O oceano lá está, escuro e estrondoso por baixo das tábuas. Em seu túmulo de vidro, Ralph permanecia sentado, ensebado, dispondo as cartas, os olhos fixos, a boca endurecida. Ao lado do cotovelo, crescia a pirâmide de guimbas. Aimée passou pelas lâmpadas quentes, vermelhas e azuis, e Ralph nem parou de jogar, devagar, bem devagar.

— Oi, Ralph!

Num copo sujo, Ralph tomava água gelada.

— Como vai o romance? Como é o Charles Boyer? Ou será o Cary Grant? Aimée sorriu.

— Saí e comprei um chapéu novo. Caramba! Estou me sentindo tão bem! E sabe por quê? Billie Fine vai entregar o espelho amanhã! Imagine só a expressão do nosso simpático homenzinho!

— Eu não sou muito bom de imaginação.

— É, era bem capaz de você imaginar que eu quisesse me casar com ele, ou algo do gênero.

— Por que não? Carregue-o numa mala. Quando alguém perguntar "Onde está seu marido?", você só tem que abrir a mala, e anunciar: Ei-lo! Como um toque de clarim. É só tirar da mala, a qualquer hora, tocar uma melodia, e guardar de novo. E coloque uma caixa de areia para ele na varanda de trás.

— Puxa, eu estava me sentindo tão bem.

— A palavra correta é "benevolente".

Disse-o sem olhar para Aimée, com os lábios quase cerrados.

— Be-ne-vo-len-te. E tudo isso porque eu o observei pelo buraquinho, de farra? É por isso que você vai dar o espelho a ele? Pessoas iguais a você estão sempre por aí, com tamborezinhos na mão, tirando minha alegria de viver.

— Vê se me lembra de não ir mais tomar drinques na sua casa. Prefiro não sair com ninguém do que sair com pessoas malvadas.

Ralph expirou fundo.

— Aimée, Aimée. Será que você não entende que não pode ajudar esse sujeito? Ele é maluco. E essa coisa maluca que você quer fazer é o mesmo que dizer "Vá em frente, seja maluco, eu te ajudo, companheiro.

— Uma vez na vida, ao menos, faz bem cometer um erro se a gente acha que vai fazer bem a alguém.

— Deus me livre dos benfeitores, Aimée.

— Ora, cale a boca! — exclamou Aimée, e não disse mais palavra.

Ralph deixou o silêncio assentar, por um instante; depois, colocou o copo de lado e levantou-se.

— Se importa de tomar conta da bilheteria para mim?

— Claro que não. Por quê?

Um minuto inteiro se passou, e Aimée, sentada, tiritou. Na bilheteria, o

reloginho tiquetaqueava, e Aimée virava o baralho, carta por carta, esperando. Ouvia, lá do Labirinto, uma pancada de martelo, uma batida mais leve, e novamente uma pancada; silêncio, mais espera, e, em seguida, dez mil imagens dividiram-se, dividiram-se novamente, dissolveram; Ralph voltava, caminhando, contemplando dez mil imagens de Aimée na bilheteria. Aimée ouviu-o rir, tranqüilo, ao descer a rampa.

Perguntou desconfiada:

— Por que você está tão bem-humorado assim? Ralph respondeu, displicente:

— Não vamos brigar. Você disse que Billie vai entregar o espelho amanhã para o Sr. Big, não foi?

— Por quê? Você não vai aprontar alguma gracinha, vai?

— Eu não.

Ralph retirou-a do balcão e retomou o jogo de cartas, sussurrando; os olhos brilhavam.

— Eu não. Não mesmo.

Sem olhar para Aimée, Ralph começou a dispor as cartas. Aimée atrás dele; o olho direito começou a repuxar ligeiramente, os braços cruzavam e descruzavam. O minuto do relógio fez tique. Ouviam-se apenas o som do oceano por baixo do cais noturno, a respiração calorenta de Ralph, o farfalhar suave das cartas. Acima do cais, o céu estava quente e espesso, tantas nuvens. No mar alto, a luz tênue do relampejar começava a surgir.

Por fim, Aimée falou:

— Ralph...

— Relaxe, Aimée.

— É sobre aquela viagem que você quer fazer pelo litoral.

— Amanhã. Talvez no mês que vem, no próximo ano. O velho Ralph Banghart é um sujeito paciente. Não estou preocupado com isso, Aimée. Olhe...

— Ralph esticou uma das mãos —... eu estou calmo.

Aimée esperou que amainasse a saraivada de trovões.

— Só quero que você não fique zangado, é só o que eu quero. Só quero que prometa que não vai fazer nenhuma maldade.

O vento, ora quente, ora fresco, soprava ao longo do cais. Havia um cheiro de chuva no vento. O relógio tiquetaqueava. Aimée começou a transpirar muito, enquanto observava o movimento contínuo das cartas. À distancia, audíveis os sons de alvos atingidos e de pistolas disparadas no tiro ao alvo.

E, então, lá estava ele.

Gingando no espaço aberto, sob as lâmpadas insetiformes, o rosto torcido, escuro, todo movimento um esforço. Veio de lá do fundo do cais, Aimée assistia. Quis dizer a ele: Essa é a última vez que você vai ter que se envergonhar de ter vindo aqui, a última vez que vai ter que aturar ser observado por Ralph, mesmo em segredo. Quis poder gritar tudo isso, e rir, bem na frente de Ralph. Mas não

disse nada.

— Salve, salve! — exultou Ralph. — Hoje é de graça, a casa paga. Promoção para os fregueses antigos!

Atônito, o Anão olhou para Ralph, os olhos negros, protuberantes, imersos em confusão. A boca conseguiu formar a palavra "obrigado"; ele se virou, com uma mão no pescoço, e apertou as pequeninas lapelas contra a garganta convulsiva; a outra mão apertava, em segredo, a moeda de prata de dez *cents*. Olhou para trás, com um pequeno aceno de cabeça, e, em seguida, dúzias de rostos comprimidos, torturados, exalando a estranha luz escura das luzes, vagaram pelos corredores de vidro.

Aimée puxou Ralph pelo braço.

— O que está acontecendo com você, Ralph? Ralph rosnou.

— Estou sendo benevolente, Aimée, benevolente.

— Ralph...

— Pssiu. *Escute só.*

Na bilheteria, os dois esperavam no longo silêncio cálido. Então, bem lá de dentro, abafado, ouviram um grito.

— Ralph...

— Escuta, escuta!

Outro grito, outro, e mais outro, uma saraivada de murros, uma pancada, uma peça quebrada, uma meia-volta, uma corrida pelo labirinto. De lá, selvagem, colidindo, ricocheteando de um espelho a outro, histérico, em gritos agudos, soluçando, as lágrimas escorrendo no rosto, a boca aberta, ofegante, surgiu o Sr. Bigelow. Projetado no ar livre da noite esplendorosa, olhou em volta, selvagem, rilhou e desapareceu correndo pelo cais.

— O que houve, Ralph?

Ralph continuou sentado, rindo, dando tapas nas pernas. Aimée deu-lhe um tapa no rosto.

— O que foi que você fez? Sem parar de rir:

— Venha. Vou te mostrar uma coisa.

E lá estava ela no labirinto, impelida de um espelho branco, escaldante, a outro, vendo o próprio baton, vermelho vivo, repetido mil vezes em todo o trajeto até a gruta de prata incandescente, onde mulheres históricas, como a própria Aimée, costumam acompanhar homens apressados e debochados.

— Vem!

E os dois se separaram num pequenino compartimento cheirando a poeira.

— Ralph!

Os dois permaneceram na soleira da porta daquele pequeno compartimento que o Anão freqüentara, noite após noite, durante um ano inteiro. Permaneceram naquele mesmo lugar que o Anão permanecera, noite após noite, antes de abrir os olhos para ver, diante de si, a miraculosa imagem.

Lenta, Aimée esgueirou-se, uma mão ainda do lado de fora, adentro do obscuro compartimento.

O espelho fora trocado.

O novo espelho tornava pequenas, pequenas, mesmo as pessoas normais; mesmo as pessoas altas, fazia-as pequenas, escuras, cada vez menores e mais retorcidas à medida que dele se aproximassem.

E Aimée ficou ali a pensar, pensar, que, se este espelho tornava pequenas as pessoas grandes, de pé bem aqui, o que não faria com um anão, um anão minúsculo, um anão escuro, um anão assustado e solitário?

Virou-se, quase caiu. Ralph olhava-a.

— Ralph! Por que você foi fazer isso? Meu Deus!

— Aimée, volte aqui!

Chorando, Aimée desapareceu pelos espelhos. Foi difícil escancarar os olhos embaçados para encontrar o caminho. Mas ela o encontrou. No cais vazio, parou, piscou, começou a correr para um lado, depois para outro, e outro mais, e parou. Ralph veio falando, atrás dela, uma voz remota e estranha, como a voz que se escuta na calada da noite, do lado de lá da parede.

— Não fale comigo! — disse Aimée.

Alguém apressado subia o cais. Era o Sr. Kelly, do tiro ao alvo.

— Ei, vocês viram um sujeito baixinho por aqui, agora mesmo? O coisinha apanhou uma pistola na minha barraca, carregada, e desapareceu; não consegui agarrá-lo. Vocês me ajudam a procurar?

E Kelly foi-se, a toda velocidade, virando a cabeça para procurar por entre as barracas de lona, até desaparecer debaixo das cores vivas das lâmpadas encordoadas, azuis, vermelhas e amarelas.

Aimée balançou-se, para a frente, para trás; deu um passo.

— Onde você vai, Aimée?

Aimée olhou para Ralph como se tivessem acabado de dobrar uma esquina, como estranhos passantes que se esbarram.

— Acho que vou ajudar a procurar.

— Você não vai poder fazer nada.

— Tenho que tentar, de qualquer maneira. Por Deus, Ralph, é tudo culpa minha! Não deveria ter telefonado a Billie Fine! Não deveria ter encomendado o espelho e deixado você tão zangado a ponto de fazer o que fez! Era eu quem deveria ter ido para o Sr. Big, e não uma coisa maluca que eu comprei! Eu vou encontrá-lo, mesmo que seja a última coisa que faça na vida!

Balançando, levemente rodando, a face umedecida, Aimée viu os espelhos contorcerem-se à frente do Labirinto; em um deles, o reflexo de Ralph. Aimée não conseguiu afastar os olhos da imagem que viu, que a prendeu, boquiaberta, num fascínio frio e estremeecedor.

— O que há de errado, Aimée? O que é que você...?

Ralph localizou o olhar de Aimée, e virou-se para ver o que era.

Ao ver o esplendoroso espelho, franziu a testa.

Um homenzinho horrendo, feio, de sessenta centímetros de altura, o rosto pálido, amassado, debaixo de um chapéu de palha antiquado, olhou de volta para ele com o cenho franzido. Ralph ficou a olhar-se, as mãos espalmadas nas faces.

Aimée caminhou devagar, mais depressa, e, depois, começou a correr. Correu pelo cais vazio, e a brisa morna soprou, e sobre ela soprou pingos grossos de chuva morna, que caía do céu, durante todo o trajeto de sua corrida.

O Próximo da Fila

A caricatura de uma praça municipal. Nela constavam os seguintes ingredientes, fresquinhos: o coreto — uma caixinha de açúcar cândi onde homens explodiam música às quintas e domingos à noite; belos bancos de cobre bronzeado, patinados de verde, todos ornados e floridos; bonitas muretas de azulejos azuis e cor-de-rosa — azuis como olhos de mulher, recém-laqueados, rosas como as maravilhas ocultas de uma mulher; e belas árvores, podadas à francesa, igualzinhas a caixas de chapéu. O todo, aí de sua janela, no hotel, possui a insinuação fresca e a fantasia inacreditável que se podem esperar de uma aldeia francesa do final do século dezenove. Mas... não! Isto é o México, e esta é uma praça de uma cidadezinha colonial mexicana, com um bom Teatro Lírico Municipal (que passa filmes a dois pesos o ingresso: *Rasputin e a Imperatriz, O Presídio, Madame Curie, Duas Vidas, Mama Ama Papa*).

Joseph veio para a varanda quente de sol, ajoelhou-se junto à grade e apontou a pequena câmera Brownie. Atrás dele, no banheiro, a água escorria, e a voz de Marie veio de lá:

— O que é que você está fazendo aí? Joseph resmungou:

—...uma fotografia.

Mane perguntou novamente. Joseph acionou o obturador, levantou-se, rebobinou o carretel, arranhando.

— Tirei uma foto da praça municipal. Puxa, como aquele pessoal gritou ontem à noite! Só consegui dormir às duas e meia. Nós tínhamos que chegar exatamente na hora do pão-balalão do Rotary!

—Quais são seus planos para hoje?

— Ir ver as múmias.

— Ahh...

Longo silêncio.

Joseph entrou, pousou a câmera, e acendeu um cigarro.

— Se você preferir, vou sozinho.

— Não — respondeu Marie, não muito alto. — Vou com você. Mas o que eu gostaria mesmo é de não perder tempo com essas coisas. Essa cidade é tão bonitinha!

— Vem cá ver...

Com o canto dos olhos, Joseph captara um movimento. Correria para a varanda, e ali permaneceria; o cigarro fumegava, esquecido nos dedos.

— Vem rápido, Marie!

— Estou me enxugando.

— Depressa...

Joseph estava fascinado com o que via lá embaixo, na rua. Sentiu, por trás,

um movimento, e logo em seguida, o aroma de sabonete, de carne enxaguada, de toalha molhada, de água de colônia recém-passada. Marie encostou-lhe nos cotovelos.

— Não se mexa — preveniu Marie. — Assim não preciso me expor. Estou nuazinha. O que está havendo?

—Olhe.

Uma procissão passava na rua. Na frente, um homem, com um embrulho na cabeça. Atrás dele, mulheres em *rebozos* negros, mascando cascas de laranja, até extrair o sumo, e cuspi-las nas pedras arredondadas do calçamento; pelos braços, crianças; à frente, homens. Alguns comiam cana, roendo a camada exterior até fazê-la partir-se e, depois, abocanhando nacos grandes até atingir a suculenta polpa e as ner-vuras caudalosas, que chupavam. Eram, ao todo, cinquenta pessoas.

Por trás de Joseph, Marie segurou-lhe o braço.

—Joe!

Não era um embrulho comum o que o primeiro homem levava na cabeça e equilibrava com toda delicadeza como se se tratasse de penas de galinha. O embrulho estava coberto de cetim prateado, de franjas e rosetas prateadas. E o homem o levava com suavidade, com u'a mão marrom, enquanto a outra mão balançava, livre.

Era um enterro, e o pequeno embrulho era um caixão. ,

Joseph lançou um olhar para a mulher.

Marie estava da cor do leite fresco, puro. A cor rósea do banho já se esvaíra. O coração a sugara toda para algum vácuo oculto. Marie apressou-se ao portal francês, e viu passar os itinerantes, viu-os comer as frutas, ouviu-os conversar, rir delicados. Esquecera que estava nua.

— Um bebezinho, homem ou mulher, passou desta para melhor. Foi Joseph quem observou.

— Para onde... a levam?

Nada incomum, Marie pensou, a escolha do pronome feminino. E já se identificara com aquele minúsculo fragmento embalado qual uma espécie de fruta ainda verde. Agora, neste momento, seria conduzida colina acima, sob uma escuridão opressora, uma pedra num pêssego, silenciosa, aterrorizada; do lado de fora, o toque do pai pressionava o material do caixão; suave, insonoro e firme, lá dentro.

— Para o cemitério, é claro; é para lá que a estão levando — respondeu Joseph.

Enquanto falava, o cigarro formou um filtro de fumaça por todo aquele rosto descontraído.

— Não é para o cemitério que a levam...

— Ora, você sabe que nestas cidadezinhas só existe um cemitério. E eles

resolvem essas coisas depressa. Essa menininha deve ter morrido há apenas algumas horas.

— Algumas horas...

Marie virou-se, tão ridícula, tão nua, apenas a toalha segura pelas mãos lassas, nada sedutoras. Foi até a cama.

— Há algumas horas, estava viva, e agora... Joseph emendou:

— E agora eles a levam depressa para a colina. O clima não é bom para os mortos. É quente, não embalsamam. Têm que agir com muita rapidez.

— Mas, é para aquele cemitério, aquele lugar horrível! A voz de Marie emanou, como de um sonho.

— Ah... por causa das múmias. Não se preocupe com elas.

Marie sentou-se na cama, não parou de jogar a toalha por cima das pernas. Estava cega como os mamilos marrons de seus seios. Não via Joseph, e nem o quarto. Sabia que se Joseph estalasse os dedos, ou tossisse, não conseguiria erguer os olhos. Disse:

— Eles estavam comendo frutas no enterro... e rindo!

— É uma subida e tanto até o cemitério.

Marie estremeceu, em movimento convulsivo, como um peixe que tenta se libertar de um anzol bem espetado. Está deitada de costas, e Joseph a olha como quem examina uma escultura mal-acabada; todo crítica, todo quietude e facilidade, todo descuido. Fria, Marie pensou em quanto as mãos de Joseph eram responsáveis pelo alargamento, achatamento, pela mudança de seu corpo. Esse, é claro, não era o corpo com que Joseph havia iniciado. Agora, impossível salvar. Assim como o barro impregnado d'água pelo escultor descuidado, impossível remodelá-la. Para remodelar o barro, você tem que aquecê-lo com as mãos, para, com o calor desprendido, fazer evaporar a umidade. Mão não havia, entre eles, mais nada daquele clima agradável de verão. Não havia calor para cozinhar e liberar a umidade envelhecida, acumulada, que agora fazia pender-lhe os seios e o corpo. Quando o calor se esvai, é maravilhoso e desconcertante ver quão depressa o vaso armazena, em suas células, água autodestrutiva.

— Não estou me sentindo bem. Lá está ela deitada, repensando.

— Não estou me sentindo bem.

Marie repetiu. Joseph não respondeu. Um ou dois minutos depois, Marie levantou-se.

— Joe, não quero ficar aqui nem mais uma noite!

— Mas... é uma cidade maravilhosa.

— É, mas já vimos o que havia para ver.

Levantou-se. Marie sabia o que viria a seguir. Alegria, jovialidade, estímulo. Tudo muito falso e esperançoso.

— Poderíamos ir para Patzcuano. Chegamos lá num minuto. Você nem tem que se incomodar com as malas, eu mesma as faço. Podemos arranjar um

quarto na Don Posada. Dizem que a cidadezinha é muito bonita...

— Essa cidade aqui — observou Joseph — é muito bonita.

— Lá todas as casas tem *bouganvilles* copadas.

— Aquilo ali — Joseph apontou para as flores na janela — é *bouganville*.

—...nós iríamos pescar, você gosta de pescar — Marie retrucou, astuta, depressa. — E eu iria pescar também. Aprendo, ora se aprendo! Sempre quis aprender! E dizem que os índios tarascanos são quase todos de aspecto mongolóide, e quase não falam espanhol, e de lá nós vamos para Paracutín, que é perto de Uruapán, e eles têm cada arca laqueada lá! Puxa, vai ser tão bom, Joe. Vou fazer as malas. Pode ficar tranqüilo que...

— Marie...

Com uma palavra, Joseph interrompeu o trajeto de Marie até o banheiro.

— O que é?

— Pensei que você tivesse dito que não estava se sentindo bem! ?

— Não, não disse não. Não estou não. Mas, só de pensar naqueles lugares encantadores...

— Nós ainda não vimos nem um-décimo dessa cidade — Joseph explicou com lógica. — Tem a estátua de Moreles lá na colina, quero fotografar, e um pouco de arquitetura francesa ma acima... viajamos quinhentos quilômetros, estamos aqui há apenas um dia, e você já quer se mandar para outro lugar. A noite de hoje já está paga...

— Ora, você pode pedir devolução. Joseph fitou Marie, com simplicidade cortês.

— Por que você quer fugir daqui, assim? Você não está gostando da cidade? Sorriram as maçãs alvas de Marie.

— Eu estou adorando... é tão verde! Tão bonita!

— Então, mais um dia. Você vai gostar. E estamos conversados. Marie tentou argumentar.

— O quê? — perguntou Joseph.

— Nada não.

Marie cerrou a porta do banheiro. Atrás da porta, com estardalhaço, abriu uma caixa de remédios. A água enchia um copo sem pé. Marie tomava algo para o estômago.

Joseph veio até a porta do banheiro.

— Marie, você não está aborrecida por causa das múmias, está?

— Han han...

— Foi o enterro, então?

— Han...

— Porque, se você estiver com medo, eu faço as malas num segundo, você sabe disso, meu bem.

Joseph esperou.

— Não, eu não estou com medo não.

— Isso. Assim é que se fala!

O túmulo estava envolto numa parede de adobe, grossa, e, nos quatro cantos, anjinhos de pedra erigiam-se em asas pedregosas, as cabeças encardidas encimadas por despejos de passarinhos, as mãos presenteadas com amuletos de mesma substância, os rostos inquestionavelmente sardentos.

Sob o jato de sol quente, uniforme, que despejava qual rio sem profundidade, sem maré, Joseph e Marie subiram a colina, as sombras enviesavam, desanimadas, atrás. Ajudando-se um ao outro, chegaram ao portão do cemitério, puxaram a grade espanhola, de ferro azulado, e entraram.

Passadas muitas manhãs desde a festa comemorativa do "El Dia de los Muertos", fitas, fiapos de tecido e adesivos reluzentes ainda encontravam-se colados, como se fossem cabelos amalucados, às pedras erigidas, aos crucifixos entalhados à mão, lustrados com amor, e às tumbas acima do nível do solo, que se assemelhavam a porta-jóias feitos de mármore. Havia estátuas congeladas em posturas angelicais, sobre montes de cascalho, pedras esculpidas de modo intrincado, da altura de uma pessoa, com anjos a transbordar braços abaixo, e tumbas tão grandes e tão ridículas como os colchões postos a secar ao sol depois de algum acidente noturno. E, dentro dos quatro muros do cemitério, inseridos em aberturas e vãos, estavam os caixões, cimentados, lacrados por placas de mármore e reboco, com nomes gravados e fotografias impressas em latas, penduradas, retratos a peso barato dos inseridos defuntos. Com tachinhas, pregadas a dedão, nas fotografias, viam-se os adornos queridos em vida, berloques de prata, insígnias de prata, de braços, pernas, corpos, xícaras de prata, medalhões de igreja, de prata, pedaços de crepe vermelho e fita azul. Pintadas, em certos lugares, ripas de lata mostravam os mortos subindo aos céus nos braços de anjos pintados a óleo.

Ao olharem novamente para os túmulos, viram os resquícios da fiesta da morte. Cotocos de vela esparramados sobre as pedras pelos candelabros iluminados dos festejos, orquídeas murchas caídas qual tarântulas vermelhopúrpura esmagadas contras as pedras leitosas, algumas de aspecto horrível, sexuais, flácidas e definhadas. Em forma de laços, folhas de cactus, bambu, junco e ipoméias selvagens, secas. Havia coroas de gardênia e buquês de *bouganville*, ressequidos. Todo o chão do cemitério parecia um salão depois de uma festa enlouquecida, cujos participantes já se tinham ido; as mesas desalinhadas, confete, velas, fitas e sonhos profundos abandonados ao esquecimento.

Estavam, Marie e Joseph, no cemitério quente e silencioso, por entre as pedras, entre os muros. Lá adiante, em uma das extremidades, um homemzinho

de bochechas salientes, a cor leitosa da infiltração espanhola, óculos de aros espessos, de casaco preto, chapéu cinza, de pano cru, calças por passar e sapatos muito bem amarrados, percorria por entre as pedras, supervisionando uma coisa ou outra que um outro homem, de macacão, com uma pá, fazia em um dos túmulos. O homenzinho de óculos levava, debaixo do braço esquerdo, um jornal dobrado em três; as mãos, enfiadas nos bolsos.

— *Buenos días, señora e señor!* — saudou o homenzinho, ao perceber, por fim, Joseph e Marie, e vir vê-los.

— É aqui o lugar de *las mommias*? — perguntou Joseph. — Elas existem, não existem?

— *Si*, as múmias. Elas existem, e estão aqui. Nas catacumbas.

— Por favor — pediu Joseph — *yo quiero veo las mommias, si?*

— *Si, señor*.

Joseph desculpou-se:

— *Me Español es mucho estúpido, es muy malo.*

— Não, não, *señor*. O senhor fala bem. Por aqui, por favor.

O homem caminhou na frente, entre pedras floridas, até uma tumba próxima às sombras do muro. A tumba era grande, rasa, ao nível do cascalho, com uma porta acesa, derreada, trancada com cadeado. Depois de destrancada, a porta de madeira, rangendo, foi atirada para o lado. Exposta uma cavidade cujo interior circular continha degraus que se aparafusavam terra adentro.

Antes mesmo de Joseph esboçar qualquer movimento, a mulher apressou-se em colocar o pé no primeiro degrau.

— Ei, eu vou primeiro — disse Joseph.

— Não. Pode deixar.

Marie desceu, circulou numa espiral escura até ver a terra desaparecer à frente. Movia-se com cuidado, pois os degraus mal ajustavam-se a pezinhos de bebê. Escureceu, Marie ouviu os passos do zelador à frente, em seus ouvidos, e houve luz de novo. Desembocaram num corredor comprido, caiado, a seis metros de profundidade, com a iluminação tênue oriunda de umas poucas clarabóias góticas no teto abobadado. O corredor tinha cinquenta metros de comprimento, e terminava, à esquerda, numa porta dupla, em que se fixavam vidraças de cristais, altas, e um aviso proibindo a entrada. Na outra extremidade, à direita, havia uma armação enorme, feita de travessas e pedras roladas, brancas.

— Soldados que lutaram com Pai Morelos — informou o zelador. Caminharam até a imensa pilha. Estava tudo muito bem arrumado, osso em cima de osso, como lenha, e, ao topo, um monte de mil crânios secos.

— Crânios e ossos não me intimidam — disse Marie. — Não têm nada de humano neles, nem um pouquinho. Não tenho medo de crânios, de ossos. De algum modo, me lembram insetos. A criança que cresce sem saber que tem

esqueleto não vai pensar nada sobre ossos, vai? Eu sou assim. Tudo o que era humano já foi raspado dessas coisas aí. De conhecido, nada sobrou que seja horrível. Para que uma coisa seja horrível é preciso que tenha sofrido uma mudança reconhecível. Isso aí não mudou nada. Ainda são esqueletos, como sempre o foram. A parte que mudou já se foi, e não existe nada que a lembre. Não é interessante?

Joseph concordou com a cabeça. Marie, agora, sentia-se muito valente.

— Bem, vamos ver as múmias.

— Por aqui, *señora*.

O zelador os levou até o fundo de um corredor, do lado oposto à pilha de ossos, e assim que Joseph deu a ele um peso, o homem destrancou as portas de cristal, proibidas, escancarou-as, e Joseph e Marie viram um corredor ainda mais comprido, o corredor mal-iluminado, onde estão as pessoas.

Do lado de dentro, as pessoas esperavam numa fila comprida, sob o teto abobadado, cinquenta e cinco contra uma parede, à esquerda, cinquenta e cinco contra a parede da direita, e cinco bem lá no fundo.

— Senhor Interlocutor! — conclamou Joseph, animado.

Lembravam apenas edificações preliminares de um escultor, a estrutura de arame, os primeiros tendões de barro, os músculos e um laqueado fino de pele. Inacabados, todos os cento e quinze.

Tinham a cor do pergaminho, e a pele, como a secar, esticada de um osso ao outro. Os corpos estavam intactos, apenas os humores líquidos haviam evaporado.

— O clima — observou o zelador. — Conserva-os. Muito seco.

— Há quanto tempo já estão aqui? — indagou Joseph.

— Alguns há um ano, alguns há cinco, *señor*; outros dez, outros há setenta.

Houve um constrangimento de horror. Você começou com o primeiro homem à direita, preso, à parede, por um gancho, e amarrado com arame, que não estava bom de se olhar; você passou à mulher que vinha em seguida, inacreditável, e depois para um homem horrendo, depois para uma mulher muito aborrecida por estar morta e por estar num lugar destes.

— Por que estão aqui? — indagou Joseph.

— Os parentes não pagaram o aluguel das covas.

— E existe aluguel para isso?

— *Si, señor*. Vinte pesos por ano. Ou, se desejarem um sepultamento permanente, cento e setenta pesos. Mas, nosso povo, as pessoas são muito pobres, como o senhor deve saber, e cento e setenta pesos é o que muitas ganham em dois anos. Portanto, trazem os mortos para cá e os colocam na terra por um ano, e pagam os vinte pesos com a firme intenção de pagar todo ano; mas, a cada ano

que passa, depois do primeiro ano, elas têm que comprar um burro novo, ou é uma boca nova para alimentar, ou talvez três bocas novas, e os mortos, afinal, não sentem fome, e os mortos, afinal, não puxam arados; ou é uma mulher nova, ou o teto que precisa de reparos, e os mortos, lembrem-se disso, não podem ir para a cama com os homens, e os mortos, vocês compreendem, não podem estancar a chuva no telhado, e é por isso que elas não pagam o aluguel dos mortos.

— E acontece o quê com eles? Você está prestando atenção, Marie?

Marie contava os corpos. Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito. Perguntou, tranqüila.

— O quê?

— Você está prestando atenção?

— Acho que estou. O quê? Ah, claro. Estou prestando atenção, sim. Oito, nove, dez, onze, doze, treze.

— Bem — disse o homenzinho. — Eu chamo um *trabajante*, e ele, com uma pá delicada, ao fim do primeiro ano, cava, cava e cava. A que profundidade o senhor acha que a gente cava, señor?

— A dois metros. É a profundidade usual.

— Ah, não. Ah, não. Nesse ponto, *señor*, o senhor se engana. Como sabemos que, depois do primeiro ano, é provável que o aluguel não seja pago, enterramos os mais pobres a sessenta centímetros. É menos trabalho, compreende? Claro, devemos sempre julgar de acordo com a família-dona do corpo. Alguns, enterramos a noventa centímetros, algumas vezes a um metro e vinte, outras a um metro e meio, ou a um metro e oitenta, depende da riqueza da família, depende de quais sejam as chances de não termos que desencavá-los no ano seguinte. E, deixe que eu diga ao *señor*, quando enterramos um homem no fundo, a um metro e oitenta, temos muita certeza de que vai ficar lá. Jamais desencavamos um corpo enterrado a um metro e oitenta, tal a precisão com que conhecemos o dinheiro do povo.

Vinte e um, vinte e dois, vinte e três. Os lábios de Marie moviam-se com um leve sussurro.

— E os corpos desencavados são colocados aqui, contra a parede, juntamente com os outros *compañeros*.

— Os parentes sabem que os corpos estão aqui?

— *Si*.

O homenzinho apontou.

— Este aqui, que *yo veo*. É novo. Está aqui há um ano. Tanto *madre y padre* sabem que ele está aqui. Mas, e o dinheiro? Não têm.

— Isso não é meio revoltante para os pais? O homenzinho falou com convicção:

— Nem ligam.

— Você ouviu isso, Marie?

— O quê? Trinta, trinta e um, trinta e dois, trinta e três, trinta e quatro. Ouvi sim. Que eles nem ligam.

— E, se depois de algum tempo, voltarem a pagar o aluguel? — inquiriu Joseph.

— Aí, então, os corpos são re-enterrados, pelo tempo que o aluguel for pago.

— Isso parece chantagem.

O homenzinho deu de ombros, as mãos no bolso.

— A gente tem que viver.

— Você sabe que ninguém pode pagar cento e setenta pesos de uma só vez. E aí você os pega em vinte pesos por ano, ano após ano, por, talvez, trinta anos. Se não pagarem, você ameaça deixar a *mamacita* ou o *nino* deles em pé na catacumba.

— A gente tem que viver.

Cinquenta e um, cinqüenta e dois, cinqüenta e três.

No centro do corredor comprido, Marie contava; por todo lado, mortos em pé.

Todos gritavam.

Parece que haviam saltado dos túmulos, detonados para cima, e, as mãos, que haviam agarrado os tóraxes encarquilhados, e gritado, os maxilares escancarados, as línguas estiradas, as narinas dilatadas.

E, desse modo, congeladas.

Todos tinham as bocas escancaradas. O grito era perpétuo. Estavam mortos e sabiam disso. Em cada fibra desencapada, em cada órgão evaporado, sabiam disso.

Marie ouvia os gritos.

Dizem que os cães ouvem sons inaudíveis para o homem, sons de tantos decibéis que, de tão mais altos, para a audição normal, parecem inexistentes.

O corredor pululava em gritos. Gritos despejados de lábios abertos de horror, e, línguas secas, gritos inaudíveis, de tão altos.

Joseph aproximou-se de um dos corpos.

— Diga "Aaa".

Sessenta e cinco, sessenta e seis, sessenta e sete, contava Marie, dentre os gritos.

— Eis aqui um bem interessante — disse o proprietário.

Viam uma mulher com os braços projetados à frente do rosto, a boca escancarada, os dentes intactos, os cabelos, na cabeça, desgrenhados, compridos e bruxuleantes. Os olhos eram dois ovinhos, de cor azul-leitosa, no crânio.

— Isso às vezes acontece. Essa mulher, ela é cataléptica. Um dia cai, mas não está morta, pois, lá no fundo dela, o tamborzinho do coração ainda bate, tão débil que ninguém ouve. E é enterrada no cemitério num caixão bonito e barato.

— O senhor não sabia que ela era cataléptica?

— As irmãs sabiam. Mas, desta vez, pensaram que tivesse morrido de vez. Enterro, nessa cidade quente, é coisa rápida.

— Ela foi enterrada poucas horas depois de "morrer"?

— *Si*, a mesma coisa. Tudo isso, o jeito que ela se encontra agora, jamais teríamos sabido se as irmãs dela, um ano depois, com outras coisas para comprar, não tivessem deixado de pagar o aluguel do sepultamento. Então, escavamos calmamente, desprendemos o caixão, içamos, e abrimos a tampa, colocamos no chão, e olhamos...

Marie fitava, esbugalhada.

Esta mulher acordou debaixo da terra. Arranhou, esganiçou, usou os punhos para golpear a tampa do caixão, morreu sufocada, neste gesto, as mãos projetadas acima do rosto esbugalhado, os olhos aterrados, os cabelos desgrehados.

— Por favor, *señor*, repare na diferença entre as mãos dela e as mãos dessas outras, os dedos tranquilos sobre a barriga, quietos como botões de rosas. As dela? Ah, as mãos dela estão vergadas para cima, de modo muito selvagem, como a tentar soltar a tampa!

— Isso não poderia ter sido causado pelo rigor mortis?

— Acredite, *señor*, rigor mortis não dá pancada em tampas. Rigor mortis não grita assim, nem se contorce, nem luta para soltar pregos, *señor*, ou força as laterais em busca de ar, *señor*. Todas essas outras também estão de boca aberta, *si*, pois os fluidos do embalsamento não lhes foram injetados, mas o grito delas é um simples grito dos músculos, *señor*. Esta *señorita* aqui, a morte dela foi *murte horrible*.

Marie caminhava, arrastando os sapatos; ia para um lado, depois para o outro. Corpos nus. As roupas, há muito tempo, já haviam dado o último suspiro. Os seios das mulheres gordas eram amontoados disformes de massa fermentada, ao sabor da poeira. Os membros genitais dos homens estavam encolhidos, orquídeas murchas.

— Eis a dupla Careta e Bocejo — avistou Joseph.

Joseph apontava a câmera para dois homens que pareciam conversar, as bocas em meio a uma frase, as mãos enrijecidas gesticulando a respeito de algum boato há muito desfeito.

Acionou o obturador, avançou o filme, focou a câmera em outro corpo, acionou o obturador, avançou o filme, passou ao seguinte.

Oitenta e um, oitenta e dois, oitenta e três. Maxilares caídos, línguas esticadas qual zombaria de criança, olhos com íris amarronzadas, pálidas, em encaixes apertadíssimos. Cabelos encerados e mordidos pela luz do sol, os fios, pontudos, qual calamos, encravados nos lábios, nas bochechas, nas pálpebras, nas sobrancelhas. Fiapos de barba nos queixos, nos tórax, nas barrigas. A carne, qual

couro de tambor, qual manuscritos e massa de pão trançado. As mulheres, coisas de sebo imensas, deformadas, derretidas pela morte. Os cabelos loucos pareciam ninhos feitos, desfeitos, e refeitos. Os dentes, todos, todos bons, perfeitos, no maxilar. Oitenta e seis, oitenta e sete, oitenta e oito. Um apanhado dos olhos de Marie. No fundo do corredor, movendo-se rápidos. Contando, sempre depressa, sem parar. Adiante! Rápido! Noventa e um, noventa e dois, noventa e três! Eis um homem, com a barriga aberta, parece um buraco de árvore em que se jogam, aos onze anos de idade, as cartas de amor infantis. Os olhos penetraram no buraco, pelo espaço debaixo das costelas. Marie bisbilhotou. Por dentro, o homem parecia um jogo de montar. A espinha, as placas pélvicas. O resto era tendão, membrana, osso, olho, maxilares barbados, ouvido, narina estupefata. E um cercado nodoso, carcomido, no umbigo, que bem poderia abrigar uma colher de pudim. Noventa e sete, noventa e oito. Nomes, lugares, datas, coisas!

— Essa mulher morreu em trabalho de parto.

Bonequinha faminta, a criança prematura pendia, amarrada com arame, no pulso da mãe.

— Esse aqui era soldado. Ainda veste metade do uniforme...

Os olhos de Marie foram bater na parede do fundo, depois de um balanceio alternado, para frente, para trás, de horror em horror, de crânio em crânio, batendo de costela em costela, fitando, com fascínio hipnótico, órgãos genitais sem amor, sem polpa, homens transformados em mulher, por evaporação, mulheres transformadas em suínos de tetas largas. O ricochete temeroso da visão, crescendo, crescendo, tomando impulso em seios inchados, em bocas delirantes, de parede a parede, parede a parede, como uma bola lançada com efeito, aprisionada em dentes incríveis, cuspidos num grito que varava o corredor e se aprisionava em garras, alojadas entre mamas magras, todo o coral, de pé, de maneira invisível, cantando para que o jogo prossiga, e prossiga, o jogo selvagem, do recuo da visão, do eco, do vaivém da procissão inconcebível, através daquela montagem de horrores eretos que se encerrou, por fim, de uma vez por todas, no momento em que a visão foi estatelar-se no fim do corredor, com o derradeiro grito, dentre todos os que aqui estavam!

Marie virou-se e lançou a visão até o lugar onde os degraus espiralados caminhavam para a luz do sol. A morte é muito talentosa. Quantas expressões e manipulações de mão, rosto, de corpo! Não há duas iguais. Ali estavam qual tubos nus de um imenso calíope abandonado, as bocas recortadas, transformadas em ventosas frenéticas. E, agora, a mão imensa da mania descia, de uma vez só, sobre todas as chaves, e o calíope comprido gritou por sobre o grito interminável das cem gargantas.

A câmera fez clique, Joseph avançou o filme. A câmera fez clique, Joseph avançou o filme.

Moreno, Morelos, Cantine, Gómez, Gutiérrez, Villanousul, Ureta, Licón, Navarro, Iturbi, Jorge, Filomena, Nena, Manuel, José, Tomás, Ramona. Esse andava, aquele cantava, e esse tinha três mulheres; e esse morreu disso, o outro morreu daquilo, o terceiro, de outra coisa, o quarto levou um tiro, o quinto foi esfaqueado, o sexto caiu morto no chão; o sétimo bebia muito e morreu morto, o oitavo morreu apaixonado, o nono caiu do cavalo, o décimo cuspiu sangue, o décimo primeiro, o coração parou, o décimo segundo ria muito, o décimo terceiro era dançarino, o décimo quarto era o mais bonito de todos, o décimo quinto tinha quinze filhos, e o décimo sexto é um dos filhos, e também o décimo sétimo; o décimo oitavo era Tomás, que tocava bem a guitarra; os três seguintes cortavam milho na roça, cada um com três mulheres; o vigésimo segundo jamais foi amado por ninguém; o vigésimo terceiro vendia *tortillas* todas batidas e preparadas no meio-fio em frente ao Teatro Lírico, no fogão de carvão da mulher; e o vigésimo quarto batia na mulher; ela, agora, com muito orgulho, perambula pela cidade, feliz com homens que conheceu, e ele aqui se encontra com tamanha ingratidão, e o vigésimo quinto bebeu muitos litros de rio com os pulmões, foi retirado numa rede, e o vigésimo sexto era um grande pensador, e seu cérebro hoje jaz, igualzinho a uma ameixa seca, dentro do crânio.

— Eu gostaria de tirar uma foto colorida desses aqui, de saber-lhes os nomes, deles e delas, e saber como morreram, eles e elas. Daria um livro surpreendente, e irônico. Quanto mais penso nisso, mais a idéia me sobe à cabeça. A história dessas vidas, e, depois, uma foto de cada um aqui, em pé contra a parede.

Joseph tamborilou nos tóraxes, levemente. Emitiam sons surdos, como se alguém batesse à porta.

Marie forçou passagem por entre os gritos pendurados, encruzilhados pelo caminho. Caminhou pelo meio do corredor, com passo uniforme, não muito devagar, não muito rápido, rumo à escada espiralada, sem olhar para os lados. Atrás dela, a câmara fez clique.

— Cabe mais gente aqui? — perguntou Joseph.

— *Sí, señor.* Muito mais.

— Eu não queria ser o próximo da fila, o próximo na sua lista de espera.

— Ah, claro que não, *señor*; ninguém quer ser o próximo da fila.

— Existe alguma possibilidade de eu comprar um deles?

— Ah, não, não, *señor*. Não, não. Não, *señor*.

— Pago cinquenta pesos.

— Não, não, *señor*, não, não, *señor*.

No mercado, o que sobrou dos crânios de açúcar, da *Fiesta* dos Mortos, estava sendo vendido em frágeis tabuleiros. Mulheres vestindo *rebozos* negros, sentadas tranqüilamente, de vez em quando trocavam uma ou outra palavra, os esqueletos de açúcar candi, os defuntos de sacarina e os crânios de açúcar, brancos, à altura dos cotovelos. Cada crânio levava no topo, um nome em arabescos confeitados em açúcar dourado: José, Carmen, Ramón, Tena, Guiermo, Rosa. Vendiam a preço barato. O Festival da Morte já havia acabado. Joseph pagou um peso por dois crânios de açúcar.

Marie, ali na rua estreita, olhava, aqueles crânios açucarados, Joseph, e aquelas senhoras morenas que colocavam os crânios na sacola.

— Na verdade, não — diz Marie.

— Por quê? — pergunta Joseph.

— Logo agora?

— Agora... depois das catacumbas? Marie concordou com a cabeça.

— Mas é gostoso.

— Parece venenoso.

— Só porque tem forma de crânio?

— Não, é que o próprio açúcar parece cru, como é que você vai saber quem fez, se as pessoas que fizeram isso não têm disenteria?

— Marie, meu amor, todo mundo no México tem disenteria.

— Por mim, você pode comer os dois.

— Caramba! Coitado do Yorick — Joseph deu uma espiada dentro da bolsa.

Os dois caminharam por uma rua estreitada por edifícios altos, com esquadrias amarelas nas janelas, grades cor-de-rosa, de ferro, e de onde emanava o cheiro de *tamales*, e o som de chafarizes perdidos estatelando em manilhas ocultas, de passarinhos juntando-se e pipilando em gaiolas de bambu, e de alguém tocando Chopin ao piano.

Joseph exclamou:

— Chopin, aqui? Muito estranho, mas muito bom. Olhou para o alto.

— Gosto daquela ponte. Segure isto.

Joseph entregou a Marie a sacola contendo o açúcar, para tirar uma fotografia da ponte vermelha, com um edifício branco em cada canto do quadro, e um homem atravessando com um sarape no ombro.

— Ótimo! — exultou Joseph.

Enquanto caminhavam, Marie olhava para Joseph, tirava os olhos, olhava novamente, os lábios mexiam sem nada falarem, os olhos irrequietos, um musculozinho do pescoço parecia um pedaço de arame, um nervinho repuxava, na sobrelanceira. Marie passou a sacola para a outra mão. Subiu no meio-fio, de algum modo reclinou para trás, fez alguns gestos, disse alguma coisa para recuperar o equilíbrio e deixou cair a sacola.

Joseph curvou-se rapidamente para tentar apanhá-la.

— Meu Deus do céu! Olha só o que você fez! É uma desgraça mesmo!

— Puxa, eu podia ter quebrado o tornozelo, eu acho.

— Eram os melhores crânios; todos os dois amassados; eu os estava guardando para dar a uns amigos lá da nossa cidade.

— Desculpa — pediu Marie, vaga.

Joseph espiou dentro da sacola, o cenho franzido.

— Pelo amor de Deus! Merda! E se eu não encontrar outros dois iguais a estes? Não sei não, eu desisto.

O vento soprava, só os dois na rua, Joseph não parava de olhar os escombros espantados dentro da sacola, Marie rodeada pelas sombras da rua, o sol do outro lado da rua, ninguém mais, o mundo distante, os dois sozinhos, a três mil quilômetros de qualquer lugar, numa rua de uma cidade artificial, insignificante, circundada apenas por desertos e falcões em redemoinho. Na cabeceira da rua, o Teatro Lírico Municipal, um quarteirão depois erguiam-se as estátuas gregas, douradas, ensolaradas, altas; num boteco, o fonógrafo gritava *Ay! MARIMBA... corazón...* e toda sorte de palavras estranhas, embaralhadas e diluídas ao vento.

Joseph torceu a sacola, fechou-a, e, furioso, enfiou-a no bolso.

Os dois caminharam para o hotel, para o almoço das duas e meia.

Joseph sentou-se à mesa com Marie, sorvendo, silente, com a colher móvel, sopa de *Albóndigas*. Marie, por duas vezes, fez comentários exultórios sobre os painéis que via nas paredes, e Joseph limitou-se a fitá-la, a sorver. Sobre a mesa, a sacola com os crânios açucarados...

— *Señora...*

Uma mão morena retirou os pratos de sopa, pousando uma enorme travessa com *enchiladas*.

Marie olhou para o prato.

Havia dezesseis *enchiladas*...

Marie esticou o garfo para espetar uma ou duas, mas parou. Recolocou garfo e faca nos devidos lugares do prato. Olhou para as paredes, depois para o marido, e para as dezesseis *enchiladas*.

Dezesseis. Uma a uma. Uma fila comprida, todas amontoadas.

Marie contou as *enchiladas*.

Um, dois, três, quatro, cinco seis.

Joseph apanhou uma no próprio prato e comeu.

Seis, sete, oito, nove, dez, onze.

Marie pousou as mãos nas pernas.

Doze, treze, quatorze, quinze, dezesseis. Terminou de contar.

— Não estou com fome.

Joseph apanhou mais uma *enchilada*. O interior era revestido de um papiro de *tortilla* de milho. Era fino, um dos muitos que cortou e levou à boca, um dos que Marie mastigou por ele, com a boca da cabeça, apertando os olhos.

— O que há?

— Nada — respondeu Marie.

Restavam treze *enchiladas*, qual molhos pequeninos, qual cartuchos. Joseph comeu mais cinco.

— Não estou me sentindo bem — diz Marie.

— Vai se sentir melhor, se comer.

— Não.

Ao terminar, Joseph abriu a sacola e retirou um dos crânios semidemolidos.

— Você não vai comer isso aqui, vai?

— Por que não?

Joseph levou um tablete de açúcar aos lábios; mastigou.

— Nada mau...

Refletiu sobre o sabor, e colocou para dentro mais uma parte do crânio.

— Nada mau mesmo!

Marie pôde ver o nome inscrito no crânio...

... *Marie*.

Foi estupendo o jeito com que Marie ajudou Joseph a fazer as malas. Os cine-jornais costumam mostrar-nos pessoas em piscinas, pulando de trampolins, para, um instante depois, no momento em que o rolo é rebobinado, pularem de volta, numa fantasia aérea, e pousar novamente, em segurança, no trampolim. Agora, Joseph observava, ternos e vestidos voavam para as caixas, para as malas, os

chapéus pareciam pássaros alçando vôo, rufando asas adentro de caixas redondas, de cores vivas, os sapatos, qual camundongos, pareciam atravessar o assoalho e saltar para dentro das valises. As malas batiam ao fechar, os fechos faziam clique, as chaves giravam.

Marie exultou.

— Pronto! Tudo arrumado. Joe, obrigado por me deixar fazê-lo mudar de idéia!

Marie caminhou para a porta.

— Eu ajudo...

— Não está pesado, não.

— Mas você nunca carregou mala na vida. Nunca. Vou chamar um garoto.

— Bobagem...

Marie perdera o fôlego com o peso das malas. Do lado de fora da porta, o garoto apanhou-as.

— *Señora*, por favor.

— Será que você não esqueceu nada?

Joseph foi olhar debaixo das duas camas, foi à sacada e contemplou a *plaza*, entrou, foi até o banheiro, olhou no armário e na pia. Saiu do quarto estendendo algo para Marie.

— Olha aqui. Você esqueceu o relógio.

— Puxa vida!

Marie colocou o relógio e saiu do quarto.

— Sei lá. Já está meio tarde para irmos embora.

— São três e meia ainda. Só três e meia. Joseph hesitava.

— Ah, eu sei lá!

Joseph deu a última olhada ao redor, saiu do quarto, fechou a porta, trancou, desceu, tilintando as chaves.

Marie fora para o carro, acomodara-se, o casaco dobrado sobre as pernas, as mãos enluvadas dobradas dentro do casaco. Já lá fora, Joseph supervisionou a colocação da bagagem remanescente no porta-malas traseiro. Depois, caminhou até a porta da frente, bateu no vidro e Marie abriu a porta para que entrasse.

— Bem, lá vamos nós!

Marie exultou, com uma risada, as faces rosadas, os olhos com um brilho frenético. Inclinava-se para a frente, como se, com o movimento, pudesse deslocar o carro colina abaixo, festivo.

— Obrigado, meu bem, por me deixar pegar o reembolso da diária de hoje. Tenho certeza que passar a noite em Guadalajara será muito melhor. Muito obrigado!

— Claro, claro.

Joseph enfiou a chave na ignição, pisou no acelerador.

Nada aconteceu.

Pisou novamente no acelerador. Os lábios de Marie retorciam.

— Tem que esquentar um pouco. Essa noite fez muito frio. Joseph tentou mais uma vez. Nada.

Sobre as pernas, as mãos de Marie aflitas.

Joseph tentou outras seis vezes. Depois, reclinou, desistindo.

— Bem...

— Tente de novo, dessa vez vai funcionar.

— Não vai adiantar. Tem alguma coisa errada.

— Você tem que tentar mais uma vez, ora bolas. Joseph tentou mais uma vez.

— Vai funcionar, tenho certeza. A chave está ligada?

— Se a ignição está ligada? Claro que está.

— Não me parece que esteja ligada.

— Está ligada sim.

Joseph torceu a chave, para prová-lo.

— Tente agora. Nada aconteceu.

— Está vendo? Não falei? Marie retrucou:

— Você não está fazendo direito; daquela vez quase pegou.

— Vai arriar a bateria, e só Deus sabe onde comprar bateria por aqui.

— Então, arria a bateria. Tenho certeza de que vai pegar da próxima vez.

— Bem, já que você sabe tudo, tente você mesma. Joseph saiu do carro e convidou-a a vir para a direção.

— Vá! Tente!

Marie mordeu os lábios, sentou-se à direção. Fez, com as mãos, coisas dignas de uma pequena cerimônia mística; com movimentos de mãos e corpo, tentava superar a gravidade, a fricção, e as demais leis naturais. Com o sapato de dedos à mostra, acariciava o acelerador. O carro permanecia quieto, solene. Os lábios apertados de Marie deixaram escapar um gritinho. Marie calcou fundo o acelerador e, ao puxar o afogador, um cheiro forte inundou o ar.

— Você acaba de afogar o carro. Que ótimo! Volte para o seu lugar.

Joseph pediu a três garotos que o ajudasse a empurrar. Ao começarem a descer a ladeira, Joseph pulou para dentro, para passar a mudança. O carro deslizava, suave, aos trancos e rateios. O rosto de Marie, iluminado, na expectativa.

— Assim ele pega.

Nada pegou. Mudos, deslizaram até o posto de gasolina, no pé da ladeira; balançando levemente nas pedras redondas do calçamento, encostaram perto das bombas.

Marie estava sentada, sem dizer nada, e quando o bombeiro deixou a casinhola para vir atendê-los, sua porta estava trancada, o vidro levantado; o bombeiro teve que dar a volta até o lado onde estava o marido, para começar a perguntar.

Ao levantar-se do motor, o mecânico franziu o cenho para Joseph. Calmos, os dois conversaram em espanhol.

Marie desceu o vidro da janela, escutou. Reclamou:

— O que é que ele está dizendo?

Os dois continuaram a conversar. Marie reclamou:

— O que é que ele está dizendo?

O mecânico, moreno, acenava para o motor. Joseph concordava. Os dois conversavam.

Marie quis saber:

— O que há de errado? Joseph irritou-se.

— Espera, porra! Não posso ouvir os dois ao mesmo tempo!

O mecânico segurava o braço de Joseph. Os dois diziam muitas palavras.

— O que é que ele está dizendo?

— Ele disse que...

Perdeu-se, pois o mexicano levou-o até o motor e o fez debruçar-se para constatar uma descoberta seríssima.

— Quanto vai custar?

O grito de Marie, da janela, envolveu as duas costas debruçadas. O mecânico conversava com Joseph.

— Cinquenta pesos — respondeu Joseph.

— E vai demorar quanto tempo?

Joseph perguntou ao mecânico. O homem encolheu os ombros, e os dois discutiram por cinco minutos. Marie insistiu:

— Vai demorar quanto tempo? A discussão persistiu.

O sol se punha no céu. Por sobre as árvores altas, que margeavam o cemitério, Marie olhou para o sol. As sombras aumentaram, aumentaram, até encontrarem o vale, até que o céu, apenas o céu, se tornasse nítido, intocável, azul.

Joseph voltou-se para Marie:

— Dois dias, talvez três.

— Dois dias? Será que ele não pode dar um jeitinho que dê para chegarmos à cidade mais próxima, e o resto a gente conserta lá?

Joseph perguntou ao homem. O homem respondeu. Joseph informou à mulher.

— Não, ele tem que fazer tudo.

— Mas, por quê? Isso é estupidez, é pura estupidez, ele não tem que fazer tudo coisa nenhuma, aposto que não, diga isso a ele, Joe, se ele andar depressa ele consegue.

Os dois a ignoravam. Estavam conversando a sério novamente.

Dessa vez foi tudo em câmera lenta. O tirar as coisas das malas. Joseph fez a parte dele, Marie deixou suas malas perto da porta, ainda trancadas.

- Eu não vou precisar de nada.
- Nem da camisola?
- Não, vou dormir nua.
- Bem, não foi culpa minha. Carro miserável!
- Mais tarde a gente desce para ver como vai indo o trabalho do mecânico.

Marie, sentada na borda da cama. Estavam em quarto novo. Marie recusara-se a ficar no mesmo quarto. Disse que não conseguiria suportá-lo. Quis outro quarto para ter a impressão de que estavam em outro hotel, outra cidade. Portanto, outro quarto, com vista para a ruela, para a rede de esgotos, não mais para a *plaza*, para as árvores em forma de caixa.

— Você tem que descer e supervisionar o trabalho, Joe. Senão, é capaz de durar semanas.

Marie olhou para Joseph.

- Você deveria estar lá agora, em vez de ficar aí parado.
- Vou descer, pode deixar.
- Vou descer com você, vou comprar revista.
- Você não vai encontrar revistas americanas numa cidade dessas.
- Eu vou procurar, não posso não?
- Além disso, estamos com pouco dinheiro. Não quero ter de telegrafar para o banco. Demora muito tempo e dá muita aporrinhção.
- Mas, ao menos as revistas eu posso comprar, não posso?
- Uma ou duas.

Sentada na cama, Marie, feérica, retrucou:

- Quantas eu quiser!
- Porra, Marie, tem mil revistas lá no carro: *Posts*, *Collier's*, *Mercury*, *Atlantic Monthlys*, *Barnaby*, *Superman*! E você não leu nem metade dos artigos.
- Mas não são novas. Não são novas, eu já passei os olhos nelas, e depois que você passa os olhos numa coisa... não sei não.

— Por que não tenta ler em vez de passar os olhos?

Ao descerem para o térreo, a noite já se estabelecera na *plaza*.

— Me dê alguns pesos.

Joseph deu a Marie alguns pesos.

— Como é que eu peço revistas em espanhol?

— *Quiero una publicación americana.*

Joseph caminhava rápido; Marie repetiu a frase, aos tropeços, e riu:

— Obrigada.

Joseph prosseguiu até a oficina mecânica, Marie entrou na primeira *Farmácia Botica*, e todas as revistas dispostas nas prateleiras eram cores estranhas, nomes estranhos. Em rápidos movimentos dos olhos, leu os títulos. Viu um velho atrás do balcão. Perguntou em inglês, com vergonha de tentar as palavras em espanhol:

— Vocês têm revistas americanas? O velho fitou-a.

— *Habla inglés?* — Marie perguntou.

— Não, *señorita*.

Marie procurou as palavras certas.

— *Quiero...* não.

Parou, começou de novo.

— Re — vis — tas *americanos?*

— Ah, não *señorita*.

As mãos espalmaram em gesto largo, à altura da cintura. Depois, como bocas, fecharam-se. A boca abriu e fechou. Os olhos de Marie depararam-se com uma barreira. Aqui estava ela, e aqui estavam essas pessoas, de baixa estatura, de adobe cozido, a quem nada conseguia dizer e de quem ouvia palavras incompreensíveis; aqui estava ela numa cidade incapaz de dizer-lhe palavra, e ela, incapaz de dizer-lhes palavra, senão com rubor, confusão e espanto. E a cidade estava rodeada pelo deserto e pelo tempo, a casa estava distante, distante, em outra vida.

Deu meia-volta e sumiu.

Loja após loja, Marie encontrou apenas revistas cujas capas apresentavam touradas, pessoas ensangüentadas ou padres de batinas rendadas. Mas, por fim, conseguiu comprar, com muita exuberância, e risadas altas, três exemplares da *Post*, e deu ao vendedor da lojinha uma gorjeta respeitável.

Saiu dali apressada, ansiosa; as duas mãos apertavam as *Posts* contra o peito. Depressa pela calçada estreita, deu um saltinho para atravessar uma vala, correu para atravessar a rua, cantou trá-lá-lá, do outro lado, saltou para alcançar a calçada, deu uma pequena corridinha adicional, sorriu um sorriso interior, movendo-se com rapidez, comprimindo as revistas contra o corpo, os olhos semicerrados, respirando o carvão do ar noturno, sentindo o vento resvalar orvalho nos ouvidos.

Refletia a luz das estrelas, em núcleos dourados, nas figuras gregas, majestosas, empoleiradas no topo do Teatro Municipal. No escuro, nas imediações, um homem caminhava com dificuldade; na cabeça, equilibrava um cesto; dentro do cesto, pães de forma.

Marie viu o homem, a cesta equilibrada e, de repente, ficou imóvel, sem sorriso interior, tampouco suas mãos continuaram apertando as revistas. Marie observou o homem caminhar, com uma das mãos levantadas para apoiar o cesto, quando se desequilibrava, definhando rua abaixo; as revistas escorregaram das mãos de Marie, espalharam-se na calçada.

Marie abaixou-se para apanhá-las, rápida, correu para o hotel, e quase caiu ao subir as escadas.

No quarto, Marie estava sentada. Em cada lado, pilha de revistas; aos pés, formavam um círculo. Entreteinha-se com o castelinho que construía com pontes

levadiças de palavras. A toda volta, revistas que comprara, e comprara, e passara os olhos, em dias passados, que constituíam a barricada externa, e do lado de dentro da barricada, sobre as pernas, ainda fechadas, embora as mãos de Marie estivessem trêmulas com o desejo de abri-las, e ler, e ler, reler com os olhos ávidos, estavam as três revistas *Post*, machucadas. Marie abriu a primeira página. Leria página por página, linha por linha, estava decidida. Nenhuma linha passaria despercebida, nenhuma vírgula, fixaria todo anúnciozinho, toda cor. E ainda havia — Marie irradiou-se com a descoberta — nas outras revistas, nas que ali estavam junto aos pés, anúncios e desenhos que negligenciara nas outras vezes — pequenos fragmentos de matéria ali estavam para serem, mais tarde, reconvocados e utilizados.

Esta noite, leria a primeira *Post*; isso, esta noite leria esta primeira *Post*, deliciosa. Iria devorá-la página por página e, amanhã à noite, se houver amanhã à noite, embora talvez não haja amanhã à noite neste lugar, pois talvez o motor pegue, e subirão os odores da exaustão e o chiado redondo de borracha na estrada, e o passeio ao vento, na janela, fará tremular os cabelos — mas, vamos supor, apenas supor que HAJA um amanhã à noite neste lugar, neste quarto. Bem, então, ainda existiriam duas *Posts*, uma para amanhã à noite, a outra para depois de amanhã à noite. Com a língua da cabeça, disse-o com toda convicção. Virou a primeira página.

A segunda página. Os olhos passaram por ela, mais de uma vez, e aqueles dedos, para ela desconhecidos, escorregaram por trás da página seguinte, preparando-se para virá-la; o relógio tiquetaqueava no pulso, o tempo passou e ela, sentada, a virar páginas, a virar páginas, contemplando, ávida, as pessoas emolduradas nas fotografias, pessoas que viviam em outra terra, em outro mundo onde os letreiros de neon, com bravura, preservavam a noite com listas vermelho-rubras, e os cheiros eram cheiros caseiros, e as pessoas falavam palavras simpáticas, e aqui estava ela a virar páginas, e todas as linhas passaram na horizontal, na vertical, e as páginas escaparam-lhe pelas mios, como um leque. Marie jogou a primeira *Post* no chão, apanhou a segunda, e folheou-a em meia hora, jogou no chão, apanhou a terceira, jogou no chão uns bons quinze minutos depois, e percebeu-se respirando, respirando tensa e rapidamente, no corpo, e boca afora. Levou as mãos à nuca.

De algum lugar, soprava uma brisa.

Na nuca, os cabelos levantaram-se.

Marie os tocou com a mão pálida de quem toca a nuca de um taraxaco.

Lá fora, na *plaza*, as luzes da rua balançavam, pareciam refletores malucos ao vento. Jornais passavam pelas valas, emovelos de lã. Sombras pontilhavam, chicoteavam, debaixo das lâmpadas movediças, para um lado e para outro, desse lado uma sombra, num instante, do outro lado a próxima sombra, depois, não há sombra alguma, tudo é luz fria, ausência de luz, tudo é sombra fria, preto-

azulada. Rangiam as lâmpadas nos broches metálicos, suspensos.

No quarto, as mãos de Marie começaram a tremer. Elas as viu tremer. O corpo começou a tremer. Sob o impacto brilhoso, brilhoso, da saia mais brilhosa, mais espalhafatosa, que encontrou para vestir especialmente para a noite, e dentro da qual, frenética, girou e serpeou diante de um espelho do tamanho de um caixão, por baixo da saia de raion o corpo era todo arame, tendão e emoção. Os dentes estalejavam, fundiam, estalejavam. O batom lambuzou, um lábio esmagava o outro.

Joseph bateu à porta.

Estão prontos para dormir. Joseph voltara com novidades, algo fora feito no carro, mas iria demorar, voltaria amanhã.

— Mas não bata a porta!

Marie despiu-se diante do espelho.

— Então não a feche.

— Vou deixar fechada. Em vez de bater, chame.

— Qual é o problema em bater na porta?

— O som é meio esquisito.

— Como assim, esquisito?

Marie não diria nada. Via-se no espelho, nua, com as mãos pendentes, e lá estavam seus seios, quadris, e todo o corpo, que se movimentava, que sentia o chão debaixo dos pés, e as paredes e o ar em volta, e os seios saberiam quando mãos os tocassem, e o estômago não emitiria um som oco quando tocado.

Joseph já fora para a cama.

— Pelo amor de Deus, não fique aí se admirando desse jeito! O que é que você está fazendo? Que coisa é essa de colocar as mãos no rosto? V

Joseph apagou a luz.

Marie não conseguiria dizer nada, pois não conhecia palavras que Joseph conhecia, e Joseph nada diria que ela conhecesse, e assim foi para a cama, escorregou coberta adentro, e lá está Joseph de costas para ela, na outra cama, idêntico a essas pessoas morenas, tostadas, desta cidade distante, em solo lunar, e a terra verdadeira situava-se em algum lugar onde, para chegar lá, seria preciso uma viagem interplanetária. Se Joseph falasse com ela, e ela com ele, esta noite, a noite talvez fosse ótima, fácil seria respirar e relaxar os vasos sanguíneos dos artelhos, dos pulsos, das axilas, mas, como não houvesse palavra, a noite passou com dez mil tique-taques e dez mil enroladas de cobertor, e o travesseiro passou como um forinho branco, aquecido, sob a bochechas, e o negror do quarto foi um cortinado contra mosquitos, tão colgado que Marie enrolou-se numa das dobras. Se ao menos os dois trocassem uma só palavra. Mas não trocaram, e as veias não se aquietaram nos pulsos, o coração passou como um fole soprando, sem parar, sobre uma brasa minúscula, feita de medo, iluminando-a sem parar,

colorindo-a de vermelho-cereja, e de novo, pulsando, e, de novo, uma luz que se desenvolvia para o interior e que seus olhos internos contemplavam, estatelados, com um fascínio indesejável. Os pulmões não descansaram; foram, ao contrário, exercitados como se Marie tivesse acabado de se afogar, e ela própria tivesse ministrado, em si mesma, a respiração artificial para dar prosseguimento à última vida. Tudo isso lubrificado pelo calor daquele corpo brilhoso, Marie colada, de modo irreversível, entre os cobertores, como se estivesse comprimida, amassada, com um aroma úmido, entre as páginas brancas de um livro pesado.

Assim deitada, ao chegarem as horas da meia-noite, Marie já era criança novamente. Deitada, neste momento, de novo, o coração bate em histeria ribombante, depois, aquieta-se, com pensamentos tristes, lentos, de uma infância bronzada, quando tudo era sol ensolarando as folhas verdes, ensolarando a água e ensolarando os cabelos louros de uma criança. Rostos fluíam num carrossel de reminiscências, um rosto corria para encontrá-la, de frente para ela, ao fundo, à direita; outro, lá da esquerda, surgia girando, um fragmento rápido de conversa interrompida, que se perde à direita. Girando, girando. Puxa, que noite longa. Para consolar-se, pensou no carro pegando amanhã de manhã, o som da marcha lenta, o som de potência, a estrada passando por baixo. Na escuridão, Marie sorriu de prazer. Mas, logo depois: e se o carro não pegar? Marie encolheu-se no escuro, como papel que queima, resseca. E todas as dobras, todos os cantos se enrascaram; à volta, o relógio continuava, tique-taque, tique-taque, e mais tique-taque, tique-taque, tique-taque e mais um tique-taque, para prosseguir ressecando.

Manhã. Marie olhou para o marido, deitado, reto, confortável, na cama. Deixou ficar a mão, lassa, no espaço fresco entre as duas camas. A mão ali passara, naquele intervalo vazio, frio, toda a noite, a certa hora, chegou a esticá-la na direção de Joseph, mas como o espaço fosse um pouco grande demais, Marie não conseguiu alcançá-lo. Batera na própria mão, e esperou que Joseph não tivesse escutado aquele movimento de aproximação silenciosa.

E lá estava ele agora, deitado. Os olhos cerrados, leves, os cílios delicadamente entrefechados, qual dedos engatados. A respiração tão tranqüila que mal se viam mover as costelas. Como de costume, a esta hora da manhã, Joseph já tirara o pijama. O peito nu expunha-se a partir da cintura. O resto está encoberto. A cabeça repousa no travesseiro, o perfil pensativo.

No queixo, um fio de barba em pé.

A luz da manhã expôs o branco dos olhos de Marie. No quarto, eram as únicas coisas em movimento, em partidas e paradas lentas, delineando a anatomia daquele homem do outro lado.

Cada fiozinho de cabelo, no queixo e nas bochechas, perfeito. Uma minúscula bola de luz passa pela cortina da janela, pousa no queixo de Joseph e individualiza, como os espetos de um cilindro de caixa de música, cada um dos

fiozinhos do rosto.

Nos dois lados, os pulsos exibem fiozinhos negros encaracolados, todos perfeitos, individualizados, brilhantes, cintilantes.

Os cabelos da cabeça, intactos, fio por fio preto, até a raiz. As orelhas maravilhosamente entalhadas. Por trás dos lábios, os dentes intactos.

Marie gritou:

— Joseph!

Gritou de novo, numa repetição de terror.

Dlon! Dlon! Dlon! O trovão do sino ressoou do outro lado da rua, na catedral azulejada.

As pombas alçaram um vôo branco, rodeado, de papel, pareciam revistas atiradas pela janela! As pombas contornaram a *plaza*, em espiral ascendente. Dlon, soou o sino. Fon, a buzina um táxi. Ao fundo de uma ruela, uma caixa de música tocava "Cielito Lindo".

Os pingos da torneira da pia do banheiro ofuscaram tudo isso.

Joseph abriu os olhos.

A mulher estava sentada na cama; fitava-o.

— Pensei que... Joseph piscou.

—...Não, não...

Joseph cerrou os olhos e balançou a cabeça.

— São os sinos... Suspirou.

—...Que horas são?

— Não sei, não. Ah, sei sim, são oito horas. Joseph deitou de bruços, murmurou:

— Ainda dá para mais três horas de sono.

— Mas você tem que levantar!

— Não tem ninguém acordado ainda. Só começam a trabalhar às dez na oficina, você sabe; é impossível apressar esse povo. Agora fique quietinha, tá?

— Mas você tem que levantar!

Joseph virou de lado. A luz do sol bronzeava os fios de cabelo negros, caídos sobre o lábio superior.

— Por quê? Em nome de Deus, por que é que eu tenho que levantar? Marie falou quase aos gritos:

— Você precisa se barbear. Joseph resmungou.

— Quer dizer, então, que eu tenho que me levantar e ensaboar a cara às oito da manhã, só porque eu preciso fazer a barba?

— Bem, você está precisando fazer a barba mesmo.

— Eu só vou me barbear no Texas.

— Você não pode sair por aí assim, parecendo um vagabundo!

— Posso... e vou. Tenho me barbeado toda manhã, durante trinta manhãs infernizantes, colocado gravata e usado vinco na calça. Daqui por diante,

acabaram-se as calças, as gravatas, a barba, tudo!

Foi tão forte o puxão no cobertor que, cobrindo-lhe os ouvidos, descobriu-se uma das pernas nuas.

A perna pendia na borda da cama, branca, aquecida à luz do sol; perfeitos... os fios de cabelo negro.

Os olhos de Marie escancararam, focalizaram, e fixaram-se na perna de Joseph.

Marie levou a mão à boca, e tapou-a, com força.

Durante o dia, Joseph entrou e saiu diversas vezes do hotel. Não se barbeou. Lá embaixo, caminhou pelos azulejos *da plaza*, tão devagar que Marie, ali da janela, pensou em atirar nele uma faísca elétrica. Lá embaixo, Joseph deu uma parada, conversou com o gerente do hotel, sob uma das árvores podadas em forma de caixa de chapéu, brincando com os sapatos nos azulejos da plaza, azuleiros. Nas árvores, olhou os pássaros e viu as estátuas do Teatro Municipal vestidas com o dourado fresco da manhã; numa esquina, observou o tráfego, meticulosamente. Não havia tráfego algum! Ficou ali de propósito, sem pressa, sem se voltar para olhar Marie. Por que não corria, não galopava rua abaixo, colina abaixo, e ia esmurrar a porta da oficina, ameaçar o mecânico, levá-lo pelas calças e enfiá-lo dentro do capô do carro? Não, ficou ali, assistindo a passagem daquele tráfego ridículo! Um porco manco, um homem de bicicleta, um Ford 1927. e três crianças seminuas. Anda! Anda! Anda! Marie gritou calada, e quase espatifou a janela.

Do outro lado da rua, Joseph passeava, devagar. Dobrou a esquina. Durante todo o trajeto até a oficina, parou para ver vitrines, para ler avisos, olhar fotografias, manusear cerâmica. Talvez parasse para tomar uma cerveja. Claro, claro, uma cerveja!

Marie caminhou pela *plaza*, tomando sol, e saiu à procura de mais revistas. Limpou as unhas, lustrou-as, tomou um banho, voltou para caminhar na *plaza*, comeu muito pouco, e voltou para o quarto para alimentar-se com as revistas.

Não se deitou. Teve medo de se deitar. Sempre que se deitava, entrava numa espécie de sonho, numa espécie de modorra, em que se lhe revelava, em melancolia impotente, toda a infância. Velhas amizades, crianças que não via, ou de quem não se lembrava, há vinte anos, enchiam-lhe a cabeça. Pensava em coisas que quis fazer e nunca fez. Nos últimos oito anos, desde que terminara a Faculdade, sempre pensara em telefonar para Lila Holdridge, mas, por isso ou por aquilo, jamais o fizera. Haviām sido grandes amigas! Cara Lila! Se se deitasse, pensaria nos bons livros, novos e velhos, que sempre desejara comprar, e, agora, talvez, não possa mais comprar, nem ler. Marie sempre apreciou os livros, e o cheiro dos livros. Pensou em mil coisas tristes. Sempre, durante toda a vida, quisera ter a coleção de Oz, mas nunca a comprara. Por que não a

comprou quando ainda existia vida? Seria a primeira coisa a fazer ao chegar em Nova Iorque, comprá-la! E telefonar imediatamente para Lila! E ir ver Bert, Jimmy, Helen, Louise, ir até Illinois e passear pelos lugares da infância, e ver o que havia para ver por lá. Se é que iria voltar para os Estados Unidos? Dorido, dentro de Marie, o coração batia, pausava, continha-se, e batia novamente. Caso ela voltasse...

Crítica, Marie escutava o coração.

Pam, pam, batidas surdas. Pausa. Pam, pam, batidas surdas. Pausa.

E se parasse bem agora, agora que o estava escutando?

Pronto!

Dentro de Marie, silêncio.

— Joseph!

Marie deu um salto. Agarrou os próprios seios, como se fosse apertá-los, como a bombeá-los para reativar o coração mudo.

O coração abriu, fechou, rateou, nervosamente, vinte vezes em rápidas pancadas.

Marie afundou-se na cama. E se parasse de novo, e não andasse mais? O que iria pensar? O que faria? Morreria de medo, isto sim. Que piada, muito engraçada: morrer de medo por ouvir parar o coração. Teria de ficar escutando, teria de mantê-lo funcionando. Queria voltar para casa, ir ver Lila, comprar livros, dançar de novo, caminhar no Central Parke... ouça...

Pam, pam, pam. Pausa.

Joseph bateu à porta. Bateu à porta, o carro ainda não estava pronto, haveria mais uma noite; e Joseph não se barbeara, perfeitos os fiozinhos de barba no queixo, as lojas de revistas estavam fechadas, e não havia mais revistas, os dois fizeram a ceia, um pouco demais para Marie, de qualquer maneira, e Joseph saiu para a noite, foi caminhar pela cidade.

De novo, Marie sentou-se na cadeira; os cabelos eriçaram, lentos, como se o pescoço estivesse imantado. Marie, muito fraca, não conseguia levantar-se da cadeira, não possuía corpo, era apenas uma batida de coração, uma pulsação imensa, de calor e dor, entre as quatro paredes do quarto. Os olhos quentes e prenhes, esticados com o feto do pânico dentro dos lábios protuberantes, retesados.

Bem lá no fundo, sentiu soltar-se, pequeno, o primeiro dente da engrenagem. Mais uma noite, mais uma noite, mais uma noite, pensava. Ainda mais longa que a de ontem. Soltou-se o primeiro dente, o pêndulo manquejou. Seguiram-se o segundo e o terceiro, engatados. Os dentes da engrenagem apoiavam-se uns nos outros, o pequenino, num ligeiramente maior, o ligeiramente maior, num maiorzinho, o maiorzinho, num grande, o grande, num muito grande, o muito grande, num enorme, o enorme, num colossal...

Um gânglio vermelho, do tamanho de um filamento escarlate, estalou; palpitou; um nervo, do tamanho de uma fibra de linho, vermelha, retorceu. Bem no fundo, um pequenino mecanismo se fora, e toda a engrenagem, desequilibrada, estava prestes a despedaçar-se em frangalhos.

Marie não ofereceu resistência. Deixou que tudo trepidasse, a aterrorizasse, que sacudisse o suor do cenho, sacudisse toda a coluna, que lhe inundasse a boca como um vinho horrível. Era como se um giroscópio quebrado se inclinasse ora para um lado, ora para outro, e, dentro dela, vagasse sem rumo, tremesse, gemendo. A cor esvaiu-se-lhe do rosto, como a luz que emana de uma lâmpada recém-apagada, como faces de cristal do bulbo exibindo veias e filamentos descorados...

Joseph estava no quarto; Joseph chegara, e Marie nem o ouvira entrar. Estava no quarto, mas não fazia diferença alguma; a chegada nada mudara. Joseph aprontava-se para dormir; andando pelo quarto, não disse palavra; Marie não disse nada, apenas deixou-se cair na cama, enquanto Joseph andava, de um lado para o outro, num espaço — exterior a Marie — cheio de fumaça; quando Joseph falou, Marie já não ouviu.

Marie marcou o tempo. A cada cinco minutos, olhava o relógio, e o relógio tremia, o tempo tremia, os cinco dedos desdobravam-se em quinze e reagrupavam-se em cinco. O tremor não parava. Marie pediu água. Na cama, de um lado para outro, sem parar. Lá fora, o vento soprava, fazendo empinar as luzes, derramando chispas de iluminação que iam atingir os edifícios soprados por rajadas de vento ao longo das fachadas, fazendo rutilar as janelas, qual olhos estatelados, e fechar rapidamente no exato momento em que a luz mudava de direção. Lá embaixo, tudo quieto depois do jantar, de lá não ouviam som algum. Joseph estendeu a Marie a jarra d'água.

Marie afundou-se nas dobras da coberta.

— Estou com frio, Joseph.

— Está tudo bem.

— Não, não está não. Eu não estou bem. Estou com medo.

— Não há nada a temer.

— Quero pegar o trem e ir embora para os Estados Unidos.

— Há um trem em León, mas aqui não. Joseph acendeu outro cigarro.

— Vamos de táxi.

— Nesses táxis? Com esses motoristas? E deixar nosso carro aqui?

— É. Eu quero ir embora.

— De manhã você estará melhor.

— Não, não vou melhorar não, eu sei. Não estou me sentindo bem.

— Vai custar uns trezentos dólares para mandar entregar o carro em casa!

— Não tem importância! Eu tenho duzentos dólares no banco. Eu pago... mas, por favor, vamos embora!

— Amanhã você melhora, com o sol. Isso é só porque o sol já se pôs.

— É, o sol já se pôs, e está ventando...

Marie falou, num murmúrio, cerrou os olhos e virou a cabeça, para escutar.

—... um vento solitário. O México é uma terra estranha. Toda essa mata, esses desertos, esses longos descampados, de repente, uma cidadezinha, como esta, com algumas luzinhas acesas, que a gente pode fazer desaparecer com um estalar dos dedos...

— É uma terra muito vasta.

— Será que essas pessoas nunca se sentem solitárias?

— Já estão acostumadas.

— E medo, será que não sentem?

— Para isso eles têm a religião.

— Eu queria ter uma religião.

— No momento em que você passa a ter religião, você pára de pensar. Se você acreditar muito numa coisa, não terá mais espaço para novas idéias.

Marie estava enfraquecida.

— Hoje, tudo o que eu queria era não ter mais espaço para novas idéias, queria parar de pensar, queria acreditar em alguma coisa, para não ter tempo para sentir medo.

— Você não está com medo... Marie o ignorou.

— Se eu tivesse uma religião, teria uma alavanca com que me levantar. Mas, como não tenho alavanca, não sei o que fazer para me levantar.

Joseph falou sozinho. Sentou-se.

— Pelo amor de Deus!

— Eu tinha uma religião...

— Batista?

— Não, isso foi aos doze anos; superei. Foi depois.

— Você nunca me contou.

— Você deveria saber.

— Qual foi a religião? Santos de gesso na sacristia? Algum santo especial a quem você gostava de contar suas peripécias?

— E ele correspondia às suas preces?

— Durante um certo tempo, sim. Depois, não; nunca. Nunca mais. Há anos. Mas eu continuo rezando.

— Qual é o santo?

— São *Joseph*.

Joseph levantou-se, com o jarro de vidro, serviu-se de um copo d'água; a água corrente ressoou no quarto.

— Meu nome!

— Coincidência...

Por instantes, os dois entreolharam-se.

Joseph afastou os olhos. Bebeu toda a água do copo.

— Santos de gesso.

Um minuto depois;

— Joseph?

— O que é?

— Segure na minha mão.

Joseph suspirou, exclamou:

— Ah, as mulheres!

Joseph foi até Marie e segurou-lhe a mão. Um instante, Marie retirou a mão, escondeu-a debaixo do cobertor, deixando vazia a mão de Joseph. Com os olhos cerrados, as palavras trêmulas, Marie pronunciou:

— Pode deixar. Não está tão bom quanto eu o havia imaginado. É muito bom o jeito que eu imagino você pegando na minha mão.

— Ó deuses, me acudam!

Joseph foi ao banheiro. Marie apagou a luz. Exposta, apenas, a estreita fresta de luz debaixo da porta do banheiro. Marie escutava o coração. O coração batia cento e cinquenta vezes por minuto, constante, e o tremorzinho queixoso ainda se fazia sentir no interior do tutano, como se, dentro de cada osso, uma varejeira azul estivesse presa, serelepe, zunindo, sacudindo, tiritando muito, muito, muito. Os olhos de Marie voltaram-se para si própria, para observarem seu coração secreto sacolejar e despedaçar contra o lado do peito.

A água escorria no banheiro. Marie ouviu Joseph escovar os dentes.

— Joseph. Vem cá.

Lá de trás da porta, Joseph respondeu:

— O que é que você quer?

— Quero que você me prometa uma coisa. É um favor que você me faz... um favor.

— O que é?

— Primeiro, abra a porta.

Joseph reclamou, lá de trás da porta:

— O que é?

— Me promete... Marie parou.

Depois de longo silêncio, Joseph perguntou:

— Te prometer o quê?

— Me promete...

Marie não conseguiu continuar. Lá está ela, deitada. Joseph, sem nada dizer. Marie ouviu o relógio e o coração baterem juntos. Lá fora, um lampião rangeu.

— Me promete que...

Sufocada, paralisada, como se estivesse conversando com Joseph, à distância, numa das colinas das imediações, Marie ouviu as próprias palavras.

—... se alguma coisa acontecer comigo, você não vai me enterrar no

cemitério daqui, naquelas catacumbas horrendas!

Lá de trás da porta, Joseph respondeu:

— Você tem cada bobagem!

— Você promete? É um favor, promete?

— Amanhã de manhã você já vai estar melhor.

— Promete, anda! Só para eu poder dormir. Só vou conseguir dormir se você disser que não vai deixar que me enterrem aqui. Eu não quero ser enterrada aqui.

Joseph perdeu a paciência.

— Porra, que besteirada!

— Por favor...

— Por que é que eu tenho que fazer essa promessa ridícula? Amanhã você já vai estar bem. E, além disso, mesmo que você morra, vai ficar muito bonita, em pé, na catacumba, entre o Sr. Careta e o Sr. Bocejo, com um raminho de ipoméias nos cabelos.

Joseph riu um riso sincero.

Silêncio. Lá está Marie, deitada na escuridão.

De trás da porta, jocoso, Joseph perguntou:

— Você não acha que vai ficar bonita naquele lugar?

No quarto escuro, Marie não respondeu.

— Não acha?

Alguém passou pela *plaza*, quase sem fazer ruído, e sumiu. Joseph escovava os dentes..

— Êi..

Lá está Marie, deitada, fitando o teto, o peito subindo e descendo, cada vez mais rápido, mais rápido, o ar entrando e saindo, entrando e saindo pelas narinas, um fiozinho de sangue escorrendo dos lábios contraídos. Os olhos bem abertos, as mãos cegas apertavam a roupa de cama.

De trás da porta, Joseph repetiu:

— Êi...

Marie não disse nada.

Debruçado no jato da torneira, enxaguando a boca, Joseph disse consigo mesmo:

— Se vai! Vai ficar lindíssima! Nada de Marie, na cama.

Joseph postou-se diante do espelho.

— As mulheres são engraçadas... Lá estava Marie, deitada na cama.

Joseph gargarejava, com um anti-séptico; depois, cuspiu tudo no ralo da pia.

— Claro... Amanhã de manhã você já estará boazinha! De Marie, nenhuma palavra.

— O carro vai ficar pronto.

Marie não disse nada.

— Que chegue o amanhã, antes mesmo que você o perceba!

Joseph enrascava tampinhas em coisas, e passava loção de barba no rosto.

— E que o carro esteja pronto amanhã. No máximo, talvez, depois de amanhã. Você não se incomoda de passar mais uma noite aqui, não é mesmo? Marie não respondeu.

— Você vai ficar aborrecida?

Nenhuma resposta.

A luz da fresta piscou, desligando.

— Marie...

Joseph abriu a porta.

— Você está dormindo?

Deitada, Marie está com os olhos estatelados, os seios sobem e descem..

— É, está dormindo. Bem, boa-noite, senhora.

Joseph foi para a cama.

— Estou cansado... Nenhum comentário.

— É... estou cansado.

Lá fora, o vento sacolejava as lâmpadas; o quarto oblongo, escuro; Joseph, na cama, já dormitava.

Marie, na cama, está de olhos bem abertos, o relógio tiquetaqueando no pulso, os seios subindo e descendo.

Estava um bonito dia, ao atravessar o Trópico de Câncer. O automóvel varava a estrada sinuosa, deixando para trás aquela terra de mato, rumo aos Estados Unidos, roncando por entre colinas verdes, fazendo todas as curvas, deixando, para trás, um rastro débil de fumaça, que se ia diluindo. Dentro do automóvel lustroso, Joseph dirigia; tinha o rosto róseo, saudável, um chapéu Panamá, e a pequenina câmara embalada no colo; uma tira de seda negra envolvia-lhe o braço esquerdo do terno castanho-amarelado. Joseph observava os campos, que deslizavam; involuntário, fez um gesto na direção do assento ao lado, e parou. Irrompeu num sorriso tímido e voltou o olhar novamente para o pára-brisa, sussurrou uma melodia sem melodia, a mão, lenta, tentou tocar o assento ao lado...

... Vazio.

A Ficha de Pôquer Sempre Atenta de H. Matisse

Quando conhecemos George Garvey, não demos um tostão furado por ele. Mas, com o tempo, ele irá usar seu monóculo — uma ficha de pôquer com um olho azul pintado no meio pelo próprio Matisse. E depois, quem sabe, uma gaiola dourada ainda venha a gorjear dentro de sua perna artificial, ou sua mão esquerda, a mão boa, venha a ser modelada em cobre e jade lustroso.

Mas, no começo, perceba um homem assustadoramente vulgar.

— A seção econômica, meu bem?

Os jornais farfalham no apartamento noturno.

— O boletim meteorológico diz "chuva amanhã".

Nas narinas, os fiapos pretos expiram, inspiram, leves, leves, e as horas passam.

— Hora de dormir.

Pelo aspecto, nascera, mui obviamente, de manequins de vitrine, de 1907. Com o truque, muito admirado pelos mágicos, de sentar-se numa cadeira de veludinho verde e... sumir! Se virarmos o rosto, não mais nos lembramos do rosto de Garvey. Pudim de baunilha.

Um reles acidente, porém, fez dele o núcleo do movimento literário mais audacioso da história!

Por vinte anos, Garvey e a mulher viviam em farta solidão. A mulher era de bela carnção, mas o azar de encontrá-lo bem serviu para afastar as visitas. Ambos, marido e mulher, não suspeitavam do talento de Garvey para mumificar as pessoas instantaneamente. Ambos diziam-se satisfeitos com as muitas noites a sós, sentados, depois de um dia de trabalho agitado. Tinham empregos anônimos. E nem se lembravam, muitas vezes, do nome da pálida companhia, que os utilizava como tinta branca pintada sobre tinta branca.

Entre para a vanguarda! Entre para o Septeto do Porão!

Estas almas tão estranhas floresceram nos porões de Paris, ouvindo um tipo de *jazz* dolente, mantendo uma relação bem volátil durante uns seis meses, ou mais, e, ao retornarem aos Estados Unidos, num ponto de clamorosa desintegração, esbarraram no Sr. George Garvey.

Alexander Pape, antigo potentado da courriola, exultou:

— Meu Deus! Encontrei o maior chato do mundo! Vocês têm que conhecê-lo!

No apartamento de Bill Timmin, na noite anterior, o bilhete dizia que Bill voltaria em uma hora. No corredor, esse tal de Garvey perguntou se eu não queria esperar no apartamento dele. Então, sentamos, Garvey, a mulher, e eu! Inacreditável! Ele é um Tédio monstruoso, produzido por nossa sociedade materialista. Conhece mil maneiras de te paralisar! E o rococó absoluto, um

talento para induzir ao estupor, ao sono profundo, ou à parada cardíaca. Um caso que merece ser estudado. Vamos lá todo mundo, fazer uma visitinha!

Apinhados como urubus! A vida flui até a porta de Garvey, a vida sentou-se à sala de visitas. O Septeto do Porão empoleirou-se no sofá franjado, observando a presa.

Garvey inquietou-se.

— Vocês querem fumar? Porque... fumem à vontade. Sorriu, tímido.

Silêncio.

Eis as instruções: "A palavra de ordem é todo mundo quieto. É o único jeito de vermos o estupendo exemplar que ele é. Zero absoluto em matéria de cultura americana!

Depois de um silêncio em que ninguém piscou por uns três minutos, o Sr. Garvey inclinou-se para a frente. Perguntou:

— O senhor trabalha em que, Sr....?

— Crabtree. O poeta.

Garvey refletiu sobre a resposta.

— E como vai seu trabalho?

Mudez total.

Eis um silêncio típico de Garvey. Eis o maior fabricante, o maior emissor de silêncios do mundo; é só escolher um tipo, e Garvey o apronta, embala, e dá o laço, com todos os pigarrs e cochichos. Silêncios envergonhados, dolorosos, calmos, serenos, indiferentes, abençoados, dourados ou nervosos; Garvey estava no centro de todos.

Bem, nesta noite, o Septeto do Porão apenas chafurdou no silêncio. Mais tarde, no apartamento de água fria, debruçados sobre uma garrafa de "um vinhozinho tinto apropriado" (passavam por uma fase que os levava a contactar a realidade *real*), despedaçaram o silêncio e preocuparam-se.

— Vocês viram que ele não parou de pegar no colarinho? Caramba!

— É mesmo, mas eu devo admitir que ele é quase "insensível". Quando alguém falou de Muggsy Spanier e Bix Beiderbecke, vocês repararam na expressão dele? Muito insensível. Eu queria ser assim, desligado, desprovido de emoções.

Pronto para dormir, George Garvey, refletindo sobre a extraordinária noite, descobriu que, quando perdia o controle da situação, quando conversava sobre música ou literatura, entrava em pânico, congelava.

Isto, ao que parece, não preocupava muito aquelas visitas um tanto oblíquas. Para falar a verdade, quando se foram, apertaram-lhe a mão com vigor e agradeceram-lhe pelas horas maravilhosas que ali haviam passado.

Pela cidade, Alexander Pape exultava:

— O verdadeiro, o maior especialista em chatice.

— Vai ver que agora ele está rindo de nós! — retrucou Smith, o poeta menor,

que, quando acordado, jamais concordava com Pape.

— Vamos pegar Minnie e Tom; eles vão adorar o Garvey. Uma noite única. Vamos ter assunto para muitos meses!

Smith, o poeta menor, cerrou os olhos, presunçoso:

— Vocês repararam nas torneiras do banheiro? Têm água quente! Irritados, todos fitaram Smith.

A nenhum ocorrera a idéia de *experimentá-las*.

A curriola, fermento inacreditável, foi batendo em portas e janelas, crescendo.

— Vocês ainda não conhecem o casal Garvey? Meu Deus! Então é melhor entrar logo no caixão! É *impossível* que o Garvey não ensaie! *Ninguém* consegue ser tão chato sem um pouco de Stanislavsky!

Nesse momento, o orador, Alexander Pape, que costumava deprimir o grupo com suas imitações perfeitas, começou a macaquear o comentário, pausado e reflexivo, de Garvey:

— "Ulisses? Não é um livro sobre os gregos, um navio e um monstro de um olho só? Como?" Intervalo. "Ah..." Outro intervalo. "Entendo". Um recostar na cadeira. "Foi James Joyce quem escreveu *Ulisses*? Estranho, eu tinha certeza de que me lembrava, anos atrás, no colégio..."

Mesmo odiando Alexander Pape por suas brilhantes imitações, o grupo contagiou-se com a continuação:

— "Tennessee Williams? Não foi ele quem escreveu aquela valsa caipira?"

Todos insistiam:

— Anda logo, diz logo onde é que mora esse Garvey?

O Sr. Garvey comentou com a mulher:

— Caramba! A vida anda engraçada ultimamente. A mulher retrucou:

— É você mesmo. Você reparou que eles prestam atenção em tudo o que você diz?

— É uma atenção tão obsessiva que parece chegar às raiais da histeria. A mínima coisa que eu diga parece fazê-los explodir. Estranho. No escritório, as piadas que faço ficam pelas paredes. Aqui, por exemplo, hoje, não tive a menor intenção de ser engraçado. Deve ser um filãozinho de picardia que corre, inconsciente, tranquilo, sub-repticiamente, em tudo o que faço, em tudo o que digo. É bom saber que conto com essa reserva. Ah, a campanha! Lá vamos nós, de novo!

Alexander Pape exultava:

— Ele é especialmente incomum quando acordado às quatro da tarde. Uma mistura de cansaço com moralidade de *fin de siècle*, a salada habitual.

Estavam todos um tanto agastados com Pape por ter sido dele a idéia de ir visitar Garvey à tarde. Mesmo assim, o interesse corria solto depois de uma meia-noite de fim de outubro.

O inconsciente confiou, ao Sr. Garvey, um segredo íntimo: fora o Sr. Garvey o responsável pela abertura de uma nova temporada teatral, cujo sucesso dependia da permanência da força entediante que inspirava nas pessoas. A despeito disso, saboreando, Garvey tentava adivinhar o motivo por que aqueles lemingues vinham se acotovelando em seu mar particular. No fundo, fora um jovem surpreendentemente brilhante, embora seus pais, nada imaginativos, tivessem-no sufocado num clima de Leito Estranho e Abominável. Daí, fora atirado num espremedor de limões, ainda maior: o Escritório, a Fábrica, a Esposa. Resultado: um homem cujas potencialidades eram uma bomba-relógio bem ali, na própria sala de estar. O inconsciente reprimido de Garvey reconhecia, de certo modo, que os vanguardistas jamais haviam conhecido alguém como ele, ou melhor, já haviam conhecido milhões de pessoas como ele, mas jamais haviam parado para estudar uma delas.

E lá estava ele, a primeira das celebridades do outono. Um mês depois, talvez fosse algum abstrato de Allentown — que talvez trabalhe numa escada de dois metros de altura, e pinte, com tinta doméstica, em duas cores apenas, azul e cinza-nuvem, ou, com instrumentos de confeitaria bolos ou aerossóis de inseticidas, pinte telas revestidas com camadas de mucilagem e borra de café — e que precise apenas de algum reconhecimento para subir. Ou então um funileiro, fabricante de móveis, de Chicago, de quinze anos de idade, já carregando a velhice da sabedoria. O inconsciente perspicaz do Sr. Garvey ficou ainda mais desconfiado ao cometer o grave erro de ler a revista predileta dos vanguardistas, a *Nucleus*.

— Olha só esse artigo sobre Dante! Fascinante! Principalmente quando coloca em discussão as metáforas espaciais contidas nos contrafortes do *Antipurgatorio* e do *Paradiso Terrestre* no topo da Montanha. A parte que fala dos Cantos XV - XVIII, os chamados "cantos doutrinários", é brilhante!

A reação do Septeto do Porão?

Estupefatos, todos!

Houve um arrepio perceptível.

E foram saindo de fininho quando, em vez de agir como um delicioso massificado, como um sujeito preocupado em acompanhar o status dos vizinhos, um sujeito dominado pela engrenagem, de vida desenxabida, em desespero mudo, Garvey os deixou exasperados com suas opiniões sobre *Does Existentialism Exist, or is Draft-Ebbing?* Não queriam dele, informou o inconsciente, opiniões de flautim, sobre alquimia ou simbolismo. Queriam apenas o habitual pão com manteiga caseira derretida, para irem ruminá-lo mais tarde nalgum bar, à meia-luz, e exclamar "que delícia!"

Garvey recuou.

Na noite seguinte, retomara o antigo e precioso eu. Dale Carnegie?

Esplêndido líder religioso! Hart Schaffner & Marx? Melhores que Bond Street! Membro do Clube do Pós-Barba? Garvey era. O último Livro-do-Ano? Está ali mesmo em cima da mesa! Será que já haviam experimentado Elinor Glyn?

Horrorizado, deliciado, o Septeto do Porão. Concordaram com a agressão de ouvir o programa de Milton Berle. Garvey ria de tudo o que Berle dizia. A vizinhança dera um jeito de gravar diversas novelas radiofônicas, que iam ao ar durante o dia, e Garvey, à noite, passou a ouvir as gravações, enquanto o Septeto do Porão analisava-lhe a fisionomia e a devoção irrestrita a *Ma Perkins* e a *John's Other Wife*.

Garvey estava ficando esperto. O eu interior comentava: você está no alto! Fique aí! Agrade o público! Amanhã, coloque os discos das Two Black Crows [As Duas Gralhas Negras]! Olhe onde você está pisando! Bonnie Baker, ora... é isso! Eles serão tomados de sobressalto, não acreditarão que você gosta mesmo de ouvi-la cantar. E Guy Lombardo? Eis o ingresso!

A mentalidade de rebanho, observou o inconsciente. Você é um símbolo da multidão. Eles vieram estudar a horrenda vulgaridade desse Homem da Massa imaginário, que fingiam detestar. Mas a cascavel os deixou fascinados.

Adivinhando-lhe os pensamentos, a mulher objetou:

— Eles gostam de você. Garvey ponderou:

— De um modo algo temeroso. Fiquei acordado, pensando em por quem teriam vindo me procurar. Eu sempre me odiei, me entediei. Um idiota grisalho e tagarela. Não existe, em minha mente, sequer um pensamento original. E tudo o que eu sei é: adoro a companhia das pessoas. Sempre quis ser gregário, e nunca tive oportunidade. Nos últimos meses, tenho me divertido a valer! Mas o interesse deles está diminuindo. Quero as pessoas para sempre! Para isso, que devo fazer?

O inconsciente forneceu uma lista de aquisições. *Cerveja. Pouco criativo.*

Biscoitos salgados. Deliciosamente "ultrapassados".

Passar na minha mãe. Pegar o quadro de Maxfield Parrish, aquele com marcas de moscas grudadas, desbotado de sol Palestra sobre o mesmo hoje à noite.

Lá pelo mês de dezembro, o Sr. Garvey andava realmente receoso.

O Septeto do Porão já se acostumara a Milton Berle, a Guy Lombardo. Tanto racionalizaram, de fato, que haviam chegado a uma posição de aclamar Berle como a verdadeira e única expressão do povo americano; e Lombardo estava vinte anos à frente de sua época; as pessoas mais sórdidas gostavam dele pelas razões mais simplórias possíveis.

Balançava o império de Garvey.

De repente, era apenas uma pessoa a mais, já não mais divertia o gosto dos amigos; em vez disso, perseguia-os ao vê-los aderirem a Nora Bayes, ao Quarteto Knickerbocker, de 1917, a Al Johnson cantando "Onde Robinson Crusoe levava Sexta-Feira aos sábados à noite?" e a Shep Fields e seu Ritmo Ondulante. A

redescoberta de Maxfield Parrish deixou o Sr. Garvey na extremidade norte do pasto. De um dia para o outro, todos concordaram: cerveja é coisa de intelectual. É uma pena que tantos idiotas bebam cerveja!

Em resumo, os amigos desapareceram. Alexander Pape — corria o boato, por gozação — pensava em colocar água quente em seu apartamento de água fria, uma mistificação abominável, sufocada, entretanto, somente depois do declínio de Alexander Pape entre os *cognoscenti*

Garvey suou para antecipar-se à transição do gosto! Aumentou a produção de "bocas-livres" e anteviu o retorno aos Fabulosos Anos Vinte, quando passou a usar calções largos, de mulher, e exibir a mulher num vestido saco, com um corte de cabelo masculino, bem antes de qualquer um.

Porém, os urubus apenas vieram, comeram e desapareceram. Agora, com esse Gigante temerário, a TV, a percorrer o mundo, estavam muito ocupados em readerir ao rádio. Transcrições de *Vic and Sade*, de *Pepper Young's Family*, de 1935, contrabandeadas, eram disputadas em galas intelectuais.

Enfim, Garvey foi forçado a adotar uma série de demonstrações de força, miraculosas, concebidas e desenvolvidas por um eu interior aterrado.

O primeiro acidente foi a batida de uma porta de carro.

Que decepou, por igual, a cabeça do dedo mindinho do Sr. Garvey.

No caos que se seguiu, pulando de um lado para o outro, Garvey pisou na cabeça do dedo e chutou-a para dentro do bueiro. Quando conseguiram pescá-la, já não havia mais médico que conseguisse costurá-la de volta.

Um acidente feliz. No dia seguinte, passeando, ao passar por uma loja de artigos orientais, Garvey viu um lindo "objet d'art". O velho inconsciente, astuto, em vista do constante declínio de bilheteria e do fraco índice de audiência junto à vanguarda, forçou-o a entrar na loja e exaurir a carteira.

Alexander Pape exultou:

— Vocês viram o Garvey ultimamente? Não percarn.

— O que há com ele?

— Dedal de mandarim...

Casual, Garvey fez um aceno de mão.

—... uma antiguidade oriental. Os mandarins usavam-no para proteger as enormes unhas que cultivavam, de doze centímetros.

Garvey pediu cerveja; revestido de um dedal dourado, o dedo mindinho empinava.

— Todos detestam aleijões, a visão de coisas faltando. Fiquei triste de perder o dedo, mas fiquei satisfeito com esse negócio dourado.

A mulher de Garvey serviu a salada de verduras:

— Nenhum de nós jamais vai ter um dedo tão bonito assim! E George tem todo o direito de usá-lo!

Garvey ficou chocado, e encantado, ao ver retornar a popularidade,

moribunda. Ah, a arte! Ah, a vida! O pêndulo balançava, para um lado, para o outro, do complexo ao simples, de volta ao complexo. Do romântico ao realista, de volta ao romântico. O homem esperto foi capaz de detectar periélias intelectuais, e de preparar-se para novas órbitas, mais violentas. O brilho do inconsciente de Garvey sentou-se, comeu alguma coisa, e, por alguns dias, arvorou-se a caminhar pelas redondezas, experimentando os membros incomuns. A coisa pegou fogo!

Desprezado já há algum tempo, o outro eu se manifestou, usando a língua de Garvey:

— Esse mundo é mesmo sem imaginação. Se eu sofresse, por acaso, um acidente na perna, jamais usaria uma perna de pau. Não, senhor! Usaria uma perna de ouro incrustada com pedras preciosas, e parte da perna seria uma gaiola dourada; dentro da gaiola, estaria um pássaro azul, e o pássaro cantaria, durante meus passeios, minhas conversas com os amigos. E se tivesse o braço amputado, mandaria fazer um novo, de cobre e jade, oco por dentro, com um compartimento para gelo seco. E mais cinco compartimentos, um para cada dedo. Alguém quer beber alguma coisa? Sherry? Brandy? Dubonnet? Calmo, eu abriria os dedos e encheria os copos. De cada um dos cinco dedos, cinco filões fresquinhos, cinco licores, ou cinco vinhos diferentes. Depois, fecharia as torneiras, e diria: agora, levantem os traseiros!

Mas, acima de tudo, como, quase sempre, nosso olho deseja, de fato, ofender o próximo, devemos arrancá-lo, diz a Bíblia. *Foi* a Bíblia, não *foi*? Se isso acontecesse comigo, jamais usaria esses óculos pavorosos. Não, e nem tampouco esses remendos pretos, usados pelos piratas. Sabem o que eu faria? Mandaria uma ficha de pôquer para esse seu amigo que mora na França, qual é mesmo o nome dele? Matisse. E diria: seguem, dentro do envelope, uma ficha de pôquer e um cheque nominativo. Por favor, pinte, nesta ficha, um olho humano, azul, maravilhoso. Atenciosamente, G. Garvey!

Bem, Garvey sempre abominara o próprio corpo. Seus olhos, pensava, eram pálidos, débeis e carentes de personalidade. Assim, não se surpreendeu quando, no mês seguinte, sentiu o olho lacrimejar, inflamar e transformar-se numa imensa lacuna!

Garvey ficou muito chocado!

Mas, no íntimo, igualmente satisfeito!

Com o Septeto do Porão a rir, como se fosse um júri de carrancas nos seus calcanhares, Garvey mandou a ficha de pôquer para a França com um cheque de cinquenta dólares.

O cheque voltou, uma semana depois; não fora descontado.

Na correspondência seguinte, chegou a ficha de pôquer.

H. Matisse pintara um olho azul, único, maravilhoso, com cílios e

sobrancelhas delicadíssimos. H. Matisse aconchegara a ficha num estojo de jóia, de pelúcia verde, deliciado, tanto quanto o próprio Garvey, com todo o empreendimento.

A *Harper's Bazaar* publicou uma foto de Garvey com o olho de ficha de pôquer feito por Matisse, e outra de Matisse, em pessoa, pintando o monóculo, depois de considerável experimentação com três dúzias de fichas!

H. Matisse tivera o bom senso de designar um fotógrafo para registrar o evento, com uma Leica, para a posteridade. E foi citado: "Depois de ter rejeitado vinte e sete olhos, encontrei finalmente o que eu queria. Segue por entrega rápida para *Monsieur Garvey!*"

Reproduzido em seis cores diferentes, o olho repousava, maliciosamente, no estojo de pelúcia verde. O Museu de Arte Moderna mandou imprimir cópias para colocar à venda. E os Amigos do Septeto do Porão, quando jogavam pôquer, usavam fichas vermelhas com olhos azuis, fichas brancas com olhos vermelhos, e fichas azuis com olhos brancos.

Porém, em Nova Iorque, uma única pessoa usava o monóculo original de Matisse... o Sr. Garvey.

Garvey confidenciou à mulher:

— Ainda sou um tédio enervante, mas agora, protegido pelo monóculo e pelo dedal de mandarim, ninguém jamais saberá que não passo de um boi horripilante. E se o interesse das pessoas diminuir novamente, podemos sempre dar um jeito de perder um braço ou uma perna. Quanto a isso, não tenho a menor dúvida! Consegui erigir uma fachada maravilhosa; ninguém jamais conseguirá identificar o velho campônio novamente.

É como disse a mulher de Garvey, ontem à tarde:

— Já não penso mais nele como o velho George Garvey. Já mudou até o nome. Quer ser chamado de Giulio. E quando, algumas vezes, à noite, olho para ele e chamo "George", não há resposta. Lá está ele, o dedal de mandarim no dedo mindinho; no olho, o monóculo, a Ficha de Pôquer de Matisse, azul e branca. Muitas noites, acordo e olho. E sabe de uma coisa? As vezes, parece, essa Ficha de Pôquer de Matisse me dá cada piscada!

O Esqueleto

Já fazia tempo que o Sr. Harris não ia ao médico. Acuada, dobrou o pé da escada; ao subir, viu o nome do Dr. Burleigh, desenhado, em cima de uma seta. Exalaria um suspiro, o Dr. Burleigh, ao vê-lo entrar? Era a décima vez que vinha vê-lo, esse ano. Mas, ora! Burleigh não podia reclamar. Era pago para dar consultas!

A enfermeira olhou o Sr. Harris de cima a baixo, e sorriu, algo deleitada, ao caminhar, na ponta dos pés, até a porta de vidro fosco, abri-la, e enfiar a cabeça. Harris pensou tê-la ouvido dizer: "Adivinhe quem está aqui, doutor?" E não é que a voz do doutor teria respondido, baixinho: "Não, meu Deus, de novo?". Desconfortável, Harris engoliu em seco.

À entrada de Harris, Dr. Burleigh bufou.

— Dores nos ossos de novo? Ora, ora... Fechou a cara, ajeitou os óculos.

— Meu caro Harris, você já foi almoçado com os melhores pentes e escovas bactericidas que a ciência conhece. Isso é problema dos nervos. Vejamos os dedos. Cigarro em excesso. O hálito. Proteína em excesso. Os olhos. Pouco sono. Minha receita? Procure dormir bem, pare com as proteínas, nada de fumar. Por favor, dez dólares.

Harris embirrou.

Concentrado na papelada, Dr. Burleigh ergueu os olhos.

— Você ainda está aí? Você é um hipocondríaco! Agora já são onze dólares!

— Mas, por que será que meus ossos doem? Dr. Burleigh respondeu, como a uma criança:

— Sempre que a gente sente uma dorzinha muscular, e fica irritando, fuçando, esfregando o lugar, a dor piora, não piora? Quanto mais a gente bolee no lugar, a dor piora. Se a gente deixa o lugar em paz, a dor desaparece. Bem, filho, é isso o que está acontecendo com você. Pare de se fuçar. Tome uma dose de sais. Vá para casa, e faça essa viagem a Fênix, que você já está cozinhando há meses. Uma viagem fará bem a você.

Cinco minutos depois, o Sr. Harris, na farmácia da esquina, folheava as páginas amarelas. Grande solidariedade desse idiota bestificado, o Burleigh! Harris dedilhou a lista de ORTOPEDISTAS e parou no nome de M. Munigant. Embora ao nome de M. Munigant não se sucedesse o título de Dr., seu consultório apresentava uma conveniência, era próximo. Teria de descer três quarteirões, virar e andar mais um...

M. Munigant, como o próprio escritório, era baixo e moreno. Como o próprio escritório, cheirava a iodofórmio, a iodo e a outras coisas estranhas. Mas era um bom ouvinte, e ouviu com movimentos oculares rápidos, ávidos; e quando se dirigiu a Harris, o sotaque fê-lo assobiar levemente as palavras; o motivo, sem

dúvida, era a arcada imperfeita.

Harris contou tudo.

M. Munigant concordava com a cabeça. Já vira casos assim antes. Os ossos do corpo. O homem não tem consciência dos próprios ossos. Claro, os ossos. O esqueleto. Muito difícil. Alguma coisa oriunda de uma falta de equilíbrio, de uma coordenação não solidária, entre a alma, a carne e o esqueleto. Muito complicado, M. Munigant assobiou ligeiramente. Harris ouvia, fascinado. Afinal, um médico que lhe compreendia a doença! É psicológico, dissera M. Munigant. E lépido, delicado, fora até uma parede encardida, e bombardeou seis raios X, que rondaram pela sala com a visão impressa de coisas que são encontradas flutuando em marés d'antão. Pronto! Pronto! O esqueleto apanhado de surpresa! Retratos luminosos de ossos compridos, curtos, grandes e pequenos. O Sr. Harris tem que tomar consciência de sua posição, de seu problema! A mão de M. Munigant tamborilou, bateu, alisou e arranhou nebulosas de carne, apagadas, em que se penduravam os fantasmas de um crânio, de uma medula espinhal, um pélvis, de cal, cálcio, tutano, aqui, ali, isso, aquilo, esses, aqueles e outros mais! Veja!

Harris estremeceu. Os raios X e as radiografias sopravam ao vento verde e fosforescente, procedente de uma terra povoada por monstros de Dali e Fuseli.

Tranquilo, M. Munigant assobiava. Era do desejo do Sr. Harris... tratar dos ossos?

— Bem... depende.

Bem, M. Munigant não poderia ajudar Harris a menos que o estado de espírito de Harris contribuísse. Em termos psicológicos, se não percebemos a *necessidade* de sermos ajudados, a interferência do médico é inteiramente inútil. Porém (encolhendo os ombros), M. Munigant iria tentar.

Harris deita-se numa cama, a boca aberta. As luzes apagadas, as persianas cerradas. M. Munigant aproximou-se do paciente.

Algo tocou a língua de Harris.

Harris sentiu que os maxilares estavam sendo forçados para fora. Os maxilares estalaram, emitiram ruídos de rachadura, débeis. Um dos esqueletos diagramados na parede pareceu tremer e saltar. Harris foi tomado por violento tremor. Involuntariamente, a boca fechou, com uma batida.

M. Munigant gritou. O nariz quase fora arrancado! Assim não dá! Assim não dá! O momento não era o propício! M. Munigant suspendeu a cortina, terrivelmente desapontado. Quando o Sr. Harris se sentisse pronto a cooperar, psicologicamente, quando o Sr. Harris sentisse a *necessidade* de ser ajudado e confiasse na ajuda de M. Munigant, talvez algo pudesse ser feito. M. Munigant estendeu a mão, pequena. Por enquanto, a consulta são apenas dois dólares. O Sr. Harris deveria pensar no assunto. Eis um programa para o Sr. Harris levar para casa e estudar. Colocá-lo-ia em contato com o próprio corpo. O Sr. Harris deveria

adquirir a plena consciência do próprio corpo. E permanecer alerta. Esqueletos costumam ser coisas estranhas, desajeitadas. Faiscavam os olhos de M. Munigant. Bom dia para o Sr. Harris. Ah, o Sr. Harris aceitaria uma torrada? M. Munigant estendeu, ao Sr. Harris, um vidro contendo torradas de pão de sal, compridas, fininhas, tirou uma, e disse que mastigar torradas ajudava-o a manter... a forma. Bom-dia, bom-dia, Sr. Harris! Sr. Harris foi para casa.

No dia seguinte, domingo, o Sr. Harris descobriu muitas dores e mal-jeitos novos pelo corpo. Durante toda a manhã, não tirou os olhos do pequeno desenho — perfeito, em termos anatômicos — de um esqueleto, presente de M. Munigant.

A esposa, Clarisse, durante o jantar, deixara-o sob ressaltado, ao estalar os dedos de nós estranhos, de tão finos, um a um; Harris levou as mãos aos ouvidos, tampou-os e gritou:

— Pára! Pára!

No final da tarde, ficou de quarentena no quarto. Na sala de visitas, Clarisse jogava bridge; ria e conversava com outras senhoras. Harris, entretimentos, escondido, tateava e pesava, em continuidade crescente, os membros do corpo.

— Clarisse!

Clarisse tinha um jeito de entrar dançando nos quartos, o corpo executava todo tipo de coisa, leve, agradável, para evitar que os pés tocassem, quase, a penugem dos tapetes. Agora, pedira licença às amigas e, esfuziante, viera vê-lo. Encontrou-o novamente postado num dos cantos do quarto, e percebeu que Harris fitava o mapa anatômico.

— Você ainda está remoendo isso? Não fique assim. Clarisse sentou no colo de Harris.

Nem a beleza de Clarisse conseguiu distrair-lhe a fixação. Harris burlou toda aquela leveza e tocou-lhe a rótula, desconfiado. Sob a pele clara, brilhante, a rótula pareceu mover-se.

Harris sugou ar.

— Isso aqui é assim mesmo? Clarisse riu.

— O que é que é assim mesmo? A rótula?

— Ela se mexe assim mesmo, na ponta do joelho? Clarisse experimentou, maravilhada.

— É, mexe mesmo. Harris suspirou.

— É bom saber que a sua também mexe. Eu estava começando a ficar preocupado.

— Com o quê?

Harris alisou as costelas.

Minhas costelas não vão até embaixo. Param bem aqui. E algumas são confusas, parecem soltas no ar.

Clarisse, as mãos por baixo da curvatura dos pequenos seios, segurou com força.

— E claro, seu bobo; as costelas de todo mundo param num determinado lugar. E as confusas, as pequenas, são as costelas flutuantes.

— Só espero que não flutuem muito.

A piada saiu, e seguiu-se um certo mal-estar. Agora, mais do que nunca, Harris quis ficar sozinho. Novas descobertas, novas e estranhas escavações arqueológicas, ao alcance de suas mãos. Por causa delas, Harris não desejava ser alvo de chacota.

— Obrigado por vir me ver, meu bem.

— Disponha.

Levemente, Clarisse roçou o nariz no nariz de Harris.

— Espere, olha...

Harris segurou no nariz. E no dela também.

— Você já percebeu isso? O osso do nariz só vem até aqui! O resto é preenchido com tecido cartilaginoso!

Clarisse torceu o nariz.

— Claro, meu bem...

E saiu do quarto, dançando.

Sozinho, Harris sentiu aumentar a perspiração nas reentrâncias do rosto, e escorrer bochechas abaixo numa maré rala. Bem... bem... o próximo item da agenda... O quê? Ah, claro, a espinha dorsal. Ei-la. Lentamente, Harris examinou-a, da mesma maneira com que, no escritório, apertava botões para chamar as secretárias, os mensageiros. Agora, porém, em resposta aos apertos na espinha dorsal, medo e pavor, céleres, de diversas portas da mente, surgiam para questioná-lo, arrepiá-lo. A espinha, para ele, estava muito mal. Uma desconhecida. Pareciam as espinhas de um peixe recém-comido, frágeis, espalhadas sobre um prato de porcelana, frio.

Harris tateou as pontas arredondadas dos anéis.

— Meu Deus! Meu Deus!

Os dentes tiritavam. Meu Deus, Todo Poderoso — pensou — por que nunca percebi isso antes? Durante todos esses anos, tenho andado por aí com um... um ESQUELETO dentro de mim! Como é que a gente pode se aceitar assim sem questionamento? Como é possível viver sem questionar nosso corpo, nosso ser?

Um esqueleto. Essa coisa cheia de juntas, brancas, rijas, essa coisa asquerosa, seca, quebradiça, com olhos em goiva, rostos de crânios, de dedos estalejantes, chacoalhantes, que balança, como se estivesse enfiada num colar, em armários abandonados, cheios de teias de aranha, essa coisa comprida, encontrada nos desertos, espalhadas como dados recém-lançados!

Harris levantou-se, ereto, pois não conseguiu suportar o permanecer sentado. Dentro de mim, agora — Harris agarrava o estômago, a cabeça — dentro de minha cabeça existe um... Essa carapaça curvilínea que mantém meus miolos como se fossem uma geléia elétrica, essa concha rachada, com furos na frente,

como se fossem dois furos feitos por um rifle de cano duplo! Com grutas e cavernas ósseas; peças de sustentação, de assentamento de minha carne, meu olfato, minha visão, audição, meu pensamento! Um crânio que envolve meu cérebro, e propicia uma saída, através de janelas tão frágeis, para que ele vá ver o mundo exterior.

Harris pensou em invadir o jogo de bridge, atrapalhá-lo, uma raposa no galinheiro, as cartas esvoaçando qual penas de galinha lançadas ao ar, em chumaços! Só com muito esforço, um esforço ansioso, conseguiu conter-se. Vamos, vamos, homem, controle-se. Isso é uma revelação, dê a ela o justo valor, compreenda-a, saboreie-a. Mas... UM ESQUELETO! — gritava o inconsciente. É insuportável, é vulgar, é assustador. Esqueletos são horrores; tinem, retinem, chacoalham, em castelos antigos, pendurados em vigas de carvalho, são pêndulos compridos que roçagam, indolentes, ao vento...

— Meu bem, venha conhecer minhas amigas!

A voz da mulher, límpida, meiga, convocava-o à distância.

O Sr. Harris permanecia imóvel. O ESQUELETO o retinha! Essa coisa aí dentro, esse invasor, esse horror, a suportar-lhe os braços, as pernas, a cabeça! É como se existisse, atrás de você, alguém indesejável. A cada passo, percebeu o quanto era dependente dessa outra Coisa.

Harris respondeu, a voz bem fraca:

— Já vou, já vou.

E, para si mesmo: vamos, aprume-se! Você tem que ir trabalhar amanhã. Sexta-feira, você tem que ir a Fênix. É muito chão para dirigir. Mais de quinhentos quilômetros. Você tem que estar em forma para a viagem; caso contrário, o Sr. Crelton não vai investir no seu negócio de cerâmica. Erga a cabeça, vamos!

Um instante depois, lá estava Harris em meio às senhoras, apresentado à Sra. Withers, Sra. Abblematt e Srta. Kirthy, e todas, embora possuíssem esqueletos, pareciam ver a coisa com tranquilidade, pois a natureza, cuidadosa, revestira-lhes a nudez da clavícula, da tíbia e do fêmur, com seios, coxas, barrigas-da-perna, com penteados e sobrancelhas diabólicas, lábios carnudos e... Meu Deus!... exclamou Harris para o próprio interior. Quando elas falam, ou comem, parte do esqueleto delas exhibe... *dentes!* Como é que eu nunca havia pensado nisso?

— Com licença...

Harris, rápido, deixou a sala, em tempo suficiente para derramar o almoço, por sobre a balaustrada do jardim, entre as petúnias.

Naquela noite, a mulher se despia, e Harris sentado na cama, aparava as unhas dos pés, das mãos, escrupuloso. Por aqui, também, o esqueleto avançava, crescia, teoria que, provavelmente, Harris tenha resmungado em voz alta, pois, quando caiu em si, a esposa, de *négligée*, na cama, envolvendo-lhe o pescoço

com os braços, bocejava:

— Meu bem, meu bem... unhas não são ossos, são apenas epiderme endurecida.

Harris jogou a tesoura no chão.

— Tem certeza? Espero que tenha mesmo, para que eu me sinta melhor. Contemplou as curvas de Clarisse, maravilhado.

— Todos deveriam ser assim como você.

Clarisse o abraçava, com toda a extensão de seus braços.

— Ora, vamos, o que é que está havendo? Diz *pra* mamãe, diz...

— É alguma coisa dentro de mim. Alguma coisa que eu comi.

Na manhã seguinte, e por toda a tarde, no escritório, no centro da cidade, o Sr. Harris identificou tamanhos, formas e a construção de diversos ossos de seu corpo, com desprazer. Às dez da manhã, pediu, por um instante, para tocar o cotovelo do Sr. Smith. O Sr. Smith aquiesceu, mas, desconfiado, franziu o cenho. Depois do almoço, o Sr. Harris pediu para tocar a omoplata da Srta. Laurel. Ela, imediatamente, encostou-se nele, como uma gata manhosa, ronronando, cerrando os olhos.

O Sr. Harris interrompeu-a.

— Srta. Laurel! O que é isso?

Sozinho, o Sr. Harris ponderou suas neuroses. A guerra havia acabado recentemente, a pressão do trabalho, a incerteza do futuro, tudo isso, é provável, estava em estreita relação com sua situação mental. Queria largar o emprego, montar um negócio por conta própria. Seu talento para cerâmica, para escultura, não era pouco. Assim que pudesse, iria para o Arizona, obteria um empréstimo com o Sr. Crelton, construiria um forno de cal e montaria uma oficina. E isso o preocupava. Ele era mesmo um sujeito complicado! Fora sorte encontrar M. Munigant, esse homem que parecia ansioso em compreendê-lo, em ajudá-lo. Mas ele combateria aquilo sozinho, não voltaria a procurar M. Munigant, e nem o Dr. Burleigh, a menos que fosse forçado. A sensação estranha passaria. Sentado, o Sr. Harris fitou o espaço.

A sensação estranha, em vez de passar, aumentou.

Na terça e na quarta incomodou-se muito com o fato de ter uma epiderme, os cabelos, e outros apêndices, bastante desordenados, enquanto o esqueleto, seu próprio esqueleto, revestido de tegumento, era uma estrutura polida, limpa, de organização eficaz. Algumas vezes, sob certas luzes, com os lábios arriados, soturnos, com o peso da melancolia, imaginou ter visto, por trás da carne, o esqueleto sorrir para ele, cínico.

— Sai! Sai de mim! Meus pulmões! Pára!

Convulsivo, inspirou fundo, como se as costelas lhe esmagassem a respiração.

— Meu cérebro! Pare de apertá-lo!

E dores de cabeça terríveis transformaram-lhe o cérebro em cinzas carbonizadas.

— Minhas coisas de dentro, deixe-as em paz, pelo amor de Deus! Afaste-se do meu coração!

Diante do movimento insuflante das costelas, o coração humilhou-se; as costelas, qual aranhas pálidas, de tocaia, boliam com a presa.

Empapado de suor, certa noite, deitado na cama — com Clarisse ausente, fora a uma reunião na Cruz Vermelha — Harris tentava retomar o juízo. Mas não conseguiu, conseguiu apenas fomentar a consciência do conflito entre seu exterior imundo e aquela coisa limpa, fresca, maravilhosa, dentro dele.

Sua compleição: não estava oleosa, enrugada de preocupação?

Observe a perfeição irrepreensível, alva, do crânio.

O nariz: um pouco grande demais, talvez?

Em seguida, observe os ossinhos do cepto craniano até a altura em que a cartilagem nasal, monstruosa, começa a formar o probóscide assimétrico.

O corpo: não estava meio gordo?

Bem, pense no esqueleto: delgado, esbelto, econômico em linhas e contornos. Marfim oriental exoticamente entalhado! Perfeito, magro como um louva-a-deus.

Os olhos: não eram protuberantes, ordinários, de aspecto entorpecido?

Faça a fineza de reparar nos encaixes dos olhos no crânio; tão profundos e redondos, graves, lagos tranquilos, oniscientes, eternos. Olhe bem e jamais tocará o fundo do escuro de tanta compreensão. Todo ironia, toda vida, e tudo está lá, na côncava escuridão.

Compare, compare, compare.

Por horas, enfureceu-se. E o esqueleto, filósofo sempre frágil, sempre solene, ali estava, dentro dele, sem dizer palavra, suspenso qual delicado inseto, dentro de uma crisálida, esperando, esperando.

Harris sentou-se, devagar.

— Ainda não, espere! Você está indefeso; e eu o tenho nas mãos. Posso fazer com que você faça tudo o que eu quiser! É inevitável! Basta eu dizer, mova os carpos, os metacarpos, as falanges, e eles... ssss... se levantam, e eu aceno para alguém!

Harris riu.

— Eu mando a tibia e o fêmur se locomoverem, e eles fazem Um, dois, três, Um, dois, três, e nós damos um passeio no quarteirão. E então?

Harris sorriu, cínico.

— É uma luta de igual para igual. Empate escarlate. E nós vamos disputá-la, nós dois. Afinal, eu sou a parte que pensa! Claro, meu Deus, se eu não tivesse você, ainda assim poderia pensar!

Instantaneamente, a mandíbula de um tigre bate, e se fecha, e mastiga metade do cérebro de Harris. Harris solta um grito. Os ossos do crânio assumiram o controle e proporcionaram pesadelos. Depois, lentamente, enquanto

esganiçava, fuçou e comeu os pesadelos, um a um, até que o último se foi, e a luz se apagou...

No final da semana, adiou a viagem a Fênix por motivo de saúde. Depois de inserir uma moeda de um pêni numa balança, a seta deslizara e marcara 75.

Harris gemeu. Por que, se eu sempre pesei 80? Não posso ter perdido 5 quilos. No espelho manchado de moscas, examinou as maçãs do rosto. Um medo frio e primitivo apossou-se dele em arrepiozinhos estranhos. Seu... seu... Eu sei bem o que está pretendendo fazer, seu...

Com o punho cerrado, golpeou o rosto ossudo, e os comentários foram especialmente dirigidos ao maxilar superior, ao maxilar inferior, ao crânio e às vértebras cervicais.

— Seu sacana! Pensa que pode me matar de fome, me fazer perder peso, hem? Tirar a carne toda, e não deixar nada, só pele e osso? Tentando me enterrar, para conseguir a supremacia, hem? Não, não, nada disso.

Harris correu ao refeitório mais próximo.

Peru, molho, purê de batatas, quatro legumes, três sobremesas, não conseguiu comer nada', com o estômago enjoado. Obrigou-se a comer. Os dentes começaram a doer. Dentes estragados, é?, pensou, furioso. Vou comer mesmo que todos os dentes retinem, marquem, tremam e caiam no meu molho.

A cabeça ardeu, a respiração sacudiu, para dentro, para fora, do tórax contraído, os dentes estrondaram de dor; Harris, entretanto, conseguira uma pequena vitória. Estava quase a beber o leite, quando parou, e derramou o copo num vaso de capuchinhas. Nada de cálcio para você, prezado, nada de cálcio. Nunca mais, na vida, vou comer alimentos que contêm cálcio ou quaisquer outros minerais que fortifiquem os ossos. Vou comer por um de nós apenas, prezado, não por nós dois.

Uma semana depois, disse à mulher:

— Setenta quilos! Viu como mudei? Clarisse confirmou:

— Para melhor; você estava mesmo um pouco gordinho, em proporção à altura.

Clarisse afagou-lhe o queixo.

— Gosto de seu rosto. Está muito melhor assim; os traços estão firmes e fortes.

— Mas os traços não são meus, são dele, desse porcaria aí! Você está querendo me dizer que gosta mais dele que de mim?

— Dele? Dele quem?

No espelho da sala de visitas, atrás de Clarisse, o crânio sorriu estampou um sorriso, emoldurado pela expressão de ódio, de desespero, carnosa, de Harris.

Harris fumegou, engoliu alguns tabletes de malte. Uma maneira de ganhar peso quando não se consegue reter alimento no estômago. Clarisse percebeu as pílulas de malte.

— Meu bem, você não tem que recuperar peso por minha causa.

Clarisse conseguiu que Harris se deitasse, com a cabeça em seu colo.

— Meu bem, tenho observado você. Você... não está nada bem. Não diz nada, parece... perseguido por alguma coisa. Você anda mexendo na cama, de noite. Talvez deva ir procurar um psiquiatra, embora eu ache que possa dizer às mesmas coisas que ele diria. Posso dizer que você e seu esqueleto são uma só coisa, "uma nação, indivisível, com liberdade e justiça para todos. Unidos, persistem, divididos, caem. Se vocês dois, daqui por diante, não conseguirem se entender como um bom casal velho que são, recue e vá ao Dr. Burleigh. Mas, antes de tudo, relaxe. Você está num círculo vicioso; quanto mais você se preocupa, mais seus ossos enrijecem, e mais você se preocupa. Afinal, quem inventou essa luta? Você ou essa entidade anônima que você diz estar aí de tocaia na entrada do canal digestivo?

Harris cerrou os olhos.

— Fui eu. Acho que fui eu. Continue, Clarisse, continue falando.

— Agora descanse — disse Clarisse, suave. — Descanse e esqueça.

Durante metade do dia, o Sr. Harris sentiu-se flutuando. Depois, começou a fraquejar. Até que fazia sentido atribuir a culpa à imaginação. Mas, santo Deus, esse esqueleto estava mesmo querendo briga.

Ao cair do dia, Harris foi procurar M. Munigant. Caminhou por meia hora até encontrar o endereço, e ver o nome M. Munigant, as iniciais inscritas, em flocos dourados, ao estilo antigo, numa placa de vidro localizada fora do prédio. Aí, os ossos pareceram explodir, saltar das amarras, aturdidos, em erupção, de tanta dor. Ofuscado, Harris cambaleou. Ao abrir os olhos novamente, havia dobrado uma esquina. Perdera de vista o consultório de M. Munigant.

As dores cessaram.

M. Munigant, a pessoa certa para ajudá-lo. Se a visão desse nome provocava reação tão estupenda, M. Munigant, sem dúvida, era a pessoa certa.

Mas, hoje não. E toda vez que tentou retornar ao consultório, as dores horríveis se apoderaram dele. Perspirando, teve de desistir, e bambear adentro de uma uisqueria.

Ao atravessar o salão, na penumbra, imaginou, por um instante, se não seria lícito atribuir grande parte da culpa a M. Munigant. Afinal, fora ele que, pela primeira vez, concedera atenção especial a seu esqueleto, fazendo com que o impacto psicológico da coisa o levasse para casa, batendo portas! Estaria M. Munigant usando-o para fins nefários? Mas, por que motivo? Bobagem desconfiar dele. Um simples médico. Tentando ser útil. Munigant e o vidro de torradas fininhas. Ridículo. M. Munigant era legal, era legal...

No saguão da uisqueria, algo que viu trouxe-lhe esperanças. Um homem grande, gordo, redondo como uma bola de manteiga, lá estava, no balcão,

bebendo cervejas consecutivas. Lá está, eis um homem bem-sucedido. Harris reprimiu o desejo de ir lá, dar-lhe um tapinha no ombro e inquiri-lo sobre como conseguira submeter os ossos do corpo. É fato, o esqueleto daquele homem encontrava-se luxuosamente guardado. Num canto, travesseiros de banha, noutro, tufo resiliantes, e diversos candelabros de banha, roliços, debaixo do queixo. Coitado daquele esqueleto, estava perdido! Jamais se desvencilharia daquela gordura toda. Talvez já tenha tentado uma vez... não agora, estupefato, nem um ruído sequer permanecia, naquele suporte.

Não sem inveja, Harris aproximou-se, como quem se dirige à proa de um transatlântico. Harris pediu uma bebida, bebeu; e ousou dirigir-se ao gordo:

— É de glândula?

— O senhor está falando comigo?

Ou é alguma dieta especial?, imaginou. — O senhor me desculpe, mas, como o senhor vê, eu estou mal. Não consigo engordar. Gostaria de ter um estômago como o seu. O senhor o cultivou por um problema de medo de alguma coisa?

— O senhor — anunciou o gordo — está bêbedo. Mas... eu gosto de bêbedos. E mandou vir mais bebida.

— Escute bem o que eu vou dizer. Camada por camada, durante vinte anos, adulto e garoto, eu construí isso.

O homem segurava a vasta barriga, como quem segura um globo e ensina geografia astronômica à platéia.

— Não foi como um circo que chega, passa a noite e vai embora. Não, quando a lona do circo foi levantada, as maravilhas já estavam instaladas lá dentro. Cultivei meus órgãos internos como se fossem cães, gatos, animais de raça. Meu estômago é um gato persa, macho, modorrento, que, de tempos em tempos, se levanta, ronrona, mia, resmunga e reclama guloseimas de chocolate. Eu o alimento bem, e ele até levanta as patinhas. E meus intestinos, companheiro, são sucuris indianas, uma raça puríssima, exuberante — enrascadas, delgadas, coradas. Dou a eles um tratamento de primeira, a todos os meus animaizinhos de estimação. Se é por medo, ou qualquer coisa do gênero, não sei.

A situação exigiu mais bebida.

— Para ganhar peso? — O gordo saboreava as palavras com a ponta da língua. — Você tem que fazer o seguinte: arrume uma mulher que goste de discutir, um bando de parentes — uma dúzia de feirantes está bom — que consiga transformar qualquer probleminha em problema. Adicione uma pitada de sócios cuja motivação primeira seja roubar o seu pequeno quinhão, e você já estará a meio caminho da engorda. E como isso é possível? Em muito pouco tempo, inconscientemente, você estará edificando uma barreira de gordura entre você e eles. Um estado epidérmico, tampão, uma muralha celular. Logo você descobrirá que comer é a melhor coisa do mundo. Mas, como os terráqueos estão sempre precisando de fontes exteriores de preocupação, já que não bastam

as próprias, começam a fuçar-se e perdem peso. Conheça pessoas mais vis, mais terríveis, e logo você estará adquirindo a velha barriga.

Ministrado o conselho, o gordo lançou-se à maré da noite, escura, patinhando, ofegando vigorosamente.

— Com algumas variações, foi isso exatamente o que o Dr. Burleigh falou. Harris pensava, judicioso.

— Talvez a viagem para Fênix, agora, num momento desses...

De Los Angeles a Fênix, passando pelo deserto de Mojave, uma viagem abafada, um dia amarelo, escaldante. O tráfego, ralo e inconstante; por longos trechos, por quilômetros à frente, atrás, não se viam carros. Harris esfregou os dedos no volante. Mesmo que Crelton, em Fênix, não lhe emprestasse o dinheiro para começar o negócio, fora bom se afastar, deixar a distância para trás.

O carro atravessou um canal quente, o vento desértico. Um Sr. H. estava sentado dentro do outro Sr. H. Talvez os dois perspirassem. Os dois, talvez, sentindo-se muito mal.

Numa certa curva, o Sr. H. de dentro contraiu, subitamente, a carne exterior, fazendo o Sr. Harris sacudir para a frente, sobre o volante.

O carro foi arremessado fora da estrada, na areia fervente, e capotou de lado.

A noite veio, a ventania aumentou, a estrada solitária, süente. Passavam poucos canos, velozes, com a visão obstruída. O Sr. Harris esteve desacordado por um longo período; depois, ouviu o vento emanar do deserto, sentiu, nas maçãs do rosto, a fígada dos alfinetinhos de areia, e abriu os olhos.

A manhã veio encontrá-lo com areia grudada nos olhos, vagando em círculos displicentes, sem rumo, já que, em seu delírio, afastara-se da estrada. Ao meio-dia, esparramou-se à sombra de um arbusto. O sol golpeava, um gume afiado de espada penetrava-lhe até os ossos. Um urubu sobrevoava em círculos.

Espoucavam os lábios crestados.

— Ah, então é isso? — murmurou, os olhos irritados, as bochechas reluzindo. — De um modo ou de outro, você me faz caminhar, sentir fome, sede, e me mata.

Engoliu sobras de areia seca.

— O sol resseca minha carne e você cai fora? Os urubus se regalam comigo, e você fica, sorrindo. O sorriso de vitória. Notas de um xilofone, espalhadas, tocadas por urubus que gostam de música mórbida. Você iria gostar. Liberdade.

Harris atravessou a paisagem, arrepiada, borbulhante, ante o jato direto do sol; tropeçou, caiu inteiro, e abocanhou bocadinhos de fogo. O ar era uma labareda azul, de álcool; os urubus assavam, emanavam vapor, cintilavam, em vãos planados e circulares. Fênix! A estrada! O carro! Água! A salvo!

—Ei!

Lá de dentro da labareda de álcool azul, alguém chamou.

O Sr. Harris levantou-se, de um impulso.

— Ei!

A voz repetiu. Passos que esmigalhavam, rápidos.

Com um grito de alívio, inacreditável, Harris levantou-se, mas logo desfez-se nos braços de um indivíduo uniformizado, com uma insígnia no peito.

O carro foi rebocado, consertado. Entediante. Em Fênix, com o estado de espírito profanado, a transação comercial não passou de uma pantomima insípida. Mesmo tendo conseguido o empréstimo, mesmo com o dinheiro na mão, nada significou. Aquela Coisa dentro dele, qual espada alva, rija, embainhada, infetou-lhe o negócio, a comida, mascarou-lhe o amor por Clarisse, descreditou-lhe a confiança no automóvel. Por tudo, a coisa teria de ser colocada no devido lugar. O incidente do deserto deixara uma esfoladura funda. Bem próxima ao osso, poder-se-ia dizer, com os lábios moles, irônicos. Harris ouviu a própria voz, débil, agradecer ao Sr. Crelton pelo empréstimo. Depois, fez a volta, e, motorizado, atravessou muitos quilômetros, dessa vez passando por San Diego, para evitar o trecho do deserto entre El Centro e Beaumont. Pelo litoral, rumou norte. Não confiava no deserto. Mas... cuidado, pois ondas de sal estouravam, sibilavam na praia, nos arredores de Laguna, da areia, os peixes e os crustáceos também poderiam, tão rápidos quanto os urubus, deixar-lhe os ossos à mostra. Mais devagar nas curvas próximas à rebentação.

— Merda, estava doente!

Para quem voltar? Para Clarisse? Burleigh? Munigrant? Ortopedista. Munigrant. E então?

— Meu bem...

Clarisse beijou-o. Ante a solidez daqueles dentes, daqueles maxilares, que se tocavam apaixonados, Harris recuou.

— Meu bem... — respondeu, lento, e limpou os lábios no punho, trêmulo.

— Você está mais magro; meu bem... a transação comercial!?

— Foi tudo bem, espero. Claro, foi tudo bem sim.

Clarisse beijou-o novamente. No jantar, uma refeição lenta, de uma alegria artificial; Clarisse ria e estimulava. Harris olhava o telefone; pegou-o muitas vezes, indeciso, e colocou-o de volta no gancho.

A esposa entrou na sala, vestindo o casaco, o chapéu.

— Sinto muito, meu bem, mas tenho que sair agora. Clarisse beliscou-o na bochecha.

— Vamos, anime-se. Vou à Cruz Vermelha e volto em três horas. Deite-se, tire uma soneca. Eu tenho que ir mesmo.

Clarisse saiu, Harris discou o telefone, nervoso.

Inacreditáveis, as explosões, a doença do corpo, ao colocar o telefone de

volta no gancho. Os ossos foram assolados por toda espécie de dor, de frio, de calor, em que jamais havia pensado, ou que jamais tivesse experimentado no pior pesadelo. Num esforço para estancar a agressão, tomou todas as aspirinas que encontrou; e, uma hora depois, quando a campainha tocou, não conseguiu se mover, fraco, exausto, ofegante, as lágrimas a escorrer pelo rosto.

— Então, entre. Pelo amor de Deus!

M. Munigant entrou. Graças a Deus a porta estava aberta.

Caramba, o Sr. Harris estava mesmo com um aspecto horrível. M. Munigant ali estava, no centro da sala de estar, pequeno, moreno. Harris confirmou com a cabeça. As dores o atravessavam, golpeavam-no com martelos, ganchos, enormes, de ferro. Ao ver protuberarem os ossos do Sr. Harris, os olhos de M. Munigant faiscaram. Ah, agora sim, agora o Sr. Harris estava preparado psicologicamente para receber ajuda. Não é verdade? Harris confirmou com a cabeça, mais uma vez, fraco, aos soluços. M. Munigant ainda assobiava ao falar; uma possível relação entre a língua e o assobio. Não importa. Por olhos embaçados, Harris viu M. Munigant, parecia, encolher, diminuir. A imaginação, claro. Aos soluços, contou a história da viagem a Fênix. M. Munigant solidarizava-se. Esse esqueleto era... um traidor! Dariam um jeito nele, para sempre.

Débil, Harris suspirou:

— Sr. Munigant, eu... eu nunca havia reparado. Sua língua... redonda, parece um cilindro. Oca! Meus olhos. Estão delirando. O que é que eu faço?

M. Munigant assobiava, suave, atento, aproximando-se. Por que o Sr. Harris não se sentava na poltrona, não relaxava e abria a boca? As luzes foram apagadas. M. Munigant espiou dentro do maxilar caído de Harris. Abra mais, por favor. Muito difícil, aquela primeira consulta, ajudar Harris, com corpo e ossos em revolta, ao mesmo tempo. Agora, poderia contar com a cooperação da carne de Harris, Mesmo que o esqueleto protestasse. Na escuridão, a voz de M. Munigant diminuía, diminuía, sumia, sumia. O assobio aumentou, estrilou. Agora... Relaxe, Sr. Harris. AGORA!

Harris sentiu uma pressão violenta no maxilar, em todas as direções; a língua recolheu, como se fora empurrada por uma colher, a garganta trancou. Harris tentou puxar ar. Um assobio. Não conseguia respirar! Alguma coisa espremia, arrolhava as maçãs do rosto, fazendo saltar os maxilares. Como uma ducha de água quente, um jato parecia invadir-lhe os seios nasais; nos ouvidos, estampidos.

— Aiiii...

Harris ganiu, engasgado.. A cabeça com a couraça rachada, espatifada, pendia, solta. A agonia incandesceu-lhe os pulmões.

Harris respirou novamente, por um momento. Os olhos aquosos estatelaram. Gritou. As costelas pareciam gravetos colhidos no chão, amontoados, soltos. Dor! Harris caiu ao chio, e, sibilante, expirou o hálito quente.

Nas córneas insensíveis, luzes cintilavam; Harris sentiu os membros soltarem-se, libertarem-se, rapidamente. Por olhos lacrimosos, viu a sala de visitas.

Vazia.

— M. Munigant? Pelo amor de Deus! O senhor está aí, M. Munigant? Me ajude, por favor!

E então, Harris ouviu.

Bem no fundo das fissuras subterrâneas do corpo, ruídos rápidos, inacreditáveis; estalos, torceduras, sons de lascas, migalhas, de focinhadas... era como se um camundongo pequenino, faminto, ao fundo da penumbra envolta em sangue encarnado, estivesse a roer, sério, competente, aquilo que bem poderia ser, mas não era, um tronco de madeira submerso...!

Clarisse caminhava pela calçada, a cabeça erguida; ia para casa, no bairro de Saint James. Ao dobrar a esquina, pensava na Cruz Vermelha, e quase esbarrou num homenzinho moreno, com cheiro de iodo.

Tê-lo-ia ignorado não fora o fato de, ao passar por ele, o homenzinho ter tirado, do paletó, algo comprido, branco, estranhamente familiar; o homenzinho prosseguiu, mascando, como se mascasse um tablete de goma de mascar. A extremidade mordida, a língua, incomum, qual um dardo em meio a uma compleição alva, sugando o recheio, fazendo ruídos satisfeitos. O homenzinho continuou mascando sua guloseima, Clarisse prosseguiu, pela calçada, chegou em casa, girou a maçaneta e entrou.

Sorridente, chamou:

— Meu bem. Meu bem, onde você está?

Fechou a porta, passou pelo corredor, entrou na sala de estar.

— Meu bem...

Por vinte segundos, ficou a olhar o chão, tentando compreender.

Soltou um grito.

Na escuridão de plátano, lá fora, o homenzinho fez, numa fatiazinha comprida, branca, muitos furos intermitentes; depois, suavemente, com um suspiro, esticou os lábios e tocou, com o instrumento improvisado, uma melodia curta, triste, para acompanhar o canto estridente, pavoroso, da voz de Clarisse, ali em pé na sala de estar.

Quando criança, em muitas ocasiões, correndo na areia de muitas praias, Clarisse já pisara em águas-vivas, e gritara. Afinal, encontrar uma água-viva, intacta, de pele gelatinosa, na sala de estar, não era nada demais.

Salvo quando a água-viva *lhe chama pelo nome...*

A Jarra

Era uma dessas coisas que se costumam guardar em jarras, numa tenda de um parque de diversões mambembe, na periferia de uma aldeola pacata. Uma dessas coisas, em plasma alcoólico, flutuantes, eternas sonhadoras, giratórias, de olhos abertos, mortiços, que o encaram, mas não o vêem. A coisa vagava, na calada da noite alta, apenas o cricri dos grilos, os soluços dos sapos no charco úmido. Uma dessas coisas, numa jarra grande, que fazem saltar o estômago, como se se estivesse diante de um braço conservado num vidro de laboratório.

Mais uma vez, Charlie fitou-a, por longo tempo.

Por longo tempo, as manzorras nuas, cabeludas no dorso, crispavam-se naquela corda que mantinha os curiosos à distância. Charlie pagara os dez *cents* e agora apreciava.

Estava ficando tarde. O carrossel amansara, reduzido agora a um tinido mecânico, indolente. Atrás de uma lona, os bate-estacas fumavam, praguejavam, jogando pôquer. As luzes apagaram e impuseram, ao parque de diversões, uma aura veranosa. As pessoas dirigiam-se para casa, em curriolas, em filas. Nalgum canto, um rádio alardeou e apagou, enchendo de estrelas a vastidão do céu de Louisiana.

Para Charlie, o mundo era apenas aquela coisa pálida, lacrada num universo de soro. A boca mole da Charlie, aberta, uma felicidade rósea, os dentes à mostra; os olhos, intrigados, admiravam, cismavam.

Alguém chegou pelas sombras, por trás, pequeno, ao lado da altura esquelética de Charlie.

— Olá! — a sombra saudou, acendendo-se no clarão da lâmpada. — O amigo ainda está por aqui?

— Estou — respondeu Charlie, como se dormitasse.

O dono do parque de diversões gostou da curiosidade de Charlie. Cumprimentou o velho conhecido, dentro da jarra.

— Não há quem não goste dele. Quer dizer, de um certo modo, é claro. Charlie esfregou o maxilar afilado.

— O senhor já... já pensou em vendê-lo?

Os olhos do proprietário dilataram-se; depois, cerraram. O homem bufou:

— Não. Isso aí atrai a clientela. Os fregueses gostam dessas coisas. E isso.

— Ora...

Charlie abateu-se. O proprietário ponderou:

— Bem, se aparecer alguém com dinheiro, talvez...

— Com quanto dinheiro?

— Bem, se aparecesse alguém com uns...

O proprietário estimava, contava dedos, observava Charlie, e juntava um

dedo no outro, contando.

— Bem, se aparecesse alguém com três, quarto, digamos, talvez sete ou oito... Charlie concordava, a cada movimento, na expectativa. Ao percebê-lo, o proprietário subiu o preço.

—... talvez dez dólares, talvez quinze...

Preocupado, Charlie contraiu o cenho. O proprietário recuou.

—... digamos, se aparecesse com doze dólares... Charlie sorriu, largo. O proprietário concluiu:

—... poderia levar aquela coisa ali na jarra.

— Engraçado, eu tenho exatamente doze dólares no bolso. E andei pensando no quanto eu seria respeitado se voltasse para Wilder's Hollow com uma coisa destas, e a colocasse na prateleira lá de casa. O pessoal iria me respeitar, aposto.

— Bem, bem, então, escute...

A venda foi concretizada com a colocação da jarra no banco de trás da carroça de Charlie. O cavalo viu a jarra, esfregou os cascos, relinchou. A expressão do proprietário era de, quase, alívio.

— De qualquer modo, eu já estava cansado de ver essa porcaria por aí. O senhor não tem nada que agradecer. E ultimamente, ela tem até me provocado certos pensamentos, pensamentos estranhos... Bom, que linguarudo eu sou! Até a vista, fazendeiro...

Charlie se foi. As lâmpadas azuis, nuas afastaram-se qual astros moribundos; a noite aberta, escura, de Louisiana, envolvia carroça e cavalo. Havia apenas Charlie, o cavalo, que compassava os cascos, e os grilos.

E a jarra, atrás da boléia.

A jarra balançava, balançava. Tanto que derramou. Dentro dela, a coisa cinza, insensível, era arremetida contra o vidro, de um lado para outro, olhando, olhando, não vendo nada. Nada.

Charlie reclinou-se, acariciou a tampa. A mão, ao retornar, cheirava a um licor estranho, estava mudada, fria, trêmula, emocionada. Sim senhor — pensou. Sim senhor!

A jarra balançava, balançava, balançava...

Em Hollow, muitos lampiões, verde-musgo, vermelho-encarnado, jorravam uma luz empoeirada sobre homens amontoados, que conversavam em murmúrios, cuspiam sentados no recinto do Empório.

Já conheciam aquele zunido de mamangava, e nem moveram os crânios, de cabelos castanhos, quando a carroça de Charlie balançou e parou. Os charutos eram minhocas em brasa, as vozes eram coaxos de sapos, de noites de verão.

Efusivo, Charlie inclinava-se para cumprimentar.

— Alô, Clem! Alô, Milt!

— Olá, Charlie! Olá, Charlie!

Os homens murmuravam. Prosseguia a rixa política. Charlie cortou-a pela raiz.

— Eu trouxe uma coisa comigo. Trouxe uma coisa que vocês talvez queiram olhar.

Os olhos de Tom Carmody, verdes à luz do lampião, faiscaram na varanda do Empório.

Para Charlie, Tom Carmody era um sujeito que sempre estava em varandas, na sombra, debaixo de árvores. E quando estava numa sala, sempre procurava o canto mais afastado, e ali ficava na escuridão, os olhos brilhando. Impossível saber o que fazia seu rosto; os olhos, sempre a zombar de você. E cada vez que olhava, a zombaria vinha de um modo diferente. —

— A gente não quer ver o que você trouxe não, bonequinha. Charlie cerrou o punho, olhou para a coisa. Insistiu.

— Está na jarra, parece uma espécie de cérebro, parece uma espécie de água-viva, uma espécie de... Por que vocês não vêm ver com os próprios olhos?

Alguém bateu o charuto, deixou cair a cinza rosada e esquipou para olhar. Solene, Charlie tirou a tampa da jarra. Sob a luz imprecisa do lampião, a fisionomia do homem mudou.

— Ei! Que negócio é esse?

O primeiro quebra-gelo da noite. Mais gente se levantou, indolente, e inclinou-se para ver; a gravidade puxou-os, fê-los caminhar. Não fizeram esforço, apenas o suficiente para ficar com um pé atrás e evitar despencar dos rostos intrigados. Rodearam a jarra, o conteúdo.

E Charlie, pela primeira vez na vida, usou de uma estratégia oculta; fechou com força a tampa de vidro. E declarou, generoso:

— Se quiseram ver mais, passem lá em casa. A coisa estará lá.

Gramps Medknowe interpelou:

— Eu quero dar mais uma olhada. Isso aí é um octopus?

Charlie sacudiu as rédeas. O cavalo deu o primeiro passo tropeçado e seguiu.

— Apareçam! Terei prazer em recebê-los.

— E sua mulher? Será que vai gostar?

— Ela vai é chutar as nossas canelas!

Mas Charlie e a carroça já desapareciam na lombada da colina. Em pé, todos ficaram a mascar as próprias línguas, com olhares atravessados para a escuridão da estrada. Ali da varanda, Tom Carmody soltou um palavrão, silencioso...

Charlie subiu a escadinha do barraco, pousou a jarra no trono, eleito, na sala de estar. Daqui por diante, pensou, aquela meia-água seria um palácio, com "imperador". É, era essa a palavra, "imperador", frio, alvo, tranqüilo, flutuando em seu lago particular, no alto, elevado, numa prateleira sobre uma mesa desconjuntada.

A jarra — Charlie a observava — fazia ressecar a névoa fria que envolvia o lugar, à beira do charco.

— O que é que tem aí dentro?

A voz aguda, soprano, de Thedy, veio quebrar o encanto. Lá estava ela, à porta do quarto, olhando, o corpo magro vestido em guinguão azul, bem alto, os cabelos presos em amarrados castanhos por trás das orelhas avermelhadas. Os olhos muito claros, iguaizinhos ao guinguão. Repetiu:

— Ei... o que é que tem aí dentro?

— O que lhe parece, Thedy?

Thedy deu um passo curto adiante, num pêndulo indolente dos quadris, sem tirar os olhos da jarra; os lábios retesados exibiam dentes de leite, felinos.

A coisa pálida, mortíça, ali jazia no líquido seroso.

Thedy relanceou um olhar azul mortíço a Charlie; depois, à jarra, e girou numa meia-volta súbita.

— Parece... parece com você, Charlie! Gritou e bateu a porta do quarto.

A reverberação nem perturbou o conteúdo da jarra. Mas, a Charlie, sim; permaneceu, desejando a mulher, com frenéticas batidas do coração. Bem mais tarde, com o coração amansado, conversou com a coisa dentro da jarra.

— Trabalho o ano inteiro no aluvial, até o coto do osso, e ela pega o dinheiro e vai visitar os parentes, na cidade dela, e fica nove semanas direto. Não consigo controlar essa mulher. Ela, os homens do empório, todos riem de mim. Não é minha culpa se não sei como mantê-la ao meu lado! Mas eu tenho tentado... Merda!

No plano filosófico, o conteúdo da jarra não emitiu qualquer conselho.

— Charlie?

Na porta da frente, alguém em pé.

Charlie virou-se, sobressaltado, e irrompeu num sorriso forçado. — Ô Charlie, nós pensamos... bem... nós viemos dar uma olhada nessa, coisa... que você tem aí dentro da jarra...

Julho fora um mês quente. Agosto chegara.

Pela primeira vez, depois de muitos anos, Charlie estava feliz, qual pé de milho que vinga depois da seca. Certa noite, foi gratificante ouvir as botas empoçarem no capim alto, ouvir o som de homens cuspidos na vala antes de porem os pés na varanda, o som de corpos pesados fazendo ranger as tábuas, e o estalo da casa quando outro ombro encostou-se no portal, e outra voz disse, ao tempo em que um pulso cabeludo enxugava os lábios:

— Posso entrar?

A informalidade elaborada de Charlie convidou os recém-chegados a entrar. Havia cadeiras, caixotes para todos; no mínimo, tapetes onde poderiam

acocorar-se. E, no momento em que os grilos começaram a cocar as patas para o murmúrio de verão, e os sapatos incharam as gargantas, qual senhoras papudas que gritam na grande noite, a sala já estava entupida de gente de toda parte do aluvial.

Ninguém diria nada, no início. A primeira meia hora da noite, tempo para as pessoas chegarem, se instalarem, foi dedicada ao enrolar cuidadoso dos cigarros. Alinhado, o fumo era colocado nos sulcos de papel cru, enrolado, socado, da mesma maneira com que pensamentos, medos e espantos eram carregados, socados e enrolados. Assim teriam tempo para pensar. Era possível ver-lhes os cérebros trabalhando enquanto dedilhavam cigarros e colocavam-nos em condições de serem fumados.

Uma espécie de reuniãozinha de igreja de interior. Sentados, acororados, encostados em paredes de taipa, todos, imbuídos do temor reverente, fitavam a jarra, na prateleira.

Não a fitavam de imediato. Não, faziam-no lentos, casuais, como se estivessem passando os olhos pela sala; deixavam que os olhos esbarrassem em velhos objetos que lhes ocorressem à consciência.

E — por acaso, é claro — o foco daqueles olhos errantes convergia sempre para o mesmo lugar. Num instante, todos os olhos da sala já estavam todos ligados a ela, como alfinetes espetados numa almofada fantástica. O único ruído, alguém chupava um sabugo de milho. Ou as crianças descalças correndo pelas tábuas da varanda, lá fora. Uma voz de mulher, eventualmente: "Vão lá para fora, crianças. Vão!" Com risinhos de água doce, corrente, os pés descalços iam rápidos assustar as rãs.

Na primeira fila, naturalmente, na cadeira de balanço, estaria Charlie, com um travesseiro enxadrezado por baixo do traseiro recostado, balançando, lentamente, saboreando a fama, o respeito, angariados pela posse da jarra.

Thedy poderia ser vista no fundo da sala, num bolo de mulheres, sombrias, quietas; aguardavam os maridos.

Thedy parecia em vias de chorar de ciúmes. Mas não dizia nada, apenas observava os homens, e sua delicadeza inútil, entrarem na sala de estar, e sentarem ao pé de Charlie, contemplarem essa coisa — o Santo Graal? Os lábios de Thedy esfriaram, endureceram e não se dirigiram a ninguém, sequer uma palavra cortês.

Passado o período de silêncio, respeitoso, alguém, talvez o velho Gramps Medknowe, de Crick Road, puxaria um escarro, bem do fundo de uma gruta interior, inclinar-se-ia para a frente, piscando, umedeceria os lábios, talvez, e seus dedos calosos manifestariam um tremor curioso.

Era a senha para que todos se aprontassem para a conversa vindoura. Aprumar-se-iam os ouvidos. Todos estavam imóveis, pareciam porcos atolados na lama morna, depois de um dia de chuva.

Gramps ficou a contemplar, com a língua — de lagarto — mediu os lábios, depois reclinou-se novamente, e disse, como sempre, com a voz alta, rala, de um tenor velho:

— Estou imaginando o que será isso. Se é ele, ou ela, ou se é uma coisa qualquer. Certas noites, eu acordo, me viro na esteira de palha e penso nessa jarra, guardada nessa escuridão imensa. Penso nela flutuando no líquido, pacífica, pálida, como uma ostra. As vezes até acordo Maw, e ficamos os dois a pensar...

Ao falar, Gramps movia os dedos em pantomima tremulante. O dedão grosso costurava — todos os observavam — e os outros dedos, de unhas fortes, coleavam.

—...e ficamos os dois a pensar, deitados. E nos arrepiamos. Mesmo nas noites quentes, com as árvores suando, os mosquitos sem poder voar, de tão quentes, nós nos arrepiamos da mesma maneira, e viramos para lá, para cá, tentando dormir...

Gramps voltou ao silêncio, como se sua fala tivesse encerrado, para que outra voz pudesse falar da maravilha, do espanto, da estranheza.

Juke Marmer, de Willow Sump, limpou o suor da palma das mãos na rótula dos joelhos. Tranquilo, proferiu:

— Me lembro de quando eu era um garotinho. Eu vivia fungando o nariz. Tínhamos uma gatinha que passava o tempo todo fazendo gatinhos. Por Deus do céu, ela dava cria toda vez que saía para brincar e pulava a cerca...

Juke falava com um certo tom de brandura sagrada, benevolente.

—...Bem, nós demos os gatinhos, mas quando essa gatinha finalmente foi embora, todos os nossos vizinhos já tinham recebido um ou dois gatos de nós, de presente. Então a mãe correu até a varanda do quintal, com uma jarra grande, de quase dez litros, e encheu d'água até a borda. A mãe disse: Juke, afogue os gatinhos! Eu me lembro, eu fiquei lá. Os gatinhos miavam, corriam em volta, cegos, pequeninos, indefesos; e engraçado... mal haviam começado a abrir os olhos. Olhei para a mãe, e disse: Eu não, mãe! Faz você! A mãe ficou lívida, disse que tinha que ser feito, que eu era a única pessoa à mão, e entrou, foi mexer o purê e preparar a galinha. Eu... eu apanhei um... gatinho. Segurei. Ele estava quente. Fez um som de miado, e eu quis fugir, e nunca mais voltar.

Juke acenava a cabeça, os olhos brilhantes, jovens, mergulhando no passado, renovando-o, modelando-o com palavras, uniformizando-o com a língua.

— Abri a mão, o gatinho caiu dentro d'água. O gatinho fechou os olhos, abriu a boca, querendo ar. Me lembro dos dentes caninos à mostra, da língua cor-de-rosa, esticada, e bolhas, subindo em fila para a superfície. Me lembro, até hoje, do modo como aquele gatinho ficou flutuando, depois que tudo terminou, flutuando de um lado para o outro, lento, sem se preocupar, olhando para mim, sem me condenar pelo que eu fizera, mas, também, sem gostar de mim.

Ahhhh...

Os corações aceleraram. Os olhos giraram nos eixos, iam de Juke à jarra, na prateleira; abaixaram-se e levantaram-se novamente, apreensivos.

Houve um intervalo.

Jahdoo, o negro de Heron Swamp, parecia jogar os olhos de marfim, na cabeça, qual melancólico malabarista. As juntas dos dedos escuros contraíam-se, distendiam-se: gafanhotos vivos.

— Vocês sabem o que é aquilo? Vocês sabem? Sabem? Eu digo pra vocês. Aquilo é o centro da vida, tenho certeza! Deus acredita em mim, eu sei que é!

Jahdoo balançou, era uma árvore soprada por um vento, vindo do charco, que ninguém, exceto ele próprio, via, ouvia ou sentia. Os olhos giraram novamente, como se tivessem sido removidos para vagar em liberdade. A voz costurou um tecido de fios negros, passando pelos lóbulos dos presentes e formando, com eles, um desenho, sem respiração.

— A partir disso aí, lá no Charco de Middibamboo, é que todo tipo de coisa rastejou. Cresceu mão, cresceram pés, cresceu língua, e chifre, e desenvolveu. Uma amebinha minúscula, talvez. Depois saiu um sapo de garganta papuda! É!

Jahdoo estalou as juntas.

— Depois, babou nas juntas pegajosas e... ERA HUMANO Isso era o centro da criação. Isso é Mamãe Middibamboo, e dela viemos nós todos, há dez mil anos. Acreditem!

— Dez mil anos?! — sussurrou Vovó Carnação.

— Isso é velho! Olhem! Isso já não se preocupa mais, já sabe de tudo. Está aí, como costeletas de porco em banha de fritar. Isso tem olho, e não pisca, os olhos não parecem aflitos, parecem? Não, senhor! Isso já sabe de tudo. Isso sabe que nós fomos feitos dele, e vamos voltar para ele!

— Qual é a cor dos olhos dele? -Cinza.

— Não, é verde!

— E a cor do cabelo? Castanho?

— Preto?

— Vermelho!

— Não, cinza!

E Charlie daria sua opinião, arrastando a fala. Certas noites, diria a mesma coisa. Outras, não. Não tinha importância. No auge do verão, mesmo que você diga a mesma coisa, noite após noite, sempre parece diferente. Os grilos alteravam-na. Os sapos alteravam-na. A coisa na jarra a alterava. Charlie disse:

— E se um velho, ou mesmo um garoto, voltasse para o pântano e vagasse, perdido, por anos e anos, naquela lama movediça, pelas picadas, valas, pelas velhas ravinas encharcadas, pela noite, a pele ficando pálida, sentindo frio, encarquilhando? Tão distantes do sol, eles definhariam cada vez mais e, por fim, afundariam num buraco de estrume, e ali ficariam numa espécie de... ralé...

como larva de mosquito, dormindo em água de poço. Porque, porque... pelo que sabemos, isso pode ser qualquer conhecido nosso! Alguém com quem eventualmente já tenhamos trocado uma ou outra palavra. Pelo que sabemos...

Dentre as mulheres, lá no fundo, no escuro, surgiu um assobio. Em pé, com os olhos brilhantes, uma mulher procurava palavras. O nome era Sra. Tridden, ela murmurou:

— Todos os anos, muitas criancinhas vão brincar no pântano, nuas em pelo. Correm, correm, e não voltam. Eu mesmo já quase me perdi por lá. Foi assim que eu perdi meu filhinho, o Foley. Vocês... vocês não imaginam!

A respiração estava presa nas narinas, estrangidas, apertadas. Bocas retorciam-se nos cantos, puxadas por músculos endurecidos, contraídos. As cabeças pendiam em talos de aipo — os pescaços — e os olhos percebiam-lhe o horror, a esperança. A coisa estava no corpo da Sra. Tridden, retesado, agarrado à parede, de costas, os dedos duros, esticados.

— Meu filho! — exalou num sussurro. — Meu Filho! Meu Foley! Foley! E você, Foley? Foley! Diga, Foley, meu filho, é VOCÊ?

Todos prendiam a respiração, voltando os olhos para a jarra.

A coisa na jarra não disse nada. Apenas fitava, branca, cega, a multidão. E no fundo daqueles ossos despidos, o fluido de um temor secreto escorreu como o degelo da primavera; a calma, a fé, a humildade benevolente, resolutas, foram corroídas, comidas pelo fluido, e fundiram-se na torrente. Alguém gritou.

— Mexeu!!

— Não, não, não mexeu não. É ilusão de ótica!

— Eu juro — exclamou Juke. — Eu o vi flutuar igualzinho a um gatinho morto.

— Calma, calma. Ele já está morto há muito tempo. Talvez antes mesmo de você ter nascido!

— Um sinal; ele fez um sinal! — gritou a Sra. Tridden. — É o meu Foley! É o meu filhinho que está aí! Ele tinha três aninhos. É o meu filhinho que se perdeu e morreu no pântano.

Irrompeu em soluços.

— Calma, Sra. Tridden. Calma. Sente-se. Controle-se. Pode ser o meu filho também. Pronto... pronto.

Uma das mulheres a tomou pelos braços, ajudou-a a estancar os soluços, até vê-los transformarem-se numa respiração convulsiva, em lábios que tremiam com a rapidez de uma borboleta ante a passagem brusca da respiração, temerosa.

Quando tudo se aquietou, Vovó Carnação, com uma flor murcha, cor-de-rosa presa aos cabelos grisalhos que pendiam sobre os ombros, baforou o cachimbo no canto da boca. As palavras o envolveram, e Vovó sacudiu a cabeça e fez dançar os cabelos sob a luz.

— Quanto falatório! Quanto desperdício de palavras! Nós nunca vamos descobrir, nunca vamos saber o que é. E se descobrirmos, não vamos querer saber. É como os truques dos mágicos. Quando os descobrimos, as coisas que estão por debaixo da manga perdem a graça. Já estamos nos reunindo aqui a cada dez noites, mais ou menos. A razão diz que se formos ver o que é esta coisa aí, não haveria mais nada com que nos preocupar, e pronto!

— Ora, mande isso aí para o inferno! — trovejou uma voz bovina. — Eu acho que isso aí não é nada!

Tom Carmody.

Tom Carmody lá estava, como sempre, na sombra. Lá fora, na varanda. Apenas os olhos penetravam, e os lábios riam, ligeiramente, fazendo pouco. A risada tocou Charlie como uma picada de marimbondo. Fora idéia de Thedy. Thedy pretendia matar a nova vida de Charlie; se pretendia!

Carmody insistiu, áspero:

— Nada! Isso aí na jarra não passa de um amontoado de água-viva do Mar de Cove, é uma coisa podre e fedorenta!

— Será que você não está com ciúmes, primo Carmody? — retrucou Charlie, espaçado.

— Deixe disso — bufou Carmody. — Eu só venho aqui para ver tantos crédulos e idiotas se preocuparem com nada. Vocês já repararam que eu não botei os pés aí dentro, e nem participei. Eu vou é para casa. Alguém quer vir comigo?

Ninguém se ofereceu para acompanhá-lo. Carmody riu novamente, como se a negativa fosse uma piada ainda maior, como era possível tanta gente fora de si. Thedy apanhava a palma da mão, com as unhas, lá no fundo, num canto da sala. Charlie viu retorcer a boca de Thedy. Fazia frio. Charlie não conseguiu falar.

Sem parar de rir, Carmody projetou-se varanda afora com o retumbar de suas botas de saltos altos; o som dos grilos levou-o embora.

Vovó Carnação mascou o cachimbo.

—Como eu estava dizendo antes da tempestade: aquela coisa na prateleira, por que ela não pode ser uma espécie de... todas as coisas? Muitas coisas. Todos os tipos de vida... de morte... eu não sei. Uma mistura de chuva, de sol, de estêreo, de geléia, tudo isso junto. Capim, cobras, crianças, neblina e todas as noites, todos os dias no bambuzal estagnado. Por que tem que ser uma coisa só? Talvez sejam muitas.

E a conversa prosseguiu tranqüila por mais uma hora, e Thedy escapuliu na noite, na trilha de Tom Carmody, e Charlie começou a suar. Aqueles dois estavam planejando alguma coisa. Ah, esses dois! Estavam mesmo planejando alguma coisa. Até o fim da noite, Charlie sentiu muito calor, suou muito.

A reunião acabou tarde, e Charlie foi se deitar, tomado por emoções controversas. A reunião saíra a contento, mas... e Thedy e Tom?

Bem mais tarde, o movimento de um bando de estrelas no céu marcou a passagem da meia-noite. Charlie ouviu o passo empoçado de Thedy, no capim alto, marcado pelo pêndulo indolente dos quadris. Os saltos bateram leves pela varanda, entraram em casa, entraram no quarto.

Na cama, deitada, olhos felinos fitam Charlie. Charlie não *o* via mas podia senti-los.

— Charlie? Charlie esperou. Depois:

— Estou acordado. E Thedy esperou.

— Charlie?

— O que é?

— Aposto que você não sabe onde eu fui. Você não sabe onde eu fui, aposto...

O estribilho da noite, debochado, tranqüilo.

Charlie esperou.

Thedy esperou também. Mas não conseguiu esperar muito.

— Fui ao parque de diversões em Cape City. Tom Carmody me levou. Nós... nós conversamos com o proprietário, Charlie. Conversamos, Charlie. Se conversamos!

Thedy soltou um risinho, algo secreto.

Charlie congelou. Levantou-se, permaneceu apoiado num dos cotovelos. Thedy prosseguiu, insinuante:

— Nós descobrimos o que é que tem dentro da jarra, Charlie. , Charlie sentou-se, pesado, na cama, levou as mãos aos ouvidos.

— Não quero ouvir.

— Mas você tem que ouvir, Charlie. É uma piada e tanto. Coisa rara, Charlie. Thedy assobiou.

— Vá embora.

— Ah, não. Não, senhor Charlie. Por quê? Não, Charlie... querido. Não antes de contar!

— Vá embora.

— Eu vou contar. Nós conversamos com o proprietário, e ele... ele quase morreu de rir. Disse que vendeu a jarra, a e coisa que estava nela, para um, um... (solução) por doze dólares. E que aquilo vale no máximo dois dólares!

A gargalhada encheu a escuridão, da boca de Thedy; uma gargalhada horripilante.

Thedy completou, rápida, estridente:

— Isso não vale nada, Charlie! É borracha, papier-machê, seda, algodão, ácido bórico! É só isso, Charlie! Com um aro de metal por dentro. Só isso, Charlie, só isso!

— Pára, pára!

Rápido, aos berros, Charlie levantou-se, os dedos grossos rasgaram os lençóis.

— Eu não quero ouvir nada! Eu não quero ouvir! Charlie gritava, gritava.

— Espere até que todo mundo saiba do embuste! Eles vão rir, ah, se vão! Vão chacoalhar os pulmões!

Charlie pegou-a pelos pulsos.

— Você não vai contar nada a eles!

— Você não quer que eu passe por mentirosa, quer, Charlie? Charlie girou-a, largou-a.

— Por que você não me deixa em paz? Sua imunda! Imunda, venenosa, você tem ciúmes de tudo o que eu faço. Abaixei a sua crista quando trouxe a jarra para casa, não foi? Você não dormiu até conseguir estragar tudo, não foi?

Thedy ri.

— Então não vou contar nada a ninguém. Charlie fitou-a.

— Você estragou o meu brinquedo. É isso o que importa. Contar ou não, não tem importância. O que importa é que eu sei. E nunca mais vou conseguir me divertir. Você e o Tom Carmody. Gostaria de fazê-lo parar de rir. Todos esses anos, ele ri de mim! Bem, vá contar aos outros, é a melhor coisa que você tem a fazer, vá se divertir às minhas custas!

Com passos furiosos, Charlie pegou a jarra, a água rebentava. E Charlie a teria jogado no chão; mas, trêmulo, parou e pousou-a, com delicadeza, na mesinha de pés compridos. Debruçou-se, soluçando. Se a perdesse, seria o fim do mundo. Já estava perdendo Thedy também. A cada mês que passava, se afastava cada vez mais, intimidando-o, zombando dele. Aqueles quadris, por muitos anos, haviam sido o pêndulo que lhe possibilitaram marcar o tempo da vida. Mas agora, outros homens, e Tom Carmody era um deles, também marcavam o tempo na mesma fonte.

Na expectativa, Thedy esperava que Charlie espatifasse a jarra no chão. Mas, não, Charlie acariciou-a, afagou-a, e acalmou-se, gradualmente. Pensou nas grandes noites do mês que passou, noites profícuas, tantos amigos, tanta conversa pela sala. E isso, ao menos, era bom. Mesmo que tudo o mais não prestasse.

Lento, voltou-se para Thedy. Perdera-a para sempre.

— Thedy, você não foi ao parque de diversões.

— Fui sim.

— É mentira! — retrucou, tranqüilo.

— Não é não.

— Esta... esta jarra tem que ter alguma coisa dentro dela. Alguma coisa além de toda essa sua porcariada. Muita gente acredita que haja algo nela, Thedy. Isso você não vai conseguir mudar. O proprietário do parque de diversões, se é que você conversou mesmo com ele, mentiu.

Charlie retomou o fôlego, do fundo do peito.

— Vem cá, Thedy.

— O que é que você quer? — respondeu Thedy, mal-humorada.

— Vem cá...

Charlie deu um passo na direção de Thedy.

— Vem cá.

— Fique longe de mim, Charlie.

— Só quero lhe mostrar uma coisa.

A voz de Charlie saiu suave, baixa, insistente.

— Aqui, gatinho. Vem, vem... tsss tss tss. AQUI GATINHO!

Mais uma noite, uma semana depois. Gramps Medknowe, Vovó Carnação chegaram, e depois deles o jovem Juke, a Sra. Tridden e Jahdoo, o negro. E todo o resto, moços e velhos, doces e amargos, fazendo ranger as cadeiras, cada qual, na mente, com um pensamento, uma esperança, um temor, um devaneio. Não olhavam para o santuário; apenas, baixinho, diziam "alô" para Charlie.

Esperaram pelos demais, para a reunião. Pelo brilho dos olhos, era possível perceber que cada um via uma coisa diferente na jarra, uma coisa de vida, de vida após vida mortíça, de vida na morte, de morte em vida, cada qual com uma história, uma sugestão, com objetivos distintos, velhos, todos, porém renovados.

Charlie, sentado, sozinho.

Alguém esticou os olhos adentro do quarto vazio.

— Olá, Charlie. Sua esposa foi visitar os pais de novo?

— É. Foi até o Tennessee. Volta em duas semanas. Nunca vi mulher para gostar tanto assim de bater perna. Você conhece Thedy.

— Para bater perna, está sozinha, essa sua mulher.

Vozes sussurradas conversam, aprontam-se; subitamente, caminhando pela varanda escura, os olhos fitando as pessoas dentro da sala... Tom Carmody.

Do lado de fora da porta, os joelhos arqueados, trêmulos, os braços pendentes, sacudindo, lá estava Tom Carmody. Olhava para o interior da sala, não ousava entrar. A boca aberta, sem rir. Os lábios úmidos, bambos, sem rir. O rosto pálido, da cor-de-giz, como se, há muito, estivesse doente...

Gramps ergueu os olhos até a jarra, limpou a garganta.

— Caramba! Eu nunca havia percebido tão bem! Os olhos dele são azuis.

— Os olhos dele sempre foram azuis! — confirmou Vovó Carnação.

— Não, não — gemeu Gramps. — Não foram sempre azuis, não. Da última vez que viemos, eram castanhos.

Com um piscar, Gramps enlevou o olhar.

— E tem mais... o cabelo dele era castanho. Não era castanho o cabelo dele?

— Era sim — suspirou a Sra. Tridden.

— Não era não.

— Era sim.

Naquela noite de verão, Tom Carmody tiritava, fitava a jarra. Charlie erguia os olhos para contemplá-la, enrolava um cigarro, à vontade, todo paz, todo calma, seguro de sua vida, de seus pensamentos. Tom Carmody, sozinho,

percebia, na jarra, coisas que jamais percebera. Todos viam o que Carmody desejava ver; todos os pensamentos fluíram, como chuva que despenca e pára.

— Meu filho. Meu filhinho! — pensava a Sra. Tridden.

— Um cérebro! — pensava Gramps. O negro agitou os dedos.

— Middibambo Mama!

O pescador torceu os lábios.

— Uma água-viva!

— Gatinho! Vem cá, gatinho... vem... tsss tsss! — afogavam-se os pensamentos, e apoderavam-se dos olhos de Juke. — Gatinho!

— Tudo! Qualquer coisa! — estrilou o pensamento encarquilhado de Vovó.

— A noite, o charco, a morte, as coisas mortijas, as coisas molhadas do mar!

Silêncio. Depois, Gramps sussurrou:

— Eu imagino... estou imaginando se é ele, ou ela, ou apenas uma coisa qualquer?

Charlie ergue os olhos, satisfeito; socava o cigarro, moldava-o à boca. Depois, olhou para Tom Carmody, e Carmody jamais riria de novo, lá da porta.

— Acho que nunca vamos saber. Claro, nunca vamos saber.

Devagar, Charlie balançou a cabeça, e instalou-se com as visitas, olhando, olhando.

Era uma dessas coisas que se costumam guardar em jarras, numa tenda de um parque de diversões mambembe, na periferia de uma aldeola pacata. Uma dessas coisas em plasma alcoólico, flutuantes, eternas sonhadoras, giratórias, de olhos abertos, mortijos, que o encaram, mas não o vêem...

O Lago

A onda me desligou do mundo, dos pássaros no céu, das crianças na praia, de minha mie sentada na areia. Houve um momento de silêncio, verde silêncio. E depois a onda me devolveu o céu, a areia e a algazarra das crianças. Sai da água, o mundo esperava por mim, mal se movera desde o momento em que me afastara.

Corri pela praia.

Mamãe me enxugou com uma toalha felpuda, e disse:

— Agora fique de pé, para secar.

Lá fiquei, observando o sol remover as gotículas d'água de meus braços. Eu as substituí pelo arrepio da pele.

— Olha o vento — mamãe disse —, vista o blusão.

— Espera; estou olhando as bolinhas na minha pele.

— Harold!

Vesti o blusão e fiquei a observar as ondas subirem e quebrarem na praia. Não por acaso, porém. Fora proposital, com uma certa elegância, uma elegância verde. Nem mesmo um bêbedo apagaria diante de tanta elegância daquelas ondas.

Era setembro. Nos últimos dias, quando as coisas já ficam tristes mesmo sem motivo. A praia era muito comprida, solitária; apenas seis pessoas. As crianças já haviam parado de jogar bola. O vento, de algum modo, já as entristecera também, assobiando dessa maneira; as crianças se sentaram e sentiram o outono chegar naquela praia infundável.

Todas as barraquinhas de cachorro quente já se encontravam lacradas com placas douradas, encerrando toda mostarda, toda cebola, todos os odores de carne do longo verão, alegre. Foi o mesmo que pregar o verão numa porção de caixões. Um por um, os lugares amavam as tampas, com estrépito, trancavam as portas, e o vento chegava, tocava a areia, apagando as milhões de pegadas de julho e agosto. E tanto foi assim que, agora, em setembro, havia apenas as marcas dos meus tênis, e dos pés de Donald e Delaun Arnold, lá junto à orla da água.

A areia soprava em cortinas nas calçadas; o carrossel, oculto sob a lona; os cavalinhos congelados no ar, nos tubos de metal, exibiam dentes, em posição de galope. Como música, apenas o vento atravessando a lona, furtivo.

Lá estava eu. Todo o resto, na escola. Menos eu. Amanhã, de trem, eu estaria atravessando os Estados Unidos, rumo oeste. Mamãe e eu viéramos para a praia, passar juntos o último e breve momento.

Alguma coisa na solidão me fez desejar correr sozinho.

— Mamãe, quero ir correr pela praia, bem longe.

— Está bem, mas volte rápido, e não chegue perto da água.

Corri. A areia levantava debaixo de mim e o vento me levantava. Você sabe como é, quando a gente corre, os braços esticam e a gente sente véus saindo dos dedos, por causa do vento. Como se fossem asas.

Com a distância, mamãe se afastava, sentada. Logo se transformaria apenas num espeto marrom, e eu estava só.

Estar só é uma novidade para um garoto de doze anos de idade, tão acostumado a ter pessoas ao redor. A única maneira que tem para ficar só é na própria mente. Existem tantas pessoas reais por aí, dizendo o que as crianças têm que fazer, e como, que resta a um garoto sair correndo pela praia, mesmo que a praia esteja apenas em sua imaginação, para ficar só em seu próprio mundo.

Assim, agora, eu estava realmente sozinho.

Entrei n'água, deixei-a esfriar-me até a altura do estômago. Antes, sempre no meio da multidão, jamais tivera a ousadia de olhar, de vir até este lugar e chamar um certo nome. Agora, porém...

A água é como um mágico. Nos serra ao meio. É como se fôssemos cortados em dois, e uma parte, a parte inferior, açúcar, derrete, dissolve. Água fria, e, de vez em quando, uma onda tropeça, muito elegante, e desliza com um adorno de renda.

Gritei o nome dela. Mais de dez vezes, gritei.

— Tally! Tally! Que pena, Tally...

Quando somos jovens, sempre esperamos que respondam aos nossos chamados. Sentimos, então, que tudo o que pensamos é real. E às vezes, até, isto não chega a ser um absurdo.

Pensei em Tally nadando, entrando no lago, no mês de maio que passou, e no rastro das trancinhas, louras. Ela ria, e o sol batia naqueles pequeninos ombros, de doze anos. Pensei na água, que ficou tranqüila, no salva-vidas entrando aos saltos, na mãe de Tally gritando, e em Tally, que nunca mais voltou.

O salva-vidas tentou persuadi-la a sair, mas Tally não saiu. Ele trouxe apenas, nas juntas dos dedos, vigorosas, pedacinhos de plantas d'água; Tally se fora. Na escola, já não mais a veria sentada lá do outro lado; nas noites de verão, pelas ruas, não mais iria apanhar as bolas que caíam dentro das casas de paredes de tijolos. Ela se distanciara muito, e o lago não permitiria que regressasse.

E agora, no outono solitário, o céu imenso, a água imensa, a praia tão comprida, eu viera pela última vez, só.

Gritei o nome dela diversas vezes. Tally, que pena, Tally!

O vento soprava tão leve nos meus ouvidos, do jeito que o vento sopra na abertura das conchas e as faz sussurrar. A água subia, envolvia meu peito, depois meus joelhos, subia e descia, sempre puxando por baixo dos meus calcanhares.

— Tally! Volte, Tally!

Eu tinha apenas doze anos. Mas sei o quanto eu a amava. Um amor que vem

antes de qualquer significado de corpo, de moralismos. Um amor sem maldade, como o vento, o mar, a areia, lado a lado, para sempre. Feito de dias demorados, quentes, juntos, na praia, e de dias tranquilos, de cochichos, na lengalenga do colégio. Passaram-se os longos dias do outono de muitos anos desde o dia em que eu a acompanhei até sua casa, carregando seus livros.

—Tally!

Gritei o nome dela pela última vez. Tiritei. Senti a água tocar o meu rosto, e nem sei como isso foi acontecer. A rebenção não estava tão alta assim.

Virei-me, recuei até a areia e ali fiquei por meia hora, na esperança de um lampejo, um sinal, um pedacinho de Tally de que pudesse me lembrar. Então, ajoelhei-me e construí um castelo de areia, modelando-o com apuro, construindo-o do jeito que Tally e eu costumávamos construir os muitos que fizemos. Dessa vez, porém, construí apenas metade. E me levantei.

— Tally, se você estiver me ouvindo, venha, construa o resto.

Saí dali, rumo àquele espeto distante: mamãe. A água subiu, fundiu o castelo e areia, arco por arco, e desbastou-o, pouco a pouco, refazendo a uniformidade original.

Em silêncio, caminhei pela orla.

Lá longe, o carrossel desentouu. Fora o vento, apenas.

No dia seguinte, tomei o trem.

Trens não têm boa memória. Logo deixam tudo para trás. Esquecem os milhares de Illinois, os rios da infância, as pontes, os lagos, os vales, as fazendas, as dores e as alegrias. Passam e deixam tudo espalhado, e tudo volta ao horizonte.

Estiquei meus ossos, coloquei carne neles, troquei minha mente jovem por uma mais velha, joguei fora as roupas que não mais serviam, saí do primeiro para o segundo ciclo, e para a universidade. E surgiu uma moça em Sacramento. Depois de conhecê-la por algum tempo, nos casamos. Na época, eu tinha vinte e dois anos, e já quase me esquecera de como era o Leste.

Margareth sugeriu que passássemos nossa lua-de-mel, tão demorada, naquelas bandas.

Assim como a memória, o trem funciona para os dois lados. Pode, bem depressa, fazer retornar tudo o que você deixou para trás durante anos.

Lake Bluff, população 10.000, emergiu no céu. Margareth estava tão elegante naquelas roupas novas, e finas. Ela me observava, via o velho mundo reunir-me de volta àquela vida. Segurou meu braço quando o trem deslizou estação adentro, em Bluff, e quando o carregador transportou nossa bagagem.

Tantos anos, e o que eles fazem com as fisionomias, com os corpos das pessoas. Quando caminhamos juntos pela cidade, não vi ninguém que reconhecesse. Alguns rostos emanavam ecos. Ecos de caminhadas nas picadas da ravina. Rostos com um certo riso de fim de ano, de balançar em balanços de

elos de metal, e de descer e subir em gangorras. Mas não falei nada. Caminhei, olhei e preenchi o interior com todas as reminiscências, e deixei-as qual folhas empilhadas para a secagem do outono.

Ficamos, ao todo, duas semanas; juntos, revisitamos todos os lugares. Foram dias felizes. Eu pensava que amava Margareth, muito. Ao menos pensava.

Num dos últimos dias, fomos caminhar pela praia. O ano não estava próximo ao fim, como estava naquele dia, há tantos anos, mas já os primeiros vestígios do abandono surgiam na praia. As pessoas rareavam, muitas barraquinhas de cachorro quente já haviam sido fechadas com tapumes, e lacradas, e o vento, como sempre, lá estava, esperando, para cantar para nós.

Quase vi mamãe sentada na areia, do jeito que costumava sentar. Percorreu-me, novamente, a sensação de querer ficar só, mas não poderia forçar-me a conversar a respeito disso com Margareth. Então, mantive-me ao lado dela e esperei.

A tarde já se ia. Quase todas as crianças já haviam ido para casa, e apenas uns poucos homens e mulheres ali estavam aquecendo-se à brisa do sol.

O salva-vidas pulou dentro d'água. O salva-vidas saiu da água, devagar, com alguma coisa nos braços.

Fiquei petrificado. Prendi a respiração, senti-me pequeno, com apenas doze anos de idade, muito pequeno, infinitesimal, e com medo. O vento uivava. Eu já não via mais Margareth. Via apenas a praia, o salva-vidas emergindo do bote com um saco cinzento nas mãos, não muito pesado, e o rosto do salva-vidas, quase tão cinzento enrugado.

— Fique aqui, Margareth — eu disse, e não sei por que o disse.

— Mas, por quê?

— Fique aqui, e não discuta...

Lento, caminhei pela areia, fui encontrar o salva-vidas. Ele me olhou.

— O que há aí?

O salva-vidas continuou olhando para mim, por muito tempo; não conseguia falar. Pousou o saco cinzento na areia; a água borrifou-o, molhou-o, e voltou. Insisti:

— O que há aí?

O salva-vidas estava tranquilo.

— É estranho. Esperei.

— É estranho — repetiu, suave. — A coisa mais estranha que já vi. Ela já está morta há muito tempo.

Repeti estas palavras.

Ele concordava, com a cabeça.

— Eu diria, uns dez anos. Nenhuma criança se afogou aqui esse ano. E de 1933 para cá, apenas doze crianças, e todas foram encontradas algumas horas depois. Todas, menos uma, eu me lembro. Essa aqui, porque ela deve estar na

água há dez anos. Não é nada... agradável..

Fitei o saco cinzento nos braços do salva-vidas.

— Abra! — eu disse, sem saber por que o disse. O vento soava mais alto. O salva-vidas manuseou o embrulho, atrapalhado. Gritei.

— Depressa, homem, abra!

— É melhor não...

Creio que ele percebeu a expressão de meu rosto...

— Ela era tão pequenininha!

Abriu-o parcialmente. O suficiente.

A praia estava deserta. Havia apenas o céu, o vento, a água e o outono, que se aproximava solitário. Olhei para ela, ali dentro do saco.

Eu disse alguma coisa, repetidas vezes. Um nome, O salva-vidas olhou para mim. Perguntei:

— Onde o senhor a encontrou?

— Aí dentro d'água, no raso. É muito tempo, muito tempo; o senhor não acha?

Balancei a cabeça.

— É sim, Por Deus, é sim.

Pensei: as pessoas crescem. Eu cresci. Mas ela não mudou. Ainda é pequenina. Ainda jovem. A morte não nos permite crescer, ou mudar. Ela ainda tem os cabelos dourados. Será jovem para sempre, e eu a amarei para sempre. Meu Deus, eu a amarei para sempre.

O salva-vidas amarrou novamente o embrulho.

Pela praia, alguns momentos depois, caminhei sozinho. Parei e olhei para alguma coisa. Foi aqui que o salva-vidas a encontrou, disse para mim mesmo.

Lá estava, na orla da água, um castelo de areia, construído pela metade.

Olhei para o castelo. Ajoelhei-me ao lado dele, e vi as pequeninas pegadas saírem do lago, voltarem para o lago e não retornarem jamais.

Então, eu soube.

— Eu a ajudo a terminá-lo — eu disse.

Ajudei. Bem devagar, construí o resto; depois, levantei-me, virei-me e saí dali para vê-lo desmoronar com as ondas, como tudo desmorona.

Pela areia, voltei até o lugar onde uma mulher estranha, de nome Margareth, esperava por mim, sorrindo...

O Emissário

Era outono de novo, Martin percebeu, pois Cão entrou em casa, correndo, trazendo o vento, a geada, o aroma das maçãs despencadas, agora transformadas em sidra, debaixo das macieiras. Em espirais de cabelo negro, Cão trouxe virgas-áureas, a poeira de despedida do verão, cascas de bolota, penas de colibris idos, a serragem da lenha recém-cortada, e folhas que pareciam carvão de lenha sacudido das labaredas das aceráceas. Cão saltou. Chuvas de samambaias partidas, o arbusto da amoreira silvestre, o capim do brejo, tudo isso saltou em cima da cama, onde Martin exultava. Não havia dúvida, nenhuma dúvida, de que essa fera, incrível, era... outubro!

— Aqui, garoto, aqui!

E Cão instalou-se, foi aquecer o corpo de Martin com todas as fogueiras, todas as chamuscadas sutis da estação, veio encher o quarto com os odores, débeis ou fortes, úmidos ou secos, das longas viagens. Na primavera, cheirava a lilás, a íris, ao capim ceifado das relvas; no verão, com um bigode de sorvete, chegava, pungente, com fogos de artifício, pistolões, ventarolas, queimado de sol. Mas... no outono. No outono!

— Cão, como é que estão as coisas por aí?

Ali deitado, Cão contou tudo, como sempre o fazia. Ali deitado, Martin viu o mesmo outono dos velhos dias em que a doença ainda não o havia empalidecido, acamado. E aqui estava seu mensageiro, sua parte ágil, a quem, com um grito, mandava ir circular, farejar, reunir e entregar o tempo e a textura dos mundos das cidades, dos campos, à beira de regatos, rios, lagos, embaixo, em porões, em cima, em sótãos, em armários e carvoeiras. Mais de cem vezes por dia, era presenteado com sementes de girassol, com o pó dos pátios de hulha, paina-de-sapo, castanha-da-índia, e todo o aroma da cor-de-fogo das abóboras. Cão avançava pelos teores do universo; o traçado escondia-se em sua própria pele. Bastava estender a mão, e lá estaria...

— E hoje de manhã, onde você esteve?

Mesmo sem resposta, Martin sabia que Cão descera as colinas onde o outono dispõe a crespidão dos cereais, onde as crianças dispõem, em piras funerárias, em montes farfalhantes, os mortos atentos, cobertos com folhas, enquanto Cão e o mundo passam fazendo vento. Trêmulas, as mãos de Martin procuraram o pêlo grosso para ler a longa viagem. Pelos restolhos dos campos, pelos reflexos dos córregos da ravina, pelos restos de mármore do cemitério, bosques adentro. Nesta formidável estação das fragrâncias e de raro incenso. Martin, através de seu emissário, corria, vagava pelas redondezas e voltava para casa!

A porta do quarto se abriu.

— Esse seu cachorro está com problemas de novo.

Com olhos rabugentos, a mãe trouxe-lhe uma bandeja com salada de frutas, coco e torradas.

— Mãe...

— Ele fica cavando buracos por aí. Esta manhã, cavou um no jardim da Srta. Tarkin. Ela está babando de raiva. É o quarto buraco, nessa semana, que ele cava no jardim dela.

— Talvez ele esteja procurando alguma coisa.

— Gravetos... Esse cachorro é muito curioso. Se não se comportar, vou trancafiá-lo.

Martin fitou-a, parecia uma mulher estranha.

— Por favor, não faça isso! Como é que eu iria tomar contacto com as coisas? Como é que eu iria descobrir as coisas se Cão não as contasse para mim?

A mãe falou, com uma voz mais calma:

— É isso o que ele faz? Contas as coisas para você?

— Não há nada que eu não saiba quando ele sai, passeia e volta, absolutamente nada que eu não descubra através dele!

Ficaram os dois a olhar para Cão, para as manchas de mofo seco, para as sementes secas, sobre o acolchoado.

— Bem — ranzinhou a mãe — se ele parar de cavar onde não deve, pode andar onde quiser.

— Aqui, garoto, aqui!

E Martin afixou um bilhete de lata na coleira do cachorro: MEU DONO É MARTIN SMITH — DEZ ANOS DE IDADE — ACAMADO -VISITAS SERÃO BEM RECEBIDAS.

Cão ladrou. Lá embaixo, a mãe abriu a porta da rua e deixou-o sair.

Martin ficou a escutar.

Ouviu, lá longe, Cão correr pela chuva calma do outono, que agora caía. O latido tilintado sumiu, cresceu, sumiu de novo quando Cão atravessou a ruela e, pela grama, foi apanhar o Sr. Holloway e o cheiro metálico, oleoso, dos relógios delicados, de interiores fragilíssimos, que consertava em sua oficina caseira. Ou talvez trouxesse o Sr. Jacobs, o dono do armazém, com roupas impregnadas de alface, aipo, tomates e o cheiro secreto, enlatado, oculto, dos demônios rubros estampados em latas de presuntos diabólicos. O Sr. Jacobs, com seus demônios de carne rosada, invisíveis, costumava, com frequência, acenar lá de baixo, do jardim. Ou Cão talvez trouxesse o Sr. Jackson, a Sra. Gillespie, o Sr. Smith, a Sra. Holmes, qualquer amigo, ou quase amigo, que encontrasse, cercando-o, implorando, preocupando e, por fim, trazendo-o para casa, como se tocasse um rebanho, para almoçar ou para um chá com biscoitos.

Na escuta, Martin ouviu Cão lá embaixo; atrás dele, na chuva fina, passos caminhavam. A campainha da porta tocou, a mãe foi abrir, vozes baixas

murmuraram. Martin sentou-se na cama, o rosto irradiante. Os pisos dos degraus rangeram. A voz de uma moçoila sorria, tranqüila. Srta. Haight, é claro, professora do colégio.

A porta do quarto escancarou-se.

Visita para Martin.

Manhã, tarde, noite, alvorada e penumbra, sol e lua iam e vinham com Cão, que, com fidelidade, informava as temperaturas da relva, do ar, a cor da terra, da árvore, a consistência da neblina, da chuva, e, o que é ainda mais importante, sempre trazia de volta a Srta. Haight.

No sábado, domingo e na segunda-feira, a Srta. Haight fez, para Martin, bolinhos de sorvete de laranja, e trouxe, da biblioteca, livros sobre dinossauros e homens das cavernas. Na terça, na quarta e na quinta, Martin, não se sabe como, derrotou-a no dominó, ela, não se sabe como, perdeu no jogo de damas, e não demoraria muito — dizia a Srta. Haight — e ele a derrotaria, com muita elegância, no xadrez. Na sexta, no sábado e no domingo, conversaram, sem parar, ela tão jovem, tão risonha, elegante; os cabelos castanhos, macios, brilhavam como a estação que passava pela janela; ela caminhava serena, límpida, lípida; ao ouvi-la, uma pulsação calorosa do coração. Acima de tudo, ela detinha o segredo dos signos, era capaz de ler e interpretar Cão e os símbolos que investigava e extraía, com dedos milagrosos, de seus pêlos. De olhos cerrados, o sorriso tranqüilo, com voz de cigana, ela adivinhava o mundo a partir dos tesouros que tomava nas mãos.

E, na segunda-feira, à tarde, a Srta. Haight morreu.

Martin sentou-se na cama, devagar.

— Morta? — balbuciou.

Morta, a mãe confirmou. É, morta num desastre de automóvel a uns dois quilômetros daqui. Morta, pois é, o que, para Martin, significava frio, significava silêncio, alvura, e que o inverno chegava antes do tempo. Morta, silente, fria, alva. Os pensamentos giraram, prostraram-se e fizeram-se sussurros.

Pensativo, Martin segurou Cão; virou-se para a parede. A senhora dos cabelos da cor do outono. A senhora do riso tão delicado, que nunca zombava, dos olhos que lhe observavam a boca para ver tudo o que você dizia. A outra cara-metade do outono, esta senhora, que dizia o que Cão deixava de dizer, sobre o mundo. A pulsação no centro inerte da tarde cinzenta. A pulsação desfalece...

— Mamãe, o que as pessoas fazem no cemitério, debaixo da terra? Ficam jogadas lá?

— Ficam deitadas.

— Deitadas? É só isso o que fazem. Não deve ser muito divertido.

— Pelo amor de Deus, não é para ser divertido.

— Por que as pessoas não pulam e correm de vez em quando, quando se

cansam de ficar deitadas? Deus é muito bobo...

— Martin!

— Bem, eu pensava que ele tratasse melhor as pessoas, do que deixá-las lá, deitadas, para sempre. Não, não é possível. Ninguém consegue ficar assim! Eu tentei uma vez. Cão também. Eu digo "Morto, Cão" e ele se finge de morto por um instante. Depois, se chateia, se cansa, abana o rabo, abre um olho e me olha, entediado. Caramba, aposto que aquele pessoal do cemitério faz a mesma coisa, não é, Cão?

Cão latiu. A mãe insistiu:

— É melhor você parar com essa conversa! Martin deixou o olhar vagar pelo espaço.

— Aposto que é isso mesmo que o pessoal faz!

O outono queimou, desnudou as árvores, e Cão foi ainda mais longe, pelos vãos dos regatos, a rondar o cemitério, como de hábito, e detonar, na volta, uma saravada de latidos que fazia vibrar as janelas dos lugares por onde passava.

Nos últimos dias de outubro, Cão começou a agir como se o vento tivesse mudado, como se agora soprasse de uma terra estranha. No andar de baixo, ficava a tremer na varanda. Gania, os olhos fixos na terra vazia, por trás da cidade. Não trazia mais visitas para Martin. Dia após dia, ficava parado, tremendo, e disparava em Unha reta, como se alguém o tivesse chamado. Noite após noite, retornava mais tarde, e ninguém a seguiu-o. Noite após noite, Martin afundava-se cada vez mais no travesseiro.

A mãe dizia:

— Ora, as pessoas andam ocupadas, andam sem tempo para reparar no bilhete afixado no Cão. Ou então, quem sabe, talvez queiram vir fazer uma visita, mas se esquecem.

Mas havia mais do que isso. Havia brilho febril nos olhos de Cão, o ganido noturno, choramingado, em algum sonho íntimo. O tremor na escuridão, debaixo da cama. E o jeito com que ele passava boa parte da noite, olhando para Martin, como se ocultasse algum segredo, imenso, impossível, sem meios de contá-lo, a não ser abanando o rabo furiosamente, dando voltas infundáveis, sem nunca se deitar, girando, girando novamente.

No dia trinta de outubro, Cão saiu e não voltou, nem mesmo quando, depois da ceia, os pais de Martin o chamaram por diversas vezes. Ficou tarde, as ruas e calçadas esvaziaram-se; frio, o ar passava por cima da casa, e não havia nada, nada.

Bem depois da meia-noite, além das janelas de vidro, frias, claras, Martin observava o mundo, deitado. Agora, nem mesmo o outono existia, pois Cão não estava lá para ir apanhá-lo. E não existiria inverno, pois quem iria apanhar a neve e entregá-las nas mãos, derretendo? Meu pai? Minha mãe? Não, não era a

mesma coisa. Eles não conseguiriam seguir as regras, os sons, a pantomima especial do jogo. Não existiriam mais estações. O tempo não mais existiria. O intermediário, o emissário perdera-se no acotovelamento da civilização, envenenado, roubado, atropelado por algum carro, abandonado nalgum canto, num bueiro...

Aos soluços, Martin enfiou o rosto no travesseiro. O mundo era um quadro, com uma proteção de vidro. Intocável. O mundo estava morto.

Martin virou-se na cama; em três dias, as últimas abóboras da Véspera de Todos os Santos apodreceram nas latas de lixo; as caveiras e as feiticeiras de papier-machê, queimadas em fogueiras; os fantasmas, empilhados nas prateleiras com o resto da roupa branca.

Para Martin, a Véspera de Todos os Santos fora apenas uma noite, a noite em que as cometas de lata bradaram às estrelas do outono frio, em que as crianças eram sopradas, como se fossem folhas de duendes, pelas calçadas de pederneiras, enfiando as cabeças, ou os repolhos, nas varandas, escrevendo, com sabão, nomes e outros símbolos mágicos nas janelas salpicadas de gelo. E tudo tão distante, tão impenetrável, trazendo pesadelos, como um *show* de marionetes que, visto de tão longe, não produz sons ou significados.

Em novembro, por três dias, Martin observou luz e sombra, alternadas, polvilharem o teto. Acabara-se o espetáculo de fogo, para sempre; em cinzas frias, jaz o outono; Martin afundou-se mais, e mais, nas camadas de mármore branco, da cama, imóvel, na escuta sempre, na escuta...

Na sexta-feira à noite, com um beijo, os pais despediram-se de Martin; passariam pelo clima sempre secreto da catedral e seguiriam para o cinema. A Srta. Tarkin, a vizinha do lado, ficou na sala de visitas, lá embaixo, e quando Martin avisou-a de que estava com sono, ela se foi com o tricô.

Deitado, em silêncio, Martin acompanha, no céu claro, de luar, o amplo movimento dos astros; lembra-se de noites como essa, em que percorria a cidade. Cão seguia na frente, atrás, ao lado, em volta, na trilha da ravina de pelúcia verde, margeando regatos sossegados, leitosos ante a plenitude da lua, saltando as lápides do cemitério e, ao mesmo tempo, balbuciando os nomes inscritos nas pedras de mármore; em frente, sempre em frente, rápidos, atravessavam capinzais ceifados, onde o único movimento era o acende-e-apaga, o piscar das estrelas, e adentravam ruas em que as sombras não lhes davam passagem, aglomeradas nas calçadas por muitos quilômetros. Agora, corre, corre! Perseguiam, eram perseguidos, pela fumaça ardida, pela neblina, pelo orvalho, pelo vento, pelo fantasma do espírito, pelo medo da reminiscência; em casa, são e salvos, agasalhados, em sono profundo...

Nove horas.

Badalo. O relógio indolente no vão profundo da escada, lá embaixo. Badalo.

Volte, Cão, e leve o mundo com você. Cão, traga um cardo coberto de gelo,

ou traga apenas o vento. Cão, onde você está? Agora escute, vou chamar.

Martin prendeu a respiração.

Nalgum lugar, bem distante... um ruído.

Martin ergueu-se, trêmulo.

Um ruído tão baixinho, como se fosse a ponta de uma agulha fina a esfregar no céu, a quilômetros, de distância.

O eco visionário... de um cão que ladra.

O ruído de um cão que atravessa os campos, as fazendas, as estradas de terra, as trilhas dos coelhos, correndo, correndo, exalando fartos latidos de vapor, rachando a noite. O ruído de um cão, em círculos, que vai e vem, se levanta e definha, que desabrocha e murcha, que segue em frente e volta, como se o animal estivesse, nas mãos de alguém, preso por uma corrente fantástica, de tão comprida. Como se o cão estivesse correndo, e alguém, caminhando, assobiasse debaixo das castanheiras, na sombra de mofo, na sombra de alcatrão, na sombra do luar, e o cão desse meia volta e voltasse para casa em desabalada carreira.

Martin pensava.

— Cão! Puxa, Cão, volte para casa, garoto! Escute, escute, por onde você andou? Vamos, garoto, deixe pistas!

Cinco, dez, quinze minutos; perto, muito perto, o latido, o ruído. Martin gritou, projetou os pés para fora da cama, debruçou-se na janela. Cão! Escute, garoto! Cão! Cão! Repetiu, repetiu. Cão! Cão! Cão malvado! Saiu e passou todo esse tempo fora! Cão perverso, meu bom Cão, para casa, garoto, depressa, e traga tudo o que puder!

Bem perto, agora, bem perto, lá no começo da rua, latindo, batendo nos sarrafos de madeira das entradas das casas, fazendo ruído, girando galos de ferro nos tetos, sob a lua, irrompendo numa saraivada... Cão! Na porta, lá embaixo...

Martin sentiu um arrepio.

Deveria correr, abrir a porta para Cão, ou esperar mamãe e papai? Esperar? Meu Deus, esperar? Mas, e se Cão fugisse de novo? Não, ele desceria, esticaria à mão, escancaria a porta, gritaria, puxaria Cão para dentro, e subiria as escadas correndo, rindo, chorando, apertando aquele...

Cão parou de latir.

Ei! Martin quase quebrou a janela, sacudindo-a.

Silêncio. É como se alguém tivesse ordenado: Cão, esconda-se, esconda-se.

Um minuto se passou. Martin fechou os punhos.

Lá embaixo, um choramingo, baixinho.

Então, devagar, a porta da frente se abriu. Alguém, muito gentil, abrira a porta para Cão. Claro! Cão trouxera o Sr. Jacobs, ou o Sr. Gillespie, ou a Srta. Tarkin, ou...

Lá embaixo, a porta se fechou.

Cão subiu as escadas correndo, ganindo, e pulou na cama.

— Cão! Cão! Onde você esteve, o que você andou fazendo? Cão! Cão!

E Martin apertou Cão com força, por muito tempo, contra o peito, chorando baixinho. Cão, Cão. Martin ria, gritava. Cão! Um instante depois, porém, parou de rir, de chorar de repente.

Afastou-se. Segurou o animal, fitou-o, os olhos dilatando.

Cão exalava um cheiro diferente.

Um cheiro de terra estranha. Um cheiro de noite dentro da noite, um cheiro de escavação profunda, numa terra contígua a coisas ocultas, há muito, apodrecidas. Grãos de terra fedorentos, repugnantes caíram dos focinhos, das patas de Cão, em torrões dissolvidos. Cão escavara fundo. De fato, muito fundo. Foi lá, não foi? Não foi? Não foi?!.

Que mensagem trazia Cão? Que significado teria? O fedor — a terra velha e horrível do cemitério.

Cão era um cachorro mal-comportado. Cavava onde não devia. Cão era um cachorro bonzinho, sempre fazia amigos. Cão gostava das pessoas. Cão as trazia até aqui.

E agora, pelo vão escuro da escada, em intervalos, subia o ruído de pés se arrastando, um, depois o outro, com dificuldade, lentos, lentos, lentos.

Um arrepio percorreu Cão. Uma chuva de terra estranha, da noite, caiu em cima da cama, revolvendo-se.

Cão virou-se para a porta

A porta entreabriu, sussurrante.

Visita para Martin.

Possuída Pelo Fogo

Ali estavam, sob uma labareda — a luz do sol — há muito tempo, a olhar os mostradores incandescentes de seus relógios antiquados, de estação de trem; entrementes, por trás deles, as sombras afunilavam-se, ondulavam. Por baixo dos chapéus leves, porosos, os dois perspiravam. Ao descobrirem as cabeças para enxugar as testas enrugadas, rosadas, os cabelos brancos estavam inteiramente ensopados, como se, por anos, não tivessem acesso à luz. Um deles comentou que os sapatos pareciam dois pães de fôrma, assados, — e depois, num suspiro caloroso, acrescentou:

— Você tem certeza de que o prédio é esse mesmo?

O segundo ancião, de nome Foxe, concordou com a cabeça; qualquer movimento que fizesse, ao que parece, o faria incendiar-se por mera fricção.

— Tenho observado esta mulher diariamente, por três dias. Ela vai aparecer. Quero dizer, se ainda estiver viva. Quero muito que você a veja, Shaw. Meu Deus, é um caso e tanto!

— Trabalho muito estranho, esse nosso! Se as pessoas soubessem, nos considerariam uns bisbilhoteiros, uns velhos bobos e caducos. Por Deus, fazer isso me deixa muito consciente.

Foxe apoiou-se na bengala.

— Pode deixar que eu falo, caso... Um momento! Lá vem ela. Foxe abaixou a voz:

— Dê uma olhadela discreta na hora em que ela sair.

No prédio, a porta da frente bateu, rancorosa. Uma mulher rabugenta lá estava no topo da escada da varanda, de treze degraus, olhando de um lado para outro, os olhos sacudindo, furiosos. A mulher socou a mão gorda dentro da bolsa, apanhou notas amarrotadas; com brutalidade, arremessou-se escada abaixo e, de um rompante, atropelou rua abaixo. Atrás dela, muitas cabeças surgiram, nas janelas dos apartamentos, para espiar, convocadas pela batida da porta.

Foxe sussurrou.

— Vem comigo. Vamos até o açougue.

A mulher escancarou a porta do açougue e entrou apressada. Os dois anciãos puderam, de relance, ver-lhe a boca untada de batom grosseiro. As sobrancelhas pareciam bigodes, por cima de olhos oblíquos, desconfiados. Em frente ao açougue, ouviram-lhe a voz, lá dentro, já gritando.

— Quero um pedaço de carne, dos bons. Quero ver o pedaço que você escondeu para levar para casa!

Lá estava o açougueiro, sem dizer palavra, com seu jaleco repleto de manchas de dedos sangrentos, as mãos vazias. Depois da mulher, os dois anciãos

entraram e fingiram apreciar um naco rosado de alcatra fresca.

— Essas costeletas de carneiro estão com um aspecto repugnante! — exclamou a mulher. — Quanto é que está o preço do miolo?

O açougueiro informou, em voz baixa e seca.

— Bem, pesa aí meio quilo de fígado. Vê se não bota o dedão na minha carne! O açougueiro pesou a carne, devagar.

— Depressa!

As mios do açougueiro saíram da vista, foram para baixo do balcão. Foxe sussurrou:

— Olhe!

Shaw inclinou-se um milímetro para trás, e olhou por baixo do aparador.

Uma das mãos do açougueiro, sangrenta, há pouco vazia, agora apertava a machadinha de cortar carne, prateada; apertava-a com firmeza, e relaxava, apertava com firmeza, e relaxava. Por cima do baleio de mármore, os olhos do açougueiro estavam azuis, perigosamente serenos; a mulher continuava gritando adentro daqueles olhos azuis, adentro daquele rosto rosado, propositadamente contido.

Foxe sussurrou:

— Você acredita agora? Ela precisa mesmo de nossa ajuda.

Por longo tempo, os dois ficaram a contemplar aqueles bifes grossos, a reparar nos talhos, nas marcas impressas nos locais onde a marreta de aço os atingira.

O vozerio prosseguiu no armazém, no armarinho; a uma distância respeitosa, os dois anciãos a seguiam.

— Sra. Desejo de Morte — comentou o Sr. Foxe, tranqüilo. — É o mesmo que uma criança de dois anos de idade correndo num campo de batalha. A qualquer momento, digamos, ela chuta uma mina e... zás! É só esperar a temperatura adequada, com muita umidade, todo mundo irritado, se cocando, suando. E essa senhora distinta surgirá, reclamando, esganiçando. E, então, adeus. Bem, Shaw, vamos entrar em ação?

— Vamos abordá-la, assim... sem mais nem menos? Shaw assustou-se com a própria sugestão.

— Nós não precisamos abordá-la, não é mesmo? Pensei que isso fosse uma espécie de passatempo. Pessoas, hábitos, costumes, etc. Isso é divertido. Mas... se envolver? Nós temos mais o que fazer.

— Temos mesmo?

Com um gesto de cabeça, Foxe apontou para a rua. Apressada, a mulher atravessava na frente dos carros, os carros paravam numa sinfonia de freadas, buzinas e palavrões.

— Somos cristãos ou não somos? Vamos deixá-la entregar-se

inconscientemente para alimentar os leões? Ou vamos convertê-la?

— Convertê-la?

— Para o amor, para a serenidade, para uma vida mais longa. Olhe para ela. Ela não quer mais viver. Irrita as pessoas, de propósito. E um dia, que não demora muito, alguém prestará um favor a ela, com um martelo, ou com estriquinina. É a terceira vez que ela se afunda, e dessa vez já está há bastante tempo. E quando nos afundamos, nos tornamos obscenos, agarramos as pessoas, gritamos. Vamos almoçar, e dar u'a mãozinha. Que tal? Caso contrário, nossa vítima irá continuar até encontrar seu assassino.

Shaw ali ficou com o sol a conduzi-lo pela calçada escaldante, branca; por um momento, a rua pareceu empinar-se na vertical, e transformar-se numa ladeira, por onde a mulher despencava contra o céu flamejante. Shaw, por fim, balançou a cabeça.

— Você tem razão. Não quero ficar de consciência pesada por causa dessa mulher.

O sol queimava a pintura das fachadas dos prédios, escoriava o ar e transformava a água dos esgotos em vapor; no meio da tarde, quando os dois anciãos, entorpecidos, evaporados, ali se encontravam nas passagens interiores de uma casa que, desde a frente até os fundos, canalizava, numa corrente estorricante, o ar da padaria. Ao falarem, a conversa saiu submersa, abafada, como se estivessem num banho de vapor, estupidamente cansados, remotos.

A porta da frente se abriu. Foxe abordou um garoto que carregava uma bisnaga de superfície bastante uniforme.

— Filho, nós estamos procurando uma mulher que bate a porta com toda a força, sempre que sai.

— Ah, é ela.

O garoto correu escada acima, e gritou para trás:

— Sra. Shrike!

Foxe segurou o braço de Shaw.

— Meu Deus! Meu Deus! Eu ainda não estou acreditando!

— Quero ir embora! — exclamou Shaw.

— Ei-la!

Incrédulo, Foxe apontou a bengala para a relação de moradores, no saguão, e deu batidinhas.

— Sr. e Sra. Alfred Shrike, 331. É lá em cima! O marido é um estivador, um brutamontes, corpulento, chega em casa imundo. Eu os vi na rua no domingo, ela falava pelos cotovelos, ele não falava nada, e nem olhava para ela. Vamos lá, Shaw.

— É inútil. É impossível ajudar essas pessoas, a menos que elas queiram ser ajudadas. Essa é a primeira lei da saúde mental. Você sabe disso, você sabe. Se você se meter no caminho dela, ela atropela você. Não seja bobo.

— Mas, quem é que vai falar com ela... e com os outros? O marido? Os amigos? O dono do armazém, o açougueiro? Esses aí são capazes de irem comemorar no velório dela. Será que diriam a ela que ela precisa de um psiquiatra? Será que ela sabe disso? Não. Quem sabe disso somos nós. Bem, não podemos ocultar da vítima uma informação tão vital, não é verdade?

Shaw tirou o chapéu empapado e ficou a olhar adentro da copa, desanimado.

— Certa vez, na aula de biologia, há muito tempo, a professora perguntou se achávamos possível extrair o sistema nervoso de um sapo, intacto, com o bisturi. Extrair toda aquela estrutura delicada, que parecia uma antena, com todos os cardinhos rosados e gânglios meio invisíveis. Impossível, é claro. O sistema nervoso é parte integrante do sapo, não se pode tirá-lo como se retira a mão de uma luva verde. Se o fizermos, destruímos o sapo. Bem, é o caso da Sra. Shrike. Não existe jeito de se operar um gânglio doente. A bilis é o líquido orgânico daqueles olhinhos loucos, elefantóides. Seria melhor tentar extrair-lhe toda a saliva da boca, para sempre. E muito triste, mas creio que já fomos longe demais...

Paciente, sério, Foxe concordou com a cabeça.

— Verdade. Mas tudo o que quero é afixar um alerta. Semear uma pequenina semente no inconsciente da Sra. Shrike. Dizer a ela: "A senhora deseja ser assassinada, uma vítima à procura do lugar certo". Quero plantar, na cabeça dela, uma pequenina semente, na esperança que ela brote e floresça. Uma esperança tênue, muito remota, de que, antes que seja tarde, ela se encha de coragem e procure um psiquiatra.

— Está muito quente para conversar essas coisas.

— Isto é mais um motivo para agirmos! É exatamente aos 33°C, muito mais que a qualquer outra temperatura, que muitos assassinatos são cometidos. Acima de 37°, o calor não favorece os movimentos. Abaixo de 32, a temperatura branda favorece a sobrevivência. Mas, exatamente aos 33°, está o ápice da irritabilidade, quando tudo é coceira, cabelo, suor, imundície. O cérebro se transforma num rato perdido num labirinto escaldante. A mínima coisa, uma palavra, um olhar, um ruído, a queda de um fio de cabelo e... o assassinato irascível. *Assassinato irascível*, que bela expressão, aterrorizante. Dê uma olhada no termômetro na parede, está marcando 31,6°. E subindo para 32, comichando para chegar aos 32,5, e suando para chegar aos 33 por hora, daqui há duas horas. Eis o primeiro lance de escada. Em cada patamar, podemos descansar. *Subamos!*

Os dois anciãos moviam-se na escuridão do terceiro pavimento.

— Não olhe os números — disse Foxe. — Vamos adivinhar o apartamento.

Na última porta, do lado de dentro, um rádio explodia; a pintura antiga chacoalhava e caía em floquinhos no tapete já gasto, junto aos pés dos dois. A porta tremia — observavam — com a vibração das dobradiças.

Trocaram olhares, e, sinistros, concordaram.

Qual um machado cortando as almofadas das portas, um outro ruído: uma mulher esgançava ao telefone, conversando com alguém do outro lado da cidade.

— Ela não precisa de telefone. Bastaria abrir a janela e gritar. Foxe bateu à porta.

O rádio alardeava o fim de uma canção, a voz berrava. Foxe bateu novamente, testou a maçaneta. Entrou em pânico. A porta soltou-se-lhe da mão, escorregou para dentro, e abriu lentamente, deixando-os qual dois atores pegados em flagrante, no palco, ante a subida antecipada da cortina.

— Não é possível! — exclamou Shaw.

Encontraram-se diante de uma caudal de ruídos. Como se estivessem no desaguadouro de uma represa e alguém alçasse a comporta. Por instinto, os dois anciãos ergueram as mãos, e encolheram: o ruído parecia uma labareda viva de sol a queimar-lhes os olhos.

A mulher (era mesmo a Sra. Shrike!) lá estava no telefone de parede; a boca cuspiu saliva a uma velocidade inacreditável. Exibia todos os dentes, brancos, imensos, mascando o monólogo; as narinas chispavam; na testa, uma veia saltava e bombeava; a mão livre abria e fechava, flexionada. A mulher apertou os olhos e gritou:

— Diga ao sacana do meu genro que eu não vou visitá-lo; é um vagabundo, um preguiçoso.

De repente, a mulher escancarou os olhos. Não ouviu, nem viu a intrusão, pressentiu-a por algum instinto animal. Continuou a gritar ao telefone, mas lançou, aos visitantes, um olhar penetrante, de aço forjado a frio. Gritou por mais um minuto; em seguida, bateu o telefone no gancho e disse, sem retomar o fôlego:

— O que é? — Os dois se aproximaram, um do outro, por proteção.

— Falem logo!

— A senhora se incomoda — solicitou Foxe — de abaixar o rádio?

A senhora percebeu a palavra "rádio" por leitura labial. Ainda fulminando os dois com aquele rosto queimado de sol, e, sem olhar para o que fazia, deu um tapa no rádio, como quem bate numa criança que chora o dia inteiro, todo dia, e que já se tornou um modelo ignorado pela vida. O rádio acalmou-se.

— Eu não quero comprar nada!

E abriu um maço amassado de cigarros mata-rato, como se o maço fosse um osso recheado de carne; enfiou um cigarro na boca besuntada, acendeu-o e, ávida, puxou fumaça, soltou-a pelas narinas afiladas, transformando-se num dragão ardente que agora enfrentava os visitantes naquela sala em nuvens de fogo.

— Eu tenho que trabalhar! Qual é a oferta?

No assoalho de linóleo, os dois viram revistas espalhadas, lembrando grandes amontoados de peixes coloridos; próxima à cadeira de balanço quebrada, a xicara de café, por lavar; as lâmpadas pendentes, ensebadas, as vidraças manchadas, os pratos empilhados na pia e o gotejar constante, constante, da torneira; as teias de aranha flutuando nos cantos do teto lembravam pedaços de pele morta. E, envolvendo tudo, o cheiro condensado da vida estava presente, muito forte, duradouro, com a janela fechada.

Uma olhada no termômetro na parede.

Temperatura: 32°C

Os dois entreolharam-se, meio sob ressaltados.

— Eu sou o Sr. Foxe, este é o Sr. Shaw. Somos corretores de seguros aposentados. Eventualmente, ainda vendemos, para complementar nossa pensão. Mas, na maior parte do tempo, folgamos e...

A Sra. Shrike levantou a cabeça e, com a fumaça do cigarro, desafiou-os.

— Vocês estão querendo me vender seguro?

— Não, senhora. Não há dinheiro envolvido nisso.

— Continuem...

— Nem sei por onde começar. Posso sentar?

Com uma olhada ao redor, o Sr. Foxe percebeu que não existia, em toda a sala, nada em que pudesse sentar-se em segurança.

— Bem, não tem importância...

E, ao perceber que a Sra. Shrike estava em vias de recomençar a gritaria, prosseguiu, lentamente.

— Nos aposentamos depois de, por quarenta anos, vermos as pessoas, digamos, saírem do berçário diretamente para a porta do cemitério. Naquela época, chegamos a formular nossas próprias opiniões. No ano passado, conversando num banco de parque, somamos dois mais dois, e percebemos que muitas pessoas não tinham porque morrer tão cedo. Com a investigação apropriada, as companhias de seguros podem fornecer um novo tipo de informação sobre a clientela, em caráter extra-oficial...

— Mas eu não estou doente.

— *Está sim*, senhora!

Intimidado com a própria afirmativa, o Sr. Foxe levou dois dedos à boca. A mulher berrou:

— Não venha *me* dizer como eu estou! Foxe mergulhou de cabeça:

— Vou esclarecer. As pessoas morrem diariamente, em termos psicológicos. Uma parte delas se cansa. E essa parte, pequena, tenta matar toda a pessoa. Por exemplo...

Foxe olhou em volta e, com grande alívio, agarrou a primeira prova.

— Lá está! Aquela lâmpada no seu banheiro, pendurada em cima da banheira, com fio desencapado. Um dia, a senhora escorrega, agarra o fio, e...

pronto!

A Sra. Albert J. Shrike lançou um olhar atravessado à lâmpada do banheiro — E daí?

O Sr. Foxe procurou amenizar o tema, e o Sr. Shaw, irrequieto, voltava o rosto, agora lívido, terrivelmente pálido, na direção da porta.

— As pessoas... as pessoas, como os automóveis, precisam verificar seus freios; verificar os freios emocionais, a senhora percebe? As luzes, as baterias, as respostas à vida.

A Sra. Shrike bufou.

— Esgotaram-se os dois minutos. Não aprendi droga nenhuma.

O Sr. Foxe piscou, primeiro para ela, depois para o sol implacável, que queimava através das vidraças empoeiradas. A perspiração escorria-lhe pelos sulcos rasos do rosto. O termômetro na parede, o Sr. Foxe arriscou uma olhadela.

— 32,7° — disse.

— Ei, papai, tem alguma coisa incomodando o senhor?

— Como?

Fascinado, o Sr. Foxe fitava a linha de mercúrio, vermelho-encarnado, que detonava rumo à pequena ventana, do outro lado da sala.

— Algumas vezes... algumas vezes tomamos caminhos errados. A escolha do parceiro ideal para o casamento. O emprego errado. Falta de dinheiro. Doença. Enxaquecas. Deficiências glandulares. Dezenas de espinhozinhos, coisinhas irritantes. Antes mesmo que o percebamos, já estaremos descarregando tudo isso em alguém, em qualquer lugar.

A Sra. Shrike observava, fitava aquela boca como se falasse numa língua estrangeira; franzia a testa, olhava atravessada, levantava a cabeça; na mão gorda, o cigarro ardia.

— E saímos por aí gritando, fazendo inimigos. Foxe engoliu em seco, e afastou o olhar.

— Fazemos com que as pessoas queiram nos ver longe delas, doentes, até mesmo mortas. As pessoas passam a querer nos agredir, nos derrubar, nos matar. Mas é tudo inconsciente, a senhora percebe?

Puxa, que calor, Foxe pensou. Se houvesse ao menos uma janela aberta. Apenas uma. Umazinha.

Escancaravam os olhos da Sra. Shrike, como a deixar entrar tudo o que Foxe dizia.

— Certas pessoas não são apenas propensas a acidentes; isto significa que certas pessoas desejam punir-se fisicamente, por algum crime; de um modo geral, por alguma imoralidadezinha que pensam já ter esquecido há muito tempo. Mas o inconsciente as coloca em situações perigosas, faz com que andem por aí sem prestar atenção ao tráfego, faz...

Foxe hesitou; no queixo, uma gota de suor pingou.

—... faz com que ignorem fios elétricos desencapados em cima de banheiras. São vítimas potenciais. Está estampado no rosto, de uma maneira oculta... como tatuagens, digamos, na pele interior, e não na pele exterior. Um assassino, que passe por essas pessoas propensas a acidentes, por essas pessoas que desejam a morte, verá as marcas invisíveis, dará meia-volta, e as seguirá, instintivamente, até o beco mais próximo. É possível, por sorte, que uma vítima potencial fique uns cinquenta anos sem cruzar o caminho de um assassino potencial. Mas... numa bela tarde... a fatalidade! Essas pessoas, propensas a morrer, conseguem sensibilizar exatamente os nervos perigosos dos transeuntes; do fundo do nosso peito, elas conseguem fuçar o crime.

A Sra. Shrike esmagou o cigarro num cinzeiro sujo, devagar.

Foxe mudou a bengala de mão, as mãos trêmulas.

— E foi assim que, já faz um ano, decidimos descobrir pessoas que precisam de ajuda, que jamais sonhariam em ir a um psiquiatra. No começo, eu disse, vamos fazer investidas simuladas. Shaw sempre deu o contra, queria a coisa como passatempo, uma coisa tranqüila, inofensiva, só entre nós dois. A senhora, talvez, me considere um idiota. Mas, nossas investidas simuladas já completaram um ano de vida. Já observamos dois homens adultos, estudamos seus fatores ambientais, os empregos, casamentos, com discrição, à distância. Não é da nossa conta, a senhora talvez diga. Mas, nos dois casos, essas pessoas tiveram um fim mórbido. Um foi assassinado num bar. E o outro, jogado por uma janela. Uma mulher que estudamos, foi atropelada por um automóvel, na rua. Coincidência? E o sujeito que se envenenou por engano? Numa noite, deixou de acender a luz do banheiro. O que se passava na cabeça dele, que o impediu de acender a luz? O que o fez caminhar no escuro, tomar o remédio no escuro, e no dia seguinte, no hospital, morrer protestando, dizendo que viver era tudo o que ele queria? Provas, provas, nós a temos. Uns vinte casos. E em quase metade deles, os caixões já estão devidamente pregados, nesse curto espaço de tempo. É o fim das investidas simuladas; é hora de agir, de usar as informações de maneira preventiva. Hora de trabalhar com as pessoas, de fazer amigos antes que o agente funerário bata na porta do vizinho.

A Sra. Shrike lá estava, como se, subitamente, fosse golpeada na cabeça com um peso enorme. Moveram-se, então, os lábios da mulher.

— E então vocês vieram na minha casa?

— Bem...

— Então vocês têm me *observado*?

— Nós só...

— Me *seguido*?

— É para...

— Saíam!

— Mas, nós podemos...

— Saiam!

— Se a senhora nos der mais um pouquinho de atenção...

— Eu *sabia* que isso ia acontecer — sussurrou Shaw, cerrando os olhos.

— Seus imundos, saiam!

— Mas, nós não vamos cobrar nada.

A Sra. Shrike esganiçou, fechou os punhos, rilhou os dentes. O rosto tomou a cor da loucura.

— Eu vou jogar vocês na rua, ha rua! Quem vocês pensam que são, suas velhas beatas, entrando assim na minha casa, espionando, seus velhos maníacos?

Em meio aos gritos, a Sra. Shrike tirou o chapéu da cabeça do Sr. Foxe. E gritou mais ainda, arrancou o forro do chapéu, xingando.

— Saiam, saiam daqui, saiam, fora!

Atirou o chapéu no chão, furou-o com o salto do sapato, e chutou-o.

— Saiam! Fora!

— Mas a senhora *precisa* de nós!

Consternado, Foxe olhava o chapéu, e a Sra. Shrike continuava a xingá-lo numa linguagem que ia dobrar esquinas, numa labareda que flamejava pelo ar como se fossem tochas imensas, ressecantes. A mulher conhecia todas as linguagens e, das linguagens, todas as palavras. Pronunciou-as com fogo, álcool e fumaça.

— Quem vocês pensam que são? Deus? Deus e o Espírito Santo, investigando as pessoas, bisbilhotando, espreitando, seus velhos cretinos, suas velhas indecentes! Seus, seus...

Xingou-os ainda mais, com outros nomes que os forçaram a recuar, em estado de choque, na direção da porta. Contemplou-os com uma lista enorme, abjeta, de nomes, sem mesmo parar para respirar. Em seguida, parou, inspirou fundo, tremeu, empinou com tanta sucção de ar, e deu início a uma nova lista, de uns tantos nomes ainda mais abjetos.

— Olha lá! — alertou Foxe, enrijecendo.

Já do lado de fora da porta, Shaw suplicava para que o amigo sáísse, a coisa já estava feita, acabada, ele já esperava isso, eles não passavam mesmo de dois bobalhões, tudo o que ela dissera deles era verdade, oh, quanta vergonha!

A mulher gritava:

— Sua velha empregadinha!

— Prefiro que a senhora mantenha um tom mais civilizado.

— Sua velha empregadinha! Sua empregadinha velha! Isto, de algum modo, foi pior que todos os nomes abjetos. Foxe balançou, a boca abria com força, fechava, abria, fechava. A mulher gritava:

— Sua velha! Mulherzinha! Mulherzinha! Mulherzinha!

Uma selva, incendiada, amarela. A sala, imersa em fogo, parecia agarrá-lo, a mobília parecia deslocar-se, girar, os raios de sol entravam pelas janelas,

fechadas com violência, e incendiavam a poeira que saltava do tapete em faíscas furiosas; nesse instante, uma mosca, vinda de não sei onde, zuniu numa espiral amalucada; a boca da Sra. Shrike, de um vermelho ferino, ou coisa assim, lambia o ar com todas as obscenidades que conseguira reunir em toda a vida; por trás da mulher, o termômetro anunciava 33°, e Foxe olhou de novo, 33°, e a mulher continuava gritando como rodas de trem que arranham na curva de aço, imensa; unhas num quadro-negro, aço no mármore.

— Sua velha empregadinha! Sua velha empregadinha!

Foxe ergueu o braço, para trás, a bengala empunhada, no alto, e golpeou.

— Não faça isso! — gritou Shaw, no corredorzinho da entrada.

Mas a mulher escorregara, caíra de lado, imprecando, agarrando o assoalho. Foxe ali estava, de pé, sobre ela, no rosto a expressão de ceticismo absoluto. Olhou o braço, o punho, a mão, os dedos, um de cada vez, através da parede quente, imensa, de cristal, invisível, que o envolvia. Olhou para a bengala, e viu nela um ponto de exclamação, facilmente perceptível, inacreditável, que surgira do nada e ali estava no meio da sala. A boca ainda aberta, a poeira entrava, em brasas silenciosas, mortas. Foxe sentiu o sangue escapar-lhe do rosto, como se uma portinhola escancarada tivesse acabado de bater, com uma pancada violenta, dentro de seu estômago.

— Eu...

A Sra. Shrike espumava.

Debatia-se, cada parte dela parecia um animal diferente. Os braços, as pernas, as mãos, a cabeça, cada um pedaço decepado de uma criatura enfurecida pelo desejo de retomar a si própria, cega, entretanto, para perceber o modo adequado de fazê-lo. A boca ainda jorrava doença, eram palavras e sons que, nem por isso, eram palavras tímidas. Estiveram dentro dela por longo tempo, por longo, longo tempo. Foxe fitava-a, ele próprio em estado de choque. Até hoje, aquela mulher cuspira seu veneno, aqui, acolá, em todo lugar. E agora ele libertara a torrente de toda uma vida, e sentiu o perigo de afogar-se nela. Sentiu alguém puxá-lo pelo casaco. Viu passar, dos dois lados, a soleira da porta. Sentiu cair a bengala, e quicar, como um ossinho, bem distante de sua mão mordida por alguma vespa terrível, imperceptível. Mas agora já estava do lado de fora; mecânico, caminhava, descia pelo prédio em chamas, por entre paredes chamuscadas. Como uma guilhotina, a voz da mulher cortou o vão das escadas.

— Saiam! Vão embora! Fora!

E apagou-se como o grito de alguém que cai num redemoinho aberto rumo à escuridão.

No patamar do térreo, próximo à porta da rua, Foxe libertou-se do homem ao lado e, por muito tempo, encostou-se na parede, os olhos úmidos, e tudo o que conseguiu fazer foi gemer. As mãos, nesse ínterim, Tateavam o ar em busca da bengala perdida, Tateavam a cabeça, tocavam os cílios molhados, surpresas,

descontroladas. No primeiro degrau do saguão, sentaram-se os dois, em silêncio, por dez minutos, procurando, a cada inspiração ofegante, inalar sanidade de volta aos pulmões. O Sr. Foxe, por fim, voltou-se para o Sr. Shaw, que, durante esses dez minutos, maravilhado, temeroso, não tirara os olhos do Sr. Foxe.

— Você viu o que eu fiz? Caramba, foi quase. Quase! Foxe balançou a cabeça.

— Eu sou um tolo. Coitada, coitada daquela mulher. Ela tem razão.

— O que é que se pode fazer!

— Agora eu percebo tudo. A coisa tinha que desabar em cima de mim.

— Tome, enxugue o rosto. Assim é melhor.

— Você acha que ela vai contar ao marido a nosso respeito?

— Não, acho que não.

— Você acha que seria bom...

— Conversar com *ele*?

Consideraram a possibilidade, menearam as cabeças. Abriram a porta da frente, receberam a golfada de calor da fornalha, e quase foram derrubados por um homem imenso que passou entre eles. O homem rugiu:

— Vê se olham por onde andam!

Os dois voltaram-se para trás, e observaram o movimento vigoroso daquele homem, na escuridão feérica, um degrau de cada vez, subindo prédio acima, uma criatura com costelas de mastodonte e cabeça de leão, a juba selvagem, braços imensos, carnosos, irritantes de tão cabeludos, dolorosos de tão queimados de sol. O rosto, que puderam ver de relance, no instante do tranco de ombro, era um rosto suíno, cheio de bolhas de sol, suado, em carne viva, com gotas de sal sob os olhos vermelhos a pingarem queixo abaixo; grandes nódos de perspiração manchavam-lhe as axilas e coloriam-lhe a camiseta até a cintura.

Com delicadeza, os dois fecharam a porta da rua. Foxe informou:

— É ele. É o marido.

Do outro lado do prédio, foram para uma lojinha. Eram cinco e meia, o sol descia no céu, as sombras da cor das uvas de um verão quente, sob as pouquíssimas árvores, e nas ruelas.

— O que era aquilo, no bolso de trás do marido?

— Gancho de estivador. De aço. Afiado, de aspecto pesado. É como essas garras que os manetas costumavam usar na extremidade dos cotos, há muito tempo.

O Sr. Foxe não disse palavra.

Um minuto depois, perguntou, cansado que estava para olhar por si mesmo:

— Qual é a temperatura?

— O termômetro da loja ainda está marcando 33°. 33° na cabeça.

Sentado num engradado, Foxe movia-se o suficiente para segurar, entre os

dedos, uma garrafa de soda-laranjada.

— Acalme-se. Sim senhor, estou mesmo muito precisado de um refresco de laranja, nesse exato momento.

Lá estavam os dois, sentados na fornalha, a olhar na direção de uma janela especial do prédio em frente, por longo tempo, esperando, esperando...

O Pequeno Assassino

Quando ocorreu a idéia de que estava sendo assassinada, ela não soube precisar. Foram alguns sinais sutis, minúsculos, pequenas suspeitas do mês que passou; coisas profundas, como correntes marítimas interiores, como se olhasse para um determinado trecho de águas tropicais, perfeitamente tranquilas, e desejasse banhar, e descobrisse, como a corrente que arrasta o corpo, que, sob a superfície, habitam monstros, coisas não vistas, intumescidas, de muitos membros, de barbatanas afiladas, malignas, das quais não se pode escapar.

À sua volta, o quarto flutuava num eflúvio de histeria. Instrumentos afiados rondavam suspensos, havia vozes e pessoas com máscaras brancas, estereis.

Meu nome — pensava. Como me chamo?

Alice Leiber. Lembrou-se. Mulher de David Leiber. Mas não se sentiu reconfortada. Estava sozinha com essas pessoas silenciosas, brancas, que sussurravam, e dentro dela havia uma dor intensa, náusea e medo da morte.

Estão me assassinando, bem diante dos olhos deles. Esses médicos, essas enfermeiras não percebem a coisa sinistra que me aconteceu. Nem David percebe. Ninguém sabe, exceto eu e... o matador, o homicidazinho, o pequeno assassino.

Estou morrendo, e não consigo dizer isto a eles. Ririam, diriam que estou delirando. Verão o assassino, o pegarão nas mãos e jamais imaginarão que ele seja o responsável por minha morte. Mas, aqui estou eu, diante de Deus e do homem, morrendo, sem ninguém para acreditar na minha história, com todos a duvidar de mim, a me reconfortar com mentiras, para me enterrar na ignorância, velar-me e salvar aquele que me destruiu.

Onde está David? , imaginou. Na sala de espera, fumando um cigarro atrás do outro, ouvindo o tique-taque infundável daquele relógio tão lento?

De uma vez só, o suor explodiu-lhe por todo o corpo; e com o suor, um grito agonizante. Agora. Agora! Tentem me matar, gritou. Tentem, tentem, mas eu não vou morrer. Não vou morrer!

Houve um vazio. Um vácuo. De repente, a dor desapareceu. Envolveram-na a fadiga, a penumbra. Tudo acabado. Oh, meu Deus! Alice pareceu cair por inteiro e chocar-se com um nada obscuro que fez surgir uma nada, nada, outro nada e mais outro...

Passos. Suaves, passos se aproximam. Bem distante, a voz diz:

— Ela está dormindo. Não a incomode.

Um cheiro de lã, um cachimbo, uma certa loção de barba. David ali estava, na cabeceira. E, por trás dele, o cheiro imaculado do Dr. Jeffers. Alice não abriu os olhos.

— Estou acordada — disse, tranqüila.

Que surpresa, que alívio poder falar, não estar morta.

— Alice...

Alguém a chamara, e era David, do lado de lá de seus olhos cerrados, quem lhe segurava as mãos cansadas.

Alice pensou: você quer saber quem é o assassino, David? Posso ouvir sua voz pedindo para saber quem ele é; portanto, tudo o que eu posso fazer é apontá-lo para você.

David ali estava, debruçado sobre ela. Alice abriu os olhos. O quarto entrou em foco. Com a mão fraca, afastou a colcha para o lado.

O assassino fitou David Leiber com uma tranqüilidade diminuta, um rosto avermelhado, olhos azuis. Olhos profundos, cintilantes.

— Por quê? ?...

David Leiber perguntou, sorrindo.

—...É um bebê muito *bonzinho*!

No dia em que David Leiber veio apanhar a mulher e o filho, para levá-los para casa, Dr. Jeffers estava à sua espera. Conduziu Leiber até o consultório, ofereceu-lhe uma cadeira, deu-lhe um charuto, acendeu um para si próprio, sentou na borda da escrivaninha e, por um longo momento, deu baforadas solenes. Em seguida, pigarreou, olhou diretamente para David Leiber, e afirmou:

— Sua mulher não gosta do filho, David.

— O quê!

— Foi difícil para ela. Nesse ano que se inicia, ela vai precisar de muito amor. Na hora, eu não quis falar muito, mas ela estava histérica na sala de parto. Falou coisas estranhas... nem quero repetir. Direi apenas que ela se sente estranha em relação ao filho. E isso é algo que talvez possamos esclarecer com uma ou duas perguntas.

Dr. Jeffers deu mais umas baforadas no charuto. Depois, perguntou:

— Esse filho é um filho desejado, David?

— Por que o senhor pergunta isso?

— É vital.

— É. É um filho desejado sim. Nós o planejamos juntos. Alice estava tão feliz, há um ano, quando...

— Hummm... isso dificulta as coisas. Porque, se o filho não tivesse sido planejado, seria um simples caso de uma mulher para quem a idéia da maternidade é detestável. Não, isso não se ajusta a Alice.

Dr. Jeffers retirou o charuto da boca e esfregou toda a extensão do maxilar.

— Então, o motivo deve ser outro. Talvez alguma coisa sufocada na infância, que esteja saindo agora. Ou talvez seja uma simples dúvida, uma desconfiança, de uma mãe que passou por uma dor incomum, pela proximidade da morte, que

é o caso de Alice. Se for isso, um curto período de tempo será suficiente para curá-la. Mas tem uma coisa que eu quero lhe dizer, David. Para ajudá-la, você terá que ser dócil e tolerante caso ela diga alguma coisa a respeito... bem... a respeito de querer que o filho tivesse nascido morto. E se as coisas não correrem bem, vocês três venham me ver. Sempre gosto de rever os amigos, não é mesmo? Pegue, leve mais um charuto para... claro...para o bebê.

Tarde clara de primavera. Por estradas principais, largas, de três pistas, o carro zuniu. Céu azul, flores, o vento morno. David falou sem parar, acendeu o charuto, falou mais ainda. Suave, direta, Alice respondia, e relaxou um pouco mais, no curso da viagem. Mas não carregava o bebê de uma maneira afetiva, calorosa, ou maternal, que aliviasse o estranho sofrimento da mente de David. Parecia, simplesmente, carregar uma estatueta de porcelana.

Mas David sorriu, por fim.

— Bem, que nome vamos dar a ele?

Alice Leiber via deslizarem as árvores verdes.

— Vamos deixar em suspenso, por enquanto. Prefiro esperar até encontrar um nome bem especial. Não jogue fumaça nele.

As frases fluíram, juntas, sem alteração de tom. A última contestação não continha qualquer reprovação maternal, qualquer interesse, qualquer sinal de irritação. Apenas labiou-a, e foi só.

Alarmado, o marido jogou o charuto pela janela.

— Desculpe.

O bebê descansava na junção dos braços da mãe, sombras de sol, de árvores alteravam-lhe o rosto. Abriam-se os olhos azuis, qual flores novas, azuis, de primavera. Ruídos molhados exalavam daquela boca pequenina, rósea, elástica.

De relance, Alice olhou o bebê. Junto a ela, David sentiu Alice tremer.

— Está com frio?

— Friagem. Melhor subir o vidro, David. Era mais que friagem. David subiu o vidro.

Hora da ceia.

David apanhara o bebê no quarto; agora, levantava-o, num ângulo pequenino e confuso, escorado por muitos travesseiros, numa cadeira alta, recém-comprada. Alice observava o movimento do garfo e da faca em suas mãos.

— Ele ainda não está em idade de usar essas cadeiras altas. David sentia-se bem.

— Mas é gozado vê-lo nessa cadeira, de qualquer modo. Tudo é divertido. Até mesmo no escritório. Estou cheio de pedidos, até o pescoço. Se eu não tomar cuidado, vou faturar outros quinze mil dólares esse ano. Ei, olha o bebê. Está com o queixo todo babado! (

David inclinou-se; com o guardanapo, enxugou a boca do neném. Com o canto do olho, percebeu que Alice nem olhando estava, e completou o trabalho. Voltou para a refeição.

— Não é nada interessante, não é mesmo? Mas o que se espera de uma mãe é que ela demonstre algum interesse pelo próprio filho!

Alice espichou o queixo.

— Não diga isso! Na frente dele, não. Depois, se você quiser.

— Depois? Na frente, por trás, que diferença faz? De repente, David acalmou-se, engoliu, pediu desculpas.

— Está bem. Está certo. Eu sei como são essas coisas. Terminado o jantar, Alice deixou que David levasse o bebê para o quarto. Não chegou a dizer-lhe que o fizesse. Apenas deixou.

Quando desceu, de volta, David encontrou Alice ao lado do rádio, ouvindo música que jamais ouvira. Os olhos cerrados, em toda uma atitude de reflexão, de autoquestionamento. Assim que David surgiu, Alice parou.

De repente, grudou-se nele, apertou-o, suave, rápida; a mesma.. Os lábios foram encontrá-lo, guardá-lo. David estava perplexo. Agora que o bebê já se encontrava no quarto, que já não estava mais na sala, Alice pôde respirar novamente, viver novamente. Estava livre. Sussurrava, rápida, sem parar.

— Obrigada, obrigada, meu amor. Por ser quem você é, sempre. Tão seguro! Tão digno de confiança!

David não pôde conter o riso.

— Foi minha mãe quem disse: Filho, não deixe faltar o sustento de sua família!

Exausta, Alice pousou os cabelos morenos, brilhosos, no pescoço de David.

— Você exagerou. Às vezes queria que continuássemos sendo o que éramos quando nos casamos. Nenhuma responsabilidade, apenas nós dois. Sem... sem nenhum bebê.

Alice apertou as mãos nas mãos de David, no rosto uma alvura sobrenatural.

— Puxa, David, já houve apenas você e eu. Nós nos protegíamos um ao outro, e agora nós protegemos o bebê, mas não recebemos dele nenhuma proteção. Você compreende isso? Lá no hospital, deitada, tive tempo para pensar em muitas coisas. O mundo é malvado...

— É mesmo?

— É. É sim. Mas existem leis para nos proteger. E quando elas inexistem, o amor se responsabiliza pela proteção. Você está protegido contra as mágoas que eu possa causar a você, por causa do meu amor. Dentre todas as pessoas, é logo com relação a mim que você é vulnerável. Mas o amor o protege. Eu não tenho medo de você, porque o amor amortece suas irritações, seus instintos naturais, seus ódios e imaturidades. Mas... e o bebê? É ainda muito jovem para conhecer o amor, ou alguma lei do amor, ou qualquer coisa, até que nós ensinemos a ele.

Enquanto isso, sinta-se vulnerável ao seu próprio filho!

David afastou-a; riu, delicadamente.

— Vulnerável ao bebê?

— Os bebês sabem a diferença entre o certo e o errado?

— Não, mas ele aprende.

— Mas os bebês são tão novinhos, tão amorais, tão isentos da consciência!

Alice interrompeu. Os braços escorregaram do corpo de David. Rápida, virou-se.

— Que barulho foi esse?

Leiber olhou em volta.

— Não ouvi...

Alice olhou na direção da porta da biblioteca. Disse, devagar:

— Lá.

Leiber atravessou a sala, abriu a porta, acendeu a luz da biblioteca, e apagou.

— Não tem nada aqui.

Voltou.

— Você está esgotada. Agora vamos dormir. Já, já!

Juntos, apagaram as luzes; devagar, subiram a escada silenciosa do corredor, sem dizer palavra. Lá em cima, Alice pediu desculpas.

— Essa conversa insensata, meu bem. Me desculpe. Eu estou exausta. David compreendia, e disse-o a Alice.

Indecisa, Alice fez uma pausa ao passar pela porta do quarto do bebê. Em seguida, com firmeza, dedilhou a maçaneta de metal, e entrou. David viu-a aproximar-se do berço com muito cuidado, olhar para baixo e endurecer, como se tivesse sido golpeada no rosto.

— David!

Leiber prosseguiu, chegou ao berço.

O rosto do bebê estava muito vermelho, muito molhado; a boquinha rosada abria e fechava, abria e fechava; os olhos, de um azul fogueira. As mãozinhas mexiam no ar.

— Ora, ele estava chorando, é isso.

— Estava mesmo?

Alice agarrou a grade do berço, para equilibrar-se.

— Eu não ouvi choro nenhum.

— Porque a porta estava fechada.

— É por isso que ele está com a respiração presa, com o rosto vermelho?

— Claro, Coitadinho. Chorando sozinho na escuridão. Ele vai dormir no nosso quarto, hoje; assim, se ele chorar de novo...

— Ih, desse jeito ele vai ficar muito mimado.

David empurrou o berço até o quarto de dormir e sentiu os olhos de Alice acompanharem-no durante o trajeto. Em silêncio, despiu-se e sentou-se à beira da cama. De repente, ergueu a cabeça, respirou fundo, soltando um palavrão, e

estalou os dedos.

— Merda! Me esqueci inteiramente! Tenho que ir a Chicago na sexta-feira.

— Puxa, David!

A voz de Alice perdeu-se no quarto.

— Já têm dois meses que eu estou adiando essa viagem. Agora, não tem jeito, eu tenho que ir.

— Mas eu tenho medo de ficar aqui sozinha.

— A nova cozinheira vai chegar na sexta. Ela estará com você o tempo todo. Eu só vou ficar fora alguns dias.

— Estou com medo. Não sei bem de quê. Se eu contar, você nem vai acreditar. Acho que eu estou ficando maluca.

David já se deitava. Alice escureceu o quarto. David ouviu-a dar a volta na cama, abrir as cobertas, e entrar. Sentiu-a, junto a ele, exalar uma fragrância feminina, calorosa.

— Se você quiser, eu espero uns dias. Talvez eu possa... \ Alice respondeu, convicta:

— Não, pode ir. Sei que é importante. O problema é que eu não paro de pensar naquelas coisas que eu disse. As leis, o amor e proteção. O amor o protege contra mim. Mas, o bebê...

Alice tomou fôlego.

—... e contra o bebê, o que irá protegê-lo, David?

Antes mesmo que David pudesse responder, antes mesmo que pudesse dizer a ela que conversar sobre criança era a mais absurda tolice, Alice, abruptamente, acendeu a luz da cabeceira, e apontou:

— Olha lá!

Bem acordado no berço, os olhos azuis, fortes e profundos, o bebê olhava diretamente para David.

Mais uma vez, as luzes se apagaram. Aconchegada, Alice tremeu.

— Não é bom sentir-se medo daquilo que nós mesmos geramos... O sussurro de Alice baixou de tom, tornou-se grave, ferino, rápido.

—... Ele tentou me matar! E agora, ali está ele, ouvindo a nossa conversa, esperando você ir viajar para ele tentar me matar de novo! É verdade! Eu juro!

Alice desabou em soluços. David tentou acalmá-la.

— Por favor. Não fique assim, por favor.

Na escuridão, Alice ainda chorou por muito tempo. Bem mais tarde, aconchegando-se, trêmula, junto a David, relaxou. Com a respiração suave, calorosa, uniforme, o corpo de Alice descarregou os reflexos exauridos, e ela dormiu.

David cochilou.

E antes mesmo que as pálpebras pesassem e lançassem-no em órbitas mais e mais profundas, David ouviu um ligeiro ruído, estranho, de alerta e vigília dentro

do quarto.

O ruído de lábios pequeninos, molhados, róseos e elásticos.

O bebê.

Depois, dormiu.

De manhã, o sol resplandecia. Alice sorria.

Sobre o berço, David bamboleava o relógio de pulso.

— Olha só, neném, como isso aqui é lustroso, é bonito. É. É. É lustroso. É bonito.

Alice sorria. Dissera a David para ir em frente, viajar para Chicago, ela seria valente, não haveria com que se preocupar. Ela tomaria conta do bebê. Claro, ora, ela tomaria conta dele direitinho.

O avião rumou leste. Tanto céu, tanto sol e nuvens, e Chicago percorrendo o horizonte. David foi jogado no lufa-lufa dos pedidos, planejamentos, jantares, telefonemas e reuniões de muita discussão; mas, mesmo assim, escreveu cartas diárias, enviou telegramas, a Alice e ao bebê.

Na noite do sexto dia de ausência domiciliar, David recebeu um telefonema interurbano. Los Angeles.

— Alice?

— Não, David. Aqui quem fala é Jeffers.

— Doutor!

— Controle-se, filho. Alice adoeceu. E seria bom que você viesse no primeiro avião. É pneumonia. Eu estou fazendo o possível, mas aconteceu muito perto da chegada do bebê. Ela precisa de força.

Leiber deixou cair o fone no gancho. Levantou-se, sem pés a apoiá-lo, sem mãos, sem corpo. O quarto de hotel embaçou, despedaçou. Cego, David partiu em direção à porta.

— Alice!

As hélices mascaram, giravam, mascaram, pararam; tempo e espaço haviam ficado para trás. Na mão, David sentiu girar a maçaneta da porta; debaixo dos pés, o chão retomou a realidade; em volta, fluíram as paredes de um quarto, e ali estava, ao pôr-do-sol da tarde, o Dr. Jeffers, que agora dava as costas para a janela, e Alice, deitada na cama, esperando, esculpida com uma nevasca de inverno. E Dr. Jeffers falava, falava, sem parar, gentil; através do abajur, o som subia, descia, uma ligeira vibração, um murmúrio alvo de voz.

— Sua esposa é uma ótima mãe, David. Estava muito mais preocupada com o bebê que com ela mesma...

Em alguma canto da palidez do rosto de Alice, um súbito aperto diluiu-se antes de materializar-se. Depois, devagar, começou a conversar a conversar como uma mãe, a respeito disso, daquilo e daquil'outro, a contação dos detalhes, o informativo minuto a minuto, hora a hora, de uma mãe preocupada com um

mundo de bonecas e com a miniatura de vida daquele mundo. E não parou. A mola estava retesada, e a voz descambou para a raiva, o medo, e um toque minino de revulsão que, embora nem tenha alterado a expressão do Dr. Jeffers, fez com que o coração de David entrasse no ritmo da conversa, que acelerava e não parava.

— O bebê não queria dormir, de jeito nenhum. Pensei que estivesse doente. Ficava deitado, olhando, no berço, e, tarde da noite, chorava. Alto, chorava muito alto, a noite inteira. Eu não conseguia acalmá-lo, e nem conseguia descansar.

Pausado, Dr. Jeffers concordava com a cabeça.

— Cansou tanto que pegou pneumonia. Mas já está cheia de sulfa, e já está fora de perigo dessa coisa toda.

David sentia-se mal. —E o bebê? O bebê?

— Está em ótima forma. É o galinho da rua!

— Ah, ainda bem, doutor.

O médico saiu do quarto, desceu as escadas, abriu a porta da frente, devagarinho, e se foi.

— David...

David voltou-se na direção daquele suspiro assustado.

—...Foi o bebê de novo... Alice apertou as mãos de David.

—...Eu tentei me enganar, dizer para mim mesma que eu sou uma boba, mas o bebê sabia que eu ainda estava enfraquecida, por causa do hospital, então ele chorou a noite inteira, todas as noites; e quando não estava chorando, ficava quieto demais. E eu sabia que se acendesse a luz, lá estaria ele, me olhando.

David sentiu o corpo fechar, como um punho cerrado. Lembrou-se de ter visto o bebê, sentido o bebê, acordado na escuridão, acordado, tarde da noite, numa hora em que os bebês geralmente estão dormindo. Acordado, deitado, silencioso com o pensamento, sem chorar, mas observando, lá do berço. Desfez-se do pensamento. Era loucura.

Alice prosseguiu.

— Eu ia matar o bebê. Ia sim. Um dia depois que você viajou, eu entrei no quarto e coloquei as mãos em volta do pescoço dele; e fiquei an, por muito tempo, pensando, com medo. Depois cobri o rosto dele com a coberta, virei o rosto dele, apertei e saí do quarto.

David tentou contê-la. Alice, amargurada, olhava para a parede.

— Não, eu quero terminar. Quando eu saí do quarto, eu pensei... É simples. Bebês morrem asfixiados diariamente. Ninguém vai saber. Mas quando eu voltei, esperando encontrá-lo morto, David, ele estava vivo! É, vivo, deitado de costas, vivo, sorrindo, respirando. Depois disso, não consegui mais sequer tocar nele. Deixei-o lá, não voltei mais, nem para dar de mamar, para ver como ele estava, para nada. Provavelmente a cozinheira cuidou dele, eu não sei. Tudo o que eu sei é que aquele choro não me deixava dormir, e eu passei as noites pensando,

andando pelos quartos, e adoeci.

Alice já havia terminado. Quase.

— O bebê fica deitado, pensando numa maneira de me matar. Uma maneira simples. Porque ele sabe que eu sei muito a respeito dele. Eu não sinto amor por ele; entre nós, não existe proteção, e nunca haverá.

Alice terminara. Desfaleceu, dentro de si mesma, e dormiu, por fim. Ali, debruçado sobre ela, David permaneceu por longo tempo, incapaz de mover-se, com o sangue congelado no corpo, sem que nalgum canto, nalgum canto qualquer, uma única célula avivasse.

Na manhã seguinte havia apenas uma única coisa a fazer. E ele a fez. Entrou no consultório do Dr. Jeffers, contou tudo, e ficou a escutar as respostas condescendentes de Jeffers.

— Precisamos ver a coisa com a devida calma, filho. Às vezes, é muito natural uma mãe odiar o filho. Temos até um rótulo para isso: ambivalência. A capacidade de amar e, ao mesmo tempo, odiar. Os amantes odeiam-se reciprocamente, com frequência. Os filhos detestam as mães...

Leiber interrompeu-o:

— Eu nunca detestei minha mãe.

— Você seria incapaz de admiti-lo, é claro. As pessoas não gostam de admitir que odeiam os entes queridos.

— E assim, Alice odeia o filho.

— Uma obsessão, melhor dizendo. Ela está um pouquinho além de uma ambivalência simples, com um. A cesariana, que deu vida ao filho dela, quase lhe tira a vida. Ela culpa o filho pelo fato de quase ter morrido e de estar com pneumonia. Está projetando os próprios problemas, e atribuindo a culpa ao objeto que encontrou mais à mão para usar como causa do problema. Nós todos agimos assim. Tropeçamos numa cadeira e xingamos a mobília, e não nossa própria displicência. No golfe, se erramos uma tacada, execramos o gramado, o taco ou a confecção da bola. Se nosso negócio vai mal, culpamos os deuses, o clima, nossa sorte. Tudo o que eu posso dizer, já disse antes. Ame-a. É o melhor remédio do mundo. Descubra alguns jeitinhos de mostrar sua afeição por ela, de dar segurança. Descubra alguns jeitinhos de mostrar a ela que a criança é inofensiva, é inocente. Faça-a ver que valeu a pena ter o bebê. Em pouco tempo, ela se acalma, esquece a morte e começa a amar o bebê. Se isso não acontecer em um ou dois meses, me chame. Eu recomendarei um bom psiquiatra. Agora, vá em frente, e veja se melhora essa expressão no teu rosto.

Com a chegada do verão, as coisas pareceram acalmar, folgar. David trabalhava, imerso nas minúcias do escritório, mas ainda dedicava muito tempo à esposa. Alice, por sua vez, fazia longas caminhadas, ficava mais forte, e,

eventualmente, jogava *badmington*. Raríssimas vezes, explodiu. Parecia ter se libertado de seus temores.

Salvo, numa certa meia-noite, quando uma súbita ventania de verão, quente fugaz, envolveu a casa e balançou as árvores, qual pandeiros reluzentes. Alice acordou, trêmula, deslizou até os braços do marido e deixou que ele a consolasse, que perguntasse o que se passava com ela. Alice respondeu:

— Tem alguma coisa aqui no quarto, nos observando. David acendeu a luz.

— Você andou sonhando de novo. Mas você está bem melhor. Já faz um bom tempo que não se descontrola.

Alice suspirou, David apagou a luz. De repente, Alice dormiu. David tocou-a e pensou, por quase meia hora, quão doce, quão estranha era aquela criatura.

David ouviu a porta abrir, alguns centímetros.

Não havia ninguém lá. E por que abriria? Não havia motivo. O vento já havia passado.

Esperou, parece que uma hora se passou. David deitado, em silêncio na escuridão.

Então, bem distante, gemendo como um minúsculo meteoro que desaparece na voragem imensa, negra, do espaço, no quarto ao lado, o bebê começou a chorar.

Era um som diminuto, solitário, em meio às estrelas, à escuridão, à respiração da mulher em seus braços, e ao vento, que recomeçava, agora, a roçar pelas árvores.

Lentamente, Leiber contou até cem. O choro persistiu.

Liberou-se, com cuidado, dos braços de Alice, deslizou para fora da cama, calçou os chinelos, vestiu o roupão e, sem fazer ruído, saiu do quarto.

Deveria descer, pensou, esquentar o leite, subir de novo e...

O negror sumiu de seus pés. O pé escorregou, precipitou. Escorregou em algo mole. Precipitou adentro do nada.

Estendeu as mãos e, atabalhado, segurou no corrimão. O corpo parou de despencar. David continuou segurando. Praguejou.

A "coisa mole" que lhe fizera escorregarem os pés, deslizarem, e despencarem alguns degraus. A cabeça zunia. O coração martelava, na base da garganta, grosso, agredido pela dor.

Por que existem pessoas tão displicentes, que deixam coisas jogadas pelo chão? Em busca do objeto, que quase o fizera esborrachar-se escada abaixo, David tateou, meticuloso.

Num sobressalto, a mão congelou. A respiração implodiu. O coração prolongou uma, duas batidas.

A coisa que segurara na mão era um brinquedo. Uma boneca grande, mal-ajambrada, de retalho, que, por gozação, ele comprara...

... para o bebê.

No dia seguinte, Alice levou-o para o escritório, no automóvel. A meio caminho da cidade, Alice reduziu a velocidade, encostou no meio-fio e parou. Em seguida, acomodou-se no assento e olhou para o marido.

— Eu quero tirar uma férias, viajar. Não sei se você vai poder ir também, amor, mas, se não puder, eu quero ir mesmo sozinha. Arrumamos alguém para tomar conta do bebê, tenho certeza. Mas eu tenho que fazer essa viagem. Pensei que já estivesse me afastando dessa... dessa sensação. Mas, não. Eu não agüento ficar no quarto com ele. E ele também, me olha como se me odiasse. Não consigo nem tocá-lo com o dedo. Tudo o que eu sei é que preciso fazer essa viagem, antes que alguma coisa aconteça.

David saiu do carro, deu a volta, pediu-a que se afastasse e entrou.

— A única coisa que você vai fazer é procurar um bom psiquiatra. Se ele recomendar umas férias, então, está bem. Mas dessa maneira é que não pode continuar. Passo o tempo todo com o estômago embrulhado.

David deu partida.

— Eu dirijo.

Cabisbaixa, Alice tentava conter as lágrimas. Na porta do escritório, ergueu os olhos.

— Está bem. Pode marcar a consulta. Vou conversar com quem você quiser, David.

David beijou-a.

— Agora sim, agora a senhora está usando o bom-senso. Você vai conseguir dirigir de volta, direitinho?

— Claro, seu bobo.

— Então, te vejo no jantar. Dirija com cuidado.

— Ah, você sabe que eu dirijo sempre com cuidado! Até!...

No meio-fio, David esperou o carro partir; o vento envolveu os cabelos longos, morenos e reluzentes de Alice. Lá em cima, um minuto depois, telefonou a Jeffers e marcou hora com um neuropsiquiatra de confiança.

Meio aflitiva, a jornada daquele dia de trabalho chegou ao fim. As coisas andaram meio embaçadas, e no meio do embarço só viu Alice, perdida, chamando-o. Boa parte do medo passara para David. Ela, de fato, conseguira convencê-lo de que o guri tinha lá suas coisas não muito naturais.

David ditou cartas compridas, mal inspiradas. No andar de baixo, conferiu algumas entregas fez perguntas aos assistentes, e continuou. Ao fim do expediente, estava exausto, a cabeça latejava. Que bom ir para casa!

No elevador, que descia, pensou: E se eu contar a Alice sobre a escada... sobre a boneca de retalho... que eu pisei nela e escorreguei ontem à noite? Por Deus, isto seria um apoio e tanto para ela! Mas, não, não vou contar nada. Afinal, acidentes são acidentes.

O dia prolongou no céu, David tomara um táxi. Na frente de casa, pagou o motorista e, devagar, caminhou pela calçada de cimento, saboreando a luz que ainda pairava no céu, nas árvores. A fachada da casa, colonial, branca, estranhamente quieta, desabitada. De repente, lembrou-se. Era quinta-feira, e a diarista que costumavam contratar, de tempos em tempos, já se fora.

David inspirou fundo. Atrás da casa, um pássaro cantou. Um quarteirão adiante, o tráfego movia-se na avenida larga. A chave, girou-a na porta. A maçaneta, girou com os dedos, engordurada, silenciosa.

A porta se abriu. David entrou, em cima da cadeira pousou o chapéu, a pasta, e começou a revolucionar os ombros para sair do paletó. Nesse momento, ergueu os olhos.

Próxima ao corredor de cima, uma janela deixava entrar, escada abaixo, o resto de pôr-de-sol. Aquele ponto, tocado pela luz do sol, tomou a cor viva, da boneca de retalho, esparramada ao pé da escada.

David nem prestou atenção ao brinquedo.

Conseguiu, apenas, olhar, imóvel, e olhar mais uma vez para Alice.

Ali está Alice, estirada, o corpo angulado, em posse grotesca e pálida, ao pé da escada, qual boneca entortada, que não quer mais brincar, nunca mais.

Alice estava morta.

Na casa silenciosa, um único ruído, o coração de David.

Alice estava morta.

Com as mãos, envolveu a cabeça de Alice, sentiu-lhe os dedos. Envolveu seu corpo. Ela nem tentaria viver. Pronunciou-lhe o nome, bem alto, muitas vezes, e tentou, mais uma vez, apertando-a contra o corpo, proporcionar a ela um pouco do calor que havia perdido, em vão.

Levantou-se. É possível que tenha telefonado para alguém. Mas não se lembrava. De repente, percebeu, estava no andar de cima. Abriu o quarto do bebê, entrou e olhou, vazio, para o berço. O estômago embrulhou. David não conseguia enxergar com nitidez.

Os olhos do bebê estavam cerrados, mas o rosto estava avermelhado, molhado de suor, como se tivesse chorado muito, por muito tempo.

— Ela morreu — Leiber disse ao bebê. — Ela morreu.

E começou a rir, baixinho, suave, contínuo, por muito tempo, até que o Dr. Jeffers entrou, vindo da noite, e deu-lhe tapas no rosto, muitos.

— Acorda, homem!

— Ela caiu da escada, doutor. Escorregou na boneca de retalho, e caiu. Eu também, ontem à noite, quase escorreguei nela. E agora...

Dr. Jeffers o sacudiu. David estava meio tonto.

— Doutor, doutor. Que coisa engraçada. Muito engraçada! Já encontrei um nome para o bebê.

Dr. Jeffers não disse nada.

David recostou a cabeça nas mãos trêmulas e proferiu palavras.

— Vou batizá-lo no domingo que vem. Sabe qual o nome que escolhi para ele? Lúcifer.

Eram onze horas da noite. Muitas pessoas vieram, andaram pela casa e levaram com elas a chama essencial... Alice.

Na biblioteca, David Leiber sentava-se, do outro lado da mesa, com o Dr. Jeffers.

— Alice não era doida — dizia, devagar. — Tinha bons motivos para temer o bebê.

Jeffers suspirou.

— Não vá pela cabeça dela! Ela culpou o bebê pela doença, e agora você o culpa pela morte dela. Ela tropeçou no brinquedo, está lembrado? Você não pode culpar o bebê!

— O senhor está se referindo a Lúcifer?

— Não fale assim! Leiber meneou a cabeça.

— Alice ouvia coisas à noite, andando pelos corredores. O senhor quer saber o que eram aqueles ruídos, doutor? Eram o bebê. Com quatro meses de idade, mo vendo-se na escuridão, ouvindo nossa conversa. Não perdia uma só palavra!

David apoiou-se nos braços da cadeira.

— Acender a luz, nem adiantava. Bebês são coisas pequenininhas, escondem-se atrás da mobília, da porta, junto a uma parede... sempre abaixo do alcance da vista.

— Gostaria que você parasse com isso!

— Tenho que dizer o que penso, ou então vou enlouquecer. Quando fui para Chicago, quem foi que não deixou Alice dormir, quem foi que a exauriu até deixá-la com pneumonia? Foi o bebê! E como Alice não morreu, ele tentou me matar. Era simples: era só deixar o brinquedo na escada, chorar de noite até o pai se levantar para ir buscar o leite, e tropeçar. Um truque grosseiro, mas eficiente, que não consegui me pegar, mas pegou Alice, matou-a.

David Leiber parou; apenas para acender o cigarro.

— Eu devia ter desconfiado. Acendia a luz no meio da noite, muitas noites seguidas, e lá estava ele, deitado, de olhos estatelados. A maioria dos bebês dorme de noite. Ele não. Ficava acordado, pensando.

— Os bebês não pensam, David.

— Sei lá. Ficava acordado fazendo não sei o que, então, com a cabeça. Nós não sabemos nada sobre o cérebro dos bebês. Ele tinha muitos motivos para detestar Alice; ela desconfiava dele, pelo que ele era... com certeza, não era uma criança normal. Era... diferente. O senhor conhece crianças, doutor? Apenas o corriqueiro, não é mesmo? O senhor sabe, não sabe, que os bebês matam as mães na hora do parto? E sabe por quê? Ressentimento, talvez, de ser forçado a

entrar nesse nosso mundo imbecil.

Cansado, Leiber inclinou-se na direção de Jeffers.

— Tudo fecha. Vamos supor que, dentre milhões de bebês recém-nascidos, alguns sejam capazes de movimentar-se instantaneamente, de ver, ouvir, pensar, assim como muitos animais e insetos. Os insetos já nascem auto-suficientes. E em poucas semanas os mamíferos e os pássaros se adaptam. Mas as crianças levam anos para falar e aprender a tropeçar nas próprias perninhas. Mas, vamos supor que, em um bilhão de crianças, uma seja... estranha. Que nasça perfeitamente consciente, capaz de pensar, por instinto. Seria o cenário perfeito, o álbi perfeito para tudo que ele quisesse fazer. Ele poderia fingir ser uma criança comum, fraca, chorona, ignorante. E se gastasse apenas um pouquinho de energia, conseguiria se arrastar por uma casa escura, e ouvir. Para ele, seria fácil colocar obstáculos no alto de uma escada. Seria fácil chorar a noite inteira, e exaurir a mãe, até que ela pegasse pneumonia. Seria fácil, bem na hora do parto, tão próximo à mãe, executar algumas manobras ágeis e presenteá-la com uma peritonite!

Jeffers levantou-se.

— Pelo amor de Deus! Quanta coisa repulsiva!

— Eu estou falando de coisas repulsivas, doutor. Quantas mulheres já morreram ao dar a luz? Quantas já não amamentaram coisinhas improváveis, que lhes causaram a morte, de um jeito ou de outro? É estranho, criaturinhas avermelhadas com cérebros que pensam coisas inadivinháveis no meio da escuridão. Cérebros pequenos, elementares, aquecidos com o conhecimento da raça, com o ódio, a crueldade selvagem, com o pensamento voltado apenas para a autopreservação. E, nesse caso, a autopreservação consiste em eliminar a mãe que percebeu ter dado a luz a um monstro. Eu pergunto ao senhor, doutor. Existe alguma coisa mais egoísta nesse mundo que os bebês? Não, não existe!

Jeffers franziu a testa, meneou a cabeça, impotente. Leiber deixou cair o cigarro.

— Não estou falando de forças poderosas. Apenas da força suficiente para engatinhar com alguns meses de antecipação, para ficar ouvindo, o tempo todo. Para chorar de noite. Já é o suficiente, mais do que suficiente.

Jeffers tentou ironizar.

— O nome disso é assassinato. E assassinatos têm que ter motivos. Qual, você acha, seria o motivo dele?

Veio a resposta de Leiber, na ponta da língua.

— Nada mais pacífico, mais gratificante, sonhador, mais relaxante, repousante, mais bem alimentado, reconfortante, imperturbável, que o estado de uma criança que ainda não nasceu. Nada! A criança flutua numa maravilha atemporal, de alimento e silêncio. De repente, é solicitada a desistir daquele porto, é forçada a desocupar o lugar, é lançada num mundo barulhento,

displacente, egoísta, onde é solicitada a andar por conta própria, a caçar e a alimentar-se da caçada, a partir em busca de um amor que se esvai, e que, em outras épocas, fora um direito inquestionável, a ir de encontro à confusão, e não ao silêncio interior, ao repouso prudente! E a criança se ressentia disso! Se ressentia do ar frio, dos espaços imensos, do desaparecimento repentino de coisas que conhece. E naquele minúsculo filamento de cérebro, a única coisa que o bebê conhece é o egoísmo, o ódio, pois a magia já foi abruptamente espatifada. E quem seria o responsável por esse desencanto, por essa quebra abrupta da magia? A mãe, é claro. E assim, com toda a mente irracional da criança, o recém-nascido já tem alguém para odiar. A mãe a atirou no mundo, rejeite-a. E o pai, não presta também. Mate-o! A seu modo, ele também é responsável.

Jeffers interrompeu-o.

— Se é verdade o que você diz, então toda mulher nesse mundo deve ver o filho como algo de que deva sentir horror, algo de que deva suspeitar.

— E por que não? As crianças têm álibis perfeitos. Estão protegidas por milênios de teorias consagradas pela medicina. Todas as teorias naturais as definem como indefesas, irresponsáveis. A criança já nasce odiando. E, com o tempo, as coisas pioram, em vez de melhorar. No começo, o bebê ainda recebe um pouco de atenção, de carinho materno. Mas, com o passar do tempo, as coisas mudam. Quando novinhos, os bebês têm o poder de fazer com que os pais façam coisas idiotas, sempre que choram, ou fungam, de fazê-los pular ao menor ruído. Mas os anos passam, e o bebê sente escapar esse poder, ínfimo, para sempre irrecuperável. Por que não reunir todo o poder que tem? Por que não manobrar para manter sua posição enquanto está com todas as vantagens na mão? Daqui a alguns anos, será difícil expressar o ódio. A hora de atacar é agora!

Leiber falava num tom de voz baixo e lento.

— Meu filhinho, deitado no berço, noites a fio, o rosto molhado, vermelho, ofegante. De chorar? Não. De escalar, devagar, a grade do berço, de engatinhar longas distâncias por corredores escuros. Meu filhinho. Eu quero matá-lo.

Dr. Jeffers ofereceu-lhe um copo d'água e algumas pilulas.

— Você não vai matar ninguém. Vai dormir por vinte e quatro horas. Dormir o fará mudar de idéia. Tome.

Leiber tomou as pilulas e deixou-se conduzir até o andar de cima, até seu quarto, chorando; sentiu que o colocavam na cama. Dr. Jeffers esperou, até vê-lo entrar num sono profundo, e foi-se embora.

Sozinho, Leiber entregou-se, mais, mais.

Ouviu um ruído. Fraco, ainda perguntou:

— O que é isso? *O que...*

Algo moveu-se no corredor.

David Leiber dormiu.

Na manhã seguinte, bem cedo, Dr. Jeffers veio vê-lo. Uma bela manhã.

Viera para levá-lo para um período de descanso no campo. Lá em cima, Leiber ainda deveria estar dormindo. Os sedativos que ministrara a ele mantê-lo-iam apagado por, no mínimo, umas quinze horas.

Tocou a campainha. Ninguém. Os empregados, provavelmente, ainda não estavam de pé. Experimentou a maçaneta. A porta estava aberta, entrou. Pousou a maleta na cadeira mais próxima.

Lá no alto da escada, uma coisa branca pareceu esconder-se rapidamente. O movimento, apenas insinuado, mal fora percebido por Jeffers.

Pairava, na casa, um cheiro de gás.

Jeffers correu ao segundo andar; com alarde, intrometeu-se no quarto de Leiber.

Leiber está imóvel, na cama; o quarto, sufocado pelo gás que zunia de um cano na base da parede, próximo à porta. Jeffers desligou a torneira, empregou toda força para abrir as janelas e voltou para Leiber.

O corpo estava frio, já morto há muitas horas.

Tossindo violentamente, depressa, Dr. Jeffers deixou o quarto; os olhos lacrimejavam. Não fora Leiber quem ligara o gás. Não poderia ter sido ele. Estava dopado pelos sedativos, não conseguiria acordar antes do entardecer. Não fora suicídio. Haveria alguma possibilidade de que fosse?

No corredor, Jeffers esperou uns cinco minutos. Em seguida, foi ao quarto do bebê. Fechado. Jeffers abriu a porta, entrou e foi direto ao berço.

O berço estava vazio.

Apoiado no berço, Dr. Jeffers balançou, por questão de meio minuto, e depois murmurou algo, dirigido, especificamente, a ninguém.

— A porta do quarto bateu com o vento. Você não conseguiu voltar para o berço, onde estaria a salvo. Você jamais poderia pensar que a porta iria bater com o vento. Uma coisinha à toa, como uma porta que fecha, é capaz de estragar qualquer plano, por melhor que seja. Eu descobri você. Sei que você está pela casa, escondendo-se, fingindo ser algo que não é.

Dr. Jeffers parecia engeguedido. Levou as mãos à cabeça e sorriu, lívido.

— Estou agindo como Alice e David. Mas, não posso me arriscar. Não tenho certeza de nada, mas não posso me arriscar.

Desceu a escada; em cima da cadeira, abriu a maleta, retirou alguma coisa, segurou-a nas mãos.

Um ruído no corredor; de alguma coisa muito pequena, muito silenciosa. Rápido, Jeffers virou-se.

Para colocá-lo no mundo, pensou, tive que fazer uma operação. Agora, creio, vou ter que fazer uma operação para levá-lo embora...

Corredor adentro, Dr. Jeffers deu uns seis passos, decididos. Ergueu a mão, ensolarada.

— Olha aqui, neném! Como é lustroso! Como é bonito! Um bisturi.

A Multidão

Spallner levou as mãos ao rosto.

Houve uma sensação de movimento no espaço, um grito de tortura, maravilhoso, o impacto do carro, a capotagem contra o muro, através do muro, a subida, a queda, como um brinquedo; e ele, arremessado fora do carro. Depois... silêncio.

A multidão veio correndo. Dali, de onde estava deitado, ouviu-a correr, vagamente. Pôde identificar idades, tamanhos, nos sons daqueles pés, tão numerosos, correndo pelo gramado de verão, pelas faixas do calçamento, pela rua de asfalto, caminhando, cuidadosos, pelos tijolos atropelados, até o lugar onde o carro se encontrava, pendurado pelo meio, com o bico voltado para o céu da noite, com as rodas ainda a girar, numa centrífuga inteiramente sem sentido.

De onde vinha a multidão, não sabia. Esforçou-se para manter a consciência, e viu os rostos da multidão rodearem-no, debruçarem qual folhas largas, lustrosas, de árvores inclinadas. Formavam um anel de rostos que se moviam, comprimiam e mudavam sobre ele, olhando para baixo, para baixo, procurando, em seu rosto, identificar-lhe o tempo de vida, ou de morte, transformando-lhe o rosto num relógio lunar, em que, atrás do nariz, projetada nas maçãs do rosto, a sombra do luar informava o momentum da respiração, ou da não respiração, para nunca mais.

Puxa, pensou, a multidão anda depressa, é como a íris de um olho que se comprime a partir do nada.

Uma sirene. Uma voz policial. Movimento. O sangue escorria-lhe dos lábios, e ele era colocado numa ambulância. Alguém disse:

— Ele morreu? Alguém respondeu:

— Não, não morreu não. Alguém mais afirmou:

— Ele não vai morrer, não vai não.

Na noite, Spallner viu, por cima dele, os rostos da multidão, e pôde perceber, por aquelas expressões, que não iria morrer. De uma maneira estranha. Viu o rosto de um homem, magro, efusivo, pálido, que engolia em seco e mordida os lábios, muito doente. E também uma mulher baixa, de cabelos ruivos, e muito vermelho nas maçãs do rosto e nos lábios. E um menininho sardento. E outros rostos. Um velho, com o lábio superior enrugado, uma velha com um sinal de nascença no queixo. Vieram todos... de onde? Das casas, carros, ruas laterais, do mundo imediato, chocado, do acidente. Das ruas laterais, dos hotéis, dos bondes e, aparentemente, do nada.

A multidão o olhava. Spallner olhava a multidão e não gostava. Em todos, pairava um grande equívoco, e ele não conseguia atinar qual. Eram bem piores que essa coisa metálica por que havia passado há pouco.

Bateram as portas da ambulância. Pelas janelas, viu a multidão olhando lá para dentro, olhando. Aquela mesma multidão que sempre chegava tão rápida, estranhamente rápida, e formava um círculo para bisbilhotar, sondar, embasbacar, perguntar, apontar, perturbar e destruir, por meio da curiosidade franca, a intimidade da agonia de outrem.

A ambulância partiu. Spallner prostou-se de costas e os rostos ainda continuaram a olhá-lo; ele, já com os olhos fechados.

Em sua cabeça, as rodas do automóvel giraram por dias a fio. Uma roda, quatro rodas, girando, girando, zumbindo, girando mais e mais. Mas aquilo estava errado. Havia algo de errado com aquelas rodas, com todo o acidente, com a pressa daqueles pés, com a curiosidade. Os rostos da multidão misturavam-se, giravam com a rotação desenfreada das rodas.

Acordou.

O sol, num quarto de hospital, u'a mão tomava-lhe o pulso.

O médico perguntou:

— Como está se sentindo?

As rodas desapareceram. Sr. Spallner olhou em volta.

— Bem... creio.

Procurou palavras. A respeito do acidente.

— Doutor?

— Pode falar.

— A multidão... foi ontem à noite?

— Já foi há dois dias. Você está aqui desde quinta-feira. Mas você está bem. Está reagindo bem. Não se levante para testar.

— A multidão. E rodas também. É comum as pessoas ficarem meio... fora de si, depois de um acidente desses?

— Às vezes, temporariamente. Deitado, Spallner olha o médico.

— E afeta a noção de tempo?

— O pânico às vezes afeta.

— Faz um minuto parecer uma hora, ou, quem sabe, uma hora parecer um minuto?

— Faz.

— Então, vou contar-lhe algo.

Debaixo do corpo, Spallner sentiu a cama; no rosto, a luz do sol.

— O senhor vai pensar que eu sou maluco. Sei que estava dirigindo depressa. Agora me arrependo. Subi no meio-fio e acertei o muro. Eu me machuquei, fiquei paralisado, mas ainda me lembro. Principalmente... da multidão.

Fez uma pausa. Depois, decidiu continuar, pois, de repente, percebeu o que o incomodava.

— A multidão chegou muito depressa. Trinta segundos depois da batida, as pessoas já estavam lá, debruçadas por cima de mim, olhando... Não me parece

verossímil que tenham chegado tão rápido assim, àquela hora da noite...

— É que o senhor pensa que haviam passado apenas uns trinta segundos, quando, na verdade, foram três ou quatro minutos. Os seus sentidos...

— Sei, claro... os meus sentidos... o acidente. Mas eu estava consciente! E me lembro de uma coisa, que resume as coisas, e dá a tudo um tom de estranheza, de muita estranheza. As rodas do carro, de cabeça para baixo. As rodas ainda estavam girando quando a multidão chegou ao local.

O médico sorria.

O homem deitado prosseguiu.

— Eu tenho certeza! As rodas ainda giravam, e rápidas... as rodas da frente! As rodas não giram por tanto tempo assim, a fricção as desacelera. E elas estavam girando de verdade!

— O senhor deve estar um pouco confuso.

— Não estou confuso não. A rua estava vazia. Nenhuma alma à vista. Em seguida, o acidente, as rodas ainda girando e aqueles rostos todos em cima de mim, rapidamente, sem defasagem de tempo. E, pela maneira com que me olharam, percebi que não ia morrer...

— Simples estado de choque!

O médico se afastou.

Duas semanas depois, Spallner recebeu alta do hospital. Foi de táxi para casa. Pessoas vieram visitá-lo durante as duas semanas que passou deitado, e, a todas, contou sua história, o acidente, as rodas girando, a multidão. Todo riram de sua preocupação e se foram.

Inclinou-se à frente, bateu na vidraça de proteção do motorista.

— O que é que está havendo?

O motorista olhou para trás.

— Sinto muito, patrão. É uma parada dirigir nessa cidade! Foi um acidente ali adiante. O senhor quer que eu saia fora?

— Quero. Não! Não! Siga em frente. Quero dar uma olhada.

O motorista seguiu em frente, buzinando, e resmungou:

— Que coisa estranha! Ei, seu...! Tira essa geringonça da frente.

Mais tranquilo:

— Que coisa estranha! Mais gente ainda! Quanta gente curiosa!

O Sr. Spallner percebeu os dedos tremerem em cima dos joelhos.

— O senhor também notou?

— Claro. É toda hora! Sempre ajunta gente. Parece até que foi a mãe deles quem morreu!

O homem sentado no banco de trás observou:

— E eles chegam tão rápido!

— É incêndio, explosão, é sempre a mesma coisa. Ninguém à vista. Pam!

Junta uma porção de gente. Sei lá...

— O senhor já presenciou algum acidente à noite? O motorista confirmou com a cabeça.

— Claro. Tanto faz. A multidão está sempre lá.

Agora já podiam ver a batida. Um corpo caído no asfalto. Mesmo que não conseguisse vê-lo, qualquer um saberia que havia um corpo ali. Por causa do ajuntamento. Do ajuntamento que ele, ali sentado no banco de trás, podia ver pelas costas. Spallner abriu a janela, e por pouco não começou a gritar. Não o fez por falta de coragem, pois, se gritasse, talvez a multidão se virasse.

E ele sentiu medo de ver-lhes os rostos.

No escritório, conversou.

— Parece que eu tenho um pendor para acidentes.

Quase fim de tarde. O amigo, sentado do outro lado da escrivaninha, ouvia.

— Saí hoje de manhã do hospital e, no caminho de casa, passei por um atropelamento.

— As coisas têm seus ciclos — observou Morgan.

— Vou te contar meu acidente.

— Já me contaram. Já me contaram tudo.

— Você tem que admitir que foi estranho.

— É, foi sim. Mas... vamos tomar um aperitivo?

Conversaram por meia hora ou mais. Durante toda a conversa, no fundo do cérebro de Spallner, um relóginho tiquetaqueava; o relóginho dispensava corda. Eram reminiscências de umas certas coisinhas. Rodas, rostos.

Por volta das cinco e meia, na rua, um ruído de metal duro. Morgan acenou com a cabeça, olhou pela janela, lá para baixo.

— Não falei? Ciclos. Um caminhão e um Cadillac creme. Claro, claro. Spallner foi até a janela. Demonstrava muita frieza, consultava o relógio no pulso, o ponteiro dos segundos. Um, dois, três, quatro, cinco segundos — as pessoas corriam — oito, nove, dez, onze, doze — pessoas chegavam, correndo, de todas as direções — quinze, dezesseis, dezessete, dezoito segundos — mais gente, mais automóveis, mais buzinas. Curiosamente alheio, Spallner contemplou aquela cena como uma explosão invertida, os fragmentos da detonação de volta ao ponto de impulsão. Dezenove, vinte, vinte e um segundos, e lá estava a multidão. Spallner lançou-lhes um gesto, sem palavras.

A multidão juntara-se depressa demais.

Spallner vira um corpo de mulher, instantes antes de ser engolido pela multidão.

— Você está abatido. Olhe, por que não termina o aperitivo?

— Eu estou bem. Estou bem. Quero ficar sozinho. Eu estou bem. Você está vendo aquela gente lá? Você consegue identificar alguém? Gostaria de vê-los

mais de perto.

— Ei, onde é que você vai? — gritou Morgan.

Spallner saiu porta afora, desabalado, e Morgan fora atrás, escada abaixo.

— Venha e ande depressa.

— Calma, homem, você não está em boas condições!

Foram até a rua. Spallner forçou passagem. Pensou ter visto uma mulher ruiva com muito vermelho nas maçãs do rosto e nos lábios. Rápido, voltou-se para Morgan.

— Ali! Você a viu?

— Quem?

— Merda! Ela sumiu. A multidão a escondeu!

A multidão se espalhava por todos os lugares, respirando, embaralhando, misturando, balbuciando e atravacando-lhe o caminho quando tentou passar. Era evidente, a mulher ruiva o vira e desaparecera.

Spallner viu outro rosto conhecido! Um garotinho sardento. Mas, existem tantos garotos sardentos no mundo! De qualquer modo, foi inútil, pois, antes que Spallner o alcançasse, o garotinho fugira, desaparecera na multidão.

Uma voz perguntou:

— Ela morreu? Ela morreu?

Alguém ponderou:

— Está morrendo. Vai morrer antes que chegue a ambulância. Não deveriam tê-la tirado do lugar. Não deveriam...

Todos os rostos da multidão — conhecidos e tão desconhecidos debruçavam-se, olhando, olhando.

— Ei, prezado, vê se não empurra!

— Pare de empurrar, companheiro!

Spallner retirou-se; Morgan o segurou antes que caísse, e chamou-o às falas:

— Você é mesmo teimoso. Você ainda está doente. O que é que tinha que vir fazer aqui na rua?

— Não sei... não sei mesmo. Eles tiraram o corpo dela do lugar, Morgan, e isso não se faz com um acidentado. É morte certa. É morte certa.

— Pois é, mas as pessoas são assim mesmo. Um bando de imbecis.

Com cuidado, Spallner organizava os recortes de jornais. Morgan passava os olhos.

— Para que isso? Agora, depois do seu acidente, você pensa que qualquer tumulto no trânsito faz parte de você! Que recortes são esses?

— Recortes de desastres de automóveis e fotos. Dê uma olhada. Nos carros não. Na multidão em volta.

Spallner apontava.

— Olhe. Compare essa foto de um desastre no Distrito de Wilshire com essa

outra de Westwood. Não existe semelhança alguma. Mas, agora, pegue essa foto de Westwood e coloque ao lado dessa outra, também do Distrito de Westwood, dez anos atrás.

Spallner apontou novamente.

— Esta mulher está nas duas fotografias.

Coincidência, a mulher estava lá em 1936, e novamente em 1946.

— Vá lá. Uma vez, pode ser coincidência. Mas doze vezes num período de dez anos, em acidentes que ocorreram a uns cinco quilômetros de distância uns dos outros, não é não. Olhe aqui.

Spallner estendeu doze fotografias.

— Ela está em todas.

— Ora, talvez seja uma perversa!

— É mais do que isso! Como é que ela consegue chegar tão rápido ao local do acidente? E como é possível estar com a mesma roupa nessas fotografias tiradas num período de uma década?

— Não é que você tem razão!

— E, para encerrar, por que ela estava lá, em pé, debruçada em cima de mim, na noite do meu acidente, há duas semanas?

Foram tomar um aperitivo. Morgan passou os olhos na coleção.

— O que é que você fez? Contratou uma firma de pesquisa de jornais, enquanto esteve no hospital, para que colecionassem os recortes para você?

Spallner confirmou com a cabeça. Morgan tomou um gole do aperitivo. Ficava tarde. As luzes já se acendiam na rua lá embaixo.

— E isso tudo leva a quê?

— Não sei. Só sei que existe uma lei universal a respeito dos acidentes: as multidões. Sempre ajunta gente. E assim como você, como eu, as pessoas ficam a imaginar, por anos a fio, na tentativa de descobrir como a multidão consegue reunir-se tão rapidamente. E por quê? Eu sei a resposta. Ei-la.

Spallner jogou os recortes sobre a mesa.

— Isso até me assusta.

— Essas pessoas, Spallner... não seriam caçadores de emoções, sensacionalistas perversos cujo desejo carnal se volta para o sangue, para a morbidez?

Spallner encolheu os ombros.

— E isso explicaria o fato de estarem em todos os acidentes? Repare. Elas se aтем a certos territórios. Um acidente em Brentwood desentoca um determinado grupo. Em Huntington Park, outro grupo. Mas há um padrão, no que diz respeito aos rostos; uma certa percentagem aparece em todos os acidentes.

— Os rostos não são sempre os mesmos, não é verdade?

— Claro que não. Acidentes costumam atrair pessoas normais também, no curso do tempo. Mas esses aqui, eu estou vendo, são sempre os primeiros a

chegar.

— Quem são? O que querem? Você faz as insinuações, mas não diz nada. Meu Deus, eu sei que você está com alguma idéia na cabeça. Você já se assustou, e agora quem está aflito sou eu.

— Eu já tentei abordá-los, mas alguém sempre atravessa no meu caminho, e eu sempre chego tarde. Eles se esgueiram pela multidão e desaparecem. Parece que a multidão oferece proteção a alguns de seus membros. Sempre me vêm chegar.

— Isso está me cheirando a uma espécie de bando.

— Uma coisa eles têm em comum. Sempre aparecem juntos. Em incêndios, explosões, na periferia das guerras, em qualquer demonstração pública dessa coisa chamada morte. Abutres, hienas, santos? Simplesmente não sei. Mas eu vou levar isso à polícia hoje à noite. Isso já foi longe demais. *Hoje*, um deles mexeu no corpo daquela mulher. Não deveriam ter tocado nela. Foi por isso que ela morreu.

Spallner guardou os recortes na pasta. Morgan levantou-se e deslizou paletó adentro. Spallner fechou a pasta.

— Ou então... estou pensando...

— O que é?

—... que talvez eles quisessem que ela morresse.

— Por quê?

— Sei lá. Quer ir comigo?

— Não vai dar. Já está tarde. Nos vemos amanhã. Boa sorte.

Os dois saíram juntos.

— Dê lembranças aos tiras. Você acha mesmo que eles vão acreditar em você?

— Claro, ora se vão! Até amanhã!

Rumo ao centro da cidade, Spallner dirigiu devagar. Disse para si mesmo:

— Quero chegar vivo!

Spallner chocou-se, mas, nem por isso, surpreendeu-se, quando, saindo de uma rua lateral, um caminhão veio diretamente de encontro a ele. Foi no exato momento em que ele se parabenizava por possuir um senso de observação tão aguçado, e em que ensaiava, na cabeça, o que iria dizer ao policial, que o caminhão espatifou-se contra seu carro. Bem, o carro não era exatamente seu, e esse foi o aspecto desanimador da coisa. Com a preocupação a rondar-lhe o espírito, foi atirado primeiro para um lado, depois para o outro, e, enquanto isso, pensava: que pena, Morgan foi para casa, e deixou comigo seu segundo carro, por alguns dias, até que o meu fosse consertado, e aqui estou eu de novo. O pára-brisa bateu-lhe no rosto. Spallner foi jogado para trás, para a frente, em diversas sacudidelas-relâmpagos. Depois, todo o movimento aquietou, todo ruído, e

apenas a dor o preencheu.

Ouvii passos correrem, correrem. De mal jeito, bateu a porta. A porta estalou. Spallner caiu ao solo, meio desacordado, e ali ficou com o ouvido colado ao asfalto, a ouvi-los se aproximar. Como se fossem uma tempestade, com muitos pingos, pesados, leves, médios, a tocarem o chão. Esperou alguns segundos, ouviu-lhes a aproximação, a chegada. Depois, fraco, na expectativa, virou a cabeça e olhou.

A multidão lá estava.

Spallner sentiu-lhes a respiração, os odores mistos de muitas pessoas sugando, sugando o ar de que todo homem necessita para viver. Ajuntavam-se, acotovelavam-se, sugavam, sugavam o ar que lhe envolvia o rosto arquejante, e ele ainda tentou dizer que recusassem, que o estavam fazendo viver num vácuo. A cabeça sangrava muito. Tentou mover-se, e percebeu que havia algo de errado com a coluna. Na hora do impacto, não sentira muito, mas a coluna estava mesmo avariada. Não ousou mover-se.

Não conseguia falar. Abriu a boca, apenas engasgos saíram.

Alguém disse:

— Me ajudem aqui. Vamos virá-lo, levantá-lo e colocá-lo numa posição mais confortável.

A cabeça de Spallner pareceu estilhaçar.

Não, não toquem em mim! Casual, a voz insistiu:

— Vamos tirá-lo daqui!

Seus imbecis, vocês vão me matar. Não façam isso!

Nada do que disse fora audível. Dissera-o apenas no pensamento.

Mãos o seguraram. Começaram a levantá-lo. Ele soltou um grito e a ânsia de vômito o asfixiou. Aprumaram-no, deitado, num monturo de agonia. Dois homens o fizeram. Um era magro, efusivo, pálido, atento, um jovem. O outro, muito velho, tinha o lábio superior enrugado.

Spallner já vira aqueles rostos antes.

Uma voz, conhecida, perguntou:

— Ele morreu?

Outra voz, uma voz memorável, respondeu:

— Não, ainda não. Mas vai morrer antes que chegue a ambulância.

Um ardil tolo, louco. Como qualquer acidente. Spallner soltou um grito histérico, para aquela parede de rostos sólida. Estavam todos ao redor, esses juizes, jurados, com rostos que já vira antes. Contou-os, na dor.

O garoto sardento, o velho com o lábio superior enrugado.

A mulher ruiva, de maçãs do rosto vermelhas. Uma velha com um sinal de nascença no queixo.

Sei por que vocês estão aqui, pensou. Estão aqui porque vocês estão em todos os acidentes. Para se certificarem de que as pessoas certas irão viver, e de que as

peessoas certas irão morrer. Foi por isso que me levantaram. Sabiam que isso iria me matar. Sabiam que, se não me tocassem, eu iria viver.

E tem sido assim desde os primórdios do tempo, quando as multidões se encontram. É um meio mais fácil de assassinar. O alibi é muito simples: vocês simplesmente não sabiam que não se deve mover o corpo de um acidentado. Não foi de propósito que o prejudicaram.

Spallner olhou para eles, ali em cima, e sentiu a curiosidade de quem está debaixo d'água, bem no fundo, e olha as pessoas numa ponte. Quem são vocês? De onde vêm, e como conseguem chegar tão depressa? Vocês são a multidão, que sempre atravanca a passagem, que consome o ar sadio de que carecem os pulmões de um moribundo, que tomam o espaço em que ele deveria permanecer só, deitado, que espezinham as pessoas para terem certeza de que elas irão morrer. Vocês são isso mesmo. Conheço-os bem.

Foi um monólogo cortês. Eles nada disseram. Rostos. O velho. A mulher ruiva.

Alguém pegou a pasta de Spallner.

— De quem é?

É minha! E está cheia de provas contra vocês todos!

Olhos entrecuzaram-se por cima dele. Olhos brilhantes, debaixo de cabelos desalinhados, ou de chapéus.

Rostos.

Em algum canto... uma sirene. A ambulância chegava.

Ao olhar aqueles rostos, porém, a construção, o olhar, o formato, Spallner percebeu que era tarde demais. Pôde lê-lo naqueles rostos. Eles sabiam.

Spallner tentou falar. Pronunciou algo, muito pouco.

— Parece... que... em breve... estarei com vocês. Acho que... daqui por diante... farei parte... deste grupo.

Cerrou os olhos e esperou pelo investigador.

A Caixinha de Surpresa

Edwin olhava pelas janelas; manhã fria. Nas mãos, a caixinha de surpresa; os olhos fixos na tampa enferrujada. Que se debatesse o bonequinho, à vontade, pois nem com um grito conseguiria saltar para a luz, nem espraiar ao ar as luvinhas de veludo, nem balançar em tantas direções com seu sopro espantado, pintado. Comprimido pela tampa, na jaula, socado, apertado, dobra por dobra. Coloque o ouvido junto à caixa, e sentirá a pressão, o medo, o pânico do brinquedinho encurralado. É o mesmo que segurar, na mão, um coração. Edwin não conseguia dizer se o que pulsava era a caixa, ou a batida de seu próprio sangue colado na tampa.

Atirou a caixa no chão, olhou pela janela. Ali fora, árvores circundavam a casa; a casa circundava Edwin. Impossível enxergar além das árvores. Se tentasse vislumbrar outro Mundo por trás delas, as árvores formariam, com o vento, um tecido encorpado, para interromper-lhe a curiosidade, para interceptar-lhe os olhos.

— Edwin!

Atrás dele, a Mãe, à espera, a respiração nervosa, toma o café da manhã.

— Pare de ficar olhando. Venha tomar café.

— Não — sussurrou Edwin.

— O quê?

Um movimento enérgico, rígido. Talvez tenha até mesmo se virado.

— O que é mais importante? O café ou a janela?

— A janela...

Edwin respondeu, com um sussurro, e lançou o olhar, rápido, por aqueles caminhos, aquelas trilhas que, há treze anos, vinha experimentando. Seria verdade que o arvoredo se estendia por quinze mil quilômetros e ia dar no infinito? Ele não sabia. A vista, derrotada, com as mãos trêmulas na vidraça, recuou para o gramado, para a escadaria.

Foi comer os abricós sensaboros, só, com a mãe, na sala de chá, ampla, acústica. Cinco mil manhãs nessa mesa, nessa janela, e, além das árvores, nenhum movimento.

Silentes, os dois, tomaram o café da manhã.

Ela era a mulher pálida que os pássaros, e apenas os pássaros, costumavam ver em velhas casas de campo, em janelas com cúpulas, nos andares mais altos, todas as manhãs, às seis, todas tardes, às quatro, e um minuto depois da meia-noite, se passassem por ali, lá estaria ela, na torre, silente, alva, altaneira, só, calma. Era como passar por uma estufa abandonada, e a derradeira flor silvestre, branca, oferecesse sua copa ao luar.

E o filho, Edwin, era um cardo desentocado por uma lutada de vento, na estação dos cardos. Tinha os cabelos sedosos, e os olhos eram de um azul constante, de temperatura cálida. A expressão, assombrada, como de quem dorme pouco. Desmanchável como um pacote de estrelinhas de artifício, feitas de pão-de-ló, com o bater de uma certa porta.

A mãe começou a falar, lenta, com muita cautela; depois, acelerou, enfureceu, e, por fim, quase cuspiando.

— Por que você me desobedece todas as manhãs? Não gosto que você fique olhando pela janela, ouviu bem? O que é que você quer? Quer ver as Feras?

A mãe gritava, esfregava os dedos. Era adorável, de uma luz intensa, qual uma flor branca, zangada.

— Você quer ver essas Feras que andam pelos caminhos a esmagar pessoas como se elas fossem morangos?

Queria sim, pensou Edwin, eu gostaria de ver as Feras, por mais horrendas que fossem.

— Você quer ir até lá, como seu pai fez antes de você nascer, e morrer como ele, abatido por um daqueles Horrores da estrada? É isso que você quer?

— Não...

— Já não basta que tenham matado seu Pai? Não sei por que você insiste em pensar naquelas Feras?

A mãe apontou a floresta.

— Bem, se você quer morrer, tanto assim, vá em frente. Acalmou-se, mas os dedos ainda abriam e fechavam, em cima da toalha.

— Edwin, Edwin, seu Pai construiu cada pedaço desse Mundo; e era tudo tão maravilhoso para ele, deveria sê-lo também para você. Para lá daquelas árvores, não existe nada, nada, existe apenas a morte. E eu não quero que você se aproxime de lá. Aqui é o Mundo. Não há outro que mereça sua preocupação.

Com a cabeça, Edwin concordou, amofinado.

— Agora, sorria e acabe de comer sua torrada.

Edwin comeu, devagar; sorrateira, a janela veio refletir na colher que usava, de prata.

— Mamãe...

Edwin não conseguia falar.

—... o que é morrer? Me diga o que é. É uma sensação?

— Para os que têm que viver depois dos outros, é uma sensação sim, e muito ruim.

A Mãe levantou-se, de repente.

— Você já está atrasado para o colégio! Ande depressa!

Edwin apanhou os livros, despediu-se, com um beijo.

— Até logo!

— Diga alô para a Professora!

Edwin sumiu da frente da Mãe, como uma bala disparada de uma arma. Subiu as escadas intermináveis, atravessou passagens, corredores, passou por janelas que despejavam cortinas escuras, de galerias, como cascatas brancas. Subiu, atravessou Mundos feitos em camadas, e, entre eles, glacês espessos de tapetes orientais; no topo, velas iluminadas.

Na escada mais alta, virou-se, viu quatro intervalos do Universo.

Baixadas de cozinha, sala de jantar, sala de visitas. Dois Países Intermediários, de música, jogos de salão, quadros e aposentos trancados, proibidos. E aqui — Edwin girou — as Alturas, piqueniques, aventuras e aprendizado, por onde costumava perambular, vadio, ou sentar-se, e cantar cantigas infantis, solitárias, na trajetória sinuosa até o colégio.

Aqui, então, era o Universo. O Pai (ou Deus, como a Mãe costumava chamá-lo) erigira, há muito tempo, suas montanhas de papel de parede. Era uma criação do Pai-Deus, onde as estrelas incandesciam ao mero estalido de um interruptor. E o sol era a Mãe, a Mãe era o sol, e em torno deles balançavam os Mundos, girando. E Edwin, um minúsculo meteoro, escuro, girava e subia por tapetes escuros e tapeçarias cintilantes de espaço. Era possível vê-lo desaparecer em imensas escadarias, caudas de cometas, em excursões, explorações.

Ele e a Mãe, algumas vezes, fizeram piqueniques nas Alturas, espalharam roupas brancas, alvas como a neve, sobre os gramados persas, salpicados com tufo vermelhos, sobre os prados rubros, num platô rarefeito, no ápice dos Mundos, onde retratos descascados, de estranhos desbotados, presenciavam as refeições, as folias dos dois, com olhos zangados. Apanhavam água nas torneiras prateadas nos nichos secretos, azulejados, e quebravam copos nas pedras roladas, com gritos de alegria. Brincavam de esconder nos Países Superiores, encantados, em terras desconhecidas, selvagens, escondidas, e ela sempre o ia achar enrolado, como uma múmia, numa cortina de veludo, ou debaixo dos lençóis que cobriam a mobília, como uma planta rara a proteger-se do vento, porventura. Certa vez, perdido, Edwin vagou, por horas, nos contrafortes loucos de poeira e eco, onde ganchos e cabides eram guardados em armários, apenas à noite. Mas a Mãe o encontrou, e o levou, choroso; passaram pelo Universo nivelador e chegaram à Sala de Visitas, onde átomos de poeira, precisos, conhecidos, caíam em chuvas de fagulhas no ar iluminado pelo sol.

Edwin subiu um lance de escadas.

E bateu em mil, mil portas, todas trancadas, proibidas. Damas de Picasso, cavalheiros de Dali gritavam, calados, em asilos de linhos; os olhos dourados fuzilaram ao mandriar de Edwin.

— Essas Coisas *vivem lá fora!* — dissera a Mãe, apontando para as famílias de Picasso, de Dali.

Edwin passou correndo por elas e mostrou a língua.

Parou de correr.

Uma das portas proibidas estava aberta.

O sol quente a atravessava, de viés; Edwin emocionou-se.

Do lado de dentro da porta, uma escada espiral subia, enroscada, ensolarada, silenciosa.

Edwin respirou fundo. Ano após ano, experimentara aquelas portas que sempre encontrara fechadas. E agora, o que aconteceria se escancarasse essa que via diante de si e subisse a escada? Existiria algum Monstro oculto lá em cima?

—Olá!

A voz de Edwin elevou-se ao sol espiralado.

— Olá... — sussurrou o eco longínquo, indolente, baixinho. Edwin entrou e lançou um sussurro àquele lugar alto, ensolarado.

— Não me faça mal, por favor. Não me faça mal.

Subiu; e, em cada degrau, parou, à espera do castigo, com os olhos cerrados, qual um penitente. Agora, mais rápido, aos saltos espiralados, até doerem os joelhos, retrair-se a respiração, exalar, a cabeça ribombar, como um sino, e, por fim, alcançar o ápice terrível da escalada e encontrar-se numa torre aberta, banhada de sol.

O sol, uma pancada nos olhos. Nunca, nunca vira tanto sol! Edwin cambaleou, amparou-se na grade de ferro.

—É lá!

A boca aberta passeou por toda aquela extensão.

—É lá!

Correu em círculos.

—Lá!

Edwin ultrapassara a barreira das árvores soturnas. Pela primeira vez, encontrava-se bem acima do nível das castanheiras, dos elmos que não paravam de ventar, e, até onde pôde enxergar, tudo era grama verde, árvore verde, faixas brancas por onde esvoaçavam os besouros, e a outra metade do mundo era azul, infundável, o sol, perdido, descia, desaparecia num aposento de um azul-escuro inacreditável, de tão amplo. Edwin sentiu-se desfalecer, gritou, agarrou-se à sacada da torre, e viu, do outro lado do arvoredor, para lá das faixas brancas por onde esvoaçavam os besouros, coisas que pareciam dedos empinados, mas que não eram os terrores de Dali-Picasso, eram apenas alguns lencinhos tricolores, vermelhos, azuis e brancos, a tremularem no alto de grandes mastros alvos.

De repente, Edwin sentiu-se mal; de novo, sentia-se mal.

Virou-se e quase caiu escada abaixo, estatelado.

Fechou a porta proibida, com força, e, de costas, caiu de encontro a ela.

— Você vai ficar cego!

Edwin apertou os olhos, com as mãos.

— Você não deveria ter olhado! Não deveria ter olhado!

Caiu de joelhos, deitou-se no chão, retorcido, contraído, protegendo-se. Bastariam alguns minutos, a cegueira logo viria.

Passados cinco minutos, lá estava ele numa das janelas comuns das Alturas, contemplando o Mundo Ajardinado, seu velho conhecido.

Mais uma vez, viu os elmos, as nogueiras amargas, o muro de pedras, e a floresta que, segundo ele, era, ela própria, um muro sem fim, ocultando, do outro lado, o nada, apenas o nada, a névoa, a chuva e a noite eterna dos pesadelos. Agora, porém, uma coisa era certa, o Universo não terminava na floresta. Além dos mundos contidos na Altura, ou na Baixada, existiam outros mundos.

Edwin, mais uma vez, experimentou a porta proibida. Fechada.

Teria mesmo entrado? Teria mesmo descoberto toda aquela imensidão, meio azul, meio verde? Deus o vira? Edwin tremeu. Deus. Deus que rumava cachimbos negros, misteriosos, e empunhava cajados mágicos. Deus que, mesmo agora, poderia estar atento!

Edwin tocou o rosto frio, e murmurou:

— Eu estou vendo, não fiquei cego! Obrigado, muito obrigado. *Eu não fiquei cego!*

Às nove e meia, com meia hora de atraso, Edwin bateu à porta do colégio.

— Bom-dia, Professora!

A porta escancarou-se. Com um hábito de monge, comprido, cinzento, de um tecido grosso, a Professora esperava, o capuz escondia-lhe o rosto. Usava os costumeiros óculos prateados; as mãos, vestidas em luvas cinzentas, acenaram.

— Você está atrasado.

Atrás dela, a terra dos livros ardia em cores vivas oriundas da lareira. Os tijolos das paredes eram enciclopédias, e a lareira, era possível ficar em pé dentro dela sem ter que abaixar a cabeça. Um tronco incandescia, feérico.

A porta se fechou e reinou um silêncio aquecido. Aqui, a escrivanhina, onde Deus sentou um dia, e ele deve ter andado por este tapete, socando o cachimbo com tabaco de qualidade, e olhando, preocupado, por aquela janela imensa, com o vidro manchado. A sala cheirava a Deus, a madeira lixada, a tabaco, a couro e a moedas de prata. Aqui, a voz da Professora cantou, harpa solene, falando de Deus, dos velhos dias, e de quando o Mundo foi sacudido por Suas determinações, de quando, ante Sua sabedoria, tremeu, de quando, o Mundo era construído pelas mãos de Deus, um projeto, uma ordem, e tábuas se erguendo. Suas impressões digitais ainda estão lá, nuns dez lápis de pontas feitas, trancados na cristaleira, como se fossem flocos de neve, já meio derretidas. Que não fossem tocadas jamais, jamais, para que não derretessem para sempre.

Aqui, aqui nas alturas, através do som macio da voz ininterrupta da Professora. Edwin aprendeu o que se esperava dele e de seu corpo. Edwin

deveria crescer, transformar-se numa Presença, deveria satisfazer os odores de Deus, a voz metálica de Deus. Deveria, um dia, aqui erguer-se, altaneiro, à luz da pálida fogueira, para execrar a poeira dos alicerces dos Mundos; teria que ser, Ele Próprio, o Deus! Que nada surgisse para impedi-lo. Nem o céu, nem as árvores, nem as Coisas atrás das árvores.

Como vapor, a Professora se movimentava na sala.

— Por que você chegou atrasado, Edwin?

— Não sei.

— Vou repetir a pergunta. Edwin, por que você chegou atrasado?

— Uma das portas proibidas estava aberta...

Edwin ouviu chiar a respiração da Professora. Viu-a deslizar e afundar-se na imensa poltrona entalhada à mão, tragada pela escuridão; antes de desaparecer, os olhos emanaram reflexos de luz. Lá da sombra, sentiu-lhe o olhar, a voz paralisada, e paralisada como aquela voz que costuma ouvir, de noite: o grito da própria voz antes de acordar de algum pesadelo.

— Que porta? Onde? Ora, deveria estar trancada!

— A porta junto ao pessoal de Dali e Picasso.

Edwin respondera em pânico. Ele e a Professora sempre foram amigos. Estaria tudo acabado, agora? Estragara as coisas?

— Eu subia a escada. Tive que entrar! Tive que entrar! Desculpe, Professora, desculpe. Por favor, não conte nada à minha Mãe!

Na poltrona profunda, a Professora permanecia sentada, vaga, no capuz profundo. Os olhos sempre emanavam reflexos, qual fagulhas, daquele poço onde costumava divagar solitária.

— E o que foi que você viu?

— Um aposento grande, azul!

— Viu mesmo?

— E um verde também, e fitas cobertas de moscas. Mas não fiquei muito tempo, eu juro. Não fiquei não, juro.

— Quarto verde, fitas, claro, fitas cobertas de moscas.

— Claro.

A voz da Professora o entristeceu.

Edwin estendeu a mão; procurava a mão da Professora. Mas acabou por encontrar-lhe o colo e, ao recuar, tocou-lhe, na escuridão, o seio.

— Eu descí logo, tranquei a porta. Nunca mais vou querer olhar! Tão baixinho, ele mal pôde ouvi-la.

— Mas agora que você já viu, vai querer ver mais; e, de agora em diante, vai ficar sempre curioso

Bem devagar, o capuz movia-se, para a frente, para trás. E tamanha profundidade o questionou.

— Você... gostou do que viu?

— Fiquei com medo. Era grande.

— Grande, grande é claro. Imenso, imenso é claro, Edwin. Não é como nosso Mundo. Grande, imenso, incerto. Por que você foi fazer isso? Você sabia que estava errado!

O fogo ardia e ressecava na lareira; a Professora esperou a resposta de Edwin e, quando a resposta não veio, ela mal moveu os lábios.

— É alguma coisa com sua Mãe, não é?

— Não sei.

— Ela está nervosa, perversa, ela bate em você, abraça muito você, você quer tempo para você mesmo, não é? É isso, não é? Não é?

— É... é sim.

Edwin debulhou-se em soluços, espontâneo.

— Foi por isso que você correu, porque ela exige todo seu tempo, todos seus pensamentos.

Vaga, triste, aquela voz.

— Pode dizer...

As mãos de Edwin, de tantas lágrimas, grudavam.

— É isso sim.

Edwin mordía os dedos, o dorso das mãos.

— É isso sim.

Era errado admitir essas coisas, mas não fora ele quem as dissera; ela as dissera, ela as dissera, e tudo o que ele fez foi concordar, balançar a cabeça, morder os nós dos dedos, e, entre soluços, confirmar.

A Professora tinha um milhão de anos. Estava cansada.

— Nós aprendemos.

Levantou-se da cadeira, foi até a escrivaninha, com um balançar suave de hábitos cinzentos, e a mão enluvada procurou pena e papel, por muito tempo.

— Nós aprendemos, Meu Deus, mas... com paciência e dor; mas aprendemos. Pensamos que estamos agindo corretamente, mas, a todo instante, a todo instante, estamos destruindo o Plano...

A respiração chiava e, de repente, ela ergueu a cabeça. O capuz parecia inteiramente vazio, tiritante.

No papel, escreveu palavras.

— Entregue à sua mãe. Já diz que ela precisa dar, toda tarde, duas horas para você ficar sozinho, para fuçar onde quiser. Em qualquer lugar. Menos lá fora. Escutou bem, menino?

Edwin enxugou o rosto.

— Está bem... mas...

— Sim...

— Foi mentira o que minha Mãe me contou a respeito de lá de fora, e das Feras?

— Olhe bem para mim. Tenho sido sua amiga, nunca bati em você, como é bem possível que sua mãe o faça, de vez em quando. Nós dois estamos aqui para ajudá-lo a compreender, a desenvolver, para que não seja destruído como Deus o foi.

A Professora se levantou e, ao levantar-se, virou de tal modo o capuz que a luz da lareira lambeu-lhe o rosto. Rápida, a luz da lareira apagou-lhe as rugas, muitas.

Edwin tomou fôlego. O coração sacolejou, num ruído surdo.

— A lareira!

A Professora congelou.

— A lareira!

A lareira... o rosto da Professora! O capuz sacudiu, Edwin perdeu-o de vista, aquele rosto desapareceu no poço profundo, sumiu. Edwin, meio perplexo.

— A senhora parece com minha mãe!

A Professora foi percorrer livros, rápida, e apanhou um. Num tom alto, monótono, como de costume, conversou com as prateleiras.

— As mulheres se parecem umas com as outras, você sabe disso! Não ligue! Olhe, olhe...

Entregou o livro a Edwin.

— Leia o primeiro capítulo! Leia o diário!

Edwin apanhou o livro, mas não sentiu peso algum. A lareira estalava; brilhante, sugava-se fumeiro acima. Entrementes, Edwin começou a ler, e quando Edwin começou a ler, a Professora afundou-se na cadeira, instalou-se, acalmou-se, e quanto mais Edwin lia, tanto mais balançava aquele capuz cinzento, serenava, e tanto mais solenizava-se aquela face oculta, qual um badalo solenizado dentro do sino. A luz da lareira incandescia, os títulos rudes, dourados, dos livros nas prateleiras, e Edwin lia e pronunciava as palavras, pensando, na verdade, naqueles livros cujas páginas, algumas, haviam sido recortadas com tesouras, cujas linhas, algumas, haviam sido apagadas, e algumas pinturas arrancadas, cujas capas de couro, algumas, estavam coladas para sempre, e outras, qual cães loucos, amordaçadas com cintos de bronze, para manterem-no afastado. Pensou nisso tudo enquanto movia os lábios na quietude da lareira:

— No começo, era Deus, que criou o Universo, e os Mundos dentro do Universo, os Continentes dentro dos Mundos, e as Terras dentro dos Continentes; moldou, da própria mente, com as próprias mãos, a Esposa adorada, e meu filho que, no devido tempo, seria, Ele Próprio, Deus...

Devagar, a Professora confirmava com a cabeça. A lareira despencara, lenta, sobre os carvões dormidos. Edwin continuou a leitura.

Corrimão abaixo, já sem fôlego, Edwin foi cair na Sala de Estar.

— Mamãe, mamãe!

A Mãe ali está, estirada numa poltrona marrom, estofada, como se também tivesse percorrido uma distância enorme, correndo.

— Mamãe, mamãe, como você está suada!

— Ah, é mesmo?

Disse-o como se atribuindo a Edwin a culpa pelo fato de ter de andar às pressas, de um lado para o outro, pelas redondezas.

— É, estou mesmo! Estou mesmo!

A Mãe inspirou fundo, suspirou. Depois, tomou as mãos de Edwin e beijou-as. Olhava-o com firmeza, os olhos dilatados.

— Escute, escute bem. Tenho uma surpresa para você! Você sabe que dia é amanhã? Você nem vai adivinhar! É seu aniversário!

— Mas só se passaram dez meses!

— Mas, amanhã, será! Vai nos fazer muito bem. Sou *eu* que estou dizendo, e tudo o que eu digo, é *correto*, meu querido.

Ela riu.

— E vamos abrir mais um aposento secreto? Edwin estava deslumbrado.

— Vamos abrir o décimo quarto aposento! No ano que vem, o décimo quinto, o décimo sexto, o décimo sétimo, e assim por diante, até você completar vinte e um anos, Edwin! Então, ah!, então vamos abrir as portas, essas que estão fechadas com três cadeados, que conduzem ao aposento mais importante de todos, e você será o Homem da Casa, o Pai, o Regente do Universo!

—Oba!

Edwin exultou.

—Oba!

E jogou os livros para cima. Os livros explodiram no ar como uma revoada de pombos, assobiando. Edwin riu. A Mãe riu. Os risos voaram e caíram com os livros. Edwin saiu correndo, foi descer e gritar corrimão abaixo, mais uma vez.

Ao pé da escada, a Mãe o esperava, de braços abertos, para pegá-lo.

Deitado, na cama enluarada, os dedos de Edwin vão bolir a Caixinha de Surpresa; porém, a tampa continuou fechada. Pegou-a inteira nas mãos, enceguedido, mas não olhou. Amanhã, aniversário. Por quê? Seria ele tão bonzinho assim? Não. Então, por que seu aniversário seria antecipado? Bem, simplesmente porque as coisas ficam... como dizer? Nervosas? É isso, as coisas que habitualmente tremeluziam à noite, começaram a tremeluzir de dia. Edwin viu o tremor alvo, viu o luar alastrar-se cada vez mais no rosto da Mãe, como neve invisível. Mas, para que aquele rosto se acalmasse novamente, seria preciso mais um aniversário.

Edwin conversou com o teto.

— Meus aniversários serão, a partir de agora, cada vez mais próximos uns dos outros. Eu sei, eu sei. Mamãe está rindo tanto, tão alto, e os olhos dela estão

esquisitos...

E a Professora? Seria convidada para a festa? Não. A Mãe e a Professora não se conheciam. "Por quê?", Edwin perguntara. "Sei lá", a Mãe respondera. "A senhora quer conhecer a Mãe, Professora?". "Qualquer dia desses", respondera com frieza, exalando um sussurro que o fizera lembrar-se das teias de aranha do corredor. "Qualquer dia desses..."

E onde passaria as noites, a Professora? Vagaria pelos campos montanhosos, secretos, bem lá no alto, perto da lua, em que os candelabros erodiam-se e ofuscavam-se com a poeira, ou divagaria lá por trás das árvores, que ficavam atrás de outras árvores, que ficavam atrás de outras tantas. Não, bastante improvável!

Edwin torceu o brinquedo nas mãos, suadas. No ano passado, quando as coisas começaram a tremer, a tiritar, a Mãe não tinha também antecipado seu aniversário em vários meses? Tinha sim, se tinha.

Pense em outras coisa. Em Deus. Em Deus construindo o porão frio da meia-noite, o sótão, cozido ao sol, e, entre os dois, todos os milagres. Pense na hora da morte Dele, esmagado por algum besouro monstruoso do lado de lá do muro. Caramba, os Mundos devem ter balançado muito quando Ele se foi!

Edwin encostou a Caixinha de Surpresa no rosto. Baixinho, conversou com a tampa.

— Olá! Olá! Olá!

Nenhuma resposta. Lá dentro, apenas a tensão rígida da mola espiralada, comprimida. Eu tiro você daí, Edwin pensou. Mas, você tem que esperar um pouco, um pouco. Talvez você se machuque, mas só existe uma maneira. Essa...

Da cama, foi à janela, debruçou-se bem para fora, e olhou para o caminho de mármore, enlurado. Ergueu a caixinha, bem alto, sentiu o suor escorrer pelas axilas, os dedos crisparem, o braço sacudir. Soltou um grito e jogou a caixa. No ar, a caixa deu piruetas e caiu. Demorou, para atingir o chão de mármore.

Edwin debruçou-se ainda mais, a respiração ofegante. Gritou:

— E então?

Repetiu:

— E então?

Insistiu:

— Ei, você!

E:

— Ei, você!

Dissipavam-se os ecos. A caixa lá está, nas sombras da floresta. Edwin não conseguira ver se se quebrara e abrira com a queda. Não conseguira ver se o boneco saltara, sorridente, de sua jaula oculta, e agora oscilava, ao vento, de um lado para o outro, de um lado para o outro, com os guizinhos prateados a guizarem, sutis. Edwin pôs-se a escutar. Ali na janela, ficou, por meia-hora, a

fitar, a escutar, e, por fim, voltou para a cama.

Manhã. Ouviam-se vozes nítidas, perto, longe, para dentro, para fora, no Mundo da Cozinha. Edwin abriu os olhos. De quem seriam as vozes? De quem seriam? De alguns trabalhadores de Deus? Do pessoal de Dali? A Mãe os detestava. Impossível. As vozes esvaíam-se num ribombar de murmúrios. Silêncio. E, de muito longe, ouviu passos correndo, correndo, cada vez mais altos, mais altos, e a porta do quarto escancarou-se:

— Feliz Aniversário!

Dançaram, comeram doces gelados, morderam sorvetes de limão, beberam vinhos rosados, e Edwin viu seu nome estampado num bolo confeitado de neve; numa avalanche de som, a Mãe tirou acordes ao piano, cantou, com os lábios abertos, e, depois, girou, levou-o até os morangos, mais morangos, mais vinhos, mais risos, que balançaram os lustres em chuva trêmula. Em seguida, uma Chave prateada reluziu, os dois correram, foram abrir a décima quarta porta proibida.

— Está preparado? Atenção!

A porta sussurrou, abrindo para o corredor.

— Ahhh...

Pois, para seu desapontamento, a décima quarta porta não passava de um armário empoeirado, marrom pálido. Nele, nenhuma promessa, e tanto prometeram os aposentos a ele oferecidos em aniversários passados! No sexto aniversário, recebera, de presente, a sala de aula nas Alturas. No sétimo, abrira o quarto de brincar, na Baixada. O oitavo, a sala de música; o nono, a cozinha milagrosa, iluminada com o fogo do inferno! O décimo, o aposento em que os fonógrafos sibilavam, num exalar contínuo de fantasmas cantando à passagem de uma brisa. O décimo primeiro, o aposento do diamante verde, no Jardim, onde o tapete, em vez de varrido, tinha que ser aparado!

— Ora, não desanime. Entre!

A mãe ria, empurrava-o aposento adentro.

— Espere e verá quanta magia! Feche a porta!

Junto à parede, apertou um botão vermelho. Edwin assustou-se.

— Não...

Pois o quarto começou a tremer, a funcionar, parecia abocanhá-los com mandíbulas de ferro; o quarto se movia, a parede do fundo deslizava.

— Depressa, querido...

A porta desapareceu, atravessou o chão, e uma parede comprida, doida, de tão vazia, deslizou qual cobra que chocalha, e fez surgir outra porta, e mais outra, que continuaram passando ante os gritos, e Edwin agarrou-se à cintura da Mãe. Nalgum canto, o aposento gemeu, e pigarreou; o tremor cessou, o aposento pairou. Edwin fitou a porta estranha e a Mãe disse-lhe que fosse em frente, que a

abrisse, agora, bem ali, bem ali. A porta estranha escancarou-se, num convite a mistérios mais profundos. Edwin piscou.

— As Alturas! As Alturas! Como viemos parar aqui? Onde é a Sala de Visitas, Mamãe, onde é?

A Mãe o puxou pela mão, porta adentro.

— Nós subimos em linha reta e voamos. Uma vez por semana, você irá para o colégio voando, não terá que dar toda essa volta!

Edwin não conseguia mover-se; conseguiu apenas contemplar o mistério de uma Terra que substituiu outra Terra, de um País substituído por outro País, mais alto, mais distante.

— Minha Mãe! Minha Mãe!

Passaram momentos românticos, duradouros, na grama espessa do jardim; ali folgaram, deliciados, e sorveram enormes colheradas de sidra de maçã, os cotovelos apoiados em almofadas de seda encarnada, os sapatos atirados para longe, os dedos acolchoados em dentes-de-leão, ásperos, e em trevos. Por duas vezes, a Mãe sobressaltou-se, ao ouvir, lá de trás da floresta, o rugir dos Monstros. Edwin deu-lhe um beijo no rosto.

— Está tudo bem, Mãe. Eu protejo você.

— Eu sei, meu filho.

Porém, a Mãe continuou a fitar o trançado das árvores, como se, a qualquer momento, o caos do lado de lá viesse, com uma só pancada, esmagar a floresta, imprimir no chão a pegada do Titã, e cravá-los no pó.

Mais tarde, naquela longa tarde azul, viram uma coisa, um pássaro de cromo, passar voando pelo vão das árvores, bem alto, rugindo. Correram para a Sala de Visitas, as cabeças afundadas como se ameaçados por uma tempestade verde, de chuva de relâmpagos, como se ouvissem os sons despejarem chuvas engeguecedoras, que os deixariam ensopados.

Crépito, crépito... o aniversário encardiu num nada de celofane. No pôr-do-sol, na penumbra suave, do País da Sala de Visitas, a Mãe, com as narinas desabrochadas, com os lábios criados pelo verão, inalou champanha, e, depois, tonta, solta, arrebanhou Edwin, levou-o para seu quarto, fechou a porta.

Edwin despiu-se, num devaneio de lenta pantomima, pensativo. Esse ano, ano que vem? E daqui a dois anos, a três, que aposento será? E as Feras? Os Monstros? E aquela conversa de ser esmagado, de Deus ter sido assassinado? O que era ser assassinado? O que era a Morte? Uma sensação? Será que Deus gostou tanto da morte, que não quis voltar? Então, seria a morte uma viagem?!

No corredor, descendo as escadas, a Mãe deixou cair a garrafa de champanha. Edwin ouviu e sentiu frio, pois frio foi o pensamento que lhe passou pela cabeça, foi o som produzido por ela. Se tivesse caído, se tivesse quebrado, pela manhã os milhões de cacos seriam encontrados. Cristal brilhante, vinho

branco, apenas isso, no soalho de parque, seria encontrado.

A manhã chegou com o cheiro de vinhos, de uvas, de mofo, um cheiro de frigidez sombria no quarto. Lá embaixo, o café da manhã, provavelmente, manifestava-se, nesse instante, com um estalar de dedos, nas mesas de inverno.

Edwin levantou-se, foi fazer a higiene matinal, foi se vestir, e foi esperar. Sentia-se bem. As coisas, agora, por, no mínimo, um mês, seriam novidades. Hoje, como qualquer dia, haveria o café da manhã, o colégio, o almoço, cantigas na sala de música, uma hora ou duas de jogos elétricos e, depois, chá nos Exteriores, na grama luminosa. Depois, subir de volta à escola, por uma hora e tanto, onde ele e a Professora, juntos, talvez fuçassem a biblioteca censurada, onde ele ficaria intrigado com palavras e pensamentos a respeito daquele mundo lá fora, censurado de seus olhos.

Edwin esquecera-se do bilhete da Professora. Era hora de entregá-lo.

Abriu a porta. O corredor, vazio. Nas profundezas dos Mundos, pairava uma neblina suave, num silêncio imperturbável sequer por passos; as colinas estavam quietas; as fontes de prata não pulsaram ao raiar do sol, e o corrimão, encolhido, por causa da neblina, parecia um monstro pré-histórico que lhe bisbilhotava o quarto. Edwin afastou-se dessa criatura e olhou, procurando a Mãe, como um barco branco, lá embaixo, em meio às marés e aos vapores do amanhecer.

Não viu a Mãe, e correu, por terras silentes, chamando:

—Mãe!

Foi encontrá-la na Sala de Visitas, caída no chão, com o vestido de festa, brilhante, verde-dourado; na mão, uma taça de champanha; no tapete, cacos de vidro..

Estava dormindo, era óbvio. Edwin, então, foi sentar-se à mesa de café, mágica. Piscou um olho para a toalha de mesa vazia e para os pratos fulgurantes. Não havia alimentos. Por toda a vida, alimentos maravilhosos ali estiveram a esperá-lo. Menos hoje, porém.

— Mãe, acorda! Edwin correu até a Mãe.

— Eu vou ao colégio hoje? Cadê o café da manhã? Acorda! Edwin subiu a escada correndo.

As Alturas estavam frias e sombrias, e os sóis vitrais, esbranquiçados, já não brilhavam do teto, nesse dia de névoa zangada. Apressado, Edwin desceu por corredores escuros, por continentes de silêncio, na penumbra. Bateu na porta do colégio. Bateu. Sozinha, a porta deslizou.

O colégio, vazio, escuro. A lareira não fazia alarde nas pedras e nem jogava sombras no teto cheio de vigas. Não havia crépito, nem sussurro.

— Professora?

Abriu as cortinas, chicoteando-as para os lados; um jato tênue de sol enviesou

pela vidraça manchada.

Edwin gesticulou. Ordenou que a lareira explodisse, nas pedras, como pipoca de amêndoas. Ordenou que se abrisse e revesse! Fechou os olhos, na esperança de que a Professora surgisse. Abriu os olhos, e ficou estupefato com o que viu em cima da escrivaninha.

Ali, bem dobrados, estavam o capuz e o hábito cinzento, sobre eles os óculos prateados, reluzentes, e uma luva cinzenta. Edwin tocou-os. A outra luva desaparecera. Em cima da túnica, um cotoco de bastão de maquilagem, gorduroso. Experimentou-o nas mios, e produziu estrias escuras.

Receu, fitou o hábito vazio da Professora, os óculos, o bastão gorduroso. A mão foi tocar a maçaneta de uma porta que sempre vira fechada. A porta deslizou, lenta, e escancarou. Ali dentro, um armário marrom, pequeno.

— Professora!

Edwin entrou correndo, a porta fechou-se, rápida. Edwin apertou um botão vermelho. A sala afundou-se e, com ela, uma frigidez mortal, lenta. O Mundo estava silente, quieto e frio. A Professora se fora, e a Mãe... dormindo. A sala descia; com mandíbulas de ferro, conduzia Edwin.

Barulho de engrenagens. Uma porta deslizou e abriu. Edwin correu para fora.

— A Sala de Visitas!

Ali atrás, não havia porta, apenas um painel de carvalho, muito alto, de onde emergira.

Displicente, a Mãe dormia. Debaixo dela, dobrada, com apenas uma pontinha à mostra no momento em que Edwin rolou aquele corpo deitado, a outra luva cinzenta, da Professora.

Por longo tempo, Edwin permaneceu junto ao corpo; nas mãos, a luva inacreditável. Enfim, começou a chorar baixinho.

Disparou para as Alturas. A lareira estava fria, a sala, vazia. Esperou. A Professora não veio. Correu de volta para as Baixadas e ordenou que pratos escaldantes viessem encher a mesa! Não aconteceu nada! Ao lado da Mãe, sentou-se, conversando, implorando, tocando-a, tão frias aquelas mãos.

O relógio fazia tique-taque, a luz mudava no céu, a Mãe não se movia, ele, faminto, e a poeira, silenciosa, caía pelo ar, por todos os Mundos. Pensou na Professora; sabia que, se não estivesse nas colinas, nas montanhas lá de cima, haveria apenas um lugar onde poderia estar. Ela deveria, por equívoco, ter saído para os Exteriores; deveria estar perdida, até que alguém a encontrasse. Portanto, ele deveria ir lá, chamá-la, trazê-la de volta para acordar a Mãe, pois, do contrário, a Mãe ficaria deitada para sempre, e a poeira cairia nos imensos espaços escuros.

Atravessou a cozinha, saiu pelos fundos e encontrou o pôr-do-sol e o troar das Feras, ao longe, para lá da orla do Mundo. Escalou o muro do jardim, esforçando-se para não soltar as mãos e, nas sombras, a uma certa distância, viu,

espatifada, a caixa que jogara pela janela. Sardas ensolaradas oscilavam na tampa quebrada e tocavam, tremulantes, o rosto do bonequinho, já todo esticado do lado de fora, esparramado, os braços empinados, gesto eterno de liberdade. O boneco sorria, e não sorria, e o sol piscava-lhe na boca, e Edwin, hipnotizado, ali estava, por cima dele, por entre as árvores secretas do caminho proibido lambuzado pelos despejos oleosos das Feras. O caminho, porém, está mudo, e o sol aqueceu Edwin, e Edwin ouviu o sopro suave do vento percorrer as árvores. Por fim, ali no muro do jardim, largou as mãos.

— Professora!

Os pés escorregavam nos despejos dos animais; Edwin fitou, ofuscado, ao longe, o túnel inerte. Por baixo, o caminho moveu-se; por cima, as árvores.

— Professora!

O andar era lento, porém firme. Edwin virou-se. Atrás, seu Mundo, e o recém-silêncio daquele Mundo. Diminuíra, estava pequeno! Estranho vê-lo assim, menor do que era antes. Sempre, para sempre, parecia tão grande! Sentiu o coração parar. Deu um passo atrás. Em seguida, porém, temeroso do silêncio do Mundo, virou o rosto para o caminho da floresta, em frente.

Diante dele, tudo novidade. Odores enchiam-lhe as narinas, cores, formas estranhas, dimensões inacreditáveis enchiam-lhe os olhos.

Se eu correr até o outro lado das árvores, pensou, morrerei; fora a Mãe quem o dissera, afinal. Você vai morrer! Você vai morrer!

Mas, o que é morrer? É um aposento novo? Um aposento azul, um aposento verde, muito maiores que os aposentos que já vira! Mas, onde estaria a chave? Lá, lá adiante, um imenso portão de ferro, entreaberto, um portão de ferro bordado. Do outro lado do portão, um aposento do tamanho do céu, todo colorido de verde, com árvores, gramados. Ahhh...! Minha Mãe! Professora!

Edwin correu, tropeçou, caiu, levantou, correu novamente; as pernas entorpecidas haviam ficado para trás, quando ele caiu, muitas vezes, ao descer o sopé de uma colina, já sem trilha a guiá-lo, cambaleando, chorando, e, depois, sem cambalear, sem chorar, apenas produzindo novos sons, chegou ao imenso portão de ferro, enferrujado, rangente. Atrás, o Universo mingua, Edwin não quis olhar, apenas correu enquanto ressecavam e desvaneciam os antigos Mundos.

Junto ao meio-fio, o policial olhava a rua.

— Esses garotos! Nunca conseguiremos entendê-los!

— Como assim? — indagou o pedestre. O policial refletiu, franziu o cenho.

— Alguns segundos atrás, passou um garotinho correndo por aqui. Estava rindo e chorando, rindo e chorando, as duas coisas ao mesmo tempo. Dava pulos no ar, no chão, e tocava tudo o que via. Postes de luz, de telefone, hidrantes, cães, pessoas. Calçadas, grades, portões, carros, vitrines envidraçadas, postes de propaganda de barbeiros. Puxa, até me segurou, me olhou, olhou o céu, você

devia ter visto as lágrimas do menino, devia tê-lo ouvido gritar, um bom tempo, umas coisas esquisitas.

— Que coisas? — insistiu o pedestre.

— Gritava: "Eu morri, eu morri, que bom que eu morri!, eu morri, eu morri, que bom que eu morri!, eu morri, eu morri, é *bom* morrer."

O policial cocou o queixo, devagar.

— Acho que deve ser mais uma dessas brincadeiras de criança!

A Segadeira

A estrada, de repente, chegara ao fim. Descia para o vale, como qualquer outra, estrada, por entre encostas de terra árida, rochosa, por entre carvalhos vigorosos, e passava por um trigal imenso, solitário naquela região desértica. Depois, subia e, junto a uma casinha branca, pertencente ao trigal, desvanecia, como se, daqui por diante, fosse inútil.

E nem importava muito, pois, bem ali, o restinho de gasolina acabou. Drew Erickson freou o carro velho, parou e ficou sentado, sem dizer palavra, fitando as próprias mãos, ásperas, grandes, de fazendeiro.

Molly não se moveu, no assento ao lado, encostada no canto.

— Devemos ter tomado o caminho errado, no trevo lá atrás.

Drew concordou com a cabeça.

Os lábios de Molly eram quase tão alvos quanto o próprio rosto. Mas estavam ressecados, nos lugares onde o suor umedecia-lhe a pele. A voz saiu prostrada, sem expressão.

— Drew... Drew, o que vamos fazer agora?

Drew fitava as mãos, mãos de fazendeiro; a fazenda, o vento seco, faminto, carente de marga com que se alimentar.

No banco de trás, as crianças acordaram e levantaram-se em meio àquele entulho empoeirado de trouxas e roupas de cama. Espreitaram por cima do banco da frente.

— Por que a gente parou, papai? Vamos comer? Papai, nós estamos com fome. Vamos comer, vamos?

Drew cerrou os olhos. Detestava olhar as próprias mãos. Os dedos de Molly vieram tocar-lhe o pulso. Leves, suaves.

— Drew, talvez o pessoal da casa possa nos dar algo de comer.

Uma linha branca envolvia os lábios de Drew.

— Mendigar? — retrucou, áspero. — Nós nunca mendigamos. E jamais iremos mendigar.

A mão de Molly apertou-lhe o pulso. Drew virou-se, olhou-a nos olhos, olhou nos olhos de Susie, nos olhos do pequeno Drew. Lentamente, a tensão do pescoço, das costas desapareceu; o rosto soltou-se, amorfo, parecia bastante surrado. Drew saiu do carro e tomou a trilha que conduzia à casinha da fazenda. Incerto, caminhou como quem está doente, ou quase cego.

A porta da casa estava aberta. Drew bateu três vezes. Lá dentro, nada, apenas o silêncio e uma cortina branca a balançar ao vento lento, quente.

Antes mesmo de entrar, já percebera. Percebera que havia morte na casa, pelo tipo de silêncio.

Atravessou uma sala de estar pequena, limpa, e desceu por um pequeno

corredor. Não pensava em nada. O pensamento já se esgotara. Apenas caminhava rumo à cozinha, sem nada questionar, como um animal.

Foi então que, por uma porta aberta, viu o homem morto.

Era um homem velho, estirado numa cama branca, limpa. Não fazia muito tempo que morrera, pois ainda conservava o olhar derradeiro de paz. E talvez soubesse que iria morrer, pois usava roupas de luto: um terno preto, antigo, escovado, elegante, uma camisa branca, limpa, e uma gravata preta.

Ao lado da cama, encostada contra a parede, uma segadeira. Nas mãos do velho, ainda fresca, uma haste de trigo. Haste madura, dourada e pesada no pendão.

Drew entrou no quarto, em passos reverentes. Havia frieza nele. Tirou o chapéu alquebrado, empoeirado, e, em pé, ao lado da cama, ficou a olhar.

Um papel aberto, em cima do travesseiro, ao lado da cabeça do velho, era para ser lido. Talvez um pedido de enterro, ou para que se chamasse um parente. Drew debruçou-se sobre as palavras, e, com a testa franzida, moveu os lábios pálidos, secos.

Àquele que estiver ao meu lado, no meu leito de morte:

Com a mente lúcida, só no mundo, pois assim foi determinado, eu, John Buhr, dou e lego esta fazenda, com todos os pertences, ao homem que aqui chegará, não importa seu nome ou origem. É sua a fazenda e o trigo; a segadeira e a tarefa estipulada para o lugar. Que ele se aposse delas livremente, sem demandas — e lembrem-se de que eu, John Buhr, sou apenas o doador e não o estipulador: E aqui coloco minha mão e aponho minha assinatura aos três dias de abril, 1938.

(Assinado) John Buhr: Kyrie Eléison!

Drew atravessou a casa, abriu a porta de tela.

— Molly, vem cá. Vocês, crianças, fiquem no carro.

Molly entrou. Drew levou-a até o quarto. Molly viu o testamento, a segadeira, o trigal movendo-se, lá fora, com o vento morno. O rosto alvo contraiu-se, ela mordeu os lábios, apoiou-se em Drew.

— E bom demais para ser verdade. Deve ser alguma brincadeira.

— Nossa sorte está mudando — observou Drew. — É só isso. Vamos ter trabalho, o que comer e o que nos proteger da chuva.

A segadeira — Drew a tocou — reluzia como uma meia-luz. Na lâmina, viu palavras riscadas: AQUELE QUE ME MANUSEAR... MANUSEARÁ O MUNDO! Drew, naquele instante, não viu maior significado naquilo.

Molly olhava as mãos crispadas do velho.

— Drew, por que ele está segurando essa haste de trigo com tanta força?

Só então o silêncio pesado foi quebrado pelo tropel das crianças na varanda da frente. Molly engoliu em seco.

Viveram na fazenda. Enterraram o velho numa colina, murmuraram-lhe

algumas palavras ao túmulo, voltaram, varreram a casa, descarregaram o carro, comeram alguma coisa, pois havia comida, muita comida, na cozinha; e, por três dias, tudo o que fizeram foi ajeitar a casa, contemplar a terra, dormir em boas camas, e, depois, trocar olhares, surpresos, com tudo o que estava acontecendo, as barrigas cheias; e os charutos, Drew os fumava ao cair da noite.

Atrs da casa, um celeiro; no celeiro, um touro e três vacas; debaixo de umas árvores copadas, local refrescante, um galpão para o poço artesiano e um galpão para a nascente d'gua. Dentro do galpão do poço artesiano, imensos cortes de carne de boi, de toucinho defumado, carne de porco, carne de carneiro, suficientes para alimentar uma família cinco vezes maior, por um ano, dois, ou talvez trs. Também uma desnatadeira, uma frma de queijo e grandes latões de leite.

Na manhã do quarto dia, Drew, deitado na cama, contemplou a segadeira. Percebeu que já era hora de ir trabalhar, pois já havia grãos maduros no imenso trigal. Já os vira com os próprios olhos, e não quis deixar amolecer o corpo. Afinal, nenhum homem aguenta ficar mais de três dias sem fazer nada. Levantou-se, ao primeiro aroma fresco da alvorada, apanhou a segadeira, e, levando-a  frente, saiu para o campo. Ergueu-a nas mãos e desferiu um golpe rasante.

Que trigal imenso! Muito grande para que um homem só pudesse dar conta, e, na verdade, um homem sozinho dera conta.

Ao fim do primeiro dia de trabalho, Drew entrou em casa com a segadeira pousada tranqüila nos ombros; o rosto, entretanto, apresentava um aspecto intrigado. Esse campo de trigo, jamais vira igual. Amadurecia em grupos distintos, distantes uns dos outros. Isso não era muito próprio do trigo. Mas não contou a Molly, e nem as outras coisas que percebeu no campo. Que, por exemplo, o trigo apodrecia algumas horas depois de cortado. Isso não costuma acontecer com o trigo, também. Mas Drew não se preocupou muito. Afinal, havia muita comida  disposição.

Na manhã seguinte, o trigo, que ali deixara apodrecendo, recuperara-se, ressurgira em mudinhas verdes, com raízes pequeninas a brotarem novamente.

Drew Erickson cocou o queixo e ps-se a cismar o quê, como, e por qu aquilo acontecia, e que utilidade teria, já que não poderia vendê-lo. Por umas duas vezes, durante o dia, fora até a colina, até o túmulo do velho, certificarse de que o velho ainda estava lá, e com a idéia de que, talvez ali, pudesse obter alguns esclarecimentos. Drew contemplou o descampado e constatou quanta terra possuia. O trigal se alastrava por uns cinco quilômetros na direção das montanhas, e tinha uns dois acres de largura, alguns pedaços com mudas, alguns pedaços dourados, outros verdes, outros recém-cortados por ele. Mas o velho não fizera nenhuma observação, com tanta terra, tanta pedra a cobrir-lhe o rosto. O túmulo estava ao sol, ao vento, ao silêncio. E assim Drew Erickson voltou para a

segadeira, curioso, e usou-a, deliciado, pois ela parecia importante. Não sabia por quê, mas era. Muito importante, muito.

Impossível deixar o trigo crescer. Novos lotes logo amadureciam, e, quando calculou, em voz alta, sem se dirigir a ninguém em especial, concluiu:

— Se eu ceifar esse trigo por dez anos, do jeito que ele cresce, não vou passar duas vezes no mesmo lugar.

E meneou a cabeça.

— Esse trigo cresce sem quê nem por quê. Mas sempre dá para ceifar diariamente o trigo maduro e deixar apenas as mudas verdes. Mas, na manhã seguinte, com certeza, outro lote já terá amadurecido...

Ceifar o trigo era até uma insensatez, pois mal caía no chão, apodrecia. No fim da semana, decidi deixá-lo crescer por uns dias.

Tarde da noite, deitado na cama, ouvia o silêncio da casa, em nada comparável ao silêncio da morte; apenas o silêncio de coisas que viviam bem, felizes.

Acordou, vestiu-se e, devagar, tomou o café-da-manhã. Não iria trabalhar. Foi ordenhar as vacas, repousou na varanda, fumando um cigarro, passeou pelo quintal, um pouco, entrou e perguntou a Molly se ela sabia o que ele fora fazer lá fora.

— Tirar leite, ora!

— Isso mesmo!

Saiu de novo. As vacas o esperavam, cheias; Drew as ordenhou, colocou o leite nas leiteiras do galpão da nascente. Mas pensou em outras coisas. No trigo, na segadeira.

Durante toda a manhã, ficou a enrolar cigarros na varanda dos fundos. Fez um barquinho de brinquedo para o pequeno Drew, outro para Susie, e foi desmatar um pouco de leite, fazer manteiga. Retirou o soro, sentiu o sol na cabeça, machucando, queimado. Não estava com fome a ponto de entrar para o almoço e pôs-se a olhar o trigal e o vento que o fazia inclinar, virar e farfalhar. Os braços esticados, os dedos, pousados sobre os joelhos, cocando, pareciam querer apanhar o ar. Cocavam os músculos das palmas das mãos, ardiam. Drew levantou-se, enxugou as mãos nas calças, sentou-se, tentou enrolar mais um cigarro, aborreceu-se com a mistura e, com um resmungo, jogou tudo fora. Sentia como se lhe tivessem amputado um terceiro braço, ou como se tivesse perdido algo de si próprio. Era alguma coisa relacionada com seus braços, suas pernas.

Ouviu o vento rumorejar no trigal.

Por volta de uma hora, entrou e saiu de casa várias vezes, atrapalhando, pensando em cavar uma vala de irrigação; todo o tempo, entretanto, pensando no trigo, ali, maravilhoso, ansioso para ser ceifado.

— Ora, que se dane tudo!

Em passadas largas, foi ao quarto, apanhou a segadeira no gancho. Segurou-a com firmeza. Sentiu-se tranqüilo. As mãos pararam de cocar, a cabeça parou de doer. O terceiro braço fora-lhe devolvido. Estava, de novo, ileso.

Questão de instinto. Ilógico como o relâmpago que corusca e não fere. Os grãos tinham que ser ceifados todos os dias. Todos os dias. Por quê? Ora, porque tinham, e ponto final. Com a segadeira nas mãos imensas, riu para ela. Depois, assobiando, partiu para o campo maduro, expectante, e fez o que tinha que fazer. Julgou-se meio enlouquecido. Ora, na verdade, até que aquele trigal era bastante comum, não era mesmo? Quase.

Qual corcéis serenos, os dias galoparam.

Drew Erickson começou a entender aquele trabalho como uma espécie de dor, ânsia e necessidade estêreis. As coisas juntavam-se na cabeça.

Uma certa tarde, Susie e o pequeno Drew, com risinhos, brincavam com a segadeira. Almoçando na cozinha, o pai ouviu-os, foi até lá e tomou-lhes a segadeira. Não gritou com as crianças; pareceu, apenas, muito preocupado e, daí por diante, quando fora de uso, passou a guardá-la a chave. ' Não deixou de ceifar um dia sequer.

Levanta, corta. Levanta, corta, de volta. Para trás, levanta, corta, de volta. Ceifando. Levanta, corta.

Levanta.

Pense no velho, no trigo e nas mãos do velho no leito de morte.

Corta.

Pense nessa terra estéril e no trigo que a habita.

Levanta.

Pense na distribuição caótica do trigo maduro e do trigo verde, no jeito que crescem!

Corta.

Pense no...

Qual uma marola espessa, amarela, o trigo enroscava-lhe nos tornozelos. O céu escureceu. Drew Erickson deixou cair a segadeira e curvou-se, as mãos na barriga, os olhos quase sem enxergar. A terra girou.

— Matei alguém!

Engoliu em seco, engasgado, apertando o peito, caindo de joelhos junto à lâmina.

— Matei muitos...

O céu rodopiou, era o carrossel azul da Feira do Município, em Kansas. Porém, sem músicas; ouvia apenas os guizos.

Quando Drew irrompeu casa adentro, arrastando a segadeira, Molly descascava batatas, sentadas na cozinha, junto à mesa azul.

— Molly!

Molly escorregou-lhe nos olhos marejados. Sentada, as mãos lassas, abertas, ficou a esperar o desabafo de Drew. Drew estava cabisbaixo.

— Arrume as malas!

— Por quê?

E apático:

— Vamos embora daqui!

— Embora daqui?

— Aquele velho. Sabe o que ele fazia aqui? É o trigo, Molly, a segadeira. Sempre que a gente usa a segadeira no trigal, milhares de pessoas morrem. Você derruba o trigo e...

Molly se levantou, pôs a faca na mesa, afastou as batatas para o lado, compreensiva.

— Nós viajamos muito, e só aqui conseguimos comer bem, nesse último mês, você está trabalhando demais, está cansado...

— Eu ouço vozes tristes, lá no campo. No trigal. Pedem para eu parar. Para não matá-las!

— Drew!

Drew não ouviu.

— Aquele trigal nasce de qualquer jeito, desencontrado, é uma coisa doida. Eu não quis te contar. Mas... não é correto.

Molly fitava-o. Os olhos azuis de Drew estavam inteiramente vidrados.

— Você pensa que eu estou maluco, não é? Pois ouça o que eu vou contar. Por Deus, Molly, me ajude. Eu acabei de matar minha mãe!

Molly interveio, com firmeza.

— Pare com isso!

— Cortei um pé de trigo, e a matei. Eu a senti morrendo, por isso é que eu descobri, só agora...

A voz de Molly veio como um corte no rosto, zangada, apavorada.

— Drew! Cala a boca!

— Não, Molly...

Drew murmurou, a segadeira caiu-lhe das mãos, estrepitou no chão. Com um gesto de raiva, Molly apanhou-a, encostou-a num canto.

— Já estamos juntos há dez anos, Drew. Muitas vezes, nossas bocas tiveram apenas poeira e preces. Agora, toda essa sorte acontecendo, e você não consegue se controlar?

Na sala de estar, Molly foi apanhar a Bíblia.

Folheou as páginas. Pareciam o farfalhar do trigo, com uma brisa lenta e fugaz.

— Agora, sente-se e escute.

Lá do dia ensolarado, um ruído. As crianças, à sombra de um carvalho vigoroso, imenso, riam ao lado da casa.

Molly leu palavras da Bíblia, sempre olhando para Drew, para acompanhá-lo a expressão do rosto.

Desse dia em diante, Molly leu a Bíblia diariamente. Na quarta-feira seguinte, uma semana depois, quando Drew foi aos Correios de uma cidade distante para ver se havia correspondência, havia uma carta.

Voltou para casa, parecia ter duzentos anos de idade.

Estendeu a carta e, numa voz gelada, embargada, disse a Molly o que dizia.

— A mãe morreu... uma hora da tarde, quarta-feira passada... o coração...

Tudo o que Drew Erickson teve a dizer foi:

— Leve os guris para o carro, encha o carro de comida. Nós vamos para a Califórnia.

A mulher segurava a carta nas mãos.

— Drew...

— Você sabe do que eu estou falando. Essa terra não é boa para trigo. E olha como o trigo amadurece. E eu ainda não te contei tudo. Ele cresce em lotes, um pouquinho cada dia. Isso não está direito. E quando eu corto, o trigo apodrece! Mas, de manhã, sem precisar de nada, ele cresce de novo! Na terça-feira da semana passada, quando cortei o trigo, era como se estivesse cortando minha própria carne. Ouvi um grito. Parecia... E agora, hoje, a carta.

— Mas nós vamos ficar aqui.

— Molly...

— Nós vamos ficar aqui, onde podemos ter certeza de comer, dormir, levar uma vida decente, viver muito tempo. Não vou mais deixar meus filhos morrendo de fome, nunca mais.

Na janela, o céu estava azul. O sol entrava, enviesado, e tocava parte do rosto de Molly, sereno, fazendo um olho brilhar em azul. Uns quatro ou cinco pingos d'água formaram-se e caíram, na pia da cozinha, brilhantes, lentos, antes mesmo que Drew suspirasse. Foi um suspiro rouco, resignado, cansado. Drew concordou com a cabeça, Olhando para longe dali.

— Está bem. Vamos ficar.

Fraco, Drew apanhou a segadeira. Na lâmina de metal, as palavras saltaram, nítidas, cintilantes.

TODO AQUELE QUE ME MANUSEIA... MANUSEIA O MUNDO!

— Vamos ficar...

Na manhã seguinte, Drew foi até o túmulo do velho. Bem ali no meio, nascia uma mudinha de trigo. A mesma muda, renascida, que o velho tinha nas mãos umas poucas semanas atrás.

Conversou com o velho e não obteve respostas.

— Durante toda a vida, você foi forçado a trabalhar no trigal, até que um dia

você se deparou com o germe da própria vida. Você sabia que era seu. E o ceifou. E foi para casa, vestiu a roupa de luto, o coração estourou, você morreu. Foi assim, não foi? E você deixou a terra para mim, e eu, quando morrer, devo deixá-la para outra pessoa.

A voz de Drew, aterrorizada.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo? Sem que ninguém, exceto quem usa a segadeira, saiba da existência desse trigal e do fim a que se destina?

Sentiu-se, de repente, muito velho. O vale pareceu muito antigo, mumificado, misterioso, seco, encarquilhado, poderoso. Quando os índios ainda dançavam no prado, o trigal já estava aqui. O mesmo céu, o mesmo vento, o mesmo trigo. Mas, e antes dos índios? Algum Cro-Magnon, retorcido, de cabelos eriçados, manuseando uma segadeira rústica, de pau talvez rondasse os pezinhos vivos...

Drew voltou ao trabalho. Levanta, corta. Levanta, corta. Obcecado com a idéia de que era ele próprio, agora, quem manuseava a segadeira. Ele! Ele próprio! A idéia o tomou como um vagalhão de força e horror.

Levanta! TODO AQUELE QUE ME MANUSEIA! Corta! MANUSEIA O MUNDO! Para se conformar com o trabalho, teve de adotar uma espécie de filosofia. Era simplesmente um meio de conseguir alimento e morada para a família, que merecia um alimento decente, uma vida decente, pensava Drew, depois de tantos anos.

Levanta e corta. Um pé, uma vida, e ele o cortava, meticoloso, em dois. Se planejasse com cuidado — olhou para o trigal — afinal, ele, Molly e as crianças poderiam viver para sempre!

Assim que pressentisse o lugar onde estavam os pés que eram Molly, Susie e o pequeno Drew, não os cortaria.

E então, calmo, como um sinal, o lugar apareceu.

Bem ali, diante dele.

Se tivesse golpeado a segadeira, tê-los-ia cortado.

Molly, Drew, Susie. Tinha certeza. Trêmulo, ajoelhou-se e fitou; os grãos de trigo reluziram ao toque de Drew.

Aliviado, suspirou. E se as tivesse cortado, sem saber? Bufou forte, levantou-se, apanhou a segadeira, recuou e pôs-se a olhar, por longo tempo, aqueles pezinhos de trigo.

Molly achou muito estranho ao vê-lo voltar para casa cedo, beijá-la no rosto, sem motivo nenhum.

No jantar, Molly perguntou:

— Acabou cedo hoje? O trigo ainda apodrece quando cai no chão? Drew confirmou com a cabeça, apanhou mais carne.

— Você deveria escrever para o pessoal da Agricultura para que viessem dar uma olhada.

— Não...

— Puxa, foi só uma sugestão. Dilataram-se os olhos de Drew.

— Eu tenho que ficar o resto da vida aqui. Ninguém mais pode bolir com esse trigal; não saberiam onde cortar, onde não cortar. Podem cortar no lugar errado.

— Que lugar errado?

Drew mastigava.

— Esquece. Nada não.

Bateu com o garfo na mesa, com força.

— Quem é que pode dizer o que eles vão fazer? Esse pessoal do governo! Podem até... até querer derrubar o trigal todo!

Molly concordou com a cabeça.

— E é disso que ele precisa. Para começar de novo, com novas sementes.

Drew nem acabou de comer.

— Não vou escrever para governo nenhum e não vou deixar que nenhum estranho venha cortar o campo. E não se fala mais nisso!

Ao sair, a porta de tela bateu.

Drew contornou o lugar onde cresciam, ao sol, as vidas dos filhos, da mulher, e foi com a segadeira cortar na outra extremidade do trigal, onde, ele sabia, não haveria possibilidade de erro.

Mas nunca mais conseguiu gostar do trabalho. Ao fim de uma hora, sabia que havia causado a morte de três velhos amigos, estimados, lá de Missouri. Leu os nomes dos três, nos grão, e não conseguiu continuar.

Trancou a segadeira no porão e guardou a chave noutro lugar. Não iria mais ceifar o trigo, nunca mais.

À noite, na varanda da frente, fumou cachimbo e contou histórias para os guris. Queria ouvi-los rir. Mas eles não riram muito, pareciam distantes, cansados, estranhos, como se não mais fossem seus filhos.

Molly queixou-se de dor de cabeça, arrastou-se pela casa alguns minutos, e foi dormir cedo, um sono profundo. Estranho também, ela que sempre ficava acordada até tarde, sempre cheia de ironia.

O trigal encrespava, enluarado. Com o luar, parecia um mar.

A pedir para ser ceifado. Certos trechos precisavam ser cortados já. Drew Erickson permaneceu sentado, sereno, tirando baforadas, evitando olhar para lá.

O que acontecia ao mundo se nunca mais voltasse ao trigal? O que acontecia com as pessoas que, já prontas para morrer, aguardavam apenas a chegada da segadeira?

Drew iria esperar, para ver.

Quando apagou o lampião de querosene e foi se deitar, Molly respirava devagar. Drew não conseguiu dormir. Ouvia o vento no trigal e sentiu, nos braços,

nos dedos, a ânsia de ir trabalhar.

No meio da noite, percebeu-se a caminho do campo, com a segadeira nas mãos. Caminhava como um louco, com medo. Não se lembra de ter aberto a porta do porão, de ter apanhado a segadeira, mas aqui estava ele, ao luar, a caminhar pelo trigal.

Entre os grãos, muitos já estavam velhos, cansados desejavam repousar. O repouso duradouro, sereno, sem luar.

A segadeira puxou-o, tomou-lhe a palma das mãos, forçou-o a caminhar.

Drew, de algum modo, com muita luta, conseguiu desvencilhar-se. Jogou-a no chão e correu em direção ao trigal; ali, parou, ajoelhou-se.

— Não quero mais matar ninguém. Se eu continuar, vou acabar matando Molly e as crianças. Não me peça isso, por favor!

Mas as estrelas apenas piscaram no céu.

Atrás dele, um ruído surdo, seco.

Algo, por trás da colina, explodia no céu. Parecia uma coisa viva, com braços vermelhos, lambendo as estrelas. Fagulhas caíram-lhe no rosto. Com eles, veio o cheiro encorpado, quente, de fogo.

— A casa!

Aos gritos, entorpecido, desesperançado, Drew levantou-se, fitou a imensa fogueira.

A casinha branca, os carvalhos vigorosos, crepitavam numa labareda de fogo selvagem. O calor rolava colina acima, Drew atravessou-o, movido por braçadas, aos tropeços, afundando a cabeça.

Quando chegou ao pé da colina, não havia sequer uma telha, um trinco, uma esquadria, que não se encontrasse em chamas vivas, produzindo ruídos de bolhas, de rachaduras, intermitentes.

No interior da casa, ninguém gritava. Ninguém corria, ninguém gritava.

No quintal, Drew chamou:

— Molly! Susie! Drew!

Não houve resposta. Aproximou-se, correndo, até onde sentiu ressecarem as sobrelhas a enrugar a pele, como papel que queima, cresta, enrola, em rolinhos minúsculos, contraídos.

— Molly! Susie!

Satisfeito, o fogo assentou-se para o repasto. Drew correu em volta da casa, muitas vezes, sozinho, à procura de uma brecha por onde pudesse entrar. Depois, sentou-se, num lugar onde o fogo assava-lhe o corpo, e esperou até que todas as paredes houvessem mergulhado em estrépitos esvoaçantes, até que cedesse o último pedaço de teto, e transformassem o chão num tapete de reboco fundido e ripas chamuscadas. Até que as labaredas se extinguíssem e a fumaça expelisse, até que o novo dia surgisse, lento, e não houvesse mais nada, além de cinzas em brasa e de uma efervescência ácida.

Sem ligar para o calor que desprendia da estrutura despencada, Drew entrou nas ruínas. Muito escuro, ainda, para que pudesse enxergar alguma coisa com nitidez. Uma luz vermelha refletia-lhe na garganta suada. Drew, ali em pé, sentiu-se um estranho, numa terra nova e estranha. Aqui... a cozinha. Mesas carbonizadas, cadeiras, o fogão de aço, os armários. Ali... o corredor. Aqui a sala de visitas e, ali adiante, o quarto, onde...

Onde Molly ainda vivia.

Dormindo entre tarugos despencados, pedaços, de cores zangadas, de fio enrolado e metal.

Como se nada tivesse acontecido. As mãos alvas, pequenas, ao lado do corpo, com reflexos de fagulhas. O rosto calmo dormia, um sarrafo incandescente atravessava-lhe a face.

Drew parou, incrédulo. Nas ruínas daquele quarto enfumaçado, Molly está deitada numa cama de brasas cintilantes, a pele intacta, o peito inflando, desinflando, deixando entrar o ar.

— Molly!

Viva e adormecida, depois de um incêndio que fizera estrugir as paredes, despencar o teto, e que fizera as chamas conviverem à sua volta.

Os sapatos de Drew exalavam fumaça, ele os movia empurrando os entulhos fumegantes, que bem poderiam ter-lhe ressecado os pés, à altura dos tornozelos, sem que ele nem percebesse.

— Molly...

Drew debruçou-se. Molly não se movia, nem o ouvia, e nem falava. Não estava morta. Não estava viva. Apenas ali estava deitada, e o fogo, em volta, não a tocava, não lhe fazia mal, de modo algum. A camisola de algodão, listrada de cinzas, não estava queimada. Os cabelos castanhos, aconchegados num monturo de carvões em brasa.

Drew tocou-a no rosto. Frio, no meio do inferno. Respiraçõezinhas minúsculas faziam tremer-lhe os lábios a meio-sorriso.

As crianças também estavam lá. Atrás de uma cortina de fumaça, Drew visualizou duas figuras menores, enroscadas nas cinzas, dormindo. Levou todos os três para a orla do trigal.

— Molly! Molly! Lembra! Crianças, acordem! Respiravam, imóveis, e continuavam a dormir.

— Crianças, acordem! Sua mãe está... Morta? Não, morta não. Mas...

Drew sacudiu as crianças, como se as culpasse. Elas nem ligaram, ocupadas com os sonhos. Pousou-as novamente no chão e debruçou-se sobre elas, com o rosto vincado.

Drew sabia porque haviam dormido durante todo o incêndio, e agora, ali, continuavam a dormir. Sabia por que Molly se deitara, e não queria sorrir novamente.

O poder do trigal, da segadeira.

Aquelas vidas deveriam ter acabado ontem, 30 de maio de 1938, mas foram prolongadas porque ele se recusava a ceifar o trigal. Deveriam ter morrido no incêndio. Assim estava determinado. Porém, Drew não usara a segadeira, e nada, portanto, poderia fazer-lhe mal. A casa estivera em chamas, ruína, e mesmo assim os três continuavam vivendo, pela metade, não estavam mortos, não estavam vivos. Apenas... esperavam. E, em todo o mundo, milhares de pessoas, assim como eles, vítimas de acidentes, incêndios, doenças, suicídios, esperavam, dormindo, como Molly e as crianças. Incapazes de morrer, incapazes de viver. E tudo porque um homem sentira medo de ceifar o trigo maduro. Tudo porque um homem pensara ser capaz de parar de trabalhar com a segadeira, de jamais usá-la novamente.

Drew fitou as crianças no chão. O trabalho deveria ser executado, dia após dia, sem parar, apenas continuar, sem uma única pausa, apenas ceifar, sempre, sempre.

Está bem, pensou. Está bem. Vou usá-la.

Não se despediu da família. Voltou, e a raiva subia lenta, encontrou a segadeira e partiu rápido, começou a andar depressa, e depois a correr com passadas arqueadas, trigal adentro, num delírio, com a ânsia nos braços, com os pés de trigo a malhar, a chicotear-lhe as pernas. Ao caminhar, esmagava-os. Gritava. Parou.

— Molly!

Drew ergueu a lâmina e cortou.

— Susie! Drew!

E cortou novamente.

Alguém gritou. Drew nem se virou para olhar a casa destruída pelo fogo.

E então, em soluços desvairados, ergueu o corpo acima do trigal, muitas e muitas vezes, e golpeou para a esquerda, direita, esquerda, direita, esquerda, direita. Muitas, muitas, muitas vezes! Fez imensos lanhos no trigo verde, no trigo maduro, sem distinção, sem cuidado, praguejando, mais e mais, xingando, rindo, com a lâmina que erguia ao sol, e descia ao sol, com um assobio cantado. Corta!

Bombas destruíram Londres, Moscou, Tóquio.

A lâmina chicoteava, louca.

E os fornos de Belsen e Buchenwald acenderam-se.

A lâmina cantarolava, encarnada.

E cogumelos expeliram sóis negros em White Sands, em Hiroshima, Bikini, mais acima, avançando, e nos céus continentais da Sibéria.

O trigo chorava, numa chuva verde, que caía.

Coréia, Indochina, Egito e Índia tremeram; a Ásia estremeceu, a África acordou, no meio da noite...

E a lâmina continuou a subir, a cutelar, machucar, com a fúria e a ira de um

homem que já perdera tanto, tanto, que não mais se incomodava com o que fazia ao mundo.

Isso há apenas umas poucas milhas da estrada principal, uma estradinha de terra, acidentada, há apenas algumas milhas de uma estrada engarrafada, de tanto tráfego rumo à Califórnia.

Veza que outra, durante esses longos anos, um carro velho sai da estrada principal e chega, fervendo, junto às ruínas carbonizadas de uma casinha branca, no final da estrada de terra, para pedir informações ao fazendeiro, àquele fazendeiro que trabalha como um louco, furioso, sem parar um instante sequer, noite e dia, nos trigais infundáveis.

Mas não conseguem ajuda, nem informação. O fazendeiro está muito ocupado com o campo, mesmo depois de tantos anos; muito ocupado, lanhando e derrubando os pés verdes de trigo, não mais os maduros.

E Drew Erickson prossegue com a segadeira, com a luz dos sóis negros, e, nos olhos que nunca dormem, um aspecto de fogo branco, sem parar, sem parar.

Tio Einar

— É só um minutinho — pediu a doce esposa de Tio Einar.

— Eu me recuso — respondeu. — E antes que eu me esqueça, só demora um segundinho.

A esposa plantou as mãos nas ancas delgadas.

— Trabalhei a manhã inteira, e você se recusa a dar u'a mãozinha? Está trovejando, vai chover.

Tio Einar retrucou, casmurro:

— Pois deixe que chova. Não quero ser perfurado por um raio só para ir secar a roupa.

— Mas você faz isso num instantinho.

— Me recuso, mesmo assim.

As imensas asas de Tio Einar, de lona encerada, vibraram, nervosas, em suas costas indignadas.

A esposa estendeu-lhe um cordão em que estavam amarradas quatro dúzias de peças de roupa recém-lavadas. A contragosto, Tio Einar enrolou o cordão no dedo e murmurou, amargo:

— Então, estou reduzido a isso! A isso!

E quase derramou lágrimas enfiadas, ácidas.

— Não chore; vai molhar a roupa de novo. Pule agora, dê uma volta com a roupa.

— Dar uma volta com a roupa...

A voz saíra oca, profunda e muito magoada.

— Não! Pois que caíam os raios! Que chova! A esposa ponderou:

— Se o dia estivesse bonito, se estivesse fazendo sol, eu não pediria. Se você não for, será trabalho perdido, vou ter que estender a roupa pela casa...

Aquilo o convenceu. Acima de tudo, detestava roupas penduradas, em bandeiras festonadas, que o faziam abaixar-se para atravessar a sala. Tio Einar subiu, bateu as imensas asas verdes.

— Mas só vou até a cerca do pasto!

Girou: deu um salto, as asas mascaram, deliciaram-se com o ar fresco. E antes mesmo que você pronuncie Tio Einar Tem Asas Verdes, Tio Einar navegou, em vôo baixo, pela fazenda, estendendo a roupa num círculo imenso, farfalhante, secando-a com a concussão, contundente, da lavagem de costas que suas asas proporcionavam!

— Segura!

De volta do giro, manobrou a roupa, seca como pipoca, fazendo-a pousar numa série de cobertores limpos que a esposa estendera para servir de plataforma de aterrissagem.

— Obrigada!

— Ora, não amole!

Voaando, Tio Einar foi amargar debaixo da macieira.

Aquelas lindas asas sedosas, dobradas sobre as costas de Tio Einar qual duas velas de cor verde-marinho, faziam desprender dele, sobre os ombros, um chiado, um sussurro, sempre que espirrava ou se virava de repente. Era, na Família, dos poucos cujo talento era visível. Tinha primos, sobrinhos e irmãos obscuros, escondidos pelo mundo, em cidadezinhas, e todos realizavam coisas invisíveis com a mente, ou coisas relacionadas com dedos de feiticeiros, com dentes brancos, ou sopravam labaredas de fogo no céu, galopavam em florestas como se fossem lobos enluarados, prateados. E, comparativamente, viviam bem protegidos dos humanos normais, coisa que, para um homem de asas verdes, imensas, era praticamente impossível.

Não que detestasse suas asas. Nada disso! Quando jovem, costumava voar à noite, pois a noite é uma ocasião rara para os homens alados! O dia oferecia perigo, sempre ofereceu e sempre oferecerá; à noite, porém, ah, a noite, Tio Einar sobrevoara ilhas de nuvens e mares de céu de verão. Sem perigo algum. Foram vôos bem altos, proveitosos, regozijo absoluto.

Mas agora já não mais conseguia voar à noite.

Quando voltava para casa, no alto de um certo desfiladeiro, na Europa, depois de uma reunião familiar comemorativa em Mellin Town, Illinois (alguns anos atrás), bebera muito vinho tinto, forte. Estarei bem, disse para si mesmo, vago, e prosseguiu a longa jornada, sob as estrelas da manhã, sobre as colinas dos campos, que sonham com a lua, para lá de Mellin Town. E então... desastre nos céus.

Uma torre de alta tensão.

Um pato na rede! Que chiado! As faíscas azuis do fio empreteceram-lhe o rosto, ele conseguiu desgarrar-se da eletricidade com uma estupenda percussão das asas, num estupendo salto de costas, e caiu.

Estatelar na ravina enluarada, ali debaixo da torre, foi como o ruído de um enorme catálogo telefônico despencado do céu.

No dia seguinte, de manhã cedinho, batendo com violência as asas encharcadas de orvalho, levantou-se. Ainda estava escuro. Uma faixa tênue de alvorada estendia-se a leste. E logo iria se colorir, e logo os vôos estariam restritos. Assim, nada a fazer senão refugiar-se na floresta e esperar a passagem do dia, nalgum bosque cerrado, até que a nova noite permitisse às suas asas o movimento oculto nos céus.

E, dessa maneira, conheceu a esposa.

Passava o dia, quente para primeiro de novembro, na rural Illinois, e a bela Brunilla Wexley foi ordenhar uma vaca desgarrada, pois levava uma caçamba

na mão e, pelo bosque, caminhava de lado, suplicando, esperta, para que a vaca invisível por favor voltasse para casa; do contrário, iria explodir a barriga de tanto leite acumulado. O fato de que a vaca com certeza voltar quando as tetas necessitassem de ordenha não tocou Brunilla Wexley. Pretexto meigo para ir passear na floresta, soprar cardos e mascar flores, o que ela fazia quando tropeçou em Tio Einar.

Adormecido, junto a uma touceira, parecia um homem debaixo de um abrigo verde.

— Chii! — exclamou Brunilla. — Um homem! Numa barraca!

Tio Einar acordou. Para trás, a barraca se abriu, imenso leque verde

— Chii!...

Brunilla, que procurava a vaca, exclamou.

—... Um homem alado!

Foi assim que Brunilla viu as coisas. Assustou-se, é claro, mas, como nunca se machucara na vida, não tinha medo de ninguém, e encontrar um homem alado era algo fantástico. Orgulhou-se em conhecê-lo. Começou a conversar. Em uma hora, já eram velhos amigos, e em duas horas, já se esquecera de que o homem possuía asas. E ele, de certa forma, confessou como viera parar ali no bosque.

— Claro, eu percebi; você está meio bombardeado. A asa direita está mal. É melhor irmos até lá em casa, eu trato dela. De qualquer modo, você não vai conseguir voar para a Europa desse jeito. E, afinal, hoje em dia, quem vai querer morar na Europa?

Tio Einar agradeceu, mas não via jeito de aceitar.

— Mas eu moro sozinha. Como você vê, sou muito feia. Ele insistiu que não.

— É bondade sua. Mas eu sou sim, não adianta me enganar. Minha família já morreu, eu tenho uma fazenda, grande, todinha para mim, bem distante de Mellin Town, e estou precisando de gente com quem conversar.

A menina não sentia medo dele?, Einar perguntou.

— Orgulhosa, e com inveja; isso sim. Você me dá licença?

Cuidadosa, Brunilla acariciou aquelas imensas asas verdes, membranosas, invejando-as. Ao sentir o toque, Tio Einar estremeceu, trincou a língua com os dentes.

Assim, a única coisa a fazer seria mesmo ir até a casa da fazenda e deixar que ela cuidasse dele, com remédios e ungüentos, e, meu Deus!, que queimadura feia no rosto, bem embaixo dos olhos! Sorte você não ter ficado cego! Como foi que aconteceu?

— Bem...

Tio Einar mal começou a contar, e já estavam na casa da fazenda, sem terem percebido que haviam caminhado dois quilômetros, entreolhando-se.

Um dia se passou, e mais outro, e Tio Einar agradeceu, na porta, dizendo que teria que ir-se, agora, que apreciara o ungüento, demais, o cuidado, as

acomodações. O crepúsculo chegara, e daqui, seis horas da tarde, até as cinco de manhã, ele teria que atravessar um oceano e um continente.

— Muito obrigado! Adeus!

Na penumbra, decolou e chocou-se contra uma acerácea.

— Caramba!

Brunilla correu até o corpo desacordado.

Ao acordar, uma hora depois, Tio Einar percebeu que não poderia voar à noite; sua percepção noturna, delicada, se fora. A telepatia alada que o alertava contra as torres, árvores e colinas que se encontrassem à frente, a visão e a sensibilidade, límpidas, que o guiavam através do labirinto das florestas, colinas e nuvens estavam cauterizadas para sempre por aquela queimadura no rosto, por aquela tritura azul, eletrificada, tostada.

Meigo, Tio Einar queixou-se.

— Como vou conseguir chegar à Europa? Se eu voar de dia, serei visto e — piada macabra! — alguém pode me abater! Ou então querer me levar para um jardim zoológico; que vidão, não? Brunilla, me diga, o que devo fazer?

Brunilla fitava as próprias mãos.

— Ora, vamos dar um jeito nisso...

Casaram-se.

A Família veio para o casamento. Numa imensa avalanche outonal, de folhas de aceráceas, plátanos, carvalhos e elmos, mergulhavam numa chuva de castanheiras da índia, tocaram o chão com o ruído surdo da queda das maçãs de inverno, e com o vento impregnado do aroma do adeus do verão partiram. A cerimônia? A cerimônia foi breve como a luz de uma vela negra, acesa e soprada, a fumaça deixada no ar. A brevidade, a escuridão, a natureza invertida, de trás para diante, tudo isso escapou a Brunilla, que ouviu apenas o murmúrio tênue do imenso vagalhão das asas de Tio Einar, ao fim do rito. Ê, no que diz respeito a Tio Einar, a ferida no nariz já quase curada, tomando Brunilla pelo braço, sentiu a Europa esvaír-se, diluir-se na distância.

Mas, para voar na vertical, em linha reta, e descer, não era preciso enxergar bem. Nada mais natural, portanto, que tomasse Brunilla nos braços e com ela subisse num vôo reto, vertical, céu adentro.

Um fazendeiro, a uns dez quilômetros dali, viu uma nuvem baixa à meia-noite, viu ligeiros reflexos, ligeiros estrépitos.

— Relâmpagos de verão — comentou, e foi dormir.

Só desceram no dia seguinte, de manhãzinha, com o orvalho.

O casamento vingou. Tudo o que ela fazia era olhar para ele e inflar-se só em imaginar-se a única mulher no mundo casada com um homem alado. Quem diria?, perguntou ao espelho. A resposta veio: Ninguém!

Ele, por seu turno, viu muita beleza oculta por trás do rosto de Brunilla, muita bondade, muita compreensão. Para ajustar-se às idéias da esposa, fez algumas alterações no regime alimentar e tomava cuidado com as asas pela casa; bibelôs lascados e lâmpadas quebradas poderiam ferir-lhe os nervos; deles, procurou distância. Mudou o horário de dormir, já que não mais voaria à noite. Quanto a Brunilla, ajeitou as poltronas para que ficassem confortáveis para as asas de Tio Einar, nalguns lugares colocou almofadas adicionais, de outros, retirou-as, e as coisas que dizia eram precisamente as coisas por que Tio Einar a amava.

— Estamos em casulos, todos nós. Veja como sou feia! Mas, um dia, vou florescer e vou ter asas tão bonitas e elegantes como as suas!

— Você já floresceu há muito tempo!

Brunilla refletiu e teve de admiti-lo.

— É, já mesmo. E sei em que dia foi, também. Foi no bosque, eu procurava uma vaca e achei uma barraca!

Os dois riram, e com ele a envolvê-la, Brunilla sentiu-se maravilhosa, sabia que o casamento a fizera desabrochar da feiúra, como uma espada resplandecentes, desembainhada.

Tiveram filhos. No início, sentiram medo, mais por parte de Tio Einar, de que nascessem alados.

— Que bobagem! Eu gostaria demais. Estariam protegidos contra os pisões.

— Bem, então, vão ter o seu *cabelo*!

— Ah, essa não...

Nasceram quatro filhos, três meninos e uma menina, que, de tanta energia, pareciam alados. Em quatro anos, espousaram como cogumelos; nos dias quentes de verão, pediam ao pai que sentasse debaixo da macieira, os abanassem com suas asas refrescantes e lhes contasse a história romântica, estrelada, das ilhas de nuvens, dos oceanos celestes, da textura da bruma e do vento, de como o gosto da estrela derrete na boca, de como beber o ar frio da montanha, de qual a sensação de ser uma pedra rodada caindo pelo Monte Everest, e transformar-se num broto verde que vem florir-lhe as asas antes mesmo que se chegue lá embaixo!

Assim era o casamento de Tio Einar.

E hoje, seis anos depois, ali estava Tio Einar, sentado, criando úlceras debaixo da macieira, ficando impaciente e indelicado; não porque assim o desejasse, mas porque, depois de longa espera, ainda não conseguia viajar pelo céu da noite, aventureco; jamais recuperara o sentido superior. Ali estava ele, sentado, acabrunhado, apenas uma barraca de verão, verde, descartada, abandonada, pela temporada, por veranistas indiferentes que outrora buscavam refúgio em sua sombra translúcida. Teria que ficar aqui sentado para sempre, com medo de voar de dia, de que alguém o visse? Teria que voar apenas para secar a roupa para a esposa; ficaria ali apenas a abanar as crianças nas tardes de outono? Sua

única ocupação sempre fora transportar mensagens familiares, mais rápido que as tempestades. Um bumerangue, saía a girar por colinas, vales e, como um cardo, aterrissava. Andava sempre com dinheiro; a Família fazia bom uso de seus membros alados! Mas, e agora? Amargura? As asas bateram rápidas, agitaram o ar, num trovão cativo.

— Papai! — chamou a pequenina Meg.

As crianças fitavam-lhe o rosto obscurecido pelo pensamento.

— Papai — pediu Ronald. — Faz mais trovão!

— Hoje está frio — respondeu Tio Einar —, estamos em março, logo vamos ter muita chuva, muito trovão.

— Você vem ver a gente? — perguntou Michael.

— Andem, andem, meninos! Deixem papai descansar!

Tio Einar estava fechado para o amor, as crianças do amor, o amor das crianças. Pensava apenas no firmamento, no céu, nos horizontes, nos infinitos, de noite, de dia, iluminados pelas estrelas, pela lua ou pelo sol, nublados ou límpidos, eram sempre o mesmo céu, o mesmo firmamento, o mesmo horizonte ali à frente, e você, amargurado. E lá estava ele, a navegar pelo pasto, com medo de ser visto.

A desgraça, num poço profundo.

Meg chamou:

— Papai, vem ver a gente; estamos em março! E nós vamos à Colina com os guris da cidade!

Tio Einar resmungou:

— Que colina?

— A Colina das Pipas, é claro! — cantaram em coro.

Tio Einar olhou para as crianças.

Cada uma com uma pipa grande nas mãos, os rostos transpiravam por antecipação, um brilho animalesco. Nos dedinhos, rolos de linha branca. Nas pipas vermelhas, azuis, amarelas e verdes, estiravam-se caudas, tiras de algodão e seda. Ronald insistiu.

— Nós vamos empinar papagaio! Por que não vem?

Tio Einar estava triste.

— Não, se alguém me vir, estarei em apuros.

— Você poderia ficar escondido no bosque e olhar — disse Meg. — Nós mesmos fizemos as pipas. Porque sabemos fazê-las.

— E como é que vocês sabem?

— Você não é o nosso pai? — resposta imediata. — É por isso que sabemos, ora!

Tio Einar fitou as crianças por longo tempo. Suspirou:

— Um Festival de Pipas, não é?

— Isso mesmo!

— Eu vou ganhar — afirmou Meg.

— Eu é que vou — contradisse Michael.

— Não, sou eu, sou eu — esganiçou Stephen.

Tio Einar saltou, com um rufar surdo, ensurdecedor, das asas, e urrou:

— Por Deus! Se não foi Deus quem me apareceu pela frente! Meus filhos! Meus filhos! Eu amo vocês, demais!

Michael recuou.

— Papai, o que é que houve?

Einar entoou:

— Nada! Nada!

E flexionou as asas, em propulsão, em extensão máximas. Pam! Bateu-as qual pratos de banda! Com a percussão, as crianças estatelaram-se de costas.

— Descobri! Descobri! Estou livre de novo! Fogo nas turbinas! Penas ao vento! Brunilla!

Einar gritou na direção da casa. Brunilla apareceu. Einar gritou, exuberante, esguio, na ponta dos dedos.

— Estou livre, Brunilla. Ouça, não preciso mais da noite! Posso voar de dia! Não preciso da noite! De agora em diante, vou voar todo dia, qualquer dia do ano! Mas, meu Deus, estou perdendo tempo, conversando. Olhe!

Ante o olhar preocupado dos familiares, Einar pegou a cauda de algodão de uma das pipas, amarrou-a atrás do cinto, segurou o rolo de barbante, abocanhando uma das extremidades, estendeu a outra às crianças, e subiu, voou para o céu, afastando-se ao vento de março!

Pelos prados, pelos campos das fazendas, as crianças correram, soltando linha para o céu diurno, espumando, tropeçando; Brunilla ficou no quintal para ver, acenava, ria. Os filhos partiram para a Colina das Pipas, lá longe, e pararam, os quatro, a segurar o rolo de linha nos dedinhos ávidos e orgulhosos, cada um dando seus puxões, manobrando, empinando. E as crianças de Mellin Town vieram correndo para empinar seus pequeninos papagaios ao vento, viram a imensa pipa verde empinar, planar no céu, e exclamaram:

— Caramba! Que pipa! Que pipa! Eu queria ter uma pipa assim! Onde foi que vocês compraram?

— Foi nosso pai que fez.

Meg, Michael, Stephen e Ronald responderam, e, exultantes, puxaram a linha, e a pipa sibilante, trovejante, lá no céu, mergulhou e subiu, formando, com a nuvem, um ponto, mágico, de exclamação!

O Vento

O telefone tocou às cinco e meia da tarde. Era dezembro, e já escurecera há muito tempo. Thompson atendeu. -Alô.

— Alô, Herb?

— Allin?

— Sua mulher está aí, Herb?

— Claro que está, por quê?

— Que pena!

Tranquilo, com o fone na mão, Herb Thompson perguntou:

— O que é que há? Você está estranho.

— Queria que você viesse passar a noite aqui, hoje.

— Mas hoje vem gente aqui.

— Queria que você viesse passar a noite aqui. Quando é que sua mulher vai viajar?

— Ah, na semana que vem. Vai ficar nove dias em Ohio. A mãe dela adoeceu. Quando ela for, eu passo aí.

— Queria que você viesse hoje.

— Se eu pudesse, iria. Você sabe, vem visita, minha mulher me mataria se eu fosse.

— Eu gostaria tanto que você viesse...

— Mas, o que é que há? É o vento, de novo?

— Não, não. Nada disso.

Thompson insistiu:

— É o vento?

A voz hesitou ao telefone.

— É. É o vento, sim.

— Mas a noite está clara. Não está ventando muito.

— Mas está o bastante. Está entrando pela janela, a cortina está balançando um pouquinho. O bastante para eu saber.

— Escuta, por que você não vem para cá, e passa a noite aqui? Herb Thompson passou os olhos pelo corredor iluminado.

— Não, não, Herb. Não dá mais tempo. Talvez ele me pegue no meio do caminho. É muito longe. Não quero me arriscar. Mas, obrigado assim mesmo. São cinquenta quilômetros, mas obrigado assim mesmo.

— Tome uma pílula para dormir.

— Eu fiquei em pé na porta por uma hora, Herb. Estou vendo-o formar-se a oeste. Tem algumas nuvens lá, e umas delas, eu vi, se desgarrou. Vai ter vento, sim senhor.

— Bem, então tome uma pílula para dormir, das boas. E telefone para cá, a

qualquer hora. Tarde da noite, se você quiser.

A voz perguntou, do outro lado:

— A qualquer hora?

— Claro!

— Então, vou telefonar. Mas o que eu gostaria mesmo é que você viesse para cá! Mas também não quero prejudicar você. Não quero prejudicar meu melhor amigo. Talvez seja melhor mesmo eu enfrentar isso sozinho. Desculpe tê-lo incomodado.

— Porra, amigo é para isso mesmo! Escuta, por que você não se senta e escreve alguma coisa esta noite?

Ali no corredor, Herb Thompson mudou o pé de apoio.

— Assim você esquece os Himalaias, o Vale dos Ventos e essa sua preocupação com tempestades, com vendavais. Escreva mais um capítulo do seu próximo livro de viagens.

— É, talvez eu escreva mesmo. Talvez, não sei. Talvez. É, talvez. Bem, muito obrigado por me deixar importuná-lo.

— Obrigado o cacete! Desliga logo essa porcaria, seu... Minha mulher está me chamando para jantar.

Herb Thompson desligou.

E foi sentar-se à mesa de jantar. A esposa, sentada em frente, do lado oposto, perguntou:

— Era Allin?

Herb confirmou com a cabeça. A esposa passou-lhe o prato, com um monte de comida.

— Ele e os ventos! É vento que sobe, vento que desce, é vento quente, é vento frio!

— Ele passou mesmo uma temporada feia no Himalaia, durante a guerra.

— Ora, você não acreditou naquela história do vale, acreditou?

— É uma boa história.

— Escalar, escalar as coisas. Por que os homens escalam montanhas? Para sentirem medo?

— É que... começou a nevar.

— É mesmo?

— A chover, a cair granizo, a nevar, tudo ao mesmo tempo. Allin já me contou mais de dez vezes. E ele conta bem. Estava muito alto mesmo. Nuvens, e tudo o mais. O vale fez um ruído.

— Claro que fez!

— Como se fossem vários ventos, e não um só. Ventos de todas as partes do mundo...

Herb deu uma garfada.

—... é o que Allin diz.

— Para começar, ele não deveria ter ido lá e olhado. Quando a gente fuça muito, começa logo a ter idéias. Os ventos começam a ficar zangados com a intromissão e passam a nos seguir.

Herb retrucou, seco:

— Deixe de ironia. Allin é meu melhor amigo.

— Isso tudo é bobagem.

— Não importa, ele já passou por muita coisa. A tempestade em Bombaim, uma outra ocasião, e dois meses depois, o tufão na Nova Guiné. E uma outra vez, em Cornwall.

— Eu não posso sentir piedade por um sujeito que está sempre encontrando vendavais, furacões, e que, por causa disso, fica com complexo de perseguição.

Nesse instante, o telefone tocou.

— Não atenda...

— Mas pode ser importante.

— Ora, é o Allin de novo.

Os dois permaneceram sentados; a campainha do telefone tocou nove vezes; como nenhum dos dois fosse atender, aquietou-se, por fim. Terminaram de jantar. Lá na cozinha, a cortina moveu-se, sutil, uma brisa leve entrava pela janela ligeiramente entreaberta.

O telefone tocou novamente. Herb foi atender.

— Não posso deixar tocar assim... Ah, alô, Allin!

— Herb! Ele chegou! Está bem aqui!

— Você está muito perto do telefone. Recue um pouco.

— Fiquei em pé na porta, esperando. Vi a hora em que ele veio descendo a estrada, sacudindo as árvores, uma a uma até fazer sacudir as árvores aqui do jardim e mergulhar na minha porta. Mas eu bati a porta na cara dele!

Thompson não disse nada. Não conseguia pensar em nada, a mulher o observava da porta do corredor. Mas, enfim, disse algo:

— Interessante!

— Já cercou a casa toda, Herb. Não posso sair, não posso fazer nada. Mas eu o enganei, deixei que pensasse que tinha me pegado e na hora em que desceu para me pegar, bati a porta na cara dele e tranquei-a! Eu estava bem preparado, já tem semanas que estou me preparando!

— É mesmo? Conte lá, amigo Allin.

Herb Thompson quis parecer jovial, pois a mulher o olhava; começou a suar no pescoço.

— Ele começou há seis semanas...

— É mesmo? Ora, ora.

—... pensei que já tivesse sumido, que já tivesse desistido de me seguir, de me pegar. Mas ele estava era só esperando. Há seis semanas eu ouvi o vento rir, murmurar pelos cantos da casa. Por uma hora, mais ou menos, não demorou

muito e nem foi alto. Depois, foi embora.

Thompson confirmava com a cabeça.

— Que ótimo! Que ótimo!

A mulher o olhava.

— E, na noite seguinte, voltou. Chacoalhou as persianas, espalhou fagulhas pela chaminé! Por cinco noites consecutivas, cada vez um pouco mais forte. Quando eu abri a porta da frente, ele avançou e quis me puxar para fora, mas não teve força suficiente. Mas essa noite ele está forte.

— É ótimo saber que você melhorou...

— Eu não estou melhor coisa nenhuma! Sua mulher está na escuta?

— Está.

— Ah, entendo. Sei que tudo isso parece bobagem, não é mesmo?

— Que nada! Pode continuar.

A mulher voltou para a cozinha, Thompson relaxou. Sentou-se numa cadeirinha próxima ao telefone.

— Vamos, Allin, desabafe. Você vai dormir melhor.

— Ele já cercou a casa toda, Herb; parece um aspirador de pó gigante, fuçando as empenas. E está batendo nas árvores do jardim.

— Esquisito, Allin, aqui não está ventando nem um pouquinho.

— Claro que não está, não é você que ele quer, sou eu.

— É, é uma explicação.

— É um assassino, Herb, o maior caçador de vítimas, o maior assassino pré-histórico, sacana. É um cão de fila, farejador, querendo me sugar para fora da casa, querendo me encontrar. Ele coloca o narigão, gelado, em cima da casa, inala o ar, e quando descobre que estou na sala de visitas, faz mais pressão para aquele lado, e quando estou na cozinha, ele vai também. Agora está tentando entrar pelas janelas, mas eu mandei reforçá-las, coloquei dobradiças novas nas portas, e trancas. A casa é muito forte. Antigamente, as construções eram muito resistentes. Todas as luzes da casa estão acesas. A casa está toda iluminada, clara. E o vento me seguiu, de um cômodo ao outro, à medida que eu ia acendendo as luzes, olhando pela janela. Caramba!

— O que houve?

— Ele acabou de arrancar a porta da frente!

— Gostaria que você viesse passar a noite aqui, Allin.

— Impossível! Por Deus, é impossível sair daqui. Não há nada que eu possa fazer. Eu conheço bem esse vento. É muito forte, é inteligente. Há pouco, quando fui acender um cigarro, uma brisa sugou e apagou o fósforo. O vento gosta dessas brincadeiras, gosta de zombar de mim, está se divertindo às minhas custas; e tem a noite inteira pela frente. Agora, olha lá! Você tinha que ver isso. Um dos meus livros de viagens, na mesa da biblioteca. Uma brisinha de nada deve ter entrado por algum buraco, só Deus sabe qual, e está virando as folhas, uma a

uma. Você tinha que ver. É a parte da introdução. Você se lembra da introdução do meu livro sobre o Tibet?

— Lembro sim.

— *Este livro é dedicado a todos que perderam o jogo dos elementos, escrito por alguém que viu, mas que sempre conseguiu escapar.*

— Claro, lembro sim.

— As luzes se apagaram, Herb! O telefone estalou.

— As linhas de transmissão acabaram de cair. Herb, você está me ouvindo?

— Estou ouvindo sim.

— O vento não gosta de toda essa luz acesa pela casa, e aí derrubou os postes. O telefone deve ser o próximo. Meu Deus, que festa, eu e o vento! Espere um pouco.

— Allin?

Silêncio. Herb curvou-se, aproximou-se do bocal; a mulher olhava, da cozinha. Herb Thompson esperou.

— Allin?

— Voltei — disse a voz ao telefone. — Uma brisa estava entrando pela porta, e eu forcei por baixo, para evitar que ventasse nos meus pés. Foi bom você não ter vindo, Herb, eu não iria querer vê-lo metido nessa bagunça. Pronto! Acabou de quebrar uma janela da sala de estar, e agora, aqui dentro, uma rajada constante; está arrancando os quadros da parede. Está ouvindo?

Herb Thompson escutou. Um ronco, de sirene, um sibilo, uma batida. Allin teve que gritar.

— Está ouvindo?

Herb Thompson engoliu em seco.

— Estou.

— Ele quer que eu fique vivo, Herb. Não ousa derrubar a casa de um sopro só. Se o fizer, me mata. Mas ele me quer vivo, para poder me despedaçar, dedo por dedo. Ele quer o que está dentro de mim. Minha mente, meu cérebro. Quer minha energia vital, minha força psíquica, meu ego. Ele só quer intelecto.

— Minha mulher está me chamando, Allin. Tenho que ir enxugar a louça

— É uma nuvem de vapores, imenso, são ventos de todas as partes do mundo. É o mesmo vento que levantou Celebes no ano passado, o mesmo pampeiro que provocou mortes na Argentina, o tufão que se alimentou do Havaí, o vendaval que assolou a costa da África no início do ano. É parte de todas essas tempestades de que escapei. E ele vem me seguindo, desde o Himalaia, porque não quer que eu saiba o que sei a respeito do Vale dos Ventos, desse vale em que se reúnem e planejam toda essa destruição. -Alguma coisa, há muito tempo, deu a ele um começo no caminho da vida. Sei onde ele se aumenta, sei onde nasce, sei onde algumas partes expiram. É por isso que ele me odeia, e a meus livros que ensinam a maneira de destruí-lo. Ele não quer que eu continue pregando. Quer

me incorporar a seu corpo imenso, para que lhe dê sabedoria. Quer que eu passe para o lado dele!

— Eu vou ter que desligar, Allin. Minha mulher...

— Hem?.

Pausa; no telefone, o sopro do vento, ao longe.

—... O que foi que você disse? Herb desligou.

Foi enxugar a louça. A mulher o olhou, ele olhou os pratos, ao esfregá-los com o pano de prato, perguntou:

— Como está a noite lá fora?

— Está agradável. Não está muito fria. Estrelas, por quê?

— Por nada.

Na hora seguinte, o telefone tocou três vezes. Às oito, as visitas chegaram, Stoddard e a mulher. Conversaram até as oito e meia e, depois, foram para a outra sala, arrumaram a mesa de jogo e começaram a jogar *Gin*.

Herb Thompson embaralhou as cartas diversas vezes, causando um efeito de murmúrio, de farfalho; deu as cartas, estalando-as na mesa, ao colocá-las, uma a uma, diante dos três jogadores. A conversa oscilou, para um lado, para outro. Herb acendeu um charuto e deixou, na ponta, uma longa brasa cinzenta; ajeitava as cartas na mão e, de vez em quando, levantava a cabeça, para escutar. Lá fora, nenhum ruído. A mulher o pegou em flagrante e ele parou de escutar, imediatamente, e descartou um valete de paus.

Herb tirava baforadas lentas do charuto, todos conversavam calmos, com pequenas erupções de risos; e o relógio, no corredor, badalou nove horas.

— E aqui estamos nós...

Herb Thompson tirou o charuto da boca e contemplou-o, reflexivo.

—... a vida é mesmo engraçada.

— Ahhnn? — perguntou Stoddard.

— Nada não; é que nós estamos aqui, vivendo nossas vidas, e em outros lugares da terra, milhões de pessoas estão vivendo as suas.

— Uma afirmação um tanto ou quanto óbvia.

— A vida... — Herb levou o charuto de volta aos lábios —... é uma coisa solitária. Mesmo para os casados. Às vezes, mesmo nos braços de alguém, você se sente a quilômetros de distância.

— Que ótimo — resmungou a mulher.

— Bem, não é exatamente isso...

LM

Herb procurou explicar. Porém, sem pressa, pois não se sentia culpado. Prosseguiu, devagar.

— O que eu quero dizer é que todos acreditamos no que acreditamos e vivemos nossas vidinhas, e outras pessoas, enquanto isso, vivem vidas inteiramente diferentes. Quer dizer, estamos aqui sentados, nesta sala, enquanto milhares de pessoas morrem. Algumas de câncer, outras de pneumonia, outras mais de tuberculose. Imagino que, nesse exato instante, alguém, nos Estados Unidos, acaba de morrer num desastre de automóvel.

A mulher interveio.

— Esse tipo de conversa não é nada estimulante!

— O que eu quero dizer é que vivemos sem pensar em que pensam os outros, ou em como vivem suas vidas, em como morrem. Esperamos a morte chegar até nós. O que eu quero dizer é que nós estamos aqui, sentados, em cima de nossos ossos auto-afirmados e, enquanto isso, a cinquenta quilômetros daqui, num casarão antigo, inteiramente envolto pela noite, e só Deus sabe pelo que mais, um dos sujeitos mais incríveis que já viveu até hoje está...

— Herb!

Herb tirava baforadas do charuto, mascava; olhava as cartas, sem vê-las.

— Desculpe...

E deu uma piscadela rápida para o charuto.

—... É minha vez? -É.

Em volta da mesa, o jogo prosseguiu, com o estalido das cartas, os murmúrios, a conversa. Herb Thompson afundou-se na cadeira, parecia doente.

O telefone tocou. De um salto, Herb correu e atendeu, tirou-o do gancho com um safanão.

— Herb? Estou telefonando há horas. Como é que estão as coisas por aí?

— Como assim?

— As visitas, já chegaram?

— Merda, já...

— Vocês estão conversando, rindo, jogando baralho?

— Claro, merda, mas qual é a relação...

— Você está fumando seu charuto de dez *cents*?

— Porra, estou; mas...

— Maravilha! — exclamou a voz do outro lado. — Isso é muito bom. Gostaria de estar aí. Gostaria de não saber as coisas que sei. Gostaria de tantas coisas.

— Você está se sentindo bem?

— Por enquanto, estou. Me tranquei na cozinha. Um pedaço da parede da frente da casa desmoronou. Mas já planejei a retirada. Quando a porta da cozinha ceder, desço para o porão. Se tiver sorte, talvez consiga ficar lá até de manhã. Ele vai ter que esfacelar a casa para me pegar, e o chão do porão é

muito sólido. Tem uma pá, lá embaixo, e talvez eu cave um buraco... fundo.

No telefone, o som parecia de muitas vozes. Um arrepio gelado percorreu Herb Thompson.

— O que é que está acontecendo?

— Ah, isso? São as vozes das doze mil pessoas mortas num tufão, das sete mil mortas num vendaval, e das três mil soterradas por um ciclone. Estou incomodando? É isso o que o vento é. Uma porção de gente morta. O vento as matou e ficou com suas mentes para adquirir inteligência. Ficou com todas as vozes e transformou-as numa só. Milhões de pessoas mortas nos últimos dez mil anos, torturadas, levadas de um continente para outro, nas costas, nas barrigas de monções e remoinhos. Meu Deus, dava um poema e tanto!

O telefone ecoou, estrepitou com vozes, gritos e lamentos.

Na mesa de jogo, a esposa o chamou.

— Vem jogar, Herb.

— É assim que o vento, ano após ano, fica mais inteligente; ele se acrescenta a cada corpo, a cada vida, a cada morte.

— Herb, nós estamos esperando — insistiu a mulher. Herb virou-se, num quase rosnado.

— Merda! Quer esperar?! E, de volta, ao telefone:

— Allin, se você quiser que eu vá para aí, agora, eu vou. Eu deveria ter ido mais cedo...

— Não, isso nem me passa pela cabeça. Isso é uma vingança pessoal, você se meter não iria adiantar. É melhor eu desligar, a porta da cozinha não vai nada bem. Tenho que descer para o porão.

— Você vai telefonar mais tarde?

— Se eu tiver sorte. Mas acho que não vou conseguir. Já escapei muitas vezes, mas acho que dessa vez ele me pegou. Espero não tê-lo aborrecido muito, Herb.

— Você não aborreceu ninguém, Allin. Telefone depois.

— Vou tentar...

Herb Thompson voltou para o jogo. A mulher fuzilava.

— Como vai seu amigo Allin? Está sóbrio? Herb sentou-se, mal humorado.

— Allin nunca tomou uma única dose de bebida, em toda a vida. Eu deveria ter ido, três horas atrás.

— Mas ele já vem telefonando há seis semanas, toda noite, e você já passou umas dez noites com ele, no mínimo, e não aconteceu nada.

— Ele precisa de ajuda. Pode se machucar.

— Você esteve lá há dois dias apenas; não pode ficar assim, correndo atrás dele.

— Logo de manhã, a primeira coisa, vou levá-lo para um sanatório. Eu não queria fazer isso. Ele é tão lúcido para outras coisas.

Às dez e meia, o café foi servido. Herb bebeu devagar, com o olho no

telefone. Será que já desceu para o porão?, pensou.

Herb Thompson foi até o telefone, discou interurbano, deu o número.

— Sinto muito — informou a telefonista — o distrito chamado está com as linhas interrompidas, senhor. As linhas caíram. Quando forem consertadas, completaremos a ligação.

— Quer dizer, então, que as linhas caíram mesmo?!

Herb deixou cair o fone no gancho. Virou-se, abriu a porta do armário, com violência, e apanhou o casaco. Voltou-se para as visitas, surpresas, e para a mulher, ela com a cafeteira na mão.

— Meu Deus! Meu Deus! Meu Deus!

— Herb!

Herb vestiu o casaco.

— Eu tenho que ir lá!

Na porta, um ligeiro tremor.

Na sala, atentos, paralisaram, todos.

— Quem será? — perguntou a mulher de Herb. O tremor repetiu-se, ligeiro, silencioso. Thompson apressou-se, no corredor; parou, alerta. Lá fora, ouviu uma risada abafada.

— Não é possível!

Levou a mão à maçaneta, num susto agradável, de alívio.

— Conheceria essa risada em qualquer lugar. E o Allin. Deve ter pegado o carro, e vindo, afinal. Não deve ter conseguido esperar até de manhã para me contar toda aquela história confusa.

Thompson sorriu um sorriso amarelo.

— E deve ter trazido alguns amigos. Estou ouvindo uma porção de... Herb abriu a porta.

A varanda, vazia.

Thompson não demonstrou surpresa; no rosto, uma expressão de satisfação, maliciosa. Riu.

— Allin? Já chega de brincadeira!

Thompson acendeu a luz da varanda, espiou, olhou em volta.

— Ei, Allin. Onde é que você se meteu? Apareça, homem. Uma brisa veio soprar-lhe o rosto.

Thompson ali ficou, por um instante, e um arrepio súbito percorreu-lhe os ossos. Deu um passo no jardim e olhou em volta, desconfortável, com muito cuidado.

Um vento repentino chicoteou-lhe as lapelas do paletó, despenteou-lhe os cabelos. Pensou ter ouvido a risada novamente. O vento envolveu a casa e, de uma só vez, comprimiu todo o lugar; depois, numa ventania de um minuto, foi embora.

O vento minguou, triste; gemeu nas árvores altas, afastou-se. Voltou para o

mar, para Celebes, para Costa do Marfim, Sumatra, Cabo Horn, para Cornwall, para as Filipinas. Minguando, minguando, minguando.

Thompson, gélido, entrou, fechou a porta, encostou-se nela, imóvel, os olhos cerrados. A mulher perguntou:

— O que houve?

O Homem do Segundo Andar

Douglas lembrava-se do cuidado, da perícia com que Vovó acariciava as vísceras das galinhas, cortadas, congeladas, e retirava, lá de dentro, todas aquelas maravilhas; os meandros brilhosos, molhados, dos intestinos que cheiravam a carne, o caroco musculoso do coração, a moela, com sua coleção de sementes. Da precisão e do apurmo com que Vovó cortava a galinha ao meio e mergulhava a mãozinha gorda para despojá-la de todas as medalhas. Estas seriam segregadas, algumas em panelas com água, outras em papel, para depois, talvez, serem jogadas para o cachorro. E, em seguida, o ritual de taxidermia, recheando a ave com pão molhado, temperado, e a maneira como ela executava a cirurgia com uma agulha ligeira, apertando ponto por ponto.

Uma das primeiras emoções dos onze anos de vida de Douglas.

No cômputo geral, Douglas contou vinte facas nas diversas gavetas rangentes da mesa mágica da cozinha, de onde Vovó, essa velha feiticeira bondosa, de rosto meigo e cabelos brancos, retirava a parafernália para seus milagres.

Douglas deveria permanecer em silêncio. Recebia permissão para sentar-se do outro lado da mesa, defronte a Vovó e, com o nariz sardento apoiado na borda da mesa, observava. Conversa fiada de criança, entretanto, poderia interferir na magia. Que maravilha ver Vovó agitar os potinhos prateados, por cima da ave, salpicando, supostamente, chuveiros de pó de múmia, de ossos indígenas, pulverizados, murmurando versos místicos num fôlego entredentes ausentes.

Douglas quebrou o silêncio, enfim.

— Vovó, eu sou assim por dentro? Apontou para a galinha.

— É sim. Um pouco mais arrumado, mais apresentável, mas é quase igual... Douglas sentiu-se orgulhoso das próprias vísceras.

— E tem mais coisa, não é, Vovó?

— Claro, muito mais.

— O Vovó tem mais que eu ainda. As vísceras dele fazem uma saliência na frente, que dá até para ele apoiar os cotovelos.

Vovó riu, sacudiu a cabeça.

— E a Lucie Williams, lá do final da rua...

— Olha essa boca, menino!

— Mas ela tem...

— Não se meta nisso. É diferente.

— Mas, por que ela é diferente?

Vovó insistiu, com firmeza:

— Qualquer dia desses, uma libélula vai passar por aqui com uma agulha e costurar sua boca.

Douglas esperou; depois, perguntou:

— Como é que a senhora sabe que a minha parte de dentro é assim?

— Ora, ora. Agora chega, some daqui. A campainha tocou, na porta da frente.

Douglas atravessou o corredor, correndo, e viu, pelo vidro da porta, um chapéu de palha.

— Bom-dia, menino. A senhoria está?

Olhos cinzas, frios, num rosto comprido, liso, castanho, contemplaram Douglas. O homem era alto, magro, carregava uma mala, uma valise, um guarda-chuva debaixo do braço dobrado, luvas finas, grossas e cinzas nos dedos magros, e usava um chapéu de palha horrível, de tão novo.

Douglas recuou.

— Ela está ocupada.

— Quero alugar o quarto do segundo andar, eu li o anúncio.

— Nós já temos dez inquilinos, e o quarto já está alugado. Vá* embora!

— Douglas!

Vovó surgiu de repente, por trás. Cumprimentou o estranho.

— Como vai o senhor? Não ligue para o menino.

Sem sorrir, o homem entrou, rígido. Douglas os viu sumir escada acima, e ouviu Vovó enumerar as conveniências do quarto do segundo andar. Ela desceu logo depois, empilhou roupa de cama, que apanhou no armário de roupa de cama de Douglas, e mandou-o subir correndo.

Douglas parou na soleira da porta. O quarto já mudara, de maneira esquisita, com os poucos momentos que o estranho ali passara. Em cima da cama, o chapéu de palha, quebradiço, terrível; o guarda-chuva, duro, encostado na parede, parecia um morcego negro, as asas negras recolhidas.

Douglas piscou para o guarda-chuva.

O estranho ali estava, em pé, alto, alto, no meio do quarto.

— Olha...

Douglas jogou a roupa na cama.

—...O almoço é ao meio-dia em ponto, e se o senhor demorar a descer, a sopa esfria. A Vovó sempre dá um jeito para que esfrie, todas as vezes.

O homem alto, estranho, contou dez moedas novas de um *cents*, de cobre, e tilintou-as no bolso de Douglas, inflexível.

— Vamos ser amigos.

Estranho. O sujeito só tinha moedas de um *cents*. Muitas. Nenhuma moeda de prata, nem de dez *cents*, nem de vinte e cinco. Só moedas de um *cents*, novas, de cobre.

Douglas agradeceu, emburrado.

— Vou colocá-las no meu cofrinho depois que eu as trocar por uma moeda de dez *cents*. Já tenho seis dólares e cinquenta *cents*, em moedas de dez, para o acampamento de agosto.

O homem alto, estranho, falou:

— Bem, agora vou me lavar.

Certa vez, à meia-noite, Douglas acordava para ouvir a tempestade trovar lá fora: o vento frio, impiedoso, sacudia a casa, a chuva batia na janela. E um relâmpago viera aterrisar ali fora, na janela, numa concussão silenciosa, terrível. Lembrou-se do medo que sentiu ao olhar ao redor do quarto e vê-lo daquela maneira, estranho, horrível, com a luz instantânea.

O mesmo acontecia agora, naquele quarto. Douglas continuava a olhar o estranho. O quarto já não era o mesmo; mudara, de maneira indefinível; aquele homem, rápido como um relâmpago, espalhara nele sua luz. Douglas recuou, devagar; o estranho vinha em sua direção.

A porta fechou na cara de Douglas.

O garfo de madeira subiu, cheio de purê de batata, e desceu vazio. O Sr. Koberman, era este seu nome, trouxera com ele um garfo de madeira, uma faca e uma colher de madeira, quando Vovó anunciou o almoço.

— Sra. Spaulding — dissera, tranqüilo —, meus talheres. Por favor, use-os. Hoje vou almoçar, mas, de amanhã em diante, só quero café-da-manhã e jantar.

Vovó estava muito afobada, entrava e saía, com terrinas escaldantes de sopa, ervilha e purê de batata, para impressionar o novo inquilino. E Douglas, sentado, alardeava, no prato, o talher de prata, pois descobrira que isso irritava o Sr. Koberman.

— Eu sei um truque. Prestem atenção.

Com a unha, Douglas prendeu o dente de um garfo. Depois, como um mágico, apontou para os diversos cantos da mesa. Apontava para um lugar e logo emergia, com a voz aguda de um elfo, o som da vibração do dente do garfo. Simples, é claro. Sem que ninguém visse, Douglas comprimia o cabo do garfo contra o tampo da mesa. Como uma caixa de ressonância, a madeira causava a vibração. Parecia coisa de mágico! Para lá, agora para cá, de novo para lá! Contente, Douglas comprimia o garfo novamente. Apontou para a sopa do Sr. Koberman, e lá estava o ruído.

Aquele rosto castanho tornou-se rijo, inerte, horrível. Agressivo, o Sr. Koberman empurrou o prato de sopa; os lábios retorceram. O homem prostrou-se de costas, na cadeira.

Vovó apareceu.

— O que houve, Sr. Koberman?

— Eu não vou tomar a sopa.

— Por quê?

— Porque já estou satisfeito e não agüento mais. Muito obrigado. Fuzilando, o Sr. Koberman saiu da sala de jantar.

— O que é que você fez, Douglas, dessa vez? — Vovó perguntou, decidida.

- Nada, Vovó. Por que ele usa talher de madeira?
- O que é que você tem com isso? Quando é que recomeçam suas aulas, hem?
- Daqui a quatro semanas.
- Não!...

O Sr. Koberman trabalhava à noite. Misterioso, toda manhã, chegava em casa às oito, devorava um café-da-manhã bem exíguo, e ia para o quarto. Dormia, sem emitir qualquer ruído, no período diurno — onírico, de tão quente — até a hora do lauto jantar, com os outros inquilinos.

O horário de dormir do Sr. Koberman exigiu o silêncio de Douglas. Isso era insuportável. Assim, toda vez que Vovó ia visitar o pessoal do fim da rua, Douglas subia e descia a escada, batendo os pés, tocando tambor, quicando uma bola de golfe, ou apenas gritando, por três a quatro minutos, junto à porta do quarto do Sr. Koberman; ou então, dava descarga sete vezes consecutivas.

O Sr. Koberman nem se mexia. O quarto permanecia silencioso, escuro. O homem não reclamava. Não havia ruídos. Continuava a dormir, a dormir. Muito estranho.

Douglas sentia queimar, no peito, uma chama branca, pura, de ódio, de uma beleza uniforme, fosca. Aquele quarto, agora, era Território de Koberman. Já fora florido, brilhante, quando a Srta. Sadlowe se hospedara nele. Agora estava desolado, cru, gélido, limpo, com tudo no lugar, estranho, quebradiço.

No quarto dia de manhã, Douglas subiu a escada.

A meio caminho do segundo andar, uma janela grande, ensolarada, formada de vidros laranjas, púrpuras, azuis, vermelhos e borgonhas, todos de quinze centímetros. Nas manhãzinhas encantadas, quando o sol entrava, e vinha tocar o pataréu e deslizar pelo corrimão da escada, Douglas costumava ficar ali, extasiado, a olhar o mundo através daqueles vidros multicores.

Agora, um mundo azul, o céu azul, pessoas azuis, ônibus azuis e cachorros azuis, passeando.

Mudou de vidro. Agora... um mundo feito de âmbar! Duas moças amareladas passeavam, pareciam filhas de Fu-Manchu! Douglas riu. O vidro dourava ainda mais a luz do sol.

Oito horas da manhã. Ali embaixo, passou o Sr. Koberman, de volta do trabalho noturno, a bengala enganchada no cotovelo, o chapéu de palha colado na cabeça, com óleo.

De novo, Douglas mudou de vidro. O Sr. Koberman era agora um homem vermelho, a caminhar num mundo vermelho, de árvores vermelhas, flores vermelhas e... alguma coisa a mais.

Alguma coisa... com relação ao Sr. Koberman.

Douglas olhou atravessado.

O vidro vermelho causava certas coisas ao Sr. Koberman. O rosto, o temo, as mãos. As roupas pareciam derreter. Douglas chegou a pensar, por um instante de horror, que conseguira ver o Sr. Koberman por dentro. E o que viu o fez encostar, espontâneo, no pedaço de vidro vermelho, e piscar.

Nesse momento, o Sr. Koberman olhou para cima, viu Douglas e, furioso, brandiu a bengala — guarda-chuva, ao mesmo tempo — como se fosse atacar. Rápido, correu pelo gramado vermelho, rumo à porta da entrada.

Subiu a escada correndo.

— Ei, rapazinho! O que é que você estava fazendo aí? Douglas estava paralisado.

— Estava olhando.

— Só isso? Só isso?

— Claro. Eu gosto de olhar pelo vidro. Todos os tipos de mundos, azuis, vermelhos, amarelos. São todos diferentes.

— Tipos de mundo, é?

O Sr. Koberman olhou pelo vidro, a expressão lívida. Controlou-se. Com um lenço, enxugou o rosto e dissimulou um sorriso.

— Claro, todos os tipos de mundo. São todos diferentes... E caminhou rumo à porta do quarto.

— Então, pode continuar a brincadeira.

A porta se fechou. O corredor estava vazio. O Sr. Koberman entrara no quarto.

Douglas deu de ombros e descobriu um vidro novo.

— Caramba! Está tudo violeta!

Meia-hora depois, quando, nos fundos, brincava com a caixa de areia, Douglas ouviu o barulho, o tilintar dos estilhaços. Deu um salto.

Em alguns instantes, Vovó, apareceu na varanda dos fundos, nas mãos a velha correia de amolar, tremulante.

— Douglas, eu já não falei que não quero que você jogue a bola de basquete na parede? Meu Deus, me dá até vontade de chorar!

Douglas protestou.

— Mas eu estava aqui, sentado.

— Vem ver o que você fez, seu moleque!

Os pedaços de vidro colorido jaziam estilhaçados, num arco-íris caótico, no paratêu da escada. No meio das ruínas, a bola de basquete.

Antes mesmo que conseguisse alegar inocência, Douglas levou umas dez correadas ardidadas no traseiro. E para onde fosse, a correia de amolar o vinha acertar.

Depois, escondendo o espírito no monte de areia, como um avestruz, amargou dores terríveis. Sabia quem jogara a bola de basquete. Fora um homem

de chapéu de palha, de guarda-chuva duro, num quarto gélido, cinzento. Foi sim, foi ele, foi ele. Douglas driblou as lágrimas. O senhor vai ver só! Vai ver só!

OuvIU Vovô varrer os cacos. Ela os trouxe para fora, jogou-os na lata de lixo. Meteoros de vidro, azuis, rosados, amarelos, brilhantes, jogados fora.

Vovô entrou, Douglas arrastou-se, aos choramingos, para apanhar três cacos daquele vidro fantástico. O Sr. Koberman não gostava de janelas coloridas. Estes aqui... Douglas tilintou os cacos nos dedos... valem a pena ser guardados.

Vovô costumava chegar, do jornal, um pouco antes dos demais inquilinos, às cinco da tarde. E quando uma passada lenta, pesada, tomou o corredor, e uma bengala de mogno, grossa, fez um ruído abafado no porta-bengalas, Douglas correu para abraçar aquele barrigão imenso e para sentar naquele colo, enquanto Vovô lia a edição vespertina.

— Oi, Vovô!

— Oi, menininho!

— A Vovô cortou galinha hoje, de novo. Eu gosto de ver.

Vovô continuou a leitura.

— É a segunda vez, nessa semana. Galinha! É a mulher que mais gosta de galinha, que eu conheço. Você gosta de ver, hem? Molequinho de sangue frio! Ah! Ah!

— É por curiosidade só.

— Ah,é?

Vovô rugiu, franziu o cenho.

— Você se lembra do dia em que aquela jovem foi assassinada na estação? Você foi até lá e olhou aquele sangue, tudo...

Vovô soltou uma risada.

—...Seu travesso! Mas continue assim. Não tenha medo de nada, mesmo da sua própria vida. Acho que você pegou isso de seu pai, ele era militar, essas coisas, e você era muito chegado a ele antes de vir para cá, no ano passado.

Vovô voltou para o jornal. Longo intervalo.

— Vovô...

— O que é?

— O que aconteceria se um homem não tivesse coração, pulmão, estômago e, mesmo assim, andasse por aí, vivo?

Vovô rugiu:

— Seria um milagre.

— Não, não estou falando de milagres. Se ele fosse diferente por dentro? Diferente de mim.

— Bem, então não seria humano, não é mesmo?

— É, acho que não. Vovô, o senhor tem coração, tem pulmão?

Vovô riu com os ombros.

— Bom, para falar a verdade, não sei. Nunca vi. Nunca tirei radiografias,

nunca fui ao médico. Ao que eu saiba, tenho a consistência de uma batata.

— E eu, tenho estômago?

— Claro que tem!

Foi Vovó quem respondeu, lá da entrada, na sala de visitas.

— Sou eu quem o alimenta, afinal. E tem pulmão, também; afinal, você grita tão alto que acorda até os zumbis. E você está com as mãos sujas. Vá lavar as mãos. O jantar está pronto. Vem, Vovô. Douglas, anda, anda.

No tumulto dos inquilinos escada abaixo, Vovô, se é que tinha a intenção de aprofundar com Douglas aquela conversa estranha, perdeu a oportunidade. Se o jantar demorasse mais um pouquinho, Vovó e as batatas iriam, as duas, encaroçar.

Os inquilinos, que riam e conversavam à mesa — entre eles, o Sr. Koberman, silencioso, lúgubre — calaram-se quando Vovô pigarreou. Vovô falou de política, por alguns minutos, e depois mudou a conversa para um assunto intrigante, as mortes recentes, estranhas, na cidade.

Vovó olhava-os a todos.

— Dá para deixar um velho editor de orelha em pé. Aquela moça, a Srta. Larson, que morava do outro lado da fazenda. Encontraram-na morta, há três dias, sem motivo algum; tinha umas tatuagens esquisitas pelo corpo, e a expressão do rosto era de humilhar o próprio Dante. E aquela outra moça, qual o nome dela mesmo? Whitely? Desapareceu e nunca mais voltou.

O Sr. Britz, mecânico da oficina, mastigava.

— Essas coisas acontecem a toda hora. Alguém já deu uma espiada no arquivo de pessoas desaparecidas?

Ilustrou.

— É desse tamanho! Ninguém sabe o que aconteceu a elas.

— Alguém quer mais recheio?

Com a concha, Vovó retirava, do interior da galinha, porções generosas. Servia. Douglas observava, pensando que aquela galinha tinha, na verdade, dois tipos de barriga. Um, feito por Deus; outro, feito pelo Homem.

E por que não três tipos de barriga?

Ora!

Por que não?

A conversa continuou. As mortes misteriosas de fulano, de beltrano, ah, claro, e vocês se lembram, na semana passada, Marion Barsumian morreu de enfarte, mas a coisa não fez sentido. Ou fez? Você está maluco! Esquece isso, não há por que falar disso na hora do jantar. Pronto!

O Sr. Britz observou:

— A gente nunca sabe. Quem sabe há um vampiro na cidade?!

O Sr. Koberman parou de comer.

Vovó se surpreendeu.

— Em 1927? Ora, deixe disso.

— Claro — retrucou o Sr. Britz. — Basta matá-los com balas de prata. Para essas questões, qualquer coisa de prata resolve. Os vampiros detestam prata. Já li isso num livro, uma vez. É, li sim.

Douglas olhou para o Sr. Koberman. Ele usa facas e garfos de madeira; e, no bolso, as moedas de um *cent* que carrega, são todas de cobre. Vovô ponderou:

— Esse modo de julgar é falho. Não devemos atribuir nomes às coisas. Não sabemos como são os vampiros, os demônios, nem mesmo os gigantes-anões. Poderia ser uma porção de coisas. Não podemos elevá-las a categorias rotuladas e dizer que agem assim ou assado. Isso é bobagem. Eles são pessoas. Pessoas que fazem coisas. É, essa é a melhor maneira de situá-los: são pessoas que fazem coisas.

— Com licença...

O Sr. Koberman levantou-se e saiu para a caminhada noturna; foi trabalhar.

As estrelas, a lua, o vento, o tique-taque do relógio, o badalo das horas no alvorecer, o raiar do sol, e eis uma nova manhã, um novo dia; ei-lo, o Sr. Koberman, de volta do trabalho noturno, a caminhar na calçada. Douglas estava à espreita, como uma engrenagem, roncando, observando com olhos microscópicos.

Ao meio-dia, Vovô foi ao armazém fazer as compras.

Como de costume, como fazia sempre que Vovô saía, todos os dias, Douglas gritou por uns três minutos junto à porta do quarto do Sr. Koberman. E, como de hábito, não houve resposta. Um silêncio horrível.

Douglas correu, foi lá embaixo, apanhou a chave-mestra, um garfo de prata e os três cacos de vidro colorido que rescaldara dos estilhaços da janela. Colocou a chave na fechadura e, devagar, abriu a porta.

O quarto estava à meia-luz, as persianas fechadas. O Sr. Koberman ali está deitado por cima das cobertas, em roupa de dormir; a respiração sobe e desce, uniforme. Estava imóvel. O rosto, imóvel.

— Bom-dia, Sr. Koberman!

As paredes descoloridas ecoaram a respiração regular do Sr. Koberman.

— Sr. Koberman, o senhor vai bem?

Douglas aproximou-se; quicava uma bola de golfe. Gritou, ainda sem resposta:

— Sr. Koberman!

Debruçou-se, com os dentes do garfo espetou o rosto adormecido.

O Sr. Koberman encolheu, contorceu, rosnou, zangado.

Resposta. Ótimo! Legal!

Douglas retirou do bolso um caco de vidro azul. Através do caco azul, percebeu-se num quarto azul, num mundo azul diferente daquele mundo azul seu

conhecido. Assim como o mundo vermelho, diferente. Mobília azul, cama azul, teto e paredes azuis, talheres de madeira azuis, por cima da escrivaninha azul, e o azul escuro e lúgubre do rosto, dos braços do Sr. Koberman, e do peito azul inflando, desinflando. E também...

Os olhos do Sr. Koberman, escancarados, fitavam-no numa escuridão faminta.

"Douglas caiu de costas; afastou dos olhos o caco azul.

Os olhos do Sr. Koberman estavam fechados.

De novo, o caco de vidro... escancarados. Sem caco de vidro... fechados. O caco azul... escancarados; sem caco... fechados. Esquisito. Douglas continuou a experiência, trêmulo. Com o caco, os olhos daquele homem pareciam entreolhar famintos, ávidos, através das pálpebras cerradas. Sem o caco azul, pareciam bem apertados, fechados.

Mas, o resto do corpo do Sr. Koberman...

A roupa de dormir desapareceu. Aquilo tinha relação com o vidro azul. Ou talvez com a própria roupa de dormir, apenas pousadas sobre o corpo do Sr. Koberman. Douglas soltou um grito.

É que o que via estava por trás da parede do estômago do Sr. Koberman, estava dentro do Sr. Koberman.

O Sr. Koberman era maciço.

Ou, de certo modo, quase maciço.

Dentro dele, havia formas, dimensões estranhas.

É possível que Douglas tenha ficado ali por uns cinco minutos, espantado, a pensar nos mundos azuis, nos mundos vermelhos, nos mundos amarelos, convivendo, como vidraças contíguas, na janela grande, imensa da escada. Contíguas, as vidraças coloridas, os mundos diferentes. O próprio Sr. Koberman confirmara.

E foi, então, por isso, que a janela colorida foi quebrada.

— Sr. Koberman, acorde! Nenhuma resposta

— Sr. Koberman, em que lugar o senhor trabalha de noite? Sr. Koberman, em que lugar?

Uma brisa leve agitou a veneziana azul.

— Num mundo vermelho, num mundo verde, ou num mundo amarelo?

Um silêncio de vidro azul pairou.

— Espere!

Douglas desceu, foi à cozinha, abriu a gaveta grande, rangendo, e apanhou a faca mais afiada, a faca maior.

Calmo, atravessou o corredor, subiu a escada, abriu a porta do quarto do Sr. Koberman, entrou e fechou; na mão, a faca afiada.

Vovó estava ocupada, com os dedos na massa de torta, dentro da panela, quando Douglas entrou na cozinha e colocou algo em cima da mesa.

— Vovó, o que é isso?

Vovó deu uma espiada, por cima dos óculos.

— Sei lá.

Era quadrado, como uma caixa, e elástico. De uma cor laranja-claro. E, acoplados, quatro canos quadrados, azuis. E tinha um cheiro esquisito.

— A senhora já viu isso antes, Vovó?

— Não.

— Foi o que pensei.

Douglas deixou a coisa lá, saiu da cozinha. Cinco minutos depois, voltou com outra coisa.

— E isso?

— Ora, eu estou ocupada. Isso é só uma corrente.

Na vez seguinte, Douglas voltou com as mãos cheias. Um anel, um quadrado, um triângulo, uma pirâmide, um retângulo e... outras formas. Todas flexíveis, pontudas, e pareciam feitas de gelatina.

Douglas colocou-as na mesa.

— Não acabou ainda não. De onde eu tirei isso, ainda tem mais. Ocupada, Vovó comentou, num tom distante:

— Claro, claro.

— A senhora estava errada, Vovó.

— Errada como?

— Em dizer que as pessoas são iguais por dentro.

— Ora, não diga bobagem.

— A senhora viu meu cofrinho?

— Está no parapeito da lareira, no mesmo lugar em que você o deixou.

— Obrigado.

Com passadas surdas e rápidas, Douglas irrompeu pela sala de visitas e apanhou o cofrinho.

Às cinco horas, Vovô voltou do jornal.

— Vovô, vamos lá em cima.

— Claro filho. Por quê?

— Quero mostrar uma coisa ao senhor. Não é agradável, mas é interessante. Vovô riu com os ombros e acompanhou os passos do neto até o quarto do Sr.

Koberman.

— Não conte nada para a Vovó. Ela não vai gostar nada. Douglas empurrou a porta, abriu.

— Olha lá!

Vovô engoliu em seco.

Para o resto da vida, Douglas jamais iria se esquecer das horas que se sucederam. Debruçado sobre o corpo nu do Sr. Koberman, o investigador, os

assistentes. Vovó, lá embaixo, perguntando a alguém "O que é que está acontecendo aí em cima?" e Vovô dizendo "Vou fazer uma viagem com Douglas, ele vai precisar de umas férias para esquecer esse episódio medonho. Medonho! Medonho!"

— Medonho por quê? — perguntou Douglas. — Não vejo nada de medonho. Está tudo bem comigo.

O investigador tremeu.

— Koberman está bem morto mesmo.

O assistente suava.

— O senhor viu aquilo, naquelas painéis d'água, naqueles pedaços de papel de embrulho?

— Vi sim. Meu Deus, se vi!

— Deus do céu.

Mais uma vez, o investigador debruçou sobre o corpo do Sr. Koberman.

— Melhor manter isso em segredo, pessoal. Não foi assassinato. Foi uma graça que o garoto nos concedeu. Do contrário, só Deus sabe o que poderia acontecer.

— Koberman era o quê? Um vampiro? Um monstro?

— Talvez... não sei. Sei que não era... humano. O investigador passou as mãos ágeis na sutura.

Douglas sentia-se orgulhoso de seu trabalho, pois já tinha causado muita confusão. Mas, de tanto observar Vovó, atento, se lembrara. Da agulha, da linha, de tudo. Uma coisa pela outra, o Sr. Koberman fora um trabalho tão bem feito quanto qualquer galinha que Vovó já jogara no inferno.

— Ouvi o garoto dizer que Koberman continuou vivendo mesmo depois que ele extraiu essas coisas de seu corpo...

O investigador olhava os triângulos, as correntes, as pirâmides, flutuando na panela d'água.

—...continuou vivendo. Meu Deus!

— O garoto disse isso?

— Disse.

— Então, o que *matou* Koberman?

O investigador arrancou pontos da sutura.

— Isto...

A luz do sol refletiu, gélida, naquele tesouro desconhecido, parcialmente exposto: seis dólares e setenta *cents* em moedas de dez, de prata, no tórax do Sr. Koberman.

— Acho que Douglas fez um bom investimento!

O investigador, recosturou a carne, rápido, e recobriu o "recheio".

Havia Uma Velha Senhora

— Eu não quero nem discutir! Já resolvi. Pode levar essa cesta idiota. Caramba, não sei como é que vocês puderam pensar uma coisa dessas! Fora daqui, vocês dois. Não me aborçam. Tenho muito crochê, muito tricô por fazer, e não posso perder tempo com as idéias excêntricas de homenzarrões de cor.

O homenzarrão de cor permaneceu de pé, quieto, imóvel. Tia Tildy prosseguiu, sem perda de tempo.

— Você ouviu bem o que eu disse! Agora, se estiver com espírito para conversar comigo, pode conversar, mas, enquanto isso, não se ofenda, vou me servir de café. Pronto. Se você fosse mais bem educado, eu poderia oferecer a você também mas você entra aqui assim, por cima, poderoso, sem bater na porta, nem nada, julgando-se o dono do lugar.

Tia Tildy remexeu no colo.

— Me fez até perder a conta! Estou fazendo um cachecol de lã, para mim. Esses invernos têm andado muito frios, e não fica bem para uma senhora, com ossos de palha de arroz, andar por uma casa velha, com vento por todo lugar, sem agasalho.

O homenzarrão de cor sentou-se. Tia Tildy preveniu:

— A cadeira é antiga, cuidado. Pode recomeçar, diga o que tem a dizer, vou ouvir com respeito. Mas baixe o facho e pare com esses olhares esquisitos. Meu Deus, isso me dá até gases!

No parapeito da lareira, o relógio de marfim, florido, acaba de badalar as três. Lá no corredor, agrupados em volta de uma cesta de vime, quatro homens esperavam, quietos, como se estivessem congelados.

— E quanto a essa cesta de vime, ela tem mais de um metro e oitenta e, pelo aspecto, não é de roupa suja. E aqueles quatro sujeitos ali que vieram com você, você não vai precisar deles para carregar a cesta. Por quê? Porque a cesta está leve como uma pluma. Não é?

O jovem de cor, na cadeira antiga, inclinava-se para a frente. Algo, naquele rosto, insinuava que, dentro em breve, a cesta já não estaria tão leve assim.

— Puxa! — refletiu Tia Tildy. — Onde foi mesmo que eu vi uma cesta dessas antes? Já faz uns dois anos. Parece... Ah, agora me lembro. Foi quando a vizinha do lado, A Sra. Dwyer, morreu.

Tia Tildy pôs a xícara de café, ríspida.

— Então é isso que vocês querem, hem? Pensei que quisessem me vender alguma coisa. Pois, então, fiquem aí. Emily chega hoje à tarde, da faculdade. Puxa, vai chegar cansada. Eu escrevi um bilhete para ela na semana passada. Não disse, é claro, que não estava me sentindo lépida e fagueira, só dei a entender que queria vê-la de novo, já faz tantas semanas que não a vejo. Ela

mora em Nova Iorque, e tudo o mais. Emily é como se fosse minha própria filha.

— Pois ela vai cuidar de você, meu jovem. Vai enxotá-lo desta sala tão depressa que...

O jovem de cor olhava para Tia Tildy, como se ela estivesse cansada. Tia Tildy retrucou.

— Não estou não!

Na cadeira, o jovem urdia, para a frente, para trás, com os olhos semicerrados, descansando. Ah, ela precisa de um repouso também, o jovem pareceu murmurar. De um repouso, um repouso, um bom repouso.

— Queridos filhos de Gessém, bem aqui em Gilberry Dike! Isso que vocês vêem nos meus dedos, e não importa que sejam franzinos, são cem cachecóis, duzentas suéteres e seiscientos suportes de vasos! Portanto, vão embora e voltem quando eu terminá-los. Talvez então eu possa conversar com vocês.

Tia Tildy mudou de assunto.

— Vou contar-lhe a respeito de Emily, essa minha criança doce e formosa. Pensativa, Tia Tildy confirmava com um gesto de cabeça. Emily, dos cabelos dourados, macios, finos como pendões de milho.

— Me lembro do dia em que a mãe dela morreu, vinte anos atrás, e deixou Emily comigo. E é por isso que eu estou zangada com vocês, com suas cestas e coisas do gênero. Vocês já ouviram falar em alguém que tenha morrido por uma boa causa? Meu jovem, eu não gosto não. Porque me lembro...

Tia Tildy fez uma pausa; uma reminiscência dolorosa, breve, tocou-lhe o coração. Ouviu a voz do pai, vinte anos atrás, num fim de tarde, embargada, murmurar:

— Tildy, o que é que você vai fazer na vida? Do jeito que você age, os homens não vão querer muita coisa com você. Você beija e desaparece. Por que você não se aquieta, se casa, tem filhos?

Tildy respondera em voz alta:

— Papai, eu gosto de rir, de brincar, de cantar. Não sou do tipo casamenteiro. Impossível encontrar um homem com a mesma filosofia que eu.

— E que filosofia é essa?

— Que a morte é uma coisa ridícula! Quando mais nós precisávamos da mamãe, a morte deu um sumiço nela. O senhor acha que isso é ser inteligente?

Os olhos do pai umedeceram, nublaram, turvaram.

— Você tem sempre razão, Tid. Mas não podemos fazer nada. A morte vem para todos nós.

— Combata a morte! Aplique um golpe baixo. Não acredite nela!

Papai estava triste.

— Impossível. Estamos, todos, sozinhos no mundo.

— Mas um dia isso tem que mudar, papai. E hoje, aqui e agora, vou começar

minha própria filosofia! Veja que insensatez, as pessoas vivem alguns anos e, depois, como sementes umedecidas, são atiradas numa cova. E não brotam! Qual a utilidade disso? Ficar ali, deitadas, por milhões de anos, sem ajudar a ninguém. E a maioria é gente boa, formosa, pura. Ou, pelo menos, tentam ser.

Mas o pai não ouviu. Descorou, desfaleceu, como uma foto deixada ao sol. Tildy tentou convencê-lo a sair daquele estado, mas, de um jeito ou de outro, ele expirara. Tildy deu meia-volta, correu. Já que ele estava frio, ela não poderia permanecer ali, pois aquela frieza negava-lhe a filosofia. Tildy não compareceu ao enterro. Tudo o que fez foi instalar essa loja de antiguidades na frente de uma casa velha e viver só, anos a fio, isto é, até a chegada de Emily. Tildy não quisera receber a garota. Por quê? Porque Emily acreditava na morte. A mãe dela, entretanto, era uma velha amiga e Tildy prometera ajudá-la.

Tia Tildy prosseguiu, dirigindo-se ao homem de preto:

— Emily foi a primeira a viver nesta casa comigo, depois de longos anos. Eu nunca quis me casar. Tinha medo da idéia de viver com um homem vinte, trinta anos, e depois ele acabar, morrer na minha cola. Abalaria minhas convicções, como a um castelo de cartas. Esquivei-me do mundo. E quem sequer mencionasse a morte na minha frente, levava uma bronca.

O jovem ouvia, paciente, educado. Depois, ergueu a mão. Parecia saber de tudo, com aqueles olhos sombrios, frios, brilhantes, antes mesmo que Tildy movesse os lábios. Sabia a respeito dela, a respeito da Segunda Guerra Mundial, de quando ela desligara o rádio para sempre, cancelara os jornais e dera uma guarda-chuvada na cabeça de um sujeito, expulsou-o da loja, porque ele insistiu em descrever as praias da invasão, as marés contínuas, lentas, com os mortos à deriva, sob a insistência silenciosa do luar.

Claro, na cadeira antiga, o jovem de cor sorria, sabia que Tia Tildy aferrara-se aos velhos discos, à velha vitrola. A Harry Lauder cantando "Roamin' in the Gloamin' ", a Madame Schumann-Heinke aos acalantos. Sem interrupções, sem calamidades internacionais, assassinatos, envenenamentos, desastres de automóveis, suicídios. A música, a cada dia, todos os dias, era sempre a mesma. E assim passaram os anos, e Tia Tildy tentava ensinar sua filosofia a Emily. A morte de Emily, entretanto, se fixara na mortalidade. E embora respeitasse o modo de pensar de Tia Tildy, jamais mencionara... a eternidade.

O jovem sabia de tudo isso.

Tia Tildy fungou o nariz.

— Como é que você sabe de tudo isso? Bem, se você pensa que vai me convencer a entrar nessa cesta vime, deve estar fora do esquadro. Se você encostar as mãos em mim, cuspo na sua cara!

O jovem sorriu. De novo, Tia Tildy fungou o nariz.

— É melhor esquecer esse risinho idiota, parece um cachorro doente. Eu já estou muito velha para ser amada. Já está tudo seco, retorcido, como um tubo de

tinta, velho, abandonado por anos a fio.

Houve um ruído. No parapeito da lareira, o relógio badalou as três. Tia Tildy olhou-o, rápida. Estranho, dera três horas há cinco minutos atrás, não dera? Ela gostava daquele relógio de marfim branco, com anjos nus, dourados, pendendo em volta do mostrador dos numerais, e daquele tom de sino de catedral, macio, distante.

— Você vai ficar aí sentado, meu jovem?

Ia sim.

— Então, espero que não se incomode, vou tirar um cochilo. Mas não ouse se mexer nessa cadeira. Não venha se insinuar. Vou só fechar os olhos, uma folguinha de nada. É isso... é isso...

Bela hora do dia, quieta, de descanso. Silêncio. Apenas os tique-taques do relógio, ativos como cupins na madeira. Apenas a velha sala exalando o aroma do mogno encerado, do couro oleoso da cadeira Morris e dos livros duros nas prateleiras. Tão bonito. Bonito...

— Você não vai se levantar dessa cadeira aí, vai, meu senhor? É melhor que não se levante. Estou com um olho pregado em você, viu? Estou mesmo. Estou mesmo. Puxa... ahhh. Hummm.

Plumoso. Letárgico. Profundo. Debaixo d'água, quase. Ahh, que bom. Quem vejo, com meus olhos cerrados, a mover-se no escuro? Quem me beija no rosto? É você, Emily? Não. Não. Meus pensamentos, creio. Um sonho... apenas. Por Deus, claro. É isso. Diluindo, diluindo, diluindo...

— HEM? O QUÊ? CARAMBA?... Cadê meus óculos? Pronto!

De novo, o relógio badalou as três. Ora, seu velho relógio, que vergonha! Vou ter que mandá-lo para o conserto.

O jovem de terno preto lá estava ao pé da porta. Tia Tildy balançou a cabeça.

— É cedo ainda, meu jovem. Desistiu, não foi? Não conseguiu me convencer, hem? Claro, eu sou teimosa como uma mula. Você não vai conseguir me tirar dessa casa; portanto, não precisa se incomodar em vir tentar de novo!

O jovem curvou-se, gentil reverência. Não tinha intenções de voltar, jamais.

— Ótimo! — declarou Tia Tildy. — Sempre disse a papai que eu venceria! Por quê? Porque, nesta janela, vou fazer minhas costuras nos próximos mil anos. Para me tirarem daqui vão ter que roer as tábuas.

O jovem de cor pestanejou.

— Ah, como o gato que acaba de engolir o passarinho, hem! Levem essa cesta idiota daqui!

Os quatro homens saíram, pesados, pela porta da frente. Tildy observou o modo com que carregavam a cesta. Embora estivesse vazia, parecia empenar com o peso.

Levantou-se, trêmula, indignada.

— Vocês roubaram minhas antiguidades? Meus livros? Os relógios? O que é que vocês levam aí na cesta?

Lampeiro, o jovem de cor assobiava, de costas para ela. E prosseguia caminho, atrás do cambaleio dos outros. Ao passar pela porta, apontou para a tampa da cesta, oferecendo-a à inspeção de Tia Tildy. Em pantomima, pensou na possibilidade de ela querer abri-la e dar uma espiada.

— Quem? Eu? Curiosa? Nada disso. Vão embora!

O jovem de cor cravou o chapéu na cabeça e saudou-a, decidido.

— Adeus!

Tia Tildy bateu a porta.

Pronto. Pronto. Melhor assim. Do lado de fora. Aqueles homens bobos, com idéias tão bichentas. E ela não se importaria com a cesta. Se tivessem roubado alguma coisa, ela não ligaria, contanto que a deixassem em paz.

— Veja...

Tia Tildy sorriu.

—...Lá vem Emily, chegando da faculdade. Já era tempo. Que menina adorável. Que jeitinho de andar! Mas, Deus do céu, ela parece pálida, esquisita, hoje, andando assim tão devagar. Por que será? Parece preocupada, parece sim. Coitada. Vou preparar um café e um prato com bolinhos.

Os pés de Emily marcaram os degraus da escada da frente. Afobada, Tia Tildy ouviu os passos lentos, deliberados. O que será que a aborreceu. Parece um lagarto adoentado, sem chama de vida. A porta da frente escancarou-se. No corredor, Emily parou, apoiou-se na maçaneta metálica.

— Emily?

Cabisbaixa, Emily arrastou-se, entrou na sala de visitas.

— Emily! Eu estava à sua espera. Vieram uns quatro bobões hoje aqui, com uma cesta. E quiseram me vender coisas que eu não queria. Que bom você chegar. A casa fica mais aconchegante...

Tia Tildy percebeu que, pelo minuto que passou, Emily estivera a olhar para ela, com os olhos fixos.

— O que aconteceu, Emily? Pare de me olhar assim. Olhe, vou trazer uma xícara de café. Pronto!

— Emily, por que você está se afastando de mim?...

—...Emily, não grite assim! Pare com isso. Se ficar gritando assim, vai enlouquecer. Levante do chão, vamos! Desencoste da parede! Emily! Não se encolha assim, eu não vou fazer mal algum a você!...

—...Meu Deus, quando não é uma coisa, é outra...

—...O que está acontecendo, minha menina?

Por entre as mãos, que lhe cobriam o rosto, Emily exalou gemidos.

— Minha menina. Minha menina... Tia Tildy sussurrava.

—...Pronto. Tome um gole d'água. Beba, Emily. Assim.

Emily esbugalhou os olhos e viu algo; estremeceu, fechou os olhos, recuou.

— Tia Tildy! Tia Tildy! Tia... Tildy bateu-lhe no rosto.

— Pare com isso. O que foi que mordeu você? Com esforço, Emily ergueu os olhos.

Estendeu as mãos à frente. Os dedos desapareceram adentro de Tia Tildy.

— Que idéia mais boba! Tire as mãos daí! Tire, estou mandando!

Emily caiu para o lado, meneou a cabeça, os cabelos dourados sacudiram em tremores resplandecentes.

— A senhora não está aqui, Tia Tildy! É um sonho. A senhora está morta!

— Olhe essa boca, menina!

— É impossível que a senhora esteja aqui!

— A Terra de Gessém, Emily...

Tildy segurou a mão de Emily. A mão varava-lhe o corpo. Tia Tildy, imediatamente, levantou-se, ereta, e bateu o pé. Gritou, furiosa:

— Por quê? Por quê? Aquele... mentiroso! Larápio!

As mãos magras crispavam, formaram punhos fibrosos, enrijecidos, pálidos.

— Aquele maníaco negro! Ele o roubou, o surrupiou. Roubou sim, roubou! Tia Tildy espumava de cólera. Os olhos azuis, pálidos, estavam em chamas.

Naquele silêncio afrontado, falava aos perdigotos. Voltou-se para Emily.

— Levante-se, menina; vou precisar de você! Emily está prostrada, tiritando. Tia Tildy anunciou:

— Parte de mim está aqui sim. E essa parte, meu Senhor das Almas, vai ter que agüentar um pouquinho. Apanhe meu chapéu.

— Estou com medo — confessou Emily.

— Claro... mas não de mim, não é?

— É, sim senhora.

— Por quê? Não sou nenhuma assombração. Você me conhece muito bem, pelo tempo que já viveu comigo. Agora não é hora de bancar a bebê-chorona. E levante-se, se não lhe racho o nariz!

Emily ergueu-se e ali ficou, como algo encostado num canto, procurando decidir que direção tomar.

— O carro está aonde, Emily?

— Ali no fim da rua, na garagem, tia.

— Ótimo!

Tia Tildy fustigou-a porta afora. Os olhos beliscaram as ruas.

— Agora... para que lado é o necrotério?

Emily apoiava-se no corrimão da escada, tropeçava.

— O que a senhora vai fazer, Tia Tildy?

— O que é que eu vou fazer?...

Atrás de Emily, Tia Tildy descia, trôpega, as bochechas sacudiam, numa fúria pálida, magra.

—...Vou apanhar meu corpo de volta, é claro! Quero meu corpo de volta! Vamos!

O carro roncou. Emily, agarrada ao volante, olhava em frente, as ruas curvas, molhadas de chuva. Tia Tildy brandia a sombrinha.

— Depressa, menina. Depressa! Antes que esguichem caldos no meu corpo, antes que o retalhem em dados, em cubinhos, como esses cínicos agentes funerários costumam fazer. Eles cortam você e costuram, e o corpo não tem mais utilidade para ninguém.

Emily suspirou.

— Tia, tia, eu não quero ir, não me obrigue a ir. Não vai adiantar.

— Pronto. Chegamos.

Emily encostou no meio-fio e desabou por cima do volante. Tia Tildy, porém, já pulara fora do carro, e agora, afetada, caminhava rumo à entrada do necrotério. Deu a volta e foi até o local onde um rabecão negro, brilhoso, descarregava uma cesta de vime.

— Você aí!

O ataque foi dirigido a um dos quatro homens ao redor da cesta.

— Coloquem a cesta no chão!

Os quatro ergueram os olhos.

— Por favor, minha senhora. Saia do caminho. Estamos fazendo nosso trabalho.

Tia Tildy brandiu a sombrinha.

— Esse corpo socado aí dentro é meu!

— Eu não sei de nada disso, não senhora — disse um segundo homem. — Por favor, minha senhora. Não fique na frente. Isso aqui está pesado.

Tia Tildy magoou-se.

— Olhe, meu senhor. Fique o senhor sabendo que eu só peso cinquenta quilos.

O homem olhou-a, casual.

— Não estou interessado em seu peso, senhora. Eu já estou atrasado para o jantar. Se me atrasar, minha mulher me mata.

Os quatro seguiram caminho; com Tia Tildy atrás, atravessaram um corredor, entraram na sala dos preparativos.

Um homem de jaleco branco esperava a chegada da cesta com um sorriso bem satisfeito estampado no rosto comprido, ávido. Tia Tildy não deu bola para a avidez daquele rosto e nem sequer para todo o conjunto da personalidade daquele homem. Os quatro depositaram a cesta e saíram.

O homem de jaleco branco olhou para Tia Tildy.

— Minha senhora, este não é o lugar apropriado para uma dama.

Tia Tildy sentiu-se lisonjeada.

— Ainda bem que o senhor pensa assim. Foi o que eu tentei dizer àquele

jovem de terno preto.

O dissecador intrigou-se:

— Qual jovem de terno preto?

— Ora, qual? Esse que foi enlamear minha casa.

— Não há ninguém aqui com essa descrição.

— Bem, não interessa. Como o senhor mesmo já afirmou, com muita sabedoria, isto aqui não é lugar para uma dama. Eu não quero ficar aqui. Quero ficar em casa e assar presunto para minhas visitas dominicais, estamos próximos da Páscoa. Tenho que dar de comer a Emily, que fazer minhas suéteres, que dar corda nos meus relógios...

— A senhora está muito filosófica, não há dúvida; e filantrópica, mas eu tenho trabalho a fazer. Acabou de chegar um corpo.

A última frase, o homem pronunciou-a com um certo regalo, enquanto selecionava algumas facas, tubos, jarras e instrumentos. Tildy eriçou-se.

— Se o senhor tocar nesse corpo, que seja apenas com a impressão digital, eu...

O homem afastou-a para o lado, como a uma mariposa insistente. Gentil, suave, chamou:

— George, conduza essa senhora até a saída, por favor.

Tia Tildy lançou um olhar fulminante para esse tal de George, que já se aproximava.

— Quero vê-lo pelas costas, volte!

George segurou-a pelos pulsos.

— Por aqui, senhora.

Tildy desvencilhou-se. Com facilidade. A carne pareceu... escorregar. Ela própria se surpreendera. Afinal, já nessa idade, desenvolvia um talento inesperado. A nova habilidade deixou-a satisfeita.

— Está vendo? O senhor não pode bolir comigo. Quero meu corpo de volta! Casual, o dissecador abriu a tampa da cesta. Em seguida, numa série sucessiva de exames, percebeu que o corpo que ali estava era... parecia ser... seria?... talvez... claro... não... não... é *impossível*, mas...

— Ahh... — exalou, abrupto.

— ...Essa senhora... é sua... parenta?

— É uma relação muito estimada. Tenha cuidado.

— Irmã, talvez?

O homem, esperançoso, agarrou-se ao último fio de uma lógica que minguava.

— Não, seu bobo. Essa aí sou *eu*. Ouviu bem? Sou eu.

O dissecador pensou na possibilidade.

— Não, essas coisas não acontecem. Atrapalhou-se com os instrumentos.

— George, chame os outros para ajudá-lo. Não posso trabalhar com uma

maníaca do meu lado.

Voltaram os quatro homens. Em desafio, Tia Tildy cruzou os braços.

— Não conseguirão bolar comigo!

Prosseguiram os gritos de Tia Tildy, desde a sala dos preparativos, removida que foi, como um pião num tabuleiro de xadrez, para o quarto de vestir, através do corredor, para a câmara de espera e para o salão do velório, onde ela se jogou numa cadeira situada bem no meio do vestibulo. Havia cabines familiares, que recuavam no silêncio lúgubre, e um aroma de flores.

Um dos homens ponderou:

— Por favor, minha senhora. É aqui que o corpo ficará repousando para o serviço de amanhã.

— Eu vou ficar bem sentadinha aqui até conseguir o que quero!

E ali ficou, sentada, os dedos pálidos a bolirem no laço que lhe envolvia a garganta, o queixo empinado, e o sapato, com um botão alto, no dorso, a bater irritado. E se um dos homens entrasse em seu campo de ataque, ela o acertaria com a sombrinha. E se viessem tocá-la, ela, agora, não se esqueceria de... escorregar.

O Sr. Carrington, Presidente do Mortuário, em seu escritório, ouviu o tumulto e veio, a passos miúdos, por entre os bancos, para investigar. Falou baixinho, com um dedo à boca.

— Vocês, vocês. Mais respeito. Mais respeito. O que há? Minha senhora, posso ajudá-la em alguma coisa?

Tia Tildy olhou-o de cima a baixo.

— Pode sim.

— E como, senhora?

— Entre naquela sala...

Tia Tildy apontava.

— Pois não, minha senhora.

—...e diga àquele jovem investigador, tão ávido, que pare de bolinar meu corpo. Eu sou donzela. Meus sinais, minhas marcas de nascença, cicatrizes e outras curiosidades, inclusive a curva do meu calcanhar, são segredos que me pertencem. Não quero que ele fique bisbilhotando, fuçando, cortando, machucando tudo, de modo algum.

Diante de coisas tão vagas, para ele que ainda não correlacionara os corpos, o Sr. Carrington olhou-a, inteiramente impotente.

— Ele está comigo lá, em cima daquela mesa. Pareço um pombo, prestes a ser cortado e recheado!

Sr. Carrington apressou-se em ir verificar. Depois de quinze minutos, no silêncio da espera, em discussão aterrorizada, comparando, a portas fechadas, as notas com o dissecador, Carrington voltou, três tons mais branco.

Caíram os óculos de Carrington. Ele os apanhou.

— A senhora está tornando as coisas difíceis para nós.

Tia Tildy enfureceu-se.

— Estou, é? São Vito, dai-me luz, todas as manhãs! Olh'aqui, Senhor Sangue e Ossos, ou o que for, vá dizer àquele...

— Nós já estamos drenando o sangue...

— O quê?

— É sim, senhora. Posso assegurá-lo. Portanto, é melhor a senhora ir embora agora; não há mais nada a ser feito.

Carrington riu, um riso nervoso.

— Nosso dissecador está realizando uma pequena autópsia para determinar a *causa mortis*.

Tia levantou-se, fuzilando.

— Ele não tem o direito! Só os investigadores da polícia podem fazer isso!

— Bem, nós, certas vezes, nós permitimos...

— Vá lá dentro, agora, e diga àquele açougueiro para bombear o meu sangue, puro, da Nova Inglaterra, de volta ao meu corpo, de pele pura, e, se, por acaso, ele tiver retirado alguma coisa, para ele colocar de volta, deixar funcionando direitinho, e depois devolver o corpo, novinho em folha, à minha guarda. Ouviu bem?

— Eu não posso fazer nada, senhora. Nada!

— Vou dizer uma *coisa* ao senhor. Eu vou me instalar aqui pelos próximos duzentos anos. Está ouvindo? E toda vez que entrar um cliente, vou cuspir ectoplasma, aos jatos, dentro das narinas dele!

Carrington tentou a idéia em sua mente já enfraquecida e emitiu um grunhido.

— A senhora me deixaria inteiramente arruinado. A senhora não faria isso, *faria?*

Titia sorriu.

— Não faria não, é?

Carrington apressou-se, correu pelo meio dos bancos. À distância, ouviu-se o discar ininterrupto de um telefone. Meia hora depois, motores roncavam defronte ao mortuário. Três vice-presidentes e o histérico presidente caminharam em meio aos bancos.

— Qual o problema, minha senhora?

Titia contou, com algumas infernalidades bem escolhidas.

Os três conferenciaram; entrementes, notificaram ao dissecador para que interrompesse o dever de casa, até quando, pelo menos, conseguissem chegar a um acordo... O dissecador deixou a câmara e pôs-se a sorrir, amistososo, e a fumar um charuto preto, imenso.

Titia olhou o charuto. Exclamou, horrorizada:

— Onde foi que você bateu as *cinzas*?

Imperturbável, o dissecador apenas rosnou e tirou uma baforada. A conferência terminou.

— A minha senhora, com toda franqueza, a senhora não iria querer que tivéssemos que recomeçar todo o negócio de novo, não é mesmo?

Titia esquadrinhou os abutres.

— Eu não me incomodaria nem um pouquinho!

Carrington enxugou o suor do rosto.

— A senhora pode levar o corpo de volta.

— Ótimo! — exclamou Titia.

Depois, com cautela.

— Intacto?

— Intacto.

— Sem formol?

— Sem formol.

— Com sangue?

— Com sangue, claro. Claro, meu Deus, contanto que a senhora o leve logo e suma daqui!

Aquiescência pernóstica.

— Muito justo. Prepare o corpo. Estamos combinados. Carrington estalou os dedos para o dissecador.

— Não fique aí parado, seu incompetente mental. Vá prepará-lo!

— E tome cuidado com esse charuto! — emendou a velha senhora.

— Calma, calma — dizia Tia Tildy. — Ponham a cesta no chão, para que eu possa entrar.

Sem muito olhar para o corpo, Tia Tildy comentou, apenas:

— O aspecto... está natural.

E deitou-se na cesta, de costas.

Uma sensação de um frio ártico, cortante, assolou-a, seguida de uma náusea inauspiciosa de um turbilhão vertiginoso. Eram dois pingos de matéria em fusão, água tentando filtrar-se através de concreto. De consumação lenta e difícil. Era como se uma borboleta tentasse retornar à casca, descartada, de uma crisálida dura!

Os vice-presidentes observavam Tia Tildy com apreensão. O Sr. Carrington fez um gancho com os dedos e procurou auxiliar com movimentos — de levantar, empurrar — de mãos e braços. O dissecador, sincero em sua incredulidade, observava com olhos impassíveis, espantados.

Era como filtrar-se em granito frio e espesso. Como filtrar-se em uma estátua congelada, antiga. Comprimindo, sempre.

— Viva, maldita!

Tia Tildy dizia para si própria.

— Levante um pouquinho.

O corpo ergueu-se um pouco, fazendo ranger o vime seco.

— Dobre as pernas, mulher!

O corpo lutou, experimentando às cegas.

— Veja! — ordenou Tia Tildy.

A luz entrou naqueles olhos cegos, emaranhados.

— Sinta! — exigiu Tia Tildy.

O corpo sentiu o calor do recinto, a súbita realidade da mesa de preparativos, onde teria que tomar impulso, ofegante.

— Mova-se!

O corpo deu um passo vagaroso, rangedor.

— Escute! — apressou-se.

Os ruídos do local entraram nos ouvidos entorpecidos. A respiração desarmoniosa, expectante, do dissecador, às sacudidas; o Sr. Carrington, chorão; a própria voz, rachada.

— Ande!

O corpo andou.

— Pense!

O velho cérebro pensou.

— Fale!

O corpo falou e curvou-se diante dos agentes funerários.

— Muito grata. Obrigada.

— Disse, por fim:

— Agora, chore!

E começou a chorar lágrimas de intensa felicidade.

E agora, toda tarde, por volta das quatro, quem quiser ir visitar Tia Tildy é só caminhar até a loja de antiguidades e bater. Na porta, uma imensa coroa de flores negras. Não ligue. Foi Tia Tildy quem a colocou ali; é o humor dela. Bata na porta. Há uma tranca dupla e uma fechadura tripla. Depois de bater, ouvirá uma voz estridente.

— É o homem de preto?

Você vai rir e dizer não, não, sou eu, Tia Tildy.

E ela vai rir, e dizer "Entre, rápido!, e escancarar a porta e batê-la, rápido, para que nenhum homem de preto possa esgueirar-se. Ela vai mandá-lo sentar-se, vai servir café e mostrar as últimas suéteres de tricô. Ela já não é mais tão rápida quanto costumava ser, e já não enxerga mais tão bem quanto antes, mas prossegue.

— E se você for mesmo simpático — Tia Tildy declara, pousando, de lado, a xícara de café — tenho algo especial para mostrar.

— O que é? — perguntam as visitas.

— Olhe...

Tia Tildy regozija-se com sua pequenina particularidade, sua piada ingênua.

Então, com movimentos modestos dos dedos, ela irá desamarrar o lenço branco que lhe encobre o pescoço e o peito, e, rapidamente, irá mostrar-lhe o que está por trás.

A cicatriz comprida, azul, onde a autópsia foi recosturada, com maestria.

— A costura não está nada má — ela fará a concessão — mesmo feita por um homem. Ora... mais café? *Pronto!*

A Cisterna

Era uma tarde de chuva e de abajures acesos contra o cinza.

As duas irmãs ali estavam, já há algum tempo, sentadas na sala de jantar. Uma delas, Juliet, bordava roupa de mesa; a mais nova, Anna, sentava-se, silenciosa, no parapeito da janela, contemplando a rua escura, o céu escuro.

A testa contra o vidro, os lábios de Anna moveram-se e, depois de longa reflexão, disseram:

— Nunca tinha pensado nisso antes!

— Nisso o quê? — perguntou Juliet.

— Só agora me ocorreu. Existe, na verdade, uma cidade debaixo de uma cidade. Uma cidade morta, bem ali, debaixo dos nossos pés.

Juliet enfiou a agulha no pano branco, puxou do outro lado.

— É melhor sair da janela. A chuva deve estar afetando você.

— Não, não é isso não. Você, alguma vez, já parou para pensar nas cisternas? Estão pela cidade toda, uma para cada rua, e você pode caminhar por elas sem bater com a cabeça, e elas passam por diversos lugares e depois vão desaguar no mar.

Fascinada, Anna. A chuva batia no asfalto, a chuva caía do céu e desaparecia nas grades das quatro esquinas lá adiante!

— Você gostaria de morar numa cisterna?

— Eu não!

— Mas seria divertido, não seria? Quer dizer, seria... secreto. Morar na cisterna e olhar pelos buracos, ver as pessoas sem que elas nos vejam. É como ser criança e brincar de esconder, e ninguém nos achar, e o tempo todo você estava bem ali no meio de tudo, abrigada, escondida, agasalhada, emocionada. Eu gostaria. É assim que deve ser morar na cisterna.

Devagar, Juliet desviou os olhos de sua tarefa.

— Você é minha irmã, não é, Anna? Você nasceu, não nasceu? Certas vezes, do jeito que você fala, dá a impressão de que a mamãe encontrou você, um belo dia, debaixo de uma árvore, trouxe você para casa, plantou num vaso, você ficou desse tamanho, e agora está aí, e parece que não vai mudar nunca.

Anna não respondeu e Juliet voltou à agulha. Na sala, não havia cor; as duas irmãs, nenhuma delas, adicionava qualquer colorido. Anna permaneceu com a cabeça apoiada na janela por cinco minutos. Depois, divagou na distância.

— Você pode dizer que é sonho, se quiser. Quer dizer, essa hora que eu passei aqui. Pensando. E foi mesmo, Juliet. Foi um sonho.

Foi a vez de Juliet não responder. Anna sussurrou:

— Esse aguaceiro me deixou meio sonolenta, eu acho, e aí comecei a pensar na chuva, de onde ela vinha, para onde ia, na maneira como ela desce pelos

buracos junto ao meio-fio; depois meu pensamento foi bem lá para baixo e, de repente, lá estavam eles. Um homem... e uma mulher. Lá na cisterna, debaixo da rua.

— E estavam fazendo o quê? — perguntou Juliet.

— Tem que ter motivo?

— Não, se forem malucos, não. Nesse caso, motivos ná"o são necessários. Se os dois estão lá na cisterna, que fiquem lá.

Ciosa, a cabeça derreada, Anna mexia os olhos, sob pálpebras semicerradas.

— Mas eles não estão lá por estar. Não, eles estão apaixonados, os dois.

— Pelo amor de Deus, Anna. Será que o amor os fez se arrastarem lá para baixo?

— Não, eles já estão lá há anos e anos. Juliet protestou:

— Como é que você sabe que eles estão lá embaixo por tanto tempo assim, morando juntos?

— Eu falei que estavam vivos? — Anna indagou, surpresa. — Não. Não estão não. Estão mortos.

Janela abaixo, a chuva amontoava-se em bolas caóticas, que empurravam umas às outras. Os pingos vinham, juntavam-se aos outros e formavam filões.

— Ah, bom!

— Pois é — Anna saboreou. — Mortos. Ele está morto, ela está morta.

A idéia pareceu gratificá-la; uma grande descoberta. Anna sentia-se orgulhosa.

— Ele parece um homem solitário, que nunca viajou em toda a vida.

— Como é que você sabe?

— Ele parece o tipo de homem que nunca viajou, mas que sempre teve vontade de viajar. Pode-se ver nos olhos dele.

— Então você sabe como ele é?

— Sei. É muito doente e muito bonito. Você sabe como é, quando um homem fica bonito por causa de doença? A doença ressalta os ossos do rosto.

— E ele está morto? — insistiu a irmã mais velha.

— Já há cinco anos.

Anna narrava suave, as pálpebras levantavam, abaixavam. Como se estivesse prestes a contar uma história comprida e, ciente disso, desejasse trabalhá-la com muito vagar e depois se apressasse, mais depressa, até que o próprio momentum a fizesse continuar, com olhos esbugalhados e lábios entreabertos. Nesse momento, porém, Anna seguia devagar, apenas um leve ardor na narração.

— Há cinco anos, esse homem caminhava pela rua e sabia que, já por muitas noites, caminhara pela mesma rua, e que continuaria a caminhar por ela, e então se deparou com uma tampa de visita, um desses *waffles* enormes, de ferro, no meio da rua, e ouviu o rio fluir sob os pés, sob a tampa de metal, fluindo rumo ao mar.

Anna estendeu a mão direita.

— Ele abaixou-se, devagar, levantou a tampa da cisterna e olhou lá para baixo, viu fluírem a espuma, a água, e- pensou em alguém que desejava amar, mas não podia, e então girou o corpo para firmar-se na escada de mão, e desceu pelos degraus de ferro até desaparecer...

— E ela? — perguntou Juliet, atarefada. — Quando morreu?

— Não estou bem certa. Ela é nova. Acabou de morrer. Mas está morta, maravilhosa, maravilhosa.

Anna admirou a imagem que formara na mente.

— Para ser verdadeiramente bela, a mulher precisa morrer; e para ser a mais bela, precisa morrer por afogamento. Assim se esvai toda rigidez, e o cabelo flutua na superfície d'água como uma nuvem de fumaça.

Anna balançava a cabeça, deliciada.

— Não há, no mundo, escola, etiqueta e ensinamentos que façam uma mulher mover-se assim, com a leveza de um sonho, dócil, ondulante, bela.

Com a mão larga, áspera, Anna procurou representar toda essa beleza, toda essa ondulação e graça.

— E há cinco anos, ele espera por ela. Mas, ela, só agora, descobriu onde ele estava. E agora estão lá, e lá estarão daqui por diante... Na estação das chuvas viverão. Mas, na estação da seca — às vezes demora meses — terão longos períodos de descanso, irão deitar-se em pequenos nichos ocultos, como as flores marinhas japonesas, secas, compactas, velhas, inertes.

Juliet levantou-se, acendeu mais um abajurzinho no canto da sala de jantar.

— Prefiro que você não fale mais nisso. Anna ri.

— Eu queria contar como foi que tudo começou, como foi que retomaram a vida. Já elaborei a coisa toda.

Anna curvou-se, apoiou-se nos joelhos e fitou a rua, a chuva, a entrada das cisternas.

— Eles estão lá, lá embaixo, e, lá em cima, o céu está eletrificado, granulado. Com uma das mãos, Anna jogou os cabelos opacos, já algo grisalhos, para trás.

— Primeiro, o mundo lá de cima faz bolas. Vem o relâmpago e, depois, o trovão, e a seca acaba, e as bolinhas correm pelas calhas e caem nos bueiros. E levam, com elas, o invólucro dos chicletes, os ingressos dos cinemas, os passes dos ônibus!

— Agora saia da janela.

Com as mãos, Anna construiu um quadrado e imaginou coisas.

— Eu sei bem como são as coisas lá por baixo da rua, lá na cisterna quadrada, grande. Ela é imensa. Está vazia, depois de tantas semanas de sol. E quando você fala, faz eco. O único som audível lá embaixo é o som do carro passando aqui em cima. Muito acima. Toda a cisterna parece um camelo seco, oco, no deserto, a esperar.

Anna ergueu a mão e apontou, como se ela própria estivesse lá embaixo, na cisterna, a esperar.

— Agora, um fiozinho d'água. Escorre pelo chão. Como se alguma coisa, no mundo externo, se ferisse e sangrasse. Alguns trovões! Ou foi um caminhão?

Agora, Anna já falava um pouco mais rápida; mas o corpo, apoiado na janela, descontraído, expirou, inspirou as palavras seguintes:

— E atravessa o chão. Depois, nos outros vazios, há mais o que atravessar. Fios torcidos, cobras. Água com manchas de cigarro. Depois, se move. Junta-se aos outros. Faz cobrinhas e, depois, uma sucuri grande que desliza pelo chão liso, cheio de papéis. De todos os lugares, do norte, do sul, das outras ruas, outros riachos chegam, juntam-se e formam um rolo sibilante, brilhante. E a água entra naqueles dois nichos secos, pequenos, de que falei, e vai ressecando. E sobe devagarinho e envolve os dois, o homem e a mulher, ali deitados como flores japonesas.

Anna juntou as mãos, devagar, dedo por dedo, e entrelaçou-os.

— A água encharcara os dois. Primeiro, levanta a mão da mulher. Num ligeiro movimento. A mão é a única parte viva nela. Depois, um braço se levanta, e um pé. E os cabelos...

Anna tocou os cabelos, caídos sobre os ombros.

—... liberam-se, desabrocham, como uma flor, dentro d'água. As pálpebras, cerradas, estão azuis...

A sala escurecia, Juliet continuava o bordado, e Anna falava, contava tudo o que via na mente. Contou como foi que a água subiu e levou a mulher, desembrulhando-a, liberando-a, aprumando-lhe o corpo, ereto, dentro da cisterna.

— A água demonstrou interesse nessa mulher, e a mulher se entrega. Depois de muito tempo deitada, a mulher está pronta para viver, de novo, a vida que a água deseja que viva.

Noutro canto qualquer, um homem também se aprumou, ereto, dentro d'água. Anna também falou disso e de como a água arrastou o homem, devagarinho, à deriva, e a mulher, à deriva, até que os dois se encontraram.

— A água abre os olhos dos dois. Eles já podem ver, mas não vêem um ao outro. Os dois giram, mas não se tocam ainda.

Anna fez um ligeiro movimento com a cabeça, os olhos cerrados.

— Observam-se mutuamente. Brilham, como uma espécie de fósforo. Sorriem... As mãos se tocam.

Juliet, por fim, fez corpo duro, pousou o bordado e olhou fixa para a irmã, lá do outro lado da sala cinzenta, envolta no silêncio da chuva.

— Anna!

— A maré... faz com que se toquem. A maré vem e os coloca juntos um do

outro. O tipo perfeito de amor, sem ego, apenas dois corpos, movidos pela água, que o toma puro, sem imperfeições. Assim, não há maldade.

A irmã gritou:

— Então, se você contar, atrapalha.

— Não, está tudo bem. — Anna virou-se, num instante, para insistir. — Eles não pensam, não é? Eles estão bem lá no fundo, tranquilos, despreocupados.

Anna ergueu a mão direita, pousou sobre a esquerda, bem devagar, bem suave, estremecendo, entrelaçando. A janela chuvosa, com a luz fontícula, pálida, a penetrá-la, derramou um movimento de luz e água corrente sobre os dedos, fê-los parecer submersos, a muitas braças de profundidade, fazendo desbzar uns sobre os outros, e encerrando o pequeno sonho de Anna.

— Ele, alto, tranquilo, as mãos abertas.

Com um gesto, Anna representou-lhe a altura, a tranquilidade, dentro d'água.

— Ela, baixa, tranqüila, relaxada.

Anna olhou para a irmã, mantendo a mão na posição em que a deixara.

— Estão mortos, sem ter para onde ir, sem ninguém para orientá-los. Lá estão, sem nada que se aplique a eles, sem nenhuma preocupação, bem secretos, escondidos debaixo da terra, nas águas da cisterna. As mãos, lábios se tocam, e ao passarem por um escoadouro transversal da cisterna, a maré os aproxima. Então, depois...

Anna desenlaçou as mãos.

—...talvez prossigam juntos a viagem, de mãos dadas, baralhando as águas, flutuando por todas as ruas, dançando dancinhas malucas, eretas, quando apanhados em remoinhos súbitos.

Anna rodopiou as mãos, uma rajada de chuva veio bater na janela. • — E descem para o mar, atravessam toda a cidade, passam por manilhas e mais manilhas, por ruas e mais ruas. Genesee Avenue, Crenshaw, Edmond Place, Washington, Motor City, Ocean Side e, a seguir, o oceano. Vão a todos os lugares que a água queira, por toda a terra, e, mais tarde, voltam para a entrada da cisterna e voltam a flutuar debaixo da cidade, debaixo de uma dúzia de charutarias, de umas quatro dúzias de lojas de bebidas, de umas seis dúzias de armazéns e dez cinemas, um entroncamento ferroviário, a Rodovia 101, e sob os pés ambulantes de trinta mil pessoas que nem sequer conhecem a cisterna, sequer pensam nela. A voz de Anna vagou, sonhou, aquietou-se novamente.

— E depois... o dia passa, o trovão desaparece lá por cima da rua. A chuva pára. Termina a estação das chuvas. Os túneis gotejam e param. A maré desce.

Anna está desapontada, parece triste com o final de tudo.

— O rio flui para o oceano. O homem e a mulher sentem a água pousá-los, devagarinho, no chão. Os dois assentam.

Anna abriu as mãos, em tremeliques, até o colo, e olhou-as, fixa, num anseio.

— Os pés perdem a vida que a água, cá de fora, fora dar a eles. Agora a

água os pouso, lado a lado, e escorre, e os túneis secam. E eles ficam deitados. Lá em cima, no mundo, o sol alvorece. E eles ficam deitados, na escuridão, dormindo, até a próxima vez. Até a próxima chuva.

Sobre o colo, as mãos de Anna, palmas voltadas para cima, estão abertas.

— Bom homem, boa mulher...

Anna murmurou, apoiou a cabeça nas mãos e fechou os olhos, apertando. De repente, esticou-se, olhou para a irmã. Os olhos faiscavam.

— Você sabe quem é aquele homem? — gritou, amarga.

Juliet não respondeu; nos últimos cinco minutos, estivera a observar, conturbada, o desenrolar de tudo aquilo, a boca retorcida, pálida. Anna quase gritou:

— Aquele homem é o Frank! É o Frank! E a mulher... sou eu!

— Anna!

— É ele sim. É o Frank que está lá embaixo!

— Mas Frank já morreu há muitos anos; e, com certeza, não é ali embaixo que ele está, Anna.

Anna, agora, não se dirigia a ninguém, e se dirigia a todos, Juliet, à janela, à parede, à rua. Lamentou:

— Coitado do Frank! Sei que ele foi para lá. Ele não conseguia estar em nenhum lugar do mundo. A mãe dele o mimou contra o mundo inteiro! Então, ele viu a cisterna, viu que era secreta, escondida. Coitado do Frank. E coitada de Anna, coitada de mim, só tenho uma irmã. Ah, Juliet, por que não fiquei com Frank quando ele estava aqui? Por que não lutei para tirá-lo da mãe?

— Pare já com isso! Ouviu bem? Já!

Anna despencou no canto da sala, junto à janela, com u'a mão ainda apoiada no parapeito. Chorou, baixinho. Minutos depois, ouviu a voz da irmã.

— Já acabou?

— O quê?

— Se já acabou, vem me ajudar a terminar isso, eu vou demorar anos.

Anna ergueu a cabeça, foi até a irmã", deslizando pelo chão. Suspirou.

— O que você quer que eu faça?

— Isso e isso. — Juliet apontou.

— Está bem.

Anna pegou a costura e foi sentar-se junto à janela, olhando a chuva, movendo as mãos com agulha e linha; mas — observava — a rua já estava muito escura, a sala, e difícil enxergar a tampa redonda, metálica, da cisterna. Lá fora, naquele fim de tarde enegrecido, tão enegrecido, apenas chispas e fagulhas de meia-noite. O relâmpago rachou o céu, numa teia.

Meia hora se passou. No outro lado da sala, na poltrona, Juliet sentiu sono, tirou os óculos, pousou-os, junto ao bordado, reclinou a cabeça, num instante, e cochilou. Uns trinta segundos depois, talvez, ouviu a porta da frente se abrir, com

violência, ouviu o vento entrar, ouviu passos correrem na calçada, dobrarem a esquina e apressarem-se adentro da rua enegrecida.

— Ahnn?

Juliet aprumou-se, tateou para apanhar os óculos.

— Quem é? Anna, quem chegou?

Juliet olhou o parapeito, onde Anna estivera, na janela; vazio. Chamou:

— Anna!

De um salto, foi até o corredor.

Pela porta da frente, aberta, a chuva entrava, numa bruma fina.

— Deve ter saído um instante.

Juliet tentava enxergar através do negror molhado.

— Ela já vai voltar. *Não vai*, Anna querida? Anna, responda, você *vai voltar* logo, não vai, irmãzinha?

Lá fora, a tampa da cisterna levantou-se e fechou, batendo.

Na rua, a chuva sussurrou; e, pelo resto da noite, caiu sobre a tampa cerrada.

Festa de Família

— Lá vem eles!

Cecy exultou, estirada na cama. Na porta da rua, Timothy gritou:

— Onde estão?

Os olhos de Cecy estavam cerrados, os cílios longos, castanho-escuros, palpitavam.

— Em cima da Europa, em cima da Ásia, das Ilhas, e um ou outro bem em cima da América do Sul!

Timothy aproximou-se, atravessou as tábuas nuas do quarto, no andar de cima.

— Quem vem?

— Tio Einar, Tio Fry. E o primo William. E vejo também a Frulda, a Helgar, a Tia Morgiana, a Prima Vivian e o Tio Johann! Estão vindo rápidos!

— Eles vêm pelo céu?

Os olhinhos de Timothy, cinzentos, deslumbravam. Em pé, junto à cama, Timothy aparentava os quatorze anos que tinha. Lá fora, o vento soprava; a casa, escura, iluminada apenas pela luz das estrelas.

— Estão vindo por ar e por terra, de diversas formas.

Cecy narrava, adormecida. Não se movia na cama; pensava consigo mesma e dizia o que via.

— Vejo uma coisa, com forma de lobo, passando sobre um rio escuro — na parte baixa — bem em cima de uma cachoeira, e a luz das estrelas refletindo na pele. Vejo uma folha de carvalho, marrom, esvoaçando em direção ao céu. E um pequeno morcego voando. E muitas outras coisas, pelas árvores da floresta, atravessando os galhos mais altos. E estão vindo nessa direção, *todos!*

— Será que vão chegar amanhã de noite?

Timothy apertou as cobertas. Na lapela, a aranha balançava, em pêndulo negro, dançava agitada. Timothy debruçou-se sobre a irmã.

— Será que vão chegar a tempo para a Festa?

— Claro, Timothy. Vão sim.

Cecy suspirou e endureceu o corpo.

— Não me pergunte mais nada. Agora, vá embora. Quero viajar pelos lugares que eu mais gosto.

— Obrigado, Cecy.

No corredor, Timothy correu para o quarto. Apressado, fez a cama. Acordara há poucos minutos, ao pôr-do-sol, e ao espoucar das primeiras estrelas foi manifestar, para Cecy, a emoção de toda aquela festa. Cecy, agora, dormia silenciosa, nenhum ruído. A aranha agarrava-se ao laço apertado que circundava o pescoço delgado de Timothy. Timothy lavava o rosto.

— Pense bem, Spid. Amanhã é Véspera de Todos os Santos!

Ergueu o rosto, olhou no espelho. Seu espelho, o único permitido na casa. Concessão da mãe, à doença do filho. Puxa, se ao menos ele não se afligisse tanto! Timothy abriu a boca e espiou aqueles dentes fracos, inadequados, com que a natureza o contemplara. Não passavam de grãos de milho, muitos, redondos, moles, pálidos, nas mandíbulas. Esvaía-se, dentro de Timothy, um pedaço de seu espírito elevado.

Escurecera por completo, Timothy acendeu uma vela para poder enxergar. Sentia-se exausto. Durante toda a semana que passou, a família vivera à moda do velho interior. Dormiam de dia e acordavam ao pôr-do-sol, iam perambular. Sob os olhos de Timothy, olheiras azuladas.

— Spid... — Timothy, tranqüilo, dirigiu-se àquela criaturinha. — Eu não sirvo para nada. Não consigo nem me acostumar a dormir de dia, como os outros.

Levantou o porta-velas. Puxa, queria ter dentes fortes, caninos que fossem como espetos de aço. Mãos fortes também, ou uma mente forte. E até mesmo o poder de liberar a mente dos outros, como Cecy. Mas, não, ele tinha de ser o imperfeito, o doente. E ele tinha até — Timothy tremeu, aproximou o porta-velas — medo do escuro. Os irmãos zombavam dele. Bion, Leonard e Sam. Riam dele, porque dormia em cama. Com Cecy era diferente: a cama era um conforto indispensável à serenidade de que necessitava para soltar a mente, para que fosse caçar alhures. Mas Timothy, porventura, dormia como os outros, numa caixa muito bem engraxada? Não, não dormia. A mãe permitia que ele tivesse uma cama, um quarto, um espelho só para ele. Não era à toa que a família o marginalizava, como a um crucifixo sagrado.

Ah, se lhe nascessem asas nas omoplatas! Timothy despiu as costas, fitando-as. E, de novo, suspirou. Nenhuma chance. Jamais.

Lá embaixo, ruídos excitantes, misteriosos, o roçar do crepe negro erguendo-se em todos os corredores, nos tetos, nas portas. O espirrar das candeias negras, ardendo, no vão da escada resguardada por um corrimão. A voz de mamãe, sonora, firme. A voz de papai, ecoando lá do porão úmido. Bion caminhando, lá fora, saindo da velha casa de campo, arrastando cântaros imensos, de dois galões.

— Eu tenho que ir a essa festa, Spid.

A aranha enroscou-se na extremidade da seda, Timothy sentiu-se só. Ele teria caixas que polir, cogumelos e aranhas que apanhar, mas, quando a festa começasse, seria ignorado. O filho imperfeito, quanto menos visto, quanto menos comentado, melhor.

Lá embaixo, por toda a casa, Laura corria. Alegre, gritava:

— A Festa de Família! A Festa de Família!

Os passos de Laura, em todos os cantos, de uma vez só.

Timothy passou novamente pelo quarto de Cecy. Ela dormia, tranqüila. Uma vez por mês, descia as escadas. Ficava o tempo todo na cama. Cecy, adorável... Timothy pensou em perguntar "Onde você está agora, Cecy? Dentro de quem? O que está acontecendo? Você está do outro lado das colinas? E o que está acontecendo aí? Mas, em vez disso, Timothy seguiu até o quarto de Ellen.

Sentada à escrivaninha, Ellen separava cabelos, de diversos tipos, louros, ruivos e negros, e pequenas cimitarras de unha que o emprego de manicure, no salão de beleza de Mellin Village, há vinte e cinco quilômetros dali, permitiu colecionar. No canto, uma caixa de mogno, robusta, imprime o nome de Ellen.

Ellen nem olhou para Timothy.

— Saia daqui! Não consigo trabalhar com paspalhões rondando! Timothy procurou ser amistoso.

— Véspera de Todos os Santos, Ellen, pense bem!

— Hem? — Ellen colocou algumas lascas de unha numa sacolinha branca, rotulou-a. — E isso significa o que, para você? Você sabe já alguma coisa disso? Eu vou botar medo em você, olhe lá! Agora volte para a cama.

Ardiam as maçãs do rosto de Timothy.

— Estão precisando de mim para engraxar, trabalhar e ajudar a servir.

— Se você não sair daqui, amanhã vai encontrar uma dúzia de ostras vivas na cama! — insistiu Ellen, para valer. — Adeus, Timothy!

Enfurecido, Timothy correu escada abaixo e esbarrou em Laura. Laura esganiçou, com dentes trincados:

— Vê se olha por onde anda!

Laura continuou a varrer. Timothy correu até a porta do porão, aberta, sentiu o cheiro da corrente de ar, de terra úmida, que se desprendia lá de baixo.

— Pai?

O pai gritou escada acima.

— Já era tempo! Desça depressa, senão eles chegam e nós nem ainda estamos prontos!

A hesitação de Timothy durou apenas o tempo suficiente para que pudesse ouvir os outros milhões de sons da casa. Os irmãos iam e vinham, pareciam os trens na estação; conversavam, discutiam. Quem parasse em qualquer canto da casa, por um instante que fosse, veria toda a família passar, as mãos pálidas cheias de coisas.

Leonard com a maleta médica, preta, Samuel, com seu livro imenso, empoeirado, encadernado em ébano, carregando mais crepe negro, e Bion, em suas excursões até o carro, lá fora, para apanhar mais galões de líquido.

O pai parou de engraxar para dar a Timothy um pedaço de pano e um olhar zangado. Bateu na caixa de mogno, imensa.

— Vamos, engraxe isso. Ainda temos mais o que engraxar. Durma a vida! Timothy engraxava a superfície da caixa e deu uma espiada no interior.

- O Tio Einar é um homem muito grande, não é, papai?
- Se é!
- Qual é o tamanho dele?
- Veja pelo tamanho da caixa.
- Eu só estava perguntando. Dois metros?
- Ora, você fala demais.

Por volta de nove horas da noite, Timothy saiu, ao clima de outubro. Por duas horas, ao vento ora quente, ora frio, caminhou pelas ravinas colhendo cogumelos e aranhas. O coração começava, de novo, a bater por antecipação. Quantos parentes mamãe falou que vinham? Setenta? Cem? Timothy passou por uma fazenda e disse para as janelas iluminadas: "Se vocês soubessem o que está acontecendo lá em casa!" Subiu uma colina e olhou a cidade, a quilômetros de distância, aprontando-se para dormir; o relógio da prefeitura, alto, redondo, branco, à distância. E a cidade não sabia também. Timothy trouxe para casa muitas jarras de cogumelos e aranhas.

Na capelinha, por baixo da escada, celebrou-se ligeira cerimônia. Como nos rituais dos anos anteriores, papai entooou as linhas negras, e as mãos brancas de mamãe, alvas, de marfim, maravilhosas, percorriam as preces, no sentido inverso, e todas as crianças estavam reunidas, com exceção de Cecy, que ficara lá em cima, na cama. Mas Cecy estava presente, era possível vê-la bisbilhotando. ora através dos olhos de Bion, ora através dos olhos de Samuel, ora de mamãe, e bastava sentir um movimento, e lá estaria ela, dentro de você, fugaz, para depois desaparecer.

Timothy fez uma prece ao Escuro, com um aperto no estômago.

— Por favor, por favor, ajude-me a crescer, ajude-me a ser como minhas irmãs, como meus irmãos. Não permita que eu seja diferente. Ah, se eu conseguisse colocar cabelos nas imagens plásticas, como Ellen, ou fazer as pessoas se apaixonarem por mim, como Laura faz com as pessoas, ou ler livros estranhos, como Sam, ou trabalhar num emprego respeitável, como Leonard e Bion. Ou mesmo, um dia, ter uma família, como papai e mamãe...

À meia-noite, uma tempestade veio martelar a casa. Lá fora, os relâmpagos açoitavam, eram raios surpreendentes, alvos como a neve. Ouviu-se um som de um furacão, que se aproximava, rondando, sugando, afunilando e fuçando a terra úmida da noite. E então, a porta da frente foi arreventada, metade das dobradiças arreventadas, e ficou pendurada, inflexível, para receber o tropel de vovó e vovô, recém-chegados do campo.'

Daí por diante, as pessoas chegaram de hora em hora. Houve um tremido na janela lateral, uma batida seca na varanda da frente e uma pancada nos fundos. No porão, ruídos tresloucados: o vento de outono, canalizado na garganta da chaminé, cantava. Mamãe encheu a poncheira de cristal com o fluido escarlate

dos cântaros trazidos por Bion. Papai, veloz, percorria as salas acendendo candeias adicionais. Laura e Ellen malhavam mais acônito. E em meio a essa emoção selvagem, estava Timothy, o rosto inexpressivo, as mãos trêmulas, pendendo dos lados, olhando ora aqui, ora acolá. Batidas de portas, risadas, o som de líquido, a escuridão, o som do vento, o trovejar membranoso das asas, o andar compassado dos pés, as explosões das bem-cheganças nas portas de entrada, o farfalhar transparente das cortinas de algodão, as sombras que passavam, indo, vindo, ondulantes.

— Bem, bem, e esse *deve* ser o Timothy!

— Hem?

Uma mão fria tocou a mão de Timothy. Um rosto comprido, cabeludo, inclinou-se.

— Bom menino! Menino simpático! — saudou o estranho.

A mãe apresentou:

— Timothy, esse é o Tio Jason.

— Olá, Tio Jason.

— E aqui...

A mãe conduziu Tio Jason noutra direção. Por sobre o ombro encapado, Tio Jason lançou o olhar para Timothy e piscou.

Timothy estava sozinho.

Há mil quilômetros, na escuridão velada, Timothy ouviu uma voz aguda, de flauta: era Ellen.

— E meus irmãos, Tia Morgiana? Eles são inteligentes. A senhora é capaz de adivinhar o que eles fazem?

— Não; não faço a menor idéia.

— Eles são os donos da agência funerária da cidade.

— O quê!?

Um gole seco.

— É sim!

Uma gargalhada estrepitosa.

— Simplesmente delicioso!

Timothy permanecia imóvel.

Uma pausa na gargalhada. Laura informou:

— São eles que trazem alimento para mamãe, papai, para todos nós; menos, é claro, para o Timothy.

Um silêncio desconfortável. A voz de Tio Jason interpelou:

— O que houve? O que há de errado com o Timothy?

A mãe interveio:

— Puxa, Laura, essa sua língua!

Laura prosseguiu. Timothy fechou os olhos.

— Bem, é que Timothy... bem... Timothy não gosta de *sangue*. Ele é

delicado.

A mãe insistiu:

— Mas ele vai aprender... E, com firmeza:

— Ele vai aprender. É meu filho, vai aprender. Ele só tem quatorze anos.

— Ora, mas eu fui criado com sangue.

A voz de Tio Jason passava de sala em sala. Lá fora, o vento tocava as árvores, como se fossem harpas. Uma garoa veio bater nas janelas — "criado com sangue", até sumir, sumindo.

Timothy mordeu os lábios, abriu os olhos.

A mãe, agora, mostrava a cozinha.

— Foi tudo culpa minha. Eu tentei forçar. Não se pode forçar as crianças, elas acabam enjoando e nunca pegam gosto pelas coisas. O Bion, por exemplo, só tinha treze anos quando...

— Compreendo — observou Tio Jason. — Ele vai superar isso. Num desafio, a mãe afirmou:

— Claro que vai!

A luz das velas tremia e as sombras cruzavam e recruzavam as dezenas de salas mofadas. Timothy sentia frio. Sentiu o cheiro do sebo quente entrar-lhe pelas narinas e, por instinto, apanhou uma vela, percorreu a casa, aqui e ali, fingindo arrumar os crepes.

— *Timothy...*

De trás de uma parede enfeitada, alguém sussurrou, sibilando, fazendo chiar as palavras.

—... *Timothy tem medo de escuro!*

A voz de Leonard. Ah, como eu odeio o Leonard! Timothy respondeu, em tom repreensivo:

— Eu gosto de vela. É só isso.

Mais relâmpagos, mais trovões. Cascatas de gargalhadas estrondantes. Pancadas, estalidos, gritos, o farfalho das roupas. Uma neblina viscosa irrompeu pela porta da frente. Por trás da neblina, ajeitando as asas, um homem alto, parado.

— Tio Einar!

Com um impulso das pernas, finas. Tio Einar atravessou a neblina, sob sombras emaranhadas. Timothy atirou-se nos braços de Einar. Einar o levantou.

— Você tem asas, Timothy!

Einar atirou o menino, com a leveza dos cardos.

— Asas, Timothy. Voe!

Lá embaixo, rostos rodopiaram. A escuridão girou. A casa se esvaiu. Timothy sentiu-se como uma brisa. Bateu os braços. Os dedos de Einar o apanharam e o jogaram mais uma vez para o alto. O teto aproximou-se, rápido: uma parede carbonizada.

— Voe, Timothy! Einar gritava, alto, grave.

— Voe com as asas, com as asas!

Um êxtase inusitado percorreu as omoplatas de Timothy, como se nascessem raízes, prontas para explodir é desabrochar numa membrana nova e úmida. Timothy gaguejou coisas desordenadas. Einar girou-o mais uma vez no alto.

O vento de outono irrompeu casa adentro, numa rajada, a chuva despencou, sacudiu as vigas, fazendo com que os candelabros alongassem a luz de suas velas. E, de todas as salas, escuras, encantadas, os cem parentes espriaram e vieram, de todas as formas e tamanhos, fechando o círculo, até o lugar onde Einar equilibrava o menino, como uma batuta, no espaço ruidoso.

— Chega! — gritou Einar, por fim.

Timothy, pousado no soalho, exaltado, exausto, caiu sobre Tio Einar. Soluçava feliz.

— Tio! Tio! Tio!

Tio Einar curvou-se, afagou-lhe a cabeça.

— É bom voar, não é, Timothy? Muito bom! É muito bom!

Aproximava-se o pôr-do-sol. Quase todos já haviam chegado e já se aprontavam para o sono da luz do dia, para dormirem, imóveis, sem qualquer ruído, até o novo crepúsculo, quando, então, das caixas de mogno, saíam aos brados de volta à folia.

Tio Einar, acompanhado de dezenas de outros, dirigiu-se ao porão. A mãe os conduziu ao andar de baixo, até as fileiras apertadas de caixas muito bem engraxadas. Einar, com suas asas — que pareciam lona encerada, verde-marinho — armadas às costas, moveu-se, por todo o trajeto do corredor, com um curioso assobio; onde quer que esbarrassem as asas, produziam um som de tímpanos levemente tocados.

Lá em cima, exausto, Timothy se deita, tentando gostar da escuridão. Havia tanta coisa para se fazer a noite, e coisas que as pessoas não poderiam criticar, pois não poderiam vê-lo. Ele gostava da noite, mas era um gosto qualificado. Tanta noite havia, algumas vezes, que Timothy se rebelava..

No porão, tampas de mogno cerraram, puxadas por mãos pálidas. Nos cantos, alguns parentes deram três voltas antes de se deitarem com a cabeça enfiada nas patas, as pálpebras fechadas. O sol surgiu. O dormirar pairou.

Pôr-do-sol. A folia explodiu, como um ninho de morcegos recém-atacado, esganiçando, batendo asas, espalhando. As tampas das caixas escancararam. Passos apressados deixaram a umidade do porão. Mais visitas retardatárias, chutando os portais da frente, dos fundos foram recepcionadas.

Chovia; empapadas, as visitas depositavam, em Timothy, as capas, os chapéus pingados de chuva e os véus borrifados. Timothy as ia guardar no armário. As salas estavam lotadas. A gargalhada de um primo, disparada de uma

das salas, esquinou na parede de outra sala, ricocheteou, avolumou-se e, de uma quarta sala, voltou, precisa, cínica, aos ouvidos de Timothy.

Um camundongo atravessou o chão.

— Eu já a conheço, Sobrinha Leibersrouter! — exclamou o pai, à volta de Timothy, sem se dirigir a Timothy. Dúzias de pessoas, como torres, comprimiam-no, acotovelavam-no, ignoravam-no.

Por fim, Timothy virou-se, esquivou escada acima. Chamou, meigo:

— Cecy, Cecy! Onde você está?

Cecy demorou para responder. Depois, murmurou baixinho:

— No Vale Imperial, junto ao Mar Salton, junto aos lagos de lama, ao vapor, à quietude. Estou dentro da esposa de um fazendeiro. Sentada na varanda da frente. Posso fazê-la mover-se, se eu quiser, ou fazer qualquer coisa, pensar qualquer coisa. O sol está se pondo.

— Como é por aí, Cecy?

Como quem conversa numa igreja, Cecy respondeu, devagarinho:

— Dá para ouvir o sibilo dos lagos de lama. As cabecinhas de vapor, cinzentas, empurram a lama para cima, parecem homens carecas emergindo de um caldo grosso, a cabeça primeiro, nos canais ferventes. As cabeças cinzentas rasgam como se fossem um tecido de borracha e rompem com ruídos que lembram o toque de lábios úmidos. E, do tecido rasgado, escapam penachos de vapor, emplumados. Sinto um cheiro da ardência profunda, sulfurosa, dos velhos tempos. O dinossauro está assando aqui, há dez milhões de anos.

— E já está pronto, Cecy?

O camundongo descreveu uma espiral por entre três pés femininos e desapareceu num dos cantos. Instantes depois, uma linda mulher surgiu do nada e ali ficou, no canto, a sorrir, para todos, em dentes alvos.

Na janela da cozinha, algo se enrascava contra a vidraça empapada. Algo suspirava, chorava baixinho e, sem parar, tamborilava os dedos, comprimido contra o vidro. Mas Timothy não podia fazer nada, pois não via nada. Na imaginação, estava do lado de fora, olhando para dentro. A chuva caía sobre ele, o vento soprava, e a escuridão, salpicada com a luz das candeias, estava convidativa. As pessoas dançavam valsas; figuras altas, magras, faziam piruetas com a música das terras de fora. Estrelas de luz cintilavam nas garrafas erguidas; pequenos torrões de terra esfarelavam em cascos, uma aranha caía e, silenciosa, caminhava pelo soalho.

Timothy sentiu um calafrio. Estava, novamente, do lado de dentro. A mãe pedia-lhe que fosse aqui, ali, ajudar, servir, agora na cozinha, apanhe isto, apanhe aquilo, traga os pratos, bem cheios — sem parar — a festa prosseguia.

— Já. Já está pronto, bem pronto!

Os lábios sonolentos, calmos, de Cecy, viraram-se. As palavras lânguidas despejaram-se lentas, da boca modelada.

— Estou dentro do crânio desta mulher e olho para fora, vejo o mar que não se move e que, de tão quieto, assusta. Estou sentada na varanda e espero meu marido chegar. Um peixe pula de vez em quando, cai de costas, delineado pela luz da estrela. O vale, o mar, alguns poucos carros, a varanda de madeira, minha cadeira de balanço, eu, o silêncio.

— E agora, Cecy?

— Estou me levantando da cadeira de balanço.

— É mesmo?

— Estou saindo da varanda, em direção aos lagos de lama. Há aviões sobrevoando, qual pássaros primordiais. E agora, há silêncio, muito silêncio.

— Quanto tempo você vai ficar aí dentro, Cecy?

— O tempo suficiente para ouvir, olhar e sentir; até que eu consiga mudar a vida dela de alguma maneira. Estou saindo da varanda, andando pelas tábuas de madeira. Meus pés batem nas tábuas, cansados, lentos.

— E agora?

— Agora os gases sulfurosos me envolvem. Fito as bolhas, elas estouram e se uniformizam. Um pássaro passa raspando à minha têmpora, esganiçando. De repente, estou dentro do pássaro e desapareço num vôo. E, daqui, voando, dentro dos meus novos olhinhos de conta de vidro, vejo, bem embaixo de mim, na calçada de madeira, uma mulher, e ela dá uns dois ou três passos, entra no lago de lama. Ouço o ruído de um pedregulho imergindo nas profundezas do lodo. Continuo a voar e volto, num círculo. Vejo uma mão branca, como uma aranha, serpear e desaparecer no imenso poço de lava. Agora vôo para casa, rápido, rápido, rápido!

Alguma coisa chocou-se com força contra a janela. Timothy foi até lá. Cecy piscava os olhos, estatelados, claros, plenos, felizes, em regozijo.

— *Cheguei!*

Houve uma pausa e Timothy aventurou:

— A Festa de Família já começou. Está todo mundo aí!

— Então por que você está aqui em cima?... Cecy tomou-o pela mão.

—... Bem, peça... Cecy sorriu maliciosa.

—... Peça o que você veio pedir.

— Eu não vim pedir nada. Bem, quase nada. Bem... ah, Cecy — o pedido saiu numa torrente demorada, rápida. — Eu quero fazer alguma coisa na festa, para que todos olhem para mim, alguma coisa que me iguale a eles, que me faça pertencer ao grupo, mas eu não sei fazer nada, eu me sinto esquisito e, bem, acho que você podia...

— Podia sim...

Cecy fechou os olhos, sorriu para si mesma.

— Levante-se, aprume-se! Timothy obedeceu.

— Agora, feche os olhos e apague o pensamento.

Timothy aprumou-se, ereto, e não pensou em nada, pelo menos, pensou em não pensar em nada. Cecy suspirou.

— Vamos descer?

Como u'a mão que penetra na luva, Cecy estava com Timothy.

— Olhem todos!

Timothy segurou o copo de líquido vermelho e quente. Ergueu o copo bem alto e toda a casa virou-se para assistir. Tias, tios, primos, irmãos, irmãs!

Timothy bebeu tudo de uma vez.

Sacudiu uma das mãos na direção da irmã Laura. Prendeu-lhe o olhar, com uma voz sussurrada, sutil, que a manteve silenciosa, congelada. Ao caminhar até Laura, sentiu-se da altura das árvores, A festa arrefeceu; a toda volta de Timothy, esperou, assistiu. Rostos espichavam em todas as portas. Ninguém ria. O rosto da mãe, atônito. Papai estava deslumbrado; deliciado, porém, e, a cada momento, mais orgulhoso.

Com delicadeza, Timothy mordiscou Laura, na veia do pescoço. Nas velas, as labaredas dançaram, bêbedas. Em volta da casa, lá fora, o vento escalava o teto. Em todas as portas, os parentes assistiam. Timothy jogou cogumelos boca adentro, engoliu-os; depois, bateu os braços contra os lados do corpo e fez um círculo.

— Olhe, Tio Einar! Até que enfim eu sei voar!

As mãos palpitavam, os pés bombeavam, para cima, para baixo. Os rostos passavam por ele, em instantâneos.

Ao adejar no alto da escada, ouviu o grito da mãe, lá embaixo.

— Pare com isso, Timothy!

Timothy exultou:

—Ei!

E, do alto do vão da escada, debatendo-se, saltou.

A meio-caminho, as asas, que Timothy pensou possuir, dissolveram-se. Timothy gritou. Tio Einar o segurou.

Nos braços que o receberam, Timothy pôs-se a malhar, lívido. Uma voz escapou-lhe dos lábios, inesperada.

— Eu sou Cecy! Eu sou Cecy! Venham me ver, lá em cima, no primeiro quarto à esquerda!

Seguiu-se um gorjeio demorado, uma gargalhada estridente. Timothy tentou freá-la com a língua.

Todos riam. Einar colocou-o no chão. E, atravessando a escuridão apinhada de parentes que subiam ao quarto de Cecy para parabenizá-la, Timothy escancarou a porta da frente, com violência.

— Cecy, eu odeio você! Eu odeio você!

Junto ao plátano, na sombra profunda, Timothy vomitou o jantar, soluçou, amargurado, e debateu-se numa pilha de folhas de outono. Depois, deitou-se,

imóvel. Do bolso da camisa, abandonando a proteção da caixa de fósforos que Timothy usara para a retirada, a aranha rastejou. Caminhou pelo braço de Timothy. Explorou-lhe o pescoço, foi ao ouvido, escalou-o e fez cócegas. Timothy sacudiu a cabeça.

— Não, Spid. Não.

Ao toque penuginoso daquela antena especulativa que lhe fuçava a membrana do tímpano, Timothy estremeceu.

— Não, Spid.

E os soluços diminuíram.

A aranha desceu-lhe pela bochecha; debaixo do nariz, tomou posição e olhou adentro das narinas como se procurasse o cérebro; em seguida, gentil, agarrou-se ao aro do nariz e ali ficou, entocada, a olhar Timothy com olhos verdes, de pedras preciosas, até que Timothy foi tomado de uma gargalhada ridícula.

— Desapareça, Spid.

Timothy sentou-se, apumado; as folhas rangeram. Ao luar, o chão estava muito claro. Lá do interior da casa, Timothy ouvia o palavreado irreverente, abafado, do Jogo do Espelho. Os participantes gritavam, levemente pasmados, ao tentarem identificar, entre eles, aqueles cujos reflexos jamais, jamais haviam aparecido num espelho.

— Timothy!

As asas de Tio Einar abriram-se, contraíram-se e aproximaram-se com um ruído de tímboles. Timothy sentiu-se colhido como um cardo e colocado no ombro de Tio Einar.

— Não fique aborrecido, Sobrinho Timothy. Cada um faz o que pode, a seu modo. Existem coisas muito melhores para você. Fértéis. Para nós, o mundo está morto. Já vivemos demais, acredite. A vida é melhor para os que a vivem aos poucos. O valor do quilo é maior. Lembre-se disso, Timothy.

Por todo o resto da manhã escura, a partir da meia-noite, Tio Einar passeou com Timothy pela casa, de sala em sala, trançando, cantarolando. Uma horda de retardatários veio revigorar a hilaridade. Chegou uma bis-bis-bis-bisavó, e mais mil bis, envolta numa mortalha egípcia. Não disse uma palavra, apenas encostou, ereta, na parede, e ali ficou como uma tábua de passar, com os olhos, a emitirem um cintilar côncavo, distante, inteligente, silente. No café-da-manhã, às quatro, a estranha bisavó de mil bis sentou-se, dura, à cabeceira da mesa mais comprida.

Os primos jovens, numerosos, fartaram-se com a poncheira de cristal. Com olhos brilhantes, de caroços de azeitonas, rostos cônicos, demoníacos, o cabelo encaracolado, de bronze, planavam ao longo da mesa de bebidas; com corpos moles-duros, de meio-menino, meio-meninas, atracavam-se ao iniciar uma bebedeira desagradável, mal humorada. O vento aumentava, as estrelas ardiam numa intensidade feérica, os ruídos redobravam, as danças aceleravam, o beber

tornou-se mais positivo. Para Timothy, havia muito o que ouvir, muito o que observar. As muitas escuridões embaçaram, soltaram bolhas, os muitos rostos passaram, repassaram...

— Ouçam!

A festa prendeu a respiração. Lá longe o relógio da cidade tangeu o badalo, informando as seis horas. A festa se encerrava. A tempo, ao ritmo do badalo do relógio, aquelas cem vozes começaram a entoar canções de quatrocentos anos, canções desconhecidas para Timothy. De braços dados, girando, devagar, cantaram e, nalgum lugar da distância fria da manhã, o relógio encerrou os badalos, aquietou-se.

Timothy cantou. Sem saber as letras, as melodias. Mesmo assim, as letras, as melodias vieram emergir, sonoras, bem pronunciadas. Timothy lançou o olhar àquele porta fechada no alto da escada e murmurou:

— Obrigado, Cecy. Está perdoada. Obrigado.

E, depois, relaxou, deixou as letras libertarem-se, com a voz de Cecy, de seus lábios.

Todos disseram-se adeus. Depois, um grande alvoroço. Mamãe e papai postaram-se à porta da frente para apertar mãos e beijar, alternados, os parentes que partiam. Lá fora, o céu se coloria à leste. Um vento frio penetrou. E Timothy se sentiu agarrado, projetado, de um corpo para outro, sentiu Cecy comprimi-lo contra a cabeça de Tio Fry, para que pudesse ver por aquele rosto enrugado, e, depois, saltar, numa revoada de folhas, por cima da casa e das colinas que despertavam...

Depois, descendo por um caminho de terra, sentiu arderem os olhos vermelhos, sentiu, no pêlo macio, o orvalho da manhã; dentro do Primo William, Timothy arquejou, passou por um buraco e dissolveu-se.

Na boca de Tio Einar, como uma pedra rolada, Timothy voou num trovão raiado, preenchendo o céu. E depois voltou, para todo o sempre, para o próprio corpo.

A alvorada subia, e alguns poucos, os últimos, ainda se abraçavam, choravam, pensavam naquele mundo que, para eles, estava cada vez menos propício. Em certa época, reuniam-se todo ano; agora, porém, décadas haviam se passado sem qualquer reconciliação. Alguém exclamou:

— Não se esqueçam. Vamos nos encontrar em Salem em 1970!

Salem. Timothy, com a mente algo entorpecida, repetiu as palavras. Salem 1970. E lá estariam o Tio Fry, a bisavó mil vezes bis em sua mortalha ressecada, a mãe, o pai, Ellen, Laura, Cecy e todo o resto. E ele? Estaria lá também? Teria certeza de viver até lá?

Num derradeiro rompante, chocho, todos se foram, tantos cachecóis, tantos mamíferos flutuantes, tantas folhas murchas, tantos ruídos aderentes, lamurientos, tantas meias-noites, insanidades, sonhos.

A mãe fechou a porta. Laura apanhou a vassoura.

— Não... — a mãe interrompeu —...vamos deixar a limpeza para de noite. Agora precisamos dormir.

A Família desapareceu, porão abaixo, escada acima. E Timothy, cabisbaixo, atravessou o corredor, cheio de pedaços de crepe jogados no chão. Ao passar por um dos espelhos da festa, viu a mortalidade pálida do rosto, toda fria, toda trêmula.

A mãe chamou:

— Timothy!

Ela aproximou-se, levou a mão ao rosto de Timothy.

— Filho, nós os amamos. Lembre-se disso. Nós todos os amamos. Mesmo que você seja diferente, mesmo que você nos deixe um dia.

A mãe beijou-o no rosto.

— E se, e quando, você morrer, seus ossos não serão perturbados, estaremos atentos. Para sempre, você repousará tranquilo, e eu irei visitá-lo toda Véspera de Todos os Santos para conchegá-lo no local mais seguro.

A casa estava silente. Lá longe, o vento passou pela colina com seu último carregamento de morcegos negros, ecoando, tiritando.

Timothy subiu os degraus da escada, um a um, e, por todo o trajeto, chorou sozinho.

A Morte Maravilhosa de Dudley Stone

— Vivo!

— Morto!

— Vivo, na Nova Inglaterra! Merda!

— Morto há vinte anos!

— Passem o chapéu; eu vou pessoalmente, vou trazer a cabeça dele!

Foi assim que a conversa prosseguiu naquela noite. Um estranho a deflagrou ao labiar que Dudley Stone estava morto. Vivo!, dissemos. Nós saberíamos! Nós não éramos, por acaso, os frágeis remanescentes dentre aqueles que costumavam acender incenso e ler os livros de Dudley à luz dos votivos intelectuais, flamejantes, dos anos vinte?

O Dudley Stone. Esse magnífico estilista. O mais orgulhoso dos leões literários. Vocês, com certeza, devem estar lembrados que foi um tal de puxar os cabelos, pular do penhasco, de assobiar os assobios da fatalidade, depois que ele escreveu aquele bilhete aos editores.

Senhores: hoje, com trinta anos, me retiro do metier, deixo de escrever, queimo os meus efeitos, jogo os últimos manuscritos no pântano, grito "Aleluia!" e "Adeus!". Atenc.

Dudley Stone

Terremotos e avalanches, nessa ordem.

Por quê?, nos perguntamos, sempre que nos encontramos, esse tempo todo.

À boa moda das novelas radiofônicas, perguntamos se teriam sido as mulheres a causa de ele ter jogado fora seu futuro literário. Ou teria sido a Garrafa? Ou os Cavalos teriam corrido mais que ele, interrompendo o viço de bom marchador?

Muito à vontade, admitíamos que se Stone ainda escrevesse, Faulkner, Hemingway e Steinbeck estariam soterrados na lava expelida por ele. E o mais triste é que Stone, na iminência de seu melhor trabalho, dera, um belo dia, uma meia-volta e desaparecera, fora viver numa cidade que podemos chamar de Obscuridade, à beira do mar, que podemos chamar, melhor dizendo, de O Passado.

— Por quê?

A pergunta viveu em nós, sempre, em nós que havíamos visto os lampejos do gênio naqueles trabalhos heterogêneos.

Uma noite dessas, refletindo sobre a erosão dos anos, percebendo nossos rostos um pouco mais inchados, nossos cabelos mais ausentes, portanto, mais respeitáveis, nos enfurecemos com a ignorância do cidadão típico com relação a

Dudley Stone.

Pelo menos, resmungamos, Thomas Wolfe já havia sorvido sua dose de sucesso antes de apoderar-se do próprio nariz e pular da borda da Eternidade. Todos os críticos, pelo menos, pasmaram depois daquele mergulho na escuridão, como quem pasma com a passagem de um meteoro que deixa um imenso rastro de fogo. Mas, quem, agora, se lembra de Dudley Stone, de seu círculo seletivo, de seus seguidores frenéticos dos anos 20?

— Passe o chapéu — eu disse. — Viajo quinhentos quilômetros e vou segurar Dudley Stone pelas calças e dizer "Olha aqui, Sr. Stone, por que o senhor nos abandonou de maneira tão cruel? Por que o senhor não escreveu um livro sequer nesses vinte e cinco anos?"

O chapéu foi nivelado com dinheiro. Passei um telegrama. Tomei o trem.

Não sei o que eu esperava. Talvez encontrar um louva-a-deus caduco, frágil, balbuciando pela estação, empurrado pelo vento do mar, um fantasma, branco como o giz, que iria me descascar com as vozes do capim, da palha, sopradas na noite. Em agonia, comprimi os joelhos, pois o trem bafejava estação adentro. Desci numa cidadezinha rural, solitária, a dois quilômetros do mar, como um maluco abobalhado, pensando em que estava eu fazendo em lugar tão distante.

Nos painéis de avisos, em frente ao guichê coberto de painéis, encontrei um monte de cartazes, de muitos centímetros de espessura, colados e pregados uns sobre os outros, por muitos anos. Ao levantar aquelas folhas, ao descascar aquelas camadas de tecido antropológico, encontrei o que queria. Dudley Stone para membro do conselho municipal, Dudley Stone para Delegado, Dudley Stone para Prefeito! Aquela fotografia, descorada por sol e chuva, quase irreconhecível, clamava, ao longo dos anos, por posições cada vez mais responsáveis na vida deste mundo próximo ao mar. Fiquei a ler os cartazes.

—Ei!

E Dudley Stone atravessou a plataforma da estação e me abordou por trás, de repente.

— Você se chama Douglas?

Girei e me deparei com essa imensa arquitetura de homem, grande, mas nada gordo, com as pernas qual enormes pistões a impulsioná-lo, uma flor clara na lapela, uma gravata clara ao pescoço. O homem esmagou minha mão e me olhou, de cima para baixo, como se fosse o Deus de Michelangelo criando Adão com um toque poderoso. Seu rosto, a ilustração dos Ventos do Norte, do Sul que sopram quentes, frios, nas velhas cartas marítimas. Era o rosto que, nas inscrições egípcias, simboliza o sol, numa chama de vida!

Meu Deus!, pensei. E é esse homem que deixou de escrever e nos deixou intrigados por vinte anos. Impossível. Está tão vivo, tão pecaminoso. Posso ouvir-lhe a *batida do coração!*

Devo ter permanecido com os olhos estatelados para deixar que aquela expressão me abarrotasse os sentidos sobressaltados.

Ele riu.

— Você pensou que fosse encontrar o Fantasma de Marley? Admita que sim.

— Bem...

— Minha mulher nos espera com um cozido à Nova Inglaterra, com muita *ale*, e muita *stout*. Gosto do som dessas palavras. Beber *ale* não significa ficar de ressaca, e sim reviver o espírito flácido. Palavrinha capciosa! E *stout*! Tem um som bonito, selvagem.

Um relógio imenso, dourado, pendia no colete, em correntes brilhantes. Dudley apertou meu cotovelo e me deleitou no trajeto, um mago cioso de retornar à sua gruta com um coelho desafortunado.

— Foi bom você ter vindo. Acho que você, como os outros, veio para me fazer a mesma pergunta. Bem, dessa vez, contarei tudo!

Meu coração saltava.

— Maravilhoso!

Atrás da estação, aguardava-nos um Ford, Modelo T, conversível, da safra de 1927.

— Ar fresco! Andar nisso aqui, ao crepúsculo, faz todos os campos, toda a várzea, as flores, entrarem em você com o vento. Espero que você não seja do tipo que anda pela casa, pé ante pé, a fechar as janelas! Nossa casa é como se fosse um platô. O próprio clima se encarrega da limpeza. Pule!

Dez minutos depois, qual pêndulos, saímos de uma rodovia e tomamos uma estradinha que, há anos, não era aplainada nem mesmo recoberta. Dudley seguiu dirigindo, por cima dos calombos, dos buracos com um sorriso constante. Pam! Nos últimos metros, sacudimos, chegamos a uma casa tosca, sem pintura, de dois pavimentos. O carro, num último suspiro, pôde entregar-se ao silêncio mortal.

— Você quer saber a verdade?

Stone virou-se, olhou nos meus olhos, a mão séria tocava meu ombro.

— Fui assassinado por um homem armado, há vinte e cinco anos, e continuo morto até hoje, quase.

Fiquei a olhá-lo, ele saltou do carro. Era sadio como uma tonelada de rocha e não havia nada de fantasma nele; mas eu sabia que, de algum modo, a verdade estava mesmo naquilo que ele me dissera antes de disparar, como um canhão, na direção da casa.

— Essa é minha mulher, e essa é a casa, e esse é o jantar que nos espera! Olhe só a vista! Janelas nas três paredes da sala de estar, vista para o mar, para a praia, para a vargem. Das quatro estações do ano, em três abrimos as janelas e as pregamos. Juro que, no meio do verão, chegamos a sentir o aroma das limas e, em dezembro, entra alguma coisa de Antártida, de amônia e de sorvete. Sente-

se. Lena, é bom tê-lo aqui conosco, não?

— Espero que você goste do nosso jantar à Nova Inglaterra.

Lena ia ora aqui, ora acolá, uma mulher alta, de compleição rija, o sol a leste, filha de Papai Noel, o rosto uma lâmpada clara que ilumina a mesa ao servir os pratos pesados, úteis, feitos para suportar o baque de punhos gigantescos. Os talheres eram suficientemente fortes para receber dentes de leão. Uma nuvem de vapor, imensa, subiu, e nós, de bom grado, pecadores do inferno, descemos por ela. Vi os pratos secundários deslizarem por três vezes à minha frente, e senti o alimento acumular-se no peito, na garganta e, por fim, nos meus ouvidos. Dudley Stone serviu-me uma bebida fermentada feita com uvas concordianas que, segundo ele, haviam suplicado por piedade. A garrafa de vinho, vazia, Dudley soprou-a pela boca, levemente, e evocou uma melodia ritmada, de uma nota só, que logo acabou.

— Bem, já o fiz esperar muito tempo.

Dudley olhou para mim, à distância em que a bebida coloca as pessoas, e que, em certas horas da noite, parece a própria proximidade.

— Vou contar meu assassinato. Nunca contei a ninguém, acredite. Você conhece John Oatis Kendall?

— Um escritor menor da década de 20? Uns poucos livros. Por volta de 1931 estava acabado. Morreu na semana passada.

— Que Deus o tenha!

O Sr. Dudley mergulhou numa breve melancolia particular; e dela reviveu começou a falar.

— Ele mesmo. John Oatis Kendall, acabado em 1931, escritor de grandes potencialidades.

— Não tão grandes quanto as suas — retruquei prontamente.

— Bem, espere, espere. Fomos garotos juntos, John Oatis e eu, nascemos num lugar em que a sombra de um carvalho vinha envolver minha casa pela manhã e, a dele, ao entardecer; nadamos tudo que é rio juntos, juntos nos intoxicamos de maçãs ácidas e cigarro, juntos vimos os mesmos reflexos nos mesmos cabelos louros da mesma menina, e, no final da adolescência, juntos resolvemos dar um chute no Destino e ir apanhar da vida. Nos saímos razoavelmente bem, mas eu me saí melhor, e melhor ainda com o correr dos anos. Quando um livro dele conseguia uma citação, o meu conseguia seis, e quando um livro meu recebia uma crítica desfavorável, o dele recebia umas dozes. Éramos como dois amigos num trem que o público havia desengatado. Lá estava John Oatis no vagão da tripulação, lá atrás, gritando "Socorro! Eu não quero ficar aqui, em Tank Town, Ohio. Afinal, nós estamos na mesma viagem!" E o condutor diria "Mas não no mesmo trem". E eu gritava "Eu acredito em você, John, seja caridoso, eu volto. E o vagão da tripulação ia diminuindo lá atrás, com aquelas luzes vermelhas e verdes, que pareciam pirulitos de cereja e limão, a

brilhar na escuridão, e nós, aos brados de amizade. "John, meu velho! Dudley, amigo velho!" E John Oatis tomou um desvio por trás de um depósito, à meia-noite, e a minha locomotiva, com bandeiras agitadas e bandas de metais, ferveu crepúsculo adentro.

Dudley Stone fez uma pausa, percebeu minha expressão de confusão total.

— Tudo isso conduziu ao meu assassinato. Pois foi John Oatis Kendall que, em 1930, trocou umas roupas velhas e uns exemplares remanescentes de uns livros seus por uma arma, e veio até a minha casa, até essa sala aqui.

— Ele tinha mesmo intenção de matá-lo?

— Intenção? Com os diabos! Ele me matou mesmo. Pam! Aceita mais vinho? Assim é melhor.

Sobre a mesa, a Sra. Stone colocava uma torta de morangos, e Dudley saboreava meu suspense garrulado. Stone cortou a torta em três nacos enormes, e os distribuiu, lançando, para mim, a sua versão gentil do olhar de alguém que é convidado para um casamento.

— E ele estava aí, John Oatis, nessa mesma cadeira em que você está agora. Atrás, lá fora, no defumadouro, dezessete presuntos; nas nossas adegas, quinhentas garrafas do que há de melhor; para lá do descampado da janela, o mar elegante, num laço perfeito; a lua, lá em cima, um prato de creme fresquinho; por todo o lugar, a panóplia absoluta da primavera; e Lena do outro lado da mesa, também, e um salgueiro, ao vento, que ria de tudo o que eu dizia ou que preferia não dizer, nós dois com trinta anos, você quer? , com trinta anos de idade, a vida num carrossel majestoso, nossos dedos dedilhando cordas sonoras, meus livros vendendo bem, a correspondência dos fãs nos encharcando qual fontes cristalinas, revigorantes, os cavalos nos esperando no estábulo para as cavalgadas da meia-noite, às enseadas em que nós, ou mesmo o mar, poderíamos sussurrar todos os nossos desejos noturnos. E John Oatis estava aí, sentado, sacando aquela arma melancólica do bolso do paletó.

A mulher comentou:

— Eu ri, pensando que fosse algum tipo de acendedor de charutos.

— Mas John Oatis disse, bem sério: Eu vou matar você, Sr. Stone.

— E você, o que fez?

— O que eu fiz? Continuei sentado, petrificado, rachado; ouvi uma batida terrível, a tampa do caixão na minha cara! Vi o carvão descer por uma calha inclinada, vi terra na minha porta soterrada. Dizem que nos chocamos às vezes com o *passado*. Bobagem. É com o *futuro* que nos chocamos. Você vê aquela papa de sangue no rosto. E fica ali, sentado, até que seus lábios trôpegos digam "Mas, por que John, o que foi que eu fiz a você?"

— Muita coisa! — John gritou.

— E os olhos dele passaram pela estante imensa, por aquela brigada de livros, elegantes, que ressaltava aos olhos, ereta, com meu nome impresso em

todos, fuzilante como os olhos de uma pantera na escuridão marroquina. "Muita coisa!", gritou, mortífero. As mãos suadas cocavam o revólver. Eu fui com cautela, disse "John, o que você quer?"

— O que eu mais quero no mundo — ele respondeu — é matar você e ser famoso. Ter meu nome nas manchetes. Ser famoso como você Ser conhecido por toda a vida, e depois também, como o homem que matou Dudley Stone.

— Você não está falando sério, está?

— Estou sim. Serei muito famoso. Muito mais famoso do que hoje, à sua sombra. Escute, ninguém no mundo consegue odiar tanto quanto um escritor. Meu Deus, eu gosto tanto do seu trabalho. Meu Deus, e eu odeio você porque você escreve tão bem. Uma ambivalência surpreendente. Mas eu não consigo mais suportar isso, ser incapaz de escrever como você; então, quero minha fama da maneira mais fácil. Vou interceptá-lo antes que você atinja sua obra-prima. Dizem que seu próximo livro será o melhor, o mais brilhante!

— Estão exagerando.

— Pois eu acho que eles têm razão — John insistiu.

— Atrás dele, olhei para Lena; ela estava sentada, com medo, mas não a ponto de gritar, correr e estragar a cena e provocar um final inadvertido.

— Tranquilo — eu disse. — Tranquilidade. Não se mexa, John. Me dê só um minuto. Depois, pode puxar o gatinho.

— Não! — Lena sussurrou.

— Tranquilidade — eu disse, para Lena, para mim mesmo e para John Oatis.

— Olhei pelas janelas abertas, senti o vento, pensei no vinho na adega, nas enseadas na praia, no mar, na lua da noite que, como um tablete de mentol, refrescava o céu do verão, atraía nuvens ardentes de sal, nas estrelas que iam girar com a lua até de manhã. Pensei em mim mesmo, com apenas trinta anos, Lena, com trinta anos, com nossas vidas inteiras pela frente. Pensei em toda aquela carne de vida, pendurada bem alto, esperando pelo meu regalo! Nunca escalara uma montanha, nunca navegara no oceano, nunca me candidatara a Prefeito, nunca mergulhava para apanhar pérolas, nunca tivera um telescópio, nunca representara num palco, construíra uma casa, ou lera os clássicos que tanto *desejava* ler. Todos esses atos esperavam para ser realizados...

— Então, naqueles sessenta segundos, quase instantâneos, pensei, por último, na minha carreira. Nos livros que escrevera, que estava escrevendo, nos livros que queria escrever. As críticas, as vendas, um saldo gigantesco no banco. E, acredite ou não, pela primeira vez na vida, me libertei de tudo isso. Transformei-me, por um momento, num crítico. Limpei os pratos da balança. De um lado, coloquei os navios em que deixei de viajar, as flores que deixei de plantar, os filhos que não tive, as colinas que ainda não vira, e Lena ali, deusa da colheita. No meio, coloquei John Oatis e o revólver — o prumo que segurava a balança. E, no prato vazio, coloquei a caneta, a tinta, os papéis em branco, as dúzias de livros.

Fiz alguns ajustes menores. Os sessenta segundos passavam em tiques-taques. O vento doce da noite percorreu a mesa, foi tocar um cacho de cabelo no pescoço de Lena, Meu Deus, tocou-o tão suave, tão suave...

— A arma apontava para mim. Já vira as fotografias das crateras lunares, e aquele buraco no espaço, a Nebulosa Saco de Carvão, mas, nenhum deles, palavra de honra, era tão grande quanto a boca daquele revólver à minha frente.

— John — eu disse, enfim —, você me odeia tanto assim? Por eu ter tido sorte e você não?

— Ele gritou "Odeio sim, merda!".

— A inveja dele chegava a ser esquisita. Eu não era melhor do que ele. A diferença estava apenas no jeitinho da munheca.

— Então, calmo, eu disse: John, se você quer me ver morto, eu morrerei. Você gostaria que eu nunca mais escrevesse?

— E o que mais gostaria. Você está pronto?

— Ele apontou para o meu coração.

— Então, está bem, não escrevo mais. -Hem?

— Nós somos velhos amigos, jamais mentimos um para o outro, não é verdade? Então, confie na minha palavra, dessa noite em diante nunca mais vou encostar a caneta no papel.

— Não?! — Ele riu, de satisfação, incrédulo.

— Bem ali — eu apontei para a escrivadinha, junto a ele, com a cabeça — estão os originais dos dois livros que venho trabalhando nos últimos três anos. Um deles, vou queimar agora, na sua frente. O outro, você mesmo pode jogar no mar. Limpe a casa, leve tudo que aparente a mínima semelhança com literatura, queime os livros editados também. Tome. Me levantei. Ele poderia ter me matado naquele momento, mas eu o deixara fascinado. Joguei um manuscrito na lareira e acendi um fósforo.

— Lena, disse "Não faça isso". Eu me virei e disse: "Eu sei o que estou fazendo". Ela começou a chorar. John Oatis ficou a me olhar, enfeitiçado. Apanhei o outro manuscrito, não editado. "Tome". Enfie-o debaixo do pé direito dele, usando-o como peso de papel. Eu voltei e sentei. O vento soprava, a noite estava quente. Em frente, do outro lado da mesa, Lena estava branca como uma flor de macieira.

— Eu disse: De hoje em diante, não escrevo mais.

— E John Oatis falou, por fim: Por que você fez isso?

— Para que todos fiquemos satisfeitos. Para satisfazer você, porque, eventualmente, continuaremos amigos. Para satisfazer Lena, porque serei, novamente, um marido para ela e não uma chancela em desempenho para um editor. E para satisfazer a mim mesmo, pois prefiro ser um homem vivo que um autor morto. Quem está à morte faz qualquer negócio, John. Agora apanhe meu último romance e vá em frente.

— E ali ficamos os três, sentados, assim como nós, hoje. Pairava o aroma dos limões, das limas, das camélias. Lá embaixo, o mar ribombava na orla de pedra. Meu Deus, que belo som enluarado! E, enfim, apanhando o manuscrito, John Oatis o levou, como a meu próprio corpo, e foi embora. Na porta, fez uma pausa e disse "Acredito em você". E foi. Ouvi o carro partir. Levei Lena para cama. Foi uma das raras noites, na vida, que saí a caminhar pela praia, e caminhei mesmo, respirando fundo, apalpando, com as mãos, meus braços, minhas pernas, gritando como uma criança, caminhando, enfrentando a quebra-mar para sentir a água salgada, fria, espumar à minha volta em milhões de bolhinhas.

Dudley Stone fez uma pausa. Na sala, o tempo parará. O tempo entrara num novo ano, e nós três, ali sentados, encantados com Dudley a contar a história de seu assassinato.

Eu perguntei:

— E ele destruiu mesmo seu último romance? Dudley Stone confirmou com a cabeça.

— Na semana seguinte, uma das folhas passou flutuando pela praia. Ele deve tê-las jogado lá de cima da colina, mil folhas, posso vê-las com os olhos da mente, talvez se assemelhassem a um floco de gaivotas-marinhas, brancas, mergulhando em direção à água, sendo levadas pela maré às quatro horas de uma manhã escura. Lena correu pela praia com aquela folha na mão, gritando "Olha, olha!" E quando eu vi o que era, atirei-a de volta ao mar.

— Não vá me dizer que você cumpriu a promessa? Dudley Stone olhou-me com firmeza.

— O que você teria feito no meu lugar? Procure ver as coisas dessa maneira: Joan Oatis me fez um favor. Não me matou. Não atirou em mim. Aceitou minha palavra. Confiou em minha palavra. Me deixou viver. Deixou que eu continuasse comendo, dormindo, respirando. De repente, ele alargou meus horizontes. Naquela noite, lá na praia, imerso n'água até a cintura, senti-me tão grato a ele que gritei. Estava grato a ele. Você compreende de fato essa palavra? Grato por ele ter me deixado viver quando teve, nas mãos, a oportunidade de me aniquilar para sempre.

A Sra. Stone levantou-se. O jantar estava terminado. Ela tirou a mesa, nós acendemos charutos; e Dudley Stone conduziu-me ao seu escritório doméstico, uma escrivaninha com tampa corrediça, cujas mandíbulas escancararam-se, com pacotes, papéis, tinteiros, uma máquina de escrever, documentos, cadernos de despesas, índices.

— Tudo isso ia ferver dentro de mim. John Oatis apenas retirou a espuma com a colher e eu pude ver o líquido. Tudo muito claro. Para mim, escrever sempre fora pimenta e fel; sempre preocupado com as palavras no papel, experimentando depressões enormes, de corpo, de alma. Observar os críticos traçarem gráficos a meu respeito, mapear-me, cortar-me como a uma salsicha,

devorar-me em seus cafés-da-manhã boêmios. Trabalho da pior espécie. Eu já estava prestes a entregar o meu boné. O gatilho já estava armado. Pam! E veio John Oatis. Olhe!

Dudley remexeu na escrivaninha e apanhou uns impressos, uns cartazes.

— Sempre escrevi sobre a vida. Mas, na época, eu queria viver. Fazer coisas, em vez de contar coisas. Me candidatei ao conselho de educação. Venci. Me candidatei para membro do conselho municipal. Venci. Me candidatei a Prefeito. Venci. Delegado. Bibliotecário Municipal. Encarregado da Limpeza Municipal. Apertei muitas mãos, vi muita vida, fiz muita coisa. Vivemos de todas as maneiras possíveis, com os olhos, bocas, narinas, ouvidos e mãos. Escalamos montanhas, pintamos quadros, tem alguns na parede! Já demos a volta ao mundo por três vezes! E até vi nascer meu filho, inesperado. Ele cresceu e agora se casou. Mora em Nova Iorque. Já fizemos muito, muito mesmo.

Stone fez uma pausa. Sorriu.

— Vamos até o jardim. Instalamos um telescópio. Você quer ver os anéis de Saturno?

E ali ficamos no jardim e o vento soprou, de uma distância de milhares de quilômetros adentro do mar. Enquanto ali estávamos, contemplando as estrelas pelo telescópio, a Sra. Stone desceu à adega, na meia-noite, para ir apanhar um vinho espanhol, raro.

No dia seguinte, ao meio-dia, chegamos à estação solitária, depois de uma viagem-relâmpago pelas várzeas sacolejadas que se estendiam desde o mar. O Sr. Dudley Stone soltou o carro à própria cabeça e ficou a conversar comigo, rindo, sorrindo, apontando um ou outro afloramento de rocha neolítica, uma ou outra flor silvestre, e silenciou apenas quando estacionamos e ficamos a esperar que o trem chegasse para me levar.

Dudley Stone olhava o céu.

— Talvez você me considere bastante maluco, não?

— Não, eu jamais diria isso.

— Bem, John Oatis Kendall me fez mais um grande favor. -Qual?

Stone remexeu-se, coloquialmente, no assento de couro remendado.

— Me ajudou a sair fora quando as coisas estavam indo bem. Bem lá no fundo, talvez eu tenha adivinhado que meu êxito literário iria derreter-se quando desligassem o sistema de refrigeração. Meu inconsciente tinha uma visão muito clara de meu futuro. Eu sabia o que nenhum de meus críticos sabia, que eu estava apontado única e exclusivamente para baixo. Os dois livros que John Oatis destruiu eram horríveis. Teriam me matado muito mais do que o teria o próprio John Oatis. E ele me ajudou a resolver, involuntariamente, o que eu talvez não tivesse coragem de resolver por mim mesmo, de curvar-me, reverente, e largar o cotilhão no meio, enquanto os lampiões chineses ainda projetavam, em minha compleição harvardiana, luzes rosadas e lisonjeiras. Já vi muitos escritores

subirem, caírem, abandonarem, magoados, infelizes, suicidas. Essa combinação de circunstância, coincidência, conhecimento inconsciente, alívio e gratidão a John Oatis Kendall, por estar vivo, foi fortuita. É o mínimo que eu posso dizer.

Por mais um minuto, permanecemos sentados à luz do sol quente.

— E então, quando anunciei meu afastamento do palco literário, senti o prazer de me ver comparado aos grandes. Poucos autores, na história contemporânea, curvaram-se ante tanta publicidade. Foi um enterro muito bonito. Eu estava, segundo eles, com um aspecto natural. E os ecos prolongaram-se. "O próximo livro de Dudley", clamavam os críticos, "seria o melhor de todos! Uma obra-prima!" Eu os deixei arquejantes, na expectativa. Mal sabiam eles. Mesmo agora, um quarto de século depois, meus leitores que, naquela época, eram estudantes universitários, empreendem excursões fuliginosas, em trens ventilados, de curta distância, que fedem a querosene, para solucionar o mistério de por que eu os deixei esperando por tanto tempo pela minha "obra-prima". E graças a John Oatis Kendall, eu ainda tenho alguma fama. Minha fama retrocedeu, lenta, indolor. Um ano depois, eu talvez morresse por minhas próprias mãos de escritor. É muito melhor você mesmo desengatar o vagão da tripulação antes que os outros o façam por você...

—... Minha amizade com John Oatis Kendall? Reviveu. Demorou, é claro. Mas ele esteve aqui em 1947, veio me ver. O dia foi ótimo, o tempo todo, como nos velhos tempos. E agora ele morreu, e eu, por fim, contei tudo a alguém. O que é que você vai dizer aos seus amigos na cidade? Eles não vão acreditar numa só palavra. Mas tudo isso é verdade, eu juro, aqui sentado, respirando o ar do bom Deus, olhando os calos de minhas mãos, começando a me assemelhar àqueles impressos descorados que usei quando me candidatei a tesoureiro do condado.

Agora estávamos na plataforma da estação.

— Adeus e obrigado por ter vindo, por ter me escutado, por ter deixado meu mundo penetrá-lo. Deus abençoe a todos os seus amigos curiosos. Aí vem o trem! Tenho que me apressar. Lena e eu vamos viajar hoje à tarde, pelas cidades litorâneas, numa campanha da Cruz Vermelha. Adeus!

Fiquei a observar aquele homem morto, em passadas pesadas e distendidas, atravessar a plataforma, a sentir o tremor das tábuas, a vê-lo pular dentro do Modelo T, a ver o carro sacolejar debaixo daquele corpanzil, a vê-lo pisar insistente nos pedais, com aquele pé imenso, dar partida no motor, fazê-lo roncar, virar, sorrir, acenar para mim, e depois, com o ronco, desaparecer rumo àquela cidade, subitamente brilhante, chamada Obscuridade, ao longo de um litoral estonteante chamado O Passado.